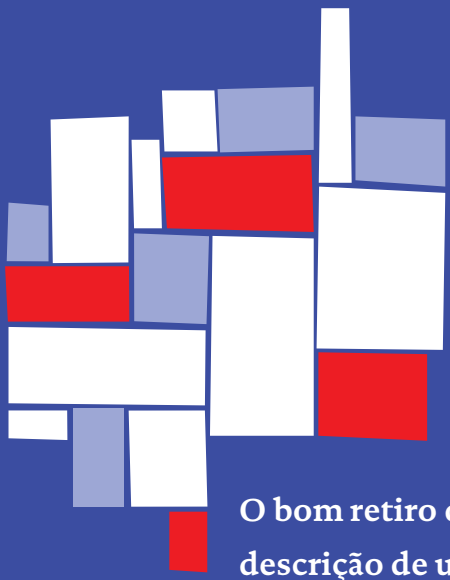


O bom retiro dos coreanos : descrição de um enclave étnico

Jung Yun Chi

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
São Paulo
2016

Jung Yun Chi

O BOM RETIRO DOS COREANOS
DESCRIÇÃO DE UM ENCLAVE ÉTNICO

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de concentração: Paisagem e Ambiente
Linha de pesquisa: Paisagem e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Vladimir Bartalini

São Paulo
2016

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL SOB RESPONSABILIDADE DO AUTOR E ANUÊNCIA DO ORIENTADOR.
O original se encontra disponível na sede do Programa.
São Paulo, 17 de junho de 2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo A Reprodução E Divulgação Total Ou Parcial Deste Trabalho, Por Qualquer Meio Convencional Ou Eletrônico, Para Fins De Estudo E Pesquisa, Desde Que Citada A Fonte.

e-mail da autora: jung2301@gmail.com

Chi, Jung Yun
C532b O Bom Retiro dos coreanos. Descrição de um enclave étnico / Jung Yun Chi. -- São Paulo, 2016.
245 p. : il.
Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) - FAUUSP.
Orientador: Vladimir Bartalini
1.Áreas culturais – São Paulo (SP) 2.Áreas comerciais – São Paulo (SP) 3.Diversidade cultural 4.Bairros – São Paulo (SP) 5.Enclave étnico – São Paulo (SP) 6.Imigração coreana – São Paulo (SP) 7. Bairro Bom Retiro – São Paulo (SP) I.Título

CDU 711.523(816.11)

FOLHA DE APROVAÇÃO

CHI, J. Y. O Bom Retiro dos coreanos: descrição de um enclave étnico. 2016. 245 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Aprovada em 18 de abril de 2016

Banca examinadora

Prof. Dra. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima
Instituição: FAU - USP
Julgamento: APROVADA

Prof. Dra. Sandra Maria Patricio Ribeiro
Instituição: IP - USP
Julgamento: APROVADA
Assinatura:

AGRADECIMENTO

Primeiro, sou grata ao meu orientador, Prof. Dr. Vladimir Bartalini, que sempre me aconselhou com rigor e precisão e que, ao mesmo tempo, esperou com confiança e paciência para que o trabalho tomasse a forma, construída de dentro para fora. Agradeço também às professoras da banca – Prof.ª Dra. Sandra Maria Patrício Ribeiro, responsável por um importante redirecionamento da pesquisa ao propor refletir sobre a minha história de vida, e Prof.ª Dra. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima, que me acompanhou durante todo o mestrado, acolhendo-me, junto com as suas orientandas, nas aulas do seminário "A Pesquisa Qualitativa no Fenômeno da Paisagem", do Laboratório Paisagem, Arte e Cultura (LABPARC/FAUUSP). O seminário organizado pela Prof.ª Catharina e pela psicóloga Vania Bartalini me ensinou a trabalhar com as pessoas e também a seguir o caminho da intuição sem duvidar da sua validade.

Agradeço à Fundação Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) o apoio financeiro ao longo do mestrado, aceito como um grande privilégio ao enfrentar uma pausa na vida profissional, aos trinta anos, para dedicar um tempo precioso à pesquisa. E agradeço à FAUUSP, lugar de grandes amizades e ideias, que considero meu lar.

Devo a idealização deste trabalho principalmente a cada um dos dezesseis entrevistados do Bom Retiro. Embora seus nomes não tivessem sido citados aqui por razões éticas, contribuíram com pensamentos, histórias, tempo e atenção. O corpo principal do trabalho não é muito mais do que a junção de suas histórias. Agradeço aos professores Jung Mo Sung, Renato Cymbalista e Heliana Vargas e aos arquitetos Cleiton Honório da Paula e Paulo Otaga, que concederam longas conversas em que pudemos pensar, juntos, sobre o Bom Retiro dos coreanos. Dedico agradecimentos aos companheiros de campo Thiago Santos e Ed Viggiani, ao Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP), aos amigos do Bom Retiro Sergio Luftglas e Jorge Gutierrez, ao Prof. Lee do Colégio Polilogos, e a muitos outros que me ajudaram durante o extenso trabalho de campo.

Mesmo sabendo que não é possível citar os nomes de todos os amigos, tento expressar a minha gratidão aos que estiveram mais presentes durante a realização desta dissertação. A começar pelos companheiros do mestrado e do pedal Letícia, Dudu e Gabi,

agradeço aos amigos das piores viagens – Su, Rubinho, Junji, Will, Zuri, Vanessa, Samuel e Shin; à amizade de 15 anos do G8 do AUP608 da turma 54 da FAU, de Milena, Ozaki, Racô, C, Livinha, Miyuki, Dea, João e PH; ao chorinho de quinta na esquina da General Jardim com a Bento Freitas; aos músicos Laura, Tiago, Aline, Ludi, Michel e Isadora; aos estudiosos de Bachelard Gabi, Beto, Júlio e Arthur; aos membros do ROC Elaine, Aline, Andreia, Rebeca e Taís; ao Alvaro e à Ines; à Elô; à admirável Aline Figueroa; e à Marina a quem recorro sempre que preciso de bons conselhos.

O agradecimento especial se dirige ao Marcelo, que conheci numa visita ao campo, mas que ficou para depois. Trabalhou junto comigo até o último momento, desenhou a capa, diagramou todo o livro, tirou muitas fotos, me acompanhou nas visitas, cuidou dos meus prazos, ouviu as minhas ideias sempre que precisasse falar, sem distinção de horários, e deu opiniões importantes que fizeram diferença ao trabalho. Sua paciência e apoio foram fundamentais neste último ano de trabalho.

Por fim, agradeço aos meus pais, que enfrentaram o desafio de serem imigrantes aos quarenta e poucos anos e com duas filhas adolescentes. Este trabalho não teria existido sem a sua coragem.

RESUMO

Trata-se do enclave étnico dos imigrantes coreanos do bairro do Bom Retiro, localizado na zona central da cidade de São Paulo, tendo como objetivo detectar seus aspectos urbano-espaciais e expô-los através de uma descrição sintética baseada nos trabalhos de campo. Através dela, procura-se estabelecer as relações entre os diferentes espaços do cotidiano dos coreanos do bairro dedicados ao trabalho, à moradia e à convivência intraétnica. A partir do modelo de territorialização do enclave étnico, tenta-se compreender a estrutura de relações humanas que está na base dessa constituição espacial, e propõe refletir sobre o caráter multicultural do Bom Retiro que se escora na economia do vestuário, e também sobre as particularidades da sua transformação espacial decorrente do processo de sucessão étnica.

Palavras-chaves: Bom Retiro, São Paulo, enclave étnico, imigração coreana, áreas culturais, áreas comerciais, diversidade cultural.

ABSTRACT

Koreans of Bom Retiro: description of an ethnic enclave (São Paulo, Brazil)

It concerns the Korean immigrants ethnic enclave in the Bom Retiro neighbourhood located at São Paulo's city downtown area, aiming to find its spatial-urban aspects and exhibiting them through a field research based description. Trough this, it establishes relations among everyday life places that are dedicated to work, housing and intraethnic congregation. From the ethnic enclave territorialization model, it tries to understand the existing human relations structure in the base of this spatial constitution, proposing a reflection on the multicultural aspect of Bom Retiro which is supported by the garment manufacturing economy, and on the particularities of its spatial transformation derived from the ethnic succession process.

Keywords: Bom Retiro, São Paulo, ethnic enclave, Korean immigration, cultural zone, commercial zone, cultural diversity.

요약

봉헤찌로의 한인사회: 브라질 상파울루 한인 밀집지역

본 연구는 브라질 상파울루 한인 밀집지역인 봉헤찌로의 현장조사에 기반을 둔 통합적 서술을 통하여 공간적, 도시적 특성을 밝히는 것에 목적을 둔다. 또한 한인밀집지역에서 한인들의 사업, 주거 사회적 교류 등 여러 일상생활 터전의 상관관계에 대하여서도 논한다. 소수민족 밀집지역 (ethnic enclave) 이라는 공간밀집모델의 이론적 특징을 토대로 도시공간형성의 밑바탕이 되는 사회관계에 대하여 이해하며 주로 의류산업에 토대를 둔 봉헤찌로의 다문화사회 형성과 다민족간의 계승현상 (ethnic succession) 에 따른 공간변화의 특이점에 대하여서도 심층적으로 숙고 해 보기를 제안하는 바이다.

주요어: 봉헤찌로, 상파울루, 브라질 이민, 소수민족 밀집지역, 문화지구, 상업지구, 다문화사회.

LISTA DE MAPAS

33 MAPA 1.1
Mapa do Bom Retiro do ano de 1916. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.

34 MAPA 1.2
Mapa do Bom Retiro do ano de 1957. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.

38 MAPA 1.3
Área de estudo.

50 MAPA 2.1
Mapa síntese de fluxos e centralidades.

68 MAPA 2.2
Mapa síntese localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos de diferentes etnias do bairro do Bom Retiro.

70 MAPA 2.3
Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos da colônia coreana do Bom Retiro.

72 MAPA 2.4
Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos da colônia judaica do Bom Retiro.

74 MAPA 2.5
Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos da colônia hispano-americana do Bom Retiro.

102 MAPA 4.1
Polo têxtil do Bom Retiro e as diferentes modalidades de comércio.

108 MAPA 4.2
Localização das galerias comerciais.

124 MAPA 4.3
Localização dos negócios dos coreanos no polo têxtil do Bom Retiro.

164 MAPA 4.4
Sucessão de equipamentos públicos ao longo da margem dos rios.

210 MAPA 5.1
Os lotes leiloados e as intervenções propostas para o Bom Retiro pelo Programa Casa Paulista. Fonte: Edital de Concorrência Pública Internacional 001/2014 do Conselho Gestor de Parceria Público-privado do Estado de São Paulo (CGPPP), disponível em: http://www.habitacao.sp.gov.br/casapaulista/programas_habitacionais_casa_paulista.aspx, acesso em novembro de 2014.

LISTA DE FIGURAS

48 FIGURA 2.1
Viaduto de transposição da ferrovia e a Estação da Luz. Foto de Marcelo Lee, 2016.

54 FIGURA 2.2
Esquina da Rua José Paulino (à esquerda) com a Rua Prates (à direita). Foto da autora, 2015.

55 FIGURA 2.3
Rua Prates e o comércio local. Foto de Marcelo Lee, 2016.

55 FIGURA 2.4
Arco de transposição de ferrovia no final da Rua Silva Pinto. Foto da autora, 2015.

56 FIGURA 2.5
Passagem em nível da ferrovia, vista desde o Shopping Lombroso. Foto da autora, 2015.

56 FIGURA 2.6
Praça Coronel Fernando Prestes e a estação de metrô. Foto de Marcelo Lee, 2016.

57 FIGURA 2.7
Esquina da Rua Prates com a Rua Três Rios. Foto de Marcelo Lee, 2016.

57 FIGURA 2.8
Movimento dos pedestres na esquina da Rua José Paulino com a Rua Silva Pinto. Foto de Marcelo Lee, 2016.

58 FIGURA 2.9
Rua José Paulino no horário comercial. Foto da autora, 2015.

60 FIGURA 2.10
Rua Aimorés à noite. Foto da autora, 2015.

60 FIGURA 2.11
Antiga vila operária na Rua Barra do Tibaji. Foto de Marcelo Lee, 2016.

61 FIGURA 2.12
Conjunto Habitacional Parque do Gato e praça abandonada na beira da pista local da Marginal Tietê com toponímia que homenageia a colônia judaica. Foto de Marcelo Lee, 2016.

61 FIGURA 2.13
Muro do Centro Cultural Oswald de Andrade junto à Rua Correia de Melo. Foto de Marcelo Lee, 2016.

66 FIGURA 2.14
Letreiros em coreano na. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

76 FIGURA 2.15
Fachadas fortificadas e dispositivos anti-bomba caracterizam os equipamentos coletivos da colônia judaica. Fotos da autora, 2014.

77 FIGURA 2.16
Discrição como disfarce: confeitaria kasher na R. João Kopke e a mercearia kasher na R. Talmud Thorá. Fotos da autora, 2014.

77 FIGURA 2.17
Lojas bolivianas na Rua Joaquim Murtinho. Foto da autora, 2014.

78 FIGURA 2.18
Sinalização de pontos de venda dentro de residências. Fotos da autora, 2014.

78 FIGURA 2.19
Anúncios em coreano na mercearia coreana e anúncios em espanhol na lan house. Os estabelecimentos comerciais são importantes pontos de comunicação. Fotos da autora, 2014.

79 FIGURA 2.20
Praça Kantuta no bairro do Pari. Fotos da autora, 2014.

80 FIGURA 2.21
Torcida coreana na Praça Coronel Fernando Prestes durante a Copa do Mundo de 2014. Fotos da autora, 2014.

89 FIGURA 3.1
Porto de Busan durante a segunda imigração dos católicos coreanos para o Brasil em 1966. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

90 FIGURA 3.2
Agricultores coreanos no Brasil em 1962. Fonte: Acervo da Associação Brasileira dos Coreanos.

90 FIGURA 3.3
Diversas modalidades de comércio. Fonte: COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL, A história de 50 anos da imigração coreana no Brasil 1962-2011. Associação dos Coreanos do Brasil. Ed. Gyo Um Sa, Seul, 2011.

96 FIGURA 4.1
Vitrines da Rua Aimorés. Fotos da autora, 2015.

103 FIGURA 4.2
Antes e depois da José Paulino – no ano de 1977 e hoje. Foto da autoria de Cristiano Mascaro, in: LÁ NO Bom Retiro, onde São Paulo resiste. O Estado de São Paulo. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo. São Paulo, 25 de janeiro de 1977; e foto de Marcelo Lee, 2016.

104 FIGURA 4.3
Rua Mamoré e a venda de maquinarias de costura. Foto de Marcelo Lee, 2016.

104 FIGURA 4.4
Rua Julio Conceição e lojas de aviamentos. Foto de Marcelo Lee, 2016.

105 FIGURA 4.5
Lojas de tecido na rua da Graça. Foto da autora, 2016.

106 FIGURA 4.6
Rua José Paulino com o movimento de um sábado típico. Fotos da autora, 2015.

109 FIGURA 4.7
Galeria Nova José Paulino. Fotos da autora, 2015.

110 FIGURA 4.8
Shopping Bom Retiro, do projeto do arquiteto judeu de origem polonês Lucjan Korngold. Fotos da autora, 2015.

111 FIGURA 4.9
Galeria da Rua dos Italianos. Foto da autora, 2015.

129 FIGURA 4.10
Shopping Center Luz em atividade. Fotos da autoria de Roberto Loffel, in: SUCESSO oriental. Veja São Paulo, p. 28. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo. São Paulo, 04 de maio de 1988.

129 FIGURA 4.11
Terreno do antigo Shopping Center Luz hoje. Foto de Marcelo Lee, 2016.

137 FIGURA 4.12
Lombroso Fashion Mall, antes e depois da reforma dos anos 90. Fotos de levantamento do Arq. Paulo Tomio Otaga (autor do projeto de reforma), s/d, e fotos da autora, 2015.

138 FIGURA 4.13
Área comercial interna do Lombroso Fashion Mall. Fotos da autora, 2015.

139 FIGURA 4.14
Rua interna do Lombroso Fashion Mall. Fotos da autora, 2015.

140 FIGURA 4.15
Rua Aimorés no final da década de 50. Fotos fornecidas pelo entrevistado.

140 FIGURA 4.16
Antiga confecção no dia da inauguração em 1958. Fotos fornecidas pelo entrevistado.

141 FIGURA 4.17
Fachada da antiga confecção na época da inauguração. Foto fornecida pelo entrevistado.

141 FIGURA 4.18
Incêndio na oficina de costura do terceiro andar. Foto fornecida pelo entrevistado.

143 FIGURA 4.19
A antiga confecção no ano de 2001, logo antes da aquisição do imóvel por confeccionistas coreanos, e a mesma confecção hoje. Fotos fornecidas pelo entrevistado e fotos da autora, 2015.

144 FIGURA 4.20
Hotel Luz Plaza e Edifício Bom Retiro Business Center, ambos localizados de frente para o Parque da Luz. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

147 FIGURA 4.21
Confecções verticalizadas de edifícios de uso misto de comércio e indústria, localizadas à Rua Professor Cesare Lombroso. Foto da autora, 2015.

148 FIGURA 4.22
Oficina interna de uma confecção da Rua Aimorés. Fotos da autora, 2015.

148 FIGURA 4.23
Estabelecimentos comerciais de sobreloja na Rua Aimorés e na Rua José Paulino. Fotos da autora, 2015.

154 FIGURA 4.24
Edifícios residenciais localizadas à Rua Amazonas. Foto de Marcelo Lee, 2016.

160 FIGURA 4.25
Caminhadas matinais. Fotos da autora, 2015.

161 FIGURA 4.26
Sessões de ginástica para a terceira idade na Casa do Chá, Parque da Luz. Fotos da autora, 2015.

162 FIGURA 4.27
Partidas de badminton. Fotos da autora, 2015.

165 FIGURA 4.28
Resto do antigo driving range do Clube da Comunidade (CDC) Nacional Bom Retiro. Fotos da autora, 2015.

166 FIGURA 4.29
Driving range do Hotel Prince Tower com 3500 m2, 140 jardas de profundidade e 50 baías. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

167 FIGURAS 4.30
Quadras de gateball do Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, nos anos 90 e agora. Foto do acervo pessoal de Claudia Kim e foto da autora, 2015.

168 FIGURAS 4.31
Campeonato de gateball de abril de 2015. Fotos da autora, 2015.

178 FIGURA 4.32
Igreja Ministério Apostólico Jesus para as Nações durante o culto dominical. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

180 FIGURA 4.33
Quadra do antigo movimento juvenil Hashomer Hatzair em 2011 (logo antes do fechamento) e hoje, no almoço de domingo da igreja após o culto. Foto extraída da página do Hashomer Hatzair São Paulo, disponível em < https://www.facebook.com/photo.php?fbid=110910762321361&set=a.110910548988049.19228.100002073122900&type=3&theater>, acesso em fevereiro de 2016; e foto da autora, 2016.

182 FIGURA 4.34
Equipamentos coletivos de grande porte. Fotos da autora, 2015.

183 Figura 4.35
Colégio Polilogos durante a construção e logo após a inauguração. Fonte: Colégio Polilogos.

184 FIGURA 4.36
Espaços internos do colégio. Fonte: Colégio Polilogos.

185 FIGURA 4.37
Atividades do Colégio Polilogos. Fonte: Colégio Polilogos.

186 FIGURA 4.38
Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun, o terreno antes da construção e após o término da obra da fundação. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

187 FIGURA 4.39
Dia da inauguração da igreja em maio de 2004. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

188 FIGURA 4.40
Instalações da igreja da Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun. Fonte: folheto do evento comemorativo de inauguração da igreja. Acervo pessoal de Joong Hyeon Cho.

189 FIGURA 4.41
Mistura de tradições. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

190 FIGURA 4.42
Evento anual para a terceira idade. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

192 FIGURA 4.43
Diversas atividades educativas na igreja. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

197 FIGURA 5.1
Restaurantes chineses recém-inaugurados na Rua Prates. Fotos de Marcelo Lee, 2014.

205 FIGURA 5.2
Reunião de jogadores bolivianos de futsal na Casa do Povo. Fotos de Jorge Gutierrez, 2015.

208 FIGURA 5.3 Confecções da Rua dos Italianos fechadas durante o horário comercial. Foto da autora, 2015.

208 FIGURA 5.4
Nova tipologia residencial. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

209 FIGURA 5.5
Reunião dos confeccionistas do Bom Retiro para a explicação sobre as diretrizes do projeto Casa Paulista. Fotos de Sung Duk Park, 2014.

LISTA DE TABELAS

153 TABELA 4.1
Distribuição dos negócios dos coreanos nos bairros Bom Retiro, Brás, Aclimação e Liberdade. Elaborada a partir de dados extraídos de: DIÁRIO JOONG-ANG. Lista comercial dos coreanos 2009/2010 (em coreano). São Paulo, 2009.

172 TABELA 4.2
Número de instituições religiosas coreanas por religião e por bairro. Elaborada a partir de dados extraídos de: DIÁRIO JOONG-ANG. Lista comercial dos coreanos 2009/2010 (em coreano). São Paulo, 2009.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC - Associação Brasileira de Educação Coreana
ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção
CDC - Clube da Comunidade
CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas
Embraesp - Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio
JPN - Ministério apostólico Jesus para as Nações
IMOSP - Igreja Missionária Oriental de São Paulo
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TAIB - Teatro de Arte Israelita Brasileiro
UCGB - União dos Clubes de Gateball do Brasil

SUMÁRIO

23 INTRODUÇÃO

29 CAPÍTULO 1
O Bom Retiro dos imigrantes

30 1.1. Bom Retiro, o bairro multicultural
30 1.1.1. Industrialização, bairro operário e transbordamento do centro
32 1.1.2. Metropolização e o protagonismo dos judeus na consolidação do comércio e da indústria de confecções
36 1.1.3. Sucessão de etnias

36 1.2. Área de estudo

40 1.3. Enclaves étnicos e a economia étnica
41 1.3.1. Enclaves étnicos: território de transitoriedade e permanência
43 1.3.2. Migração em cadeia e economia étnica

47 CAPÍTULO 2
Aspectos urbanos e étnico-espaciais

47 2.1. Fluxos, centralidades e setores
62 2.2. Sobreposição de diferentes círculos de sociabilidade

83 CAPÍTULO 3
Os coreanos do Bom Retiro

83 3.1. Trajetória dos coreanos na cidade de São Paulo
91 3.2. Consolidação de um novo enclave étnico
92 3.3. O Bom Retiro para morar e o Bom Retiro para trabalhar

95 CAPÍTULO 4
O Bom Retiro dos coreanos

95 4.1. Polo têxtil Aimorés-Lombroso
97 4.1.1. Enclave de economia étnica: polo têxtil do Bom Retiro
112 4.1.2. Coreanos na confecção do Bom Retiro
127 4.1.3. Rápida valorização imobiliária

130 4.1.4. Transformação urbana: da zona de meretrizes ao pólo nacional de moda feminina atacadista
146 4.1.5. Características do espaço de produção e de venda – tipologia arquitetônica

149 4.2. O enclave étnico dos imigrantes coreanos do Bom Retiro
150 4.2.1. Moradores do Bom Retiro
155 4.2.2. Lazer nos espaços públicos
170 4.2.3. Equipamentos coletivos: religião, educação e cultura
194 4.2.4. Razões para morar no enclave étnico

195 CONSIDERAÇÕES FINAIS

211 REFERÊNCIAS

219 APÊNDICE 1
Entrevista como recurso metodológico da pesquisa qualitativa

225 APÊNDICE 2
Tabelas de dados de levantamento de campo

INTRODUÇÃO

A dissertação de mestrado "O Bom Retiro dos coreanos: descrição de um enclave étnico" da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, inscrita na linha de pesquisa Paisagem e Sociedade, apresenta um estudo sobre o *enclave étnico* atualmente localizado no bairro do Bom Retiro e formado pela concentração espacial dos imigrantes coreanos, da grande maioria de origem sul coreana. A presença coreana no Bom Retiro é evidente no polo têxtil do bairro desde o final dos anos 60 e o enclave étnico foi consolidado no início dos anos 90. Uma prova da evidência de sua presença é a aprovação da Lei 15.110 de janeiro de 2010 do município de São Paulo, que instituiu o bairro do Bom Retiro como *polo cultural das tradições coreanas*, caracterizando-o como um bairro coreano.

Apesar disso, existe a necessidade de preencher a lacuna no registro da história do Bom Retiro com o relato sobre a presença da colônia coreana no bairro, considerada fechada e segregada, portanto, facilmente incompreendida e vista como um grupo de caráter homogêneo por falta de informações sobre sua diversidade. Por mais que eles exerçam papéis dominantes na indústria de confecção do Bom Retiro e que contribuam significativamente para sua transformação espacial, estabelecendo ali um enclave étnico, o conjunto de estudos urbanos disponíveis sobre o bairro apresenta uma grande escassez de informações sobre sua presença. Portanto, o estudo proposto se justifica, em primeiro lugar, por dar continuidade à história de sucessão de diferentes etnias que ocuparam o bairro, conferindo-lhe o caráter multicultural. Ainda mais, o estudo sobre o enclave étnico também pode se fundamentar na sua contribuição para melhor entendimento da importância social do multiculturalismo do Bom Retiro, que enfrenta uma iminente mudança estrutural e urbana, que poderá ser a primeira intervenção de ordem pública que o bairro recebe desde a sua origem.

O objetivo da dissertação é *detectar os aspectos urbano-espaciais do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro*. Através da descrição sintética, em que se estabelecem relações entre os diferentes espaços do cotidiano dos coreanos do bairro dedicados ao trabalho, à moradia e à convivência intraétnica, espera-se compreender a estrutura de relações humanas que está na base da constituição do enclave étnico e que se materializam através dele, ressaltando a heterogeneidade socioeconômica dos atores que constituem essa ocupação apesar da etnia única. A contextualização histórica do objeto de estudo poderá revelar o processo de convergência entre a evolução urbana do bairro do Bom Retiro e a

trajetória da colônia coreana dentro da cidade de São Paulo, que resultou na concentração espacial dos coreanos no Bom Retiro.

A descrição do enclave étnico dos coreanos transcorrerá tendo em consideração algumas questões concernentes ao enclave étnico e, mais do que isso, ao multiculturalismo do bairro. A primeira delas diz respeito à constituição do Bom Retiro multicultural, e questiona *as razões de o bairro atrair os imigrantes,* fazendo com que não só os coreanos, mas também outros grupos de imigrantes o escolhessem para formar ali seus enclaves étnicos. Mais especificamente sobre o enclave étnico em questão, indagaremos quais são *os motivos que levam os coreanos do bairro a escolher participar da vida dentro do enclave.* Mas o mais importante de todos é refletirmos sobre as particularidades da transformação espacial do bairro multicultural, destacando *como muda o espaço do Bom Retiro no processo de sucessão dos enclaves,* para tentar compreender a maneira como se exprime no espaço esse paradoxo de permanência e transitoriedade que é o enclave étnico.

O referencial teórico sobre o enclave étnico, que é um modelo de territorialização de minorias étnicas, foi construído tendo como base alguns autores que propõem um olhar renovado, de caráter não assimilacionista e não segregacionista, sobre as concentrações étnicas nas metrópoles, defendendo uma inclusão sociocultural através do reconhecimento da diversidade. Para tanto, foram utilizadas as caracterizações de enclave étnico dos trabalhos teóricos de Marcuse (2005) e Wacquant (2004), além de outros baseados em estudos de casos específicos, tais como Qadeer e Kumar (2006), sobre os enclaves étnicos de Toronto, Zhou (1992) sobre *Chinatown* de Nova Iorque e Light e Bonacich (1988) sobre o enclave étnico dos coreanos de Los Angeles. Apesar de esses três últimos trabalhos terem o intuito de centralizar atenção nas especificidades de cada fenômeno observado, tanto as semelhanças com o nosso objeto de estudo, quanto os elementos relevantes de seus referenciais teóricos foram utilizados para apoiar a nossa observação. Light e Bonacich (1988) ainda mostra o contexto histórico da imigração coreana na década de 70, válido para o caso norte-americano, mas também para o paulistano.

Zhou (1992) e Light e Bonacich (1988) também discursam sobre o conceito de economia étnica, com destaque para a economia de enclave étnico, um importante elemento constituinte dos enclaves étnicos, ambos atribuindo a Alejandro Portes a autoria do conceito. Ainda mais, há Truzzi e Neto (2007) e Truzzi (2011) sobre o empreendedorismo étnico, a rede migratória e o processo de migração em cadeia, compondo o conjunto de trabalhos que chamam atenção para os fatores mais pragmáticos do que a afinidade cultural que desencadeiam o fenômeno de concentração dos coétnicos nas cidades.

Além disso, realizou-se a revisão bibliográfica da coleção de estudos urbanos e históricos existentes sobre o Bom Retiro e seus imigrantes, procurando dialogar constantemente com tais trabalhos, a fim de estabelecer uma relação de continuidade histórica. Para isso, foram considerados trabalhos de Dertônio (1971), do começo da

urbanização do bairro até o ano de 1971; Feldman (1989) sobre o período de confinamento de prostituição feminina no Bom Retiro entre 1940 e 1954; Feldman (2011) sobre o processo de formação do bairro central; Mangili (2011) sobre transformações e permanências do bairro central de 1930 a 1954, inseridas no processo de metropolização de São Paulo; e Koulioumba (2011) sobre a ação da colônia judaica no processo de verticalização residencial da parte alta do Bom Retiro nas décadas 50, 60 e 70. Traçam o panorama histórico com enfoque na sucessão de diferentes etnias no bairro os estudos de Rufato (2006) baseada na sociologia de Chicago, de Truzzi (2001) sobre a convivência interétnica e de Feldman (2013) sobre a completude da cadeia de indústria e comércio de confecções que atrai gerações de imigrantes. E sobre a imigração mais recente dos bolivianos, foram considerados os trabalhos de Cymbalista e Xavier (2007), Souchaud (2011) e Zanforlin (2012).

Outros trabalhos sobre a história da imigração coreana e sobre os coreanos do Brasil foram ponderados, com destaque a dois trabalhos da mesma autora, Choi (1991) e Choi (2011) – este último apresentando uma retrospectiva de 50 anos de imigração coreana no Brasil. E Im e Hong (2009) contribuiram com considerações sobre a segunda geração de imigrantes coreanos e Sung (2012), com o relato da sua vivência como imigrante focado no conflito de diferentes identidades culturais.

Em vista da escassez de dados organizados e publicados sobre o enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, investiu-se na busca de informações a partir de entrevistas e pesquisas de campo, sendo o material empírico levantado o cerne desta dissertação de mestrado. As observações de campo foram documentadas sistematicamente através de anotações, relatos e fotografias – todos procedimentos de inspiração etnográfica. Houve outra contribuição importante da etnografia através do uso da família das categorias etnográficas de Magnani (2012), que permitiu organizar e transpor os dados observados sobre as relações de sociabilidade do bairro para o plano espacial e material.

Com a finalidade de alcançar uma compreensão plena do fenômeno do enclave étnico dos coreanos, que abrange os aspectos tanto material como imaterial, buscou-se na pesquisa qualitativa de Martins e Bicudo (1994) o aporte metodológico para investigar dados sobre o aspecto imaterial do enclave em questão, mais especificamente no que tange às relações humanas – social, econômica, cultural, afetiva, etc. – que dão base à constituição do enclave. Os detalhes sobre a metodologia utilizada para a realização das entrevistas e para o processamento dos dados coletados, assim como as descrições dos perfis dos entrevistados, podem ser encontrados no Apêndice 1 desta dissertação. Por fim, para complementar o material empírico e ajudar a recompor a história recente dos coreanos no bairro, foi consultado o acervo da Hemeroteca do Arquivo Histórico da cidade de São Paulo, do qual extraímos trechos de jornais e revistas com informações relevantes sobre o nosso estudo.

A dissertação foi organizada em quatro capítulos, em que relaciona a descrição do enclave étnico dos coreanos com a história da sucessão étnica do Bom Retiro, com

a morfologia urbano-espacial do bairro e com a trajetória dos imigrantes coreanos de São Paulo. O Capítulo 1 começa apresentando um breve histórico do Bom Retiro, mostrando o processo de formação da sua identidade multicultural e étnica ao longo da história de sucessão étnica que ocorreu ali. Em seguida, define e justifica o objeto de estudo espacialmente e teoricamente, recorrendo às definições teóricas de enclave étnico, rede migratória, migração em cadeia e economia étnica. A intenção é fazer a introdução a um olhar diferenciado sobre as concentrações étnicas em sociedades multiculturais, mostrando que a afinidade cultural está na base desse fenômeno socio-espacial, mas que não é a única razão para isso.

O capítulo 2 mostra os aspectos urbanos e étnico-espaciais do bairro do Bom Retiro e pretende contextualizar o objeto de estudo tanto no âmbito urbano quanto nas relações interétnicas, visto que há a evidência de presença atual de outras colônias de imigrantes no bairro. Sobre o recorte espacial previamente estabelecido, marca fluxos, setores e centralidades, ressaltando os elementos da estrutura urbana. E, depois, expõe os dados coletados nos levantamentos de campo em que se apresenta uma visão geral sobre como acontece a justaposição de espaços de convivência de diferentes colônias de imigrantes do Bom Retiro, destacando as características espaciais de cada um dos círculos de sociabilidade intraétnica e de suas relações com os elementos exteriores a ele.

O capítulo seguinte traça um panorama histórico da imigração dos coreanos na cidade de São Paulo, os atores constituintes do enclave étnico. Mostra a trajetória da colônia dentro da cidade e as circunstâncias da sua chegada no Bom Retido no final da década de 60 e da consolidação do enclave étnico no início dos anos 90. E revela os diferentes perfis de imigrantes que compõem a colônia coreana de São Paulo, vindos através de: imigração de pioneiros com apoio governamental, migração em cadeia que trouxe uma leva de trabalhadores ilegais, transferência de trabalhadores de grandes empresas multinacionais, entre outros. Somado a essa diversidade de perfil de imigração, a estratificação social que se intensificou com a ascensão social de uma parcela dos coreanos revela no que se funda a grande heterogeneidade socioeconômica existente na colônia coreana de hoje.

O último e o principal capítulo da dissertação traz a descrição do enclave dividida em duas partes. Dentro do Bom Retiro dos coreanos, há uma clara distinção entre o polo de economia étnica e o enclave étnico dos coreanos propriamente dito. O polo de economia étnica é o polo têxtil, de que participam diversas etnias do bairro, cada uma ocupando-se de uma modalidade e constituindo, assim, uma cadeia completa e autossuficiente de produção e venda de artigos de vestuário. E o enclave étnico é composto pela concentração de moradias, de estabelecimentos de comércio e serviços voltados para a colônia coreana e de equipamentos coletivos. Aponta a importante contribuição da estrutura espacial construído pela colônia judaica na manutenção da relação de proximidade entre o espaço de trabalho e o espaço de moradia, justificando a inclusão do espaço econômico do polo têxtil na descrição do enclave étnico, que é uma particularidade dos enclaves étnicos do Bom Retiro. E mostra as evoluções recentes da economia étnica do polo têxtil, revelando o papel dos imigrantes coreanos na formação do polo atacadista de moda feminina de pronta-entrega e explicitando as causas e consequências, principalmente no que diz respeito à constituição urbana e espacial. Por fim, descreve os espaços do cotidiano dos coreanos do bairro, expondo as particularidades dos espaços de convivência intraétnica e perseguindo as razões que levaram os coreanos a optar por morar no bairro.

As considerações finais retomam as questões iniciais que nortearam o desenvolvimento da dissertação e procuram respondê-las através da síntese dos dados observados. Ao fazer isso, incita reflexões ainda mais aprofundadas sobre a função social do bairro dos imigrantes e também sobre a dinâmica da sua transformação espacial.

CAPÍTULO 1
O BOM RETIRO DOS IMIGRANTES

Começaremos o nosso estudo sobre o enclave étnico dos coreanos apresentando a história do bairro onde ele se localiza, o Bom Retiro, e um pouco das circunstâncias da constituição de suas diversas versões – o Bom Retiro dos italianos, o Bom Retiro dos judeus e o Bom Retiro dos bolivianos e dos coreanos, entre muitas outras – baseada nas passagens sucessivas das colônias de imigrantes de diferentes origens étnicas, conferindo ao bairro o caráter multicultural. Segundo Feldman (2013, p. 2), a identidade étnica conferida ao Bom Retiro é uma particularidade do bairro, porém:

> *Esta identidade – não referida em outros bairros da cidade de São Paulo tradicionalmente ocupados por grupos de estrangeiros – não se deve a uma predominância numérica, pois os judeus, assim como os coreanos, nunca chegaram a constituir a maioria da população moradora do Bom Retiro. Tampouco se deve a uma exclusiva localização dos dois grupos étnicos na cidade, que se instalaram e continuam se instalando em outros bairros (...)*

O que está no centro dessa identidade étnica do bairro, que transparece na sua constituição material, parece ser a sucessão não só de etnias, mas também de enclaves étnicos, conjuntos de espaços estabelecidos no entorno de círculos de sociabilidade endógena, que contêm, cada um, uma dinâmica socioeconômica própria e que, por isso, se distinguem do restante da cidade.

A maneira como o bairro do Bom Retiro se insere à cidade só reforça seu caráter distinto: ele é cercado por vias de circulação de ordem regional e metropolitana que se comportam como rupturas no tecido urbano. E o enclave étnico dos coreanos se desenvolveu nesse pequeno espaço demarcado da cidade. Neste capítulo, vamos traçar os limites espaciais do nosso objeto de estudo e, em seguida, defini-lo teoricamente, recorrendo aos conceitos de enclave étnico, rede migratória, migração em cadeia e economia étnica. O referencial teórico sobre o enclave étnico, que é um modelo de territorialização de minorias étnicas, foi construído tendo como base alguns tautores que propõem um olhar renovado, de caráter não assimilacionista e não segregacionista, sobre as concentrações étnicas nas metrópoles, defendendo uma inclusão sociocultural através do reconhecimento da diversidade.

I.I.

BOM RETIRO, O BAIRRO MULTICULTURAL

Ao pensarmos no bairro do Bom Retiro, as primeiras imagens que surgirão nas nossas mentes serão, provavelmente, os imigrantes e as coloridas lojas de roupas da Rua José Paulino. A ferrovia, a Estação da Luz e seu jardim também são marcos importantes do bairro que lhe atribuíram a função de "porta de entrada da cidade" e que configuram o seu limite com o velho centro da cidade. Até os meados do século XX[1], os trens traziam à Estação os imigrantes que desembarcavam no Porto de Santos. Muitos se fixaram ali mesmo, ainda que a maioria estivesse só de passagem e partisse, logo em seguida, em busca de lugares para morar em outros bairros e cidades. Mais tarde, os imigrantes deixaram de chegar em navios e a ferrovia perdeu a conexão de passageiros com o porto, mas sua reputação de bairro multicultural, bairro de estrangeiros permanece até os dias de hoje e o Bom Retiro continua abrigando os imigrantes vindos de diferentes partes do mundo. Todas as manhãs, podemos encontrar, nas ruas adjacentes ao Terminal Princesa Isabel, grupos de passageiros que acabam de desembarcar dos ônibus vindos de vários países vizinhos – Paraguai, Peru e Bolívia, na sua grande maioria.

A importância da multiplicidade de culturas e da diversidade de etnias que compõem a população do Bom Retiro é reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que lançou, em 2009, o projeto intitulado *Inventário de referências culturais do Bom Retiro: multiculturalismo em situação urbana*, inscrito no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (IPHAN, s/d), em parceria com o Departamento de Patrimônio Histórico do Município de São Paulo, para analisar e catalogar os bens patrimoniais imateriais do Bom Retiro, com o intuito de preservá-los. E, na história da sua evolução urbana, podemos encontrar razões para tal multiculturalidade que o bairro de hoje apresenta.

I.I.I.

INDUSTRIALIZAÇÃO, BAIRRO OPERÁRIO E TRANSBORDAMENTO DO CENTRO

As primeiras ruas do Bom Retiro surgiram no fim do século XIX, com o loteamento do "cinturão de chácaras", a zona de lazer da elite paulistana localizada nas margens dos rios que cercavam a cidade. Esse loteamento é o resultado do crescimento da cidade, ligado à plenitude da economia cafeeira e à implantação das ferrovias Santos-Jundiaí e Sorocabana, cujas estações fizeram do bairro um ponto estratégico de circulação de pessoas e mercadorias. Essas ferrovias marcariam a ruptura no espaço urbano e, ao mesmo tempo, traria à sua orla atividades que são "consequência da articulação ao complexo ferroviário que projeta os lugares articulados em espaços vastos, regionais e até transnacionais" (SOUCHAUD, 2011, p. 68). Essa conjuntura urbana inicial deixou o Bom Retiro numa situação peculiar: em relação ao centro da cidade, o bairro se estabelecia além da ferrovia, porém, aquém do rio Tamanduateí, uma importante barreira geográfica, mantendo-se numa relação próxima com o setor de residências dos segmentos de alta renda (RUFATO, 2006, p. 98). O grau do vínculo que se cria entre o Bom Retiro e o núcleo central da cidade é o fator que o diferencia do bairro do Brás, localizado além do rio, que se torna um subcentro de negócios, adquirindo uma vida independente da cidade (FELDMAN, 1989, p. 80).

Rufato (2006), apoiando-se no modelo concêntrico de estrutura urbana desenvolvido pela Escola de Chicago, caracteriza o Bom Retiro como sendo um bairro inscrito na *zona de transição* entre o distrito central e o subúrbio, e aponta os atributos que são próprios dessa zona – presença de indústrias leves e deterioração residencial. Segundo a autora, esse último fator faz da zona de transição o ponto preferencial de entrada e fixação dos imigrantes que encontram menos resistência dos residentes nativos em relação à sua intrusão.

Num raciocínio similar, Feldman (2011a, p. 42) proporciona ao Bom Retiro o status de *bairro central*, caracterizado pela ambiguidade de ser "nem bairro, nem centro":

> *As singularidades do Bom Retiro como bairro central e como bairro de estrangeiros resultam da combinação entre presença da ferrovia, proximidade do centro e sucessão de diferentes grupos de estrangeiros. A proximidade ao centro repercute tanto na atuação de empreendedores privados, como em estratégias do poder público de destinar ao bairro tudo que exige acessibilidade, mas que é indesejado ao centro.*

Entre aquilo que é indesejado no centro, estariam certas instituições, equipamentos, além do comércio menos refinado e das atividades industriais. Sendo assim, enquanto na antiga sede da Chácara Bom Retiro se instalava o Desenfetório Central para controlar doenças infecciosas que assolavam os cortiços do bairro, ocupou o patrimônio da Chácara Dulley a Escola de Farmácia, no local bem próximo à Escola Politécnica (DERTÔNIO, 1971, p. 38-39) e ao Liceu de Artes e Ofícios, configurando uma área de concentração de equipamentos de ensino e outras instituições públicas.

Na atuação de empreendedores privados a que se refere Feldman (2011a), os imigrantes residentes no bairro têm papel destacado – portugueses e italianos trabalhavam como operários de grandes indústrias, mas também começaram a produzir em casa para vender, fazendo proliferar "fábricas de fundo de quintal e outros estabelecimentos a meio termo entre o comércio e a indústria", valendo-se da combinação entre a proximidade com o mercado consumidor do centro e a disponibilidade da mão de obra do bairro (TRUZZI; NETO,

1. O avanço do transporte rodoviário a partir da década de 1950, acabaram por reduzir a demanda pelo transporte de carga da ferrovia e o ano de 1981 marca o fim dos trens de passageiros entre São Paulo e Santos. WALM ENGENHARIA AMBIENTAL, 2012.

2007, p. 145). Assim, começava a economia de base étnica que deu início ao surgimento de pequenas indústrias do bairro e à sucessão de estrangeiros, atraídos pela oferta de moradia barata e pela oportunidade de empreender negócios próprios.

A etnia predominante do Bom Retiro até os anos 40 foi a italiana, mas quem dominava o comércio da Rua dos Imigrantes – nome antigo da atual José Paulino e rua comercial de maior movimento desde aquela época – eram os portugueses que tinham armazéns de secos e molhados, dando origem à expressão "português da venda". E quem vendia roupas e armarinhos eram sírios e libaneses. Se não tinham ponto, eles vendiam de porta em porta, e eram chamados de "turcos de prestação" (DERTÔNIO, 1971, p. 79).

No mapa do ano de 1916 (MAPA 1.1), nota-se que a ocupação do Bom Retiro começou a partir das estações, onde existe um viaduto que supera a barreira da ferrovia e liga o Bom Retiro ao centro. O prolongamento dessa ligação pelo viaduto que adentra o bairro é a Rua dos Imigrantes, caminho por onde os imigrantes que desciam dos trens vinham caminhando até a Hospedaria em busca de um lugar de acolhimento até que decidissem para onde ir. Com a transferência da Hospedaria para o bairro do Brás, ali seria instalado, mais tarde, o Desenfetório Central. Outro ponto de conexão com o centro da cidade é uma passagem de nível localizada no final da Rua Silva Pinto, que conecta o setor de instituições ao bairro de Campos Elíseos, passando pela Escola de Farmácia e atravessando a José Paulino.

Essas ruas de fácil ligação com o centro e as adjacentes são as mais valorizadas, portanto, mais densamente ocupadas. A ocupação rareava em direção à várzea do Rio Tietê, refletindo os inconvenientes da área baixa e plana para o assentamento humano. Essa área viria a ser ocupada somente com a retificação do rio, mas continuaria sendo menos valorizada, porque era sujeita a inundações frequentes. Por causa desses condicionantes e da defasagem de ocupação no tempo, o Bom Retiro de hoje continua dividido entre a parte alta e parte baixa, que apresentam morfologias distintas.

1.1.2.

METROPOLIZAÇÃO E O PROTAGONISMO DOS JUDEUS NA CONSOLIDAÇÃO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES

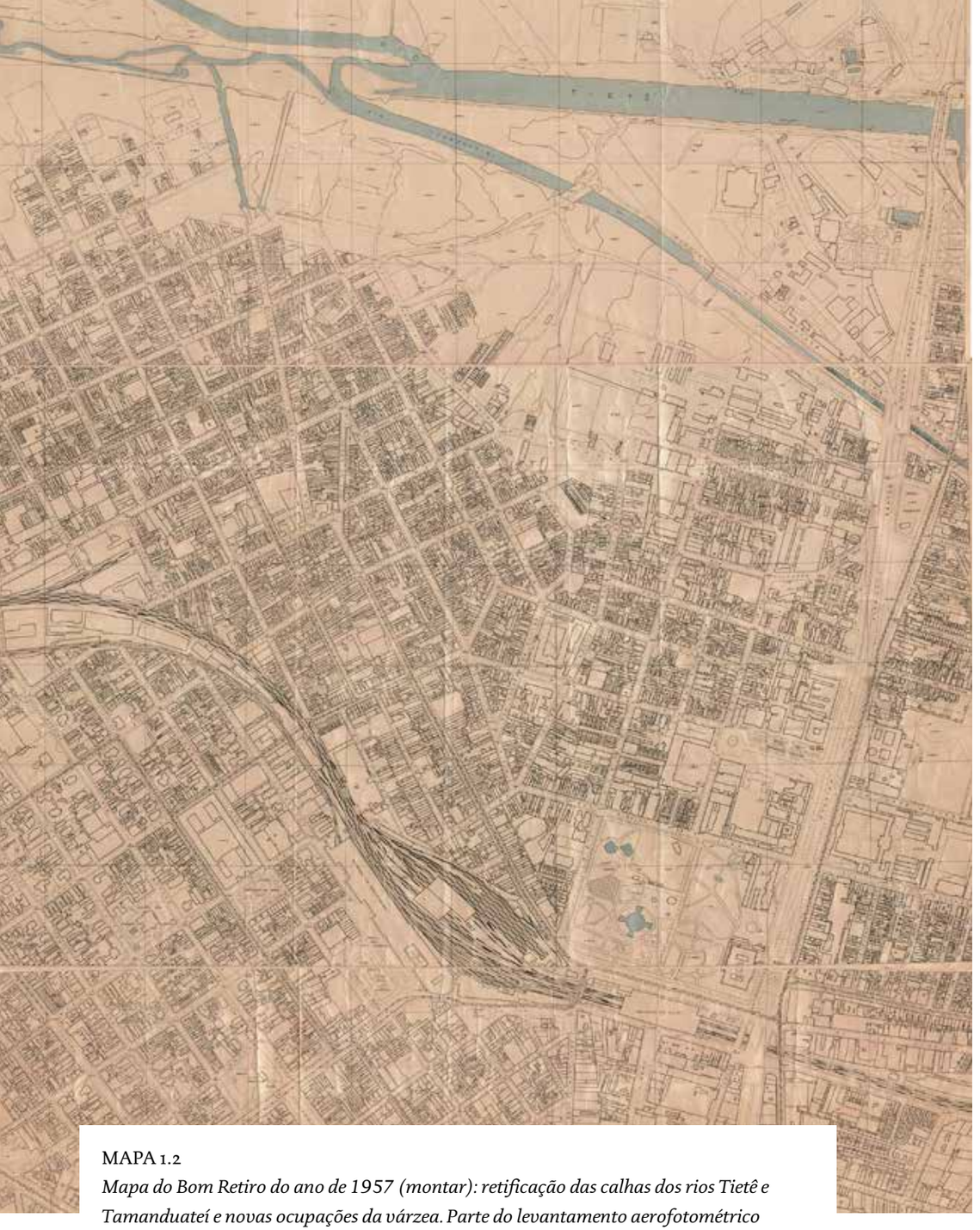
Em razão do cenário político da Europa, das guerras e do fechamento de imigração para a Argentina e os Estados Unidos, o Bom Retiro começou a concentrar os judeus asquenazis do idioma iídiche, vindos da Europa (RUFATO, 2006, p. 102). A partir dos anos 20, os judeus que se instalavam no bairro aspiravam tornar-se donos de negócios próprios, e não importava o porte inicial – se não tinham dinheiro para um local comercial, tornavam-se mascates cuja "firma era um baú de mercadorias" (TRUZZI; NETO, 2007, p. 42-45). Essa preferência da colônia judaica pelas atividades comerciais conferiu ao Bom Retiro "um caráter distinto de outros bairros operários congêneres da capital paulista" (id., 2001; p. 147). Assim, o Bom Retiro, com a

LEGENDA

1. Estação da Luz
2. Estação Sorocabana (atual Júlio Prestes)
3. Jardim da Luz (atual Parque da Luz)
4. Liceu de Artes e Ofícios
5. Quartel
6. Penitenciária
7. Escola Politécnica
8. Escola da Farmácia
9. Desinfetório

MAPA 1.1

Mapa do Bom Retiro do ano de 1916: consolidação da parte alta do bairro e destaque para os equipamentos públicos. Parte da Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Divisão Cadastral da 2ª Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.



MAPA 1.2
Mapa do Bom Retiro do ano de 1957 (montar): retificação das calhas dos rios Tietê e Tamanduateí e novas ocupações da várzea. Parte do levantamento aerofotométrico executado por VASP Aerofotogrametria S. A. e Serviços Aerofotométricos Cruzeiro do Sul S. A. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.

vinda dos judeus, deixava de ser um bairro operário para destacar-se como um distrito comercial com a vinda dos judeus.

Entre 1928 e 1945, havia 310 estabelecimentos de confecção no bairro, representando 80% do total de indústrias instaladas, que se disseminaram pela Rua José Paulino e pelas adjacentes "pontuadas por indústrias de suporte à produção e comercialização" (FELDMAN, 2013, p. 11-12). Muitos deles produziam o que vendiam, introduzindo uma nova modalidade de venda da fábrica diretamente ao consumidor e, como consequência, criaram uma nova tipologia de edifício de uso misto entre comércio e indústria em que a oficina era dependência da loja (ibid., p. 10).

A chegada dos judeus coincidiu com o crescimento vigoroso do mercado urbano de São Paulo. "A experiência pré-migratória e as habilidades econômicas dos judeus no comércio e em oficinas artesanais casaram-se assim com as necessidades crescentes de um mercado urbano em expansão", estimulando uma rápida ascensão econômica da colônia (TRUZZI, 2001, p. 148). O acúmulo de capital possibilitou que eles elaborassem no bairro uma estrutura coletiva inspirada no modo de vida da terra de origem, e, assim, a parte alta do Bom Retiro assumiu características de um enclave étnico (ibid., p. 149-150). Ali, surgiram sinagogas, escolas, estabelecimentos comerciais exclusivos para moradores judeus, além de edifícios residenciais verticalizados de padrão diferenciado, com arquitetura moderna e unidades amplas, para atender as necessidades da nova classe média que surgia.

Aliado ao processo de metropolização da cidade de São Paulo refletido no *boom* imobiliário e no Plano de Avenidas de Prestes Maia, que incluíam a retificação do Rio Tietê e o alargamento da Avenida Santos Dumont, o Bom Retiro passou por transformação urbana caracterizada pela compactação através de "aproveitamento total de terrenos, ocupação dos lotes não edificados e verticalização" (MANGILI, 2011, p. 75). Ao passar por isso, o bairro assumiu boa parte da sua estrutra fundiária e da configuração física mantida até os dias de hoje (Mapa 1.2).

A reorganização espacial do centro da cidade dessa época não repercutiu somente de maneira positiva no Bom Retiro. Entre os anos 1940 e 1953, instaurou-se nas ruas Aimorés e Itaboca, atual Professor Cesare Lombroso, a zona segregada de prostituição, composta pelas casas de tolerância expulsas do centro, que era vigiada e controlada pelo poder público. Segundo Feldman (1989, p. 83-84), a escolha do Bom Retiro para a criação da zona reflete também a postura da sociedade perante a imigração, que via na concentração dos judeus o perigo de formação de "quisto racial". Manteve-se, assim, a vigilância sobre as prostitutas, os cortiços e os judeus, combinando a segregação específica das prostitutas com a segregação residencial e a segregação dos imigrantes judeus (ibid., p. 145). Mesmo com o fim da zona em 1953, o local permaneceu com o estigma e só passou a apresentar um movimento ativo a partir dos anos 90, com o advento do centro atacadista de moda feminina, um empreendimento da colônia coreana, como veremos mais adiante.[2]

2. Cf. capítulo 4 item 1 sobre o polo têxtil Aimorés-Lombroso.

1.1.3.

SUCESSÃO DE ETNIAS

Uma vez que o Bom Retiro se consolidou como centro de confecções, com "completude de cadeia de indústria e comércio de confecção" (FELDMAN 2011a, p. 46), essa passou a atrair os novos imigrantes, não só os coreanos que começaram a chegar ao bairro nos anos 70 com suas confecções de moda feminina, mas também os imigrantes dos países vizinhos – Bolívia, Paraguai e Peru – a partir dos anos 90, quando vieram a representar uma boa parcela da mão de obra barata empregada nas oficinas de costura. Segundo Green[3] (1997, p. 199-209 apud FELDMAN, 2013; p. 9), o setor de vestuário é caracterizado como uma "indústria de passagem" em que o negócio raramente passa da geração de imigrantes que o inicia para a próxima. Somado a isso, a necessidade de pouco investimento, a demanda por uma mão de obra flexível e informal e o potencial para capitalizar-se em pouco tempo fazem da confecção um atrativo para os imigrantes recém-chegados.

A evasão da colônia judaica aconteceu, primeiro, no setor residencial, pelos comerciantes do bairro que iam residir em outros bairros exclusivos que lhes conferiam maior status social à medida que prosperavam em seus negócios. Depois, com o envelhecimento da primeira geração e a recusa em assumir os negócios dos pais pela segunda geração, que adquirira outra posição social através da educação, os judeus deixavam as confecções. Os imigrantes coreanos, que começavam a estabelecer-se com suas oficinas de costura no Glicério e no Brás, viram a oportunidade de preencher os lugares deixados pelos judeus e, aos poucos, instalaram seus negócios ali, num processo de sucessão pacífica marcada pela complementaridade econômica causada pela defasagem no tempo de chegada entre as duas colônias (TRUZZI; NETO, 2007, p. 157-158).

Portanto, podemos afirmar que a constituição do caráter multicultural do bairro do Bom Retiro dá-se através do percurso histórico de sucessão de colônias de imigrantes. Cada etnia que passa pelo bairro deixa ali as marcas singulares da cultura e do costume que influenciam a vida de seus sucessores. E o Bom Retiro de hoje continua atraindo os imigrantes com a diversidade de oferta de moradias, com a cadeia de produção e venda do vestuário consolidada pela colônia judaica, entre outros motivos. Enquanto há oportunidades que beneficiam um começo de nova vida no Bom Retiro, as redes sociais de imigrantes continuarão a propagar as vantagens de morar e trabalhar no bairro, incentivando a vinda de outros imigrantes.

1.2.

ÁREA DE ESTUDO

O bairro do Bom Retiro, desde o momento em que se incorporou à cidade, permanece isolado em relação a ela, formando uma espécie de ilha urbana cercada pela ferrovia e pelos rios Tietê e Tamanduateí. Com a evolução urbana e a conversão das margens dos rios em vias expressas, que

3. GREEN, N. Ready-to-Wear, Ready-to-Work: a century of Industry and Imigrants in Paris and New York. Duke University Press. Durham & London. New York, 1997.

reforçam ainda mais essa situação de isolamento em relação às zonas confrontantes diretas, o bairro elevou-se no status de centro estratégico de conexão metropolitana e regional. Essas vias de grande escala e de ligação funcional são denominadas de rotas políticas por paisagista e teórico John Brinckerhoff Jackson. As rotas políticas valorizam a função comercial, ignoram as características e particularidades do território local e são vias de caráter centrífugo – procuram o controle dos territórios cada vez mais extensos e distantes através da ampliação da malha, expressando uma vontade de controle econômico e político. Além disso, por modificarem profundamente as zonas e os solos sobre os quais ela passa, elas também representam uma ruptura no espaço e na malha urbana (BESSE, 2009; p. 121-122).

Seabra (2004, p. 185) também discursa sobre a pujança de estruturas urbanas metropolitanas e hiperfuncionalizadas que, sobrepostas na velha cidade e nos seus bairros, fragmentam formas pregressas de organização espacial. Segundo a autora, nesses fragmentos permanecem universos criados pela acumulação de tempos, que contêm histórias de vida:

> *(...) relativamente aos espaços residuais e a partir das permanências que guardam, pode-se indagar sobre as genealogias, sobre as coexistências, sobre as continuidades e as descontinuidades, sobre as temporalidades e sobre o devir. Neles, de alguma forma permanece retida a história inteira, vivida e experimentada com sua riqueza e pobreza, com seus impasses e contradições, porque eles são acumulação de tempos sociais e históricos.*

Sendo assim, podemos afirmar que a fisionomia do Bom Retiro se distingue do entorno, antes de tudo, por causa do isolamento físico imposto pelas estruturas viárias que o cercam, mas que também o puseram em evidência no cenário econômico regional e nacional. Mas somente a situação de isolamento físico não explica o caráter distinto do bairro. Seria também preciso ver a história que ele traz consigo. O Bom Retiro se destaca pela identidade étnica que transparece na sua constituição material através da presença sucessiva de enclaves étnicos. E um enclave étnico comporta uma sociabilidade endógena e, por isso, constitui "uma área cultural e economicamente distinta" (QADEER; KUMAR, 2006, p. 2, tradução nossa), apresentando dinâmicas sempre particulares que os dissociam da lógica funcional do restante da sociedade. Na somatória dos fatores, o Bom Retiro de hoje se mantém como um bairro múltiplo e heterogêneo em todos os sentidos, e isso faz Feldman (2011b, p. 12) afirmar que ele é "um bairro que como tal até hoje persiste, resiste e nega o padrão de urbanização que se impõe em São Paulo ao longo do século XX", o padrão da sociedade capitalista que segrega as classes e as funções.

Sendo assim, o exercício de detectar os aspectos urbano-espaciais do atual enclave étnico do Bom Retiro formado pelos imigrantes coreanos e descrevê-los sistematicamente se justifica por intentar um melhor entendimento da função social desse bairro multicultural, que enfrenta uma iminente mudança estrutural e urbana, motivada pelos interesses do mercado imobiliário, que poderá

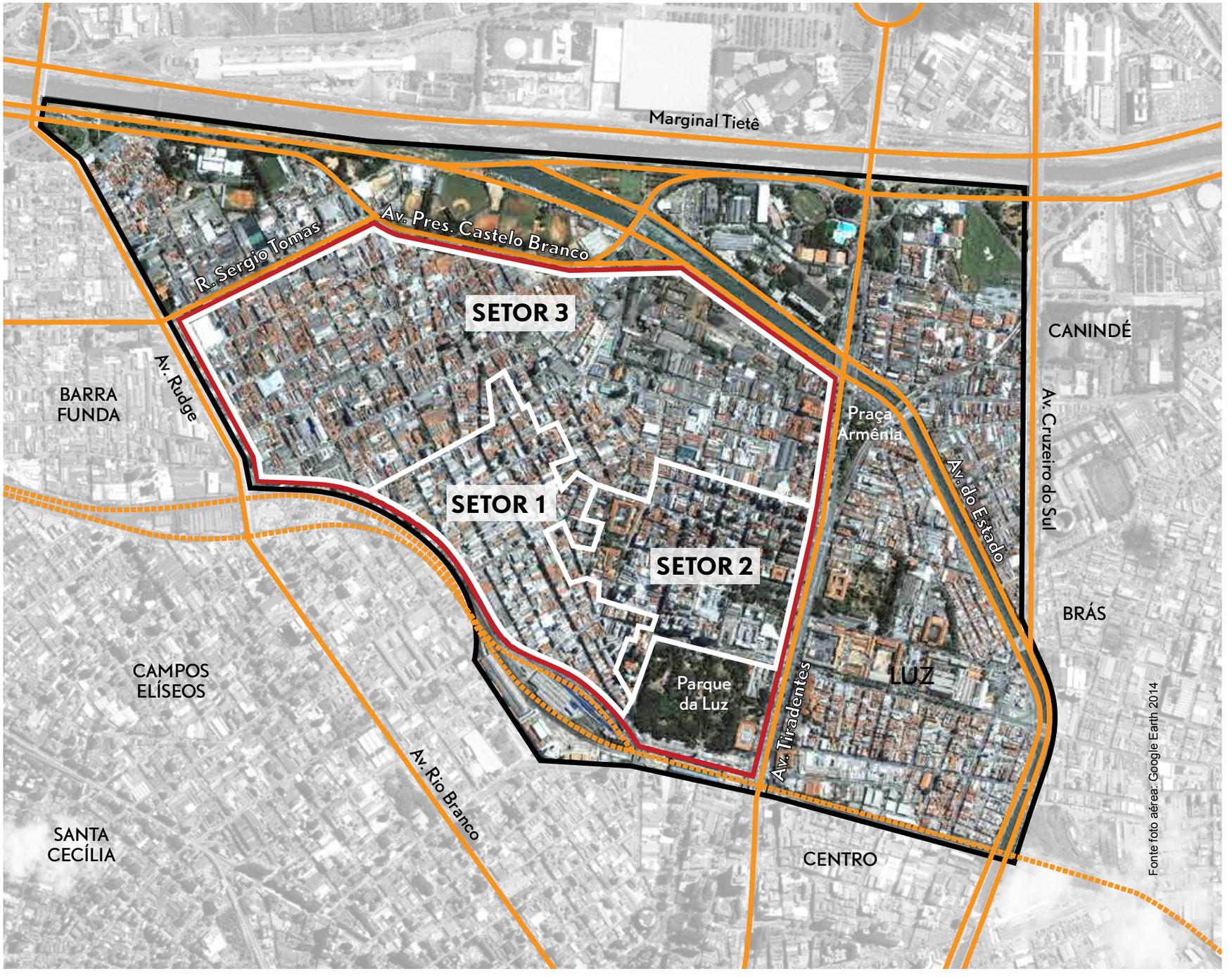
MAPA 1.3
Área de estudo: limites politico-administrativos do bairro do Bom Retiro e os limites da área de estudo.

MAPA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bom Retiro
Subprefeitura Sé

LEGENDA

Limite Bom Retiro
Limite área de estudo
Ferrovia
Vias regionais
Setores



incluir a primeira intervenção de ordem pública[4] que o bairro recebe desde a sua origem, já que se trata de um bairro constituído de loteamentos de chácaras, empreendimentos de iniciativa privada. A definição do objeto de estudo como sendo um enclave étnico mostra o enfoque no aspecto urbano e étnico-espacial da nossa pesquisa, pois o termo enclave étnico e outros que se referem a modelos de territorialidade dos imigrantes servem para "um melhor conhecimento das especificidades dos processos de exclusão e segregação em cada cidade, e também dos processos de agregação e identidade dos grupos envolvidos, podendo amparar práticas e políticas que operem a favor da integração e da inclusão" (CYMBALISTA; XAVIER, 2007, p. 120).

As incursões no campo inspiradas nos trabalhos de etnografia que constitui o cerne deste estudo, junto com as entrevistas com as pessoas que vivenciam o bairro no dia a dia[5], tiveram as delimitações mostradas no MAPA 1.4, independente dos limites bairro do Bom Retiro definido como unidade políticoadministrativa. As ferrovias ao sul, a Avenida Rudge a oeste, Rua Sérgio Tomas, pista local da Marginal Tietê (Avenida Presidente Castelo Branco) e a Avenida do Estado a norte e a Avenida Tiradentes a leste – estruturas urbanas de conexão de escala metropolitana, podendo ser caracterizadas como rotas políticas – constituem barreiras físicas fortes que confinam e delimitam o que é o bairro do Bom Retiro na percepção geral.

Desde logo, a área de estudo foi dividida em três setores, primeiro separando a parte alta do bairro da parte baixa (setor 3) e, depois, destacando o polo têxtil de comércio e indústria de moda que se distingue pela sua função (setor 1) em relação ao restante da parte alta do bairro (setor 2). Essa setorização é condizente às diferenças morfológicas resultante do processo de evolução urbana e importante também para mostrar a estrutura espacial do enclave em questão: no setor 1, os coreanos constituem um polo atacadista de moda feminina, concentrando suas confecções e promovendo a economia étnica que é a força motriz da colônia do bairro; no setor 2, concentram-se os estabelecimentos de comércio e serviço voltado para a colônia e as residências de moradores coreanos; e, no setor 3, encontramos as instituições de grande porte, entremeadas por estabelecimentos industriais e vilas operárias, onde acontece uma grande parte das atividades de congregação da colônia coreana. No capítulo 2, retomaremos esses setores para melhor descrição.

1.3.
ENCLAVES ÉTNICOS E A ECONOMIA ÉTNICA

Apesar da evidente presença da colônia coreana no bairro desde os anos 70 até os dias de hoje, existe uma necessidade de preencher a lacuna no registro da história do Bom Retiro com o relato sobre a presença da colônia coreana no bairro, que apresenta uma vida social considerada fechada e segregada, sendo, portanto, facilmente vista como um grupo de caráter homogêneo por falta de informações sobre sua diversidade. Essa colônia de imigrantes de minoria étnica tem uma vida social concentrada no Bom Retiro, exerce papéis dominantes na economia de confecção do bairro e contribui significativamente para sua transformação espacial, estabelecendo ali um enclave étnico desde o início dos anos 90, provido de estabelecimentos de comércio e serviço e equipamentos de congregação religiosa e de educação voltados para o uso exclusivo da colônia.

Para iniciar nosso estudo sobre o enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, partiremos de uma refleção mais aprofundada sobre no que consiste a definição do nosso objeto de estudo como um enclave étnico. E buscaremos nos conceitos de rede migratória, migração em cadeia e economia étnica importantes pistas para descobrir as razões pragmáticas e, sobretudo, econômicas pelas quais os coreanos adotam uma vida social endógena. Assim, mostraremos que nem tudo sobre concentração de coétnicos diz respeito às questões ideológicas de afinidade cultural como pode parecer numa primeira vista.

1.3.1.
ENCLAVES ÉTNICOS: TERRITÓRIO DE TRANSITORIEDADE E PERMANÊNCIA

O conceito do *enclave étnico* reflete um olhar renovado, de caráter não assimilacionista e não segregacionista, sobre as concentrações étnicas nas metrópoles, visando uma inclusão sociocultural através do reconhecimento da diversidade. Por isso, sua ideia contrasta com a do gueto, que é um instrumento de poder destinado ao controle de um grupo, exercido através da segregação socioespacial imposta. Surgimento da necessidade de distinguir o enclave étnico do *gueto* nos estudos sociológicos sobre as colônias de imigrantes reflete também a mudança de concepção geral sobre as múltiplas identidades étnicas que compõem a sociedade contemporânea – a diversidade étnica e cultural deixou de representar um mal social a ser combatido e dissolvido para passar a ser algo respeitado e até preservado. As alegorias de sociedades multiculturais que representam essa diferença de ponto de vista são as expressões *melting pot* e *salad bowl* (ZHOU, 1992, p. 2-3). Entretanto, segundo Qadeer e Kumar (2006, p. 2), o efeito social de um enclave ainda gera controvérsia e isso tem uma explicação nas linhagens acadêmicas do pensamento: a perspectiva *melting pot* da tradição sociológica de Chicago tende a ver enclaves como guetos culturais que obstruem a assimilação, e a perspectiva multicultural da tradição teorética europeia vê nos enclaves expressões positivas do pluralismo cultural e locais de formação de capital social.

Para não restar dúvidas na distinção entre o enclave e o gueto, Marcuse (2001, passim) formula suas definições espaciais ligadas aos processos dos quais são resultantes: a *congregação* é um processo de agrupamento voluntário que resulta no enclave, enquanto que a *segregação* descreve o processo de agrupamento forçado e involuntário que sucede na formação do gueto. Além disso, o gueto é uma divisão pela hierarquia que ressalta as relações de poder, dominação e exploração; pelo contrário, o enclave étnico é resultado da afinidade cultural

4. Hoje, diversos programas de intervenção urbana estão propostos para o bairro, tais como Casa Paulista da Secretaria de Habitação do governo estadual e Operação Urbana Consorciada Lapa-Brás, entre outros.

5. Cf. apêndice 1 desta dissertação para maiores detalhes metodológicos sobre as entrevistas realizadas segundo os preceitos da pesquisa qualitativa.

que pode diluir diferenças de hierarquia, fazendo conviver diferentes classes sociais e funções econômicas. Por isso, podemos dizer que a heterogeneidade social dos membros que compõem a colônia coreana do Bom Retiro é um dos sinais de que essa concentração étnica se caracteriza como um enclave étnico e não um gueto.

Qadeer e Kumar (2006, p.2) chama a atenção para o fato de que uma mera concentração geográfica e étnica sem existência de laços comunitários e sentimentos compartilhados não faz dessa concentração um enclave étnico. Seria necessária a presença de instituições comunitárias e símbolos culturais compartilhados para isso. No entanto, na decisão de morar e trabalhar num enclave étnico, muitas vezes, as razões econômicas sobressaem à afinidade cultural. Assim, a decisão de morar e trabalhar num enclave contempla uma gama ampla de fatores cultural, social, afetivo e econômico. De modo geral, participar de um enclave é opcional e, por isso, deve ser benéfico no balanço geral entre vantagens e desvantagens para um indivíduo escolher fazer parte dele.

De acordo com o ideário da assimilação gradual, todos os enclaves étnicos são fadados ao desaparecimento: nessa perspectiva, ele poderia diminuir à medida que os membros do enclave são absorvidos pela sociedade de cultura dominante, restanto apenas a etnicidade simbólica ou permanecer como um gueto em declínio, composto por membros menos prósperos (ZHOU, 1992, p. 2). De fato, o enclave fornece um ambiente favorável para a adaptação cultural e "serve de apoio para a assimilação por meio do aprendizado cultural e da mobilidade socio-cum-espacial" (WACQUANT, 2004, p. 161). No entanto, há casos em que o processo de assimilação cultural parece dissociar-se do processo de inclusão social, apresentando persistência de etnicidade apesar da ascensão socioeconômica dos membros de um enclave. Segundo Zhou (1992, p. 4-6) isso traz à tona a necessidade de propor uma alternativa ao *modelo étnico-cultural* de assimilação linear, e, então, o *modelo enclave-economia* foi elaborado para descrever um modo de incorporação de grupos de minoria étnica através da economia étnica. Dentro de um enclave altamente diferenciado, os membros poderiam cumprir tarefas do seu cotidiano, incluindo trabalho e lazer, sem necessidade de interação com a sociedade maior. E o enclave ofereceria a proteção contra discriminação e oportunidades para ascender economicamente ao mesmo tempo. Sendo assim, o autor argumenta que viver confinado dentro de um enclave não poderia ser considerado como uma falha na assimilação, senão simplesmente como uma das diversas maneiras de incorporar-se à sociedade.

De um jeito ou outro, a existência de um enclave étnico tende a não ultrapassar algumas gerações. No entanto, ele também é uma manifestação urbano-espacial, e cada colônia que o constitui tenta exprimir sua marca de permanência nele, com suas instituições, equipamentos, monumentos, etc. Imprimir a marca de identidade cultural e coletiva no espaço, ou seja, trazê-la ao plano material, projetando a visibilidade através dos monumentos e construções que contêm símbolos identitários, é um ato permanente e importante de reconhecimento da diversidade e de preservação da memória

coletiva. Assim, o enclave étnico é um território de permanência e de transitoriedade ao mesmo tempo. E o bairro do Bom Retiro atravessa pela sucessão de colônias de imigrantes e vê seu espaço se transformar a cada transição, através da preservação por ressignificação (por exemplo, lugares de comunhão no passado que se convertem em lugares de memória e representam identidade simbólica), da adaptação de usos, da destruição seguida pela nova constução e do abandono.

1.3.2.
MIGRAÇÃO EM CADEIA E ECONOMIA ÉTNICA

Como vimos, o enclave étnico consiste numa área de concentração espacial de uma minoria étnica, de sociabilidade endógena, que possui uma dinâmica cultural e econômica distinta. E, se analisarmos as razões da sua existência, encontraremos alguns fatores mais pragmáticos do que a afinidade cultural que atraem os coétnicos para um mesmo bairro. O principal diz respeito ao *modus operandi* das colônias de imigrantes, principalmente quando estas se incluem no processo de *migração em cadeia*.[6] E, depois, o enclave étnico pode acontecer em associação com a *economia étnica* que as colônias de imigrantes promovem, e da qual necessitam para a subsistência. Alguns formatos de economia étnica dependem da presença dos enclaves, e é o caso específico da colônia coreana de São Paulo, por causa das características peculiares da modalidade de economia[7] que eles adotaram.

Truzzi (2011) recorreu ao conceito sociológico de redes para entender a maneira como funcionam as colônias de imigrantes, especialmente no que diz respeito ao fenômeno de migração em cadeia. A migração em cadeia "involve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino" (Ibid., p. 20). Dos aspectos da migração em cadeia levantados pelo autor, podemos destacar os seguintes de acordo com a relevância para o nosso estudo:

1. Nesse processo, o imigrante mobiliza o capital social para obter informações e recursos para escolher o destino de migração e inserir-se no novo mercado de trabalho, sendo um agente racional e estratégico;
2. O fluxo de informações dessas redes é baseado em laços sociais estreitos, de relações primárias, tais como familiares, de parentesco, ou de amizade e, portanto, as informações não se propagam aleatoriamente;
3. A estrutura em redes não só se referem às relações construídas anteriormente à imigração, mas também àquelas elaboradas na própria experiência de imigração. Por isso, é importante fazer parte do circulo social dos coétnicos e alimentar a rede constantemente.

6. Cf. item 3.1. desta dissertação, sobre a trajetória dos coreanos na cidade de São Paulo para ver o contexto da introdução do processo de migração em cadeia na colônia coreana de São Paulo e seu desdobramento.
7. Cf. item 4.1.2. desta dissertação sobre coreanos na confecção do Bom Retiro para detalhes da relação entre a concentração espacial e o comércio atacadista de moda feminina da modalidade pronta-entrega.

Sobretudo, o conceito de redes encerra a discussão sobre se há prevalência da afinidade cultural ou da vantagem econômica nas relações sociais de colônias de imigrantes, pois "não deixa de considerar os imigrantes como agentes econômicos, mas também recupera as variáveis sociais e culturais que devem ser consideradas em conjunto com as de caráter econômico" (ibid., p. 28).

Qadeer e Kumar (2006, p. 11-12), sobre os enclaves étnicos da cidade de Toronto, concluiu que a concentração espacial dos imigrantes acontecia por dois motivos: o primeiro, por enclave étnico ser o local sobre o qual os imigrantes recebem informações sobre acomodação disponível e oportunidades de trabalho através dos conhecidos, e o segundo, por causa da presença dos espaços de culto ou congregação. E ambas as razões são explicáveis também através da lógica funcional das redes migratórias: a concentração étnica e espacial é a prova concreta de que o fluxo de informações das redes não é aleatório e uniforme; e as congregações acontecem de acordo com a afinidade, mas também interessa a cada indivíduo que faz parte dessa estrutura social continuar incrementando seu capital social, ocupando posição cada vez mais privilegiada e estratégica dentro dela, através das atividades frequentes de comunhão social com os membros da colônia a que pertence, principalmente em razão das vantagens econômicas daqueles que se inserem na rede de economia étnica.

A busca pelas oportunidades de trabalho através das redes migratórias acaba por incentivar um tipo específico de economia baseada na etnicidade. A economia étnica "simplesmente incorpora o auto-emprego étnico e ajudantes familiares não pagos, empregadores étnicos e seus empregados co-étnicos" (LIGHT e BONACICH, 1991, p. x, tradução nossa). É um conceito amplo que engloba todas as modalidades de atividades econômicas exercidas por iniciativa e força de trabalho dos imigrantes e não necessariamente requer enclausuramento espacial ou clientes e fornecedores coétnicos. No caso do Bom Retiro, a economia de confecção se enquadraria nessa categoria, pois as empresas de diversas origens étnicas formam parceria, cada uma especializada numa modalidade específica, constitutindo no bairro uma cadeia autônoma de produção e de venda de artigos de vestuário.

Já o conceito de *economia de enclave étnico*, uma subcategoria de economia étnica, merece um destaque na nossa observação. Conceito desenvolvido por Alejandro Portes, a economia de enclave étnico "consiste em cluster local de empresas cujos proprietários e empregados são coétnicos" (ibid., p. xi, tradução nossa), que fornecem mercadorias e serviços para a clientela coétnica, sendo um importante indicador da existência de um enclave étnico. Essa economia que surge da necessidade de atender o público de perfil diferenciado é um dos elementos principais da constituição de um enclave étnico, junto com a presença das instituições e com a concentração residencial.

A economia étnica tem desdobramentos específicos em cada colônia de imigrantes, mas, de um modo geral, parece reforçar a divisão da sociedade por etnias, ao "promover solidariedade étnica que extrapola os limites de classes, em vez de solidariedade de classe que extrapola as etnias" (ibid., p. 434-435 tradução nossa). Assim, a ideia da

sociabilidade dos imigrantes organizada em redes e a presença da economia étnica como sua consequência introduzem a nossa reflexão sobre as razões que levam os imigrantes coreanos a adotarem a vida dentro do enclave étnico em questão.

À parte as considerações teóricas sobre os enclaves étnicos e suas funções social e econômica, o presente estudo pretende detectar as características particulares e estruturais do enclave étnico dos coreanos do bairro do Bom Retiro, e elaborar uma descrição que articula os dados obtidos nos trabalhos de campo, mais do que tentar deduzir os padrões universalmente aplicáveis ao fenômeno de enclave étnico. Ao longo da descrição, que se iniciará apontando os aspectos urbanos e étnico-espaciais do bairro para, em seguida, entrar nas especificidades do enclave em questão, teremos em mente as seguintes questões: porque o bairro do Bom Retiro atraiu e continua atraindo os imigrantes, fazendo com que a colônia coreana e outros grupos de imigrantes o escolhesse para estabelecer ali seus enclaves étnicos; quais são as razões que levam os imigrantes coreanos a adotarem a vida dentro do enclave; e o que muda e como muda no espaço do Bom Retiro ao longo do processo de sucessão dos enclaves étnicos.

CAPÍTULO 2
ASPECTOS URBANOS E ÉTNICO-ESPACIAIS

O segundo capítulo da dissertação expõe os primeiros resultados do trabalho de campo, baseado na observação de caráter geral focada nos aspectos gerais de morfologia urbana do Bom Retiro. Os elementos da estrutura urbana – setores, fluxos e centralidades – foram caracterizados para contextualizar, no âmbito urbano, o nosso objeto de estudo. A setorização feita em três partes, dividindo o Baixo Bom Retiro do Alto Bom Retiro para, em seguida, subdividir a parte alta entre o setor têxtil e o setor residencial, será constantemente referida nas próximas descrições.

Na incursão no campo que se seguiu, perseguimos as redes espaciais de sociabilidade étnica e endógena, evidenciadas pela presença de estabelecimentos de comércio e serviços que abrigam a economia de enclave étnico e também de equipamentos coletivos de colônias de imigrantes. Foram destacadas as características espaciais de cada um dos círculos de sociabilidade intraétnica e de suas relações com os elementos exteriores a ele. O arranjo geral mostrado nesse levantamento étnico-espacial revelou uma situação de sobreposições e oposições entre essas redes nos espaços do bairro, contextualizando o enclave étnico dos coreanos no cenário de convivência interétnica do bairro.

2.1.
FLUXOS, CENTRALIDADES E SETORES

Como vimos, a delimitação do bairro do Bom Retiro como nosso objeto de estudo é o resultado da confluência de vias de importância regional e metropolitana que confinam e destacam o bairro em relação ao seu entorno imediato, comportando-se como barreiras físicas, apesar de proporcionarem uma importância estratégica na sua inserção metropolitana. Ao observar a morfologia urbana do bairro, podemos notar que o espaço funcional e a dinâmica de fluxos viários internos se organizam em relação aos pontos de transposição dessas barreiras, principalmente da ferrovia, que o divide do centro antigo da cidade. As vias internas do bairro se dispõem a partir do viaduto de transposição sobre a ferrovia, construído junto com a Estação da Luz, que é o ponto principal que liga o Bom Retiro ao centro da cidade (FIGURA 2.1).

As ruas José Paulino e Prates começam desse ponto ligação e irradiam-se para dentro do bairro enquanto as ruas Ribeiro de Lima, Três Rios, Silva Pinto, Mamoré e Tenente Pena formam arcos concêntricos dessa estrutura viária que ordena a parte alta do Bom

Retiro. Esses arcos viários estruturam fluxos internos do bairro – vê-se que as centralidades do bairro surgem ao longo do arco formado pelas ruas Três Rios e Silva Pinto – mas também demarcam os limites de crescimento do bairro a cada época. Por isso, quando nos deslocamos ao longo da Rua José Paulino, sentimos mudanças na morfologia urbana cada vez que as cruzamos. Além disso, vemos que as vias que surgiram a cada época estão ligeiramente desarticuladas em relação ao sistema viário da época anterior, o que faz com que o novo tecido urbano não consiga integrar-se totalmente ao antigo.

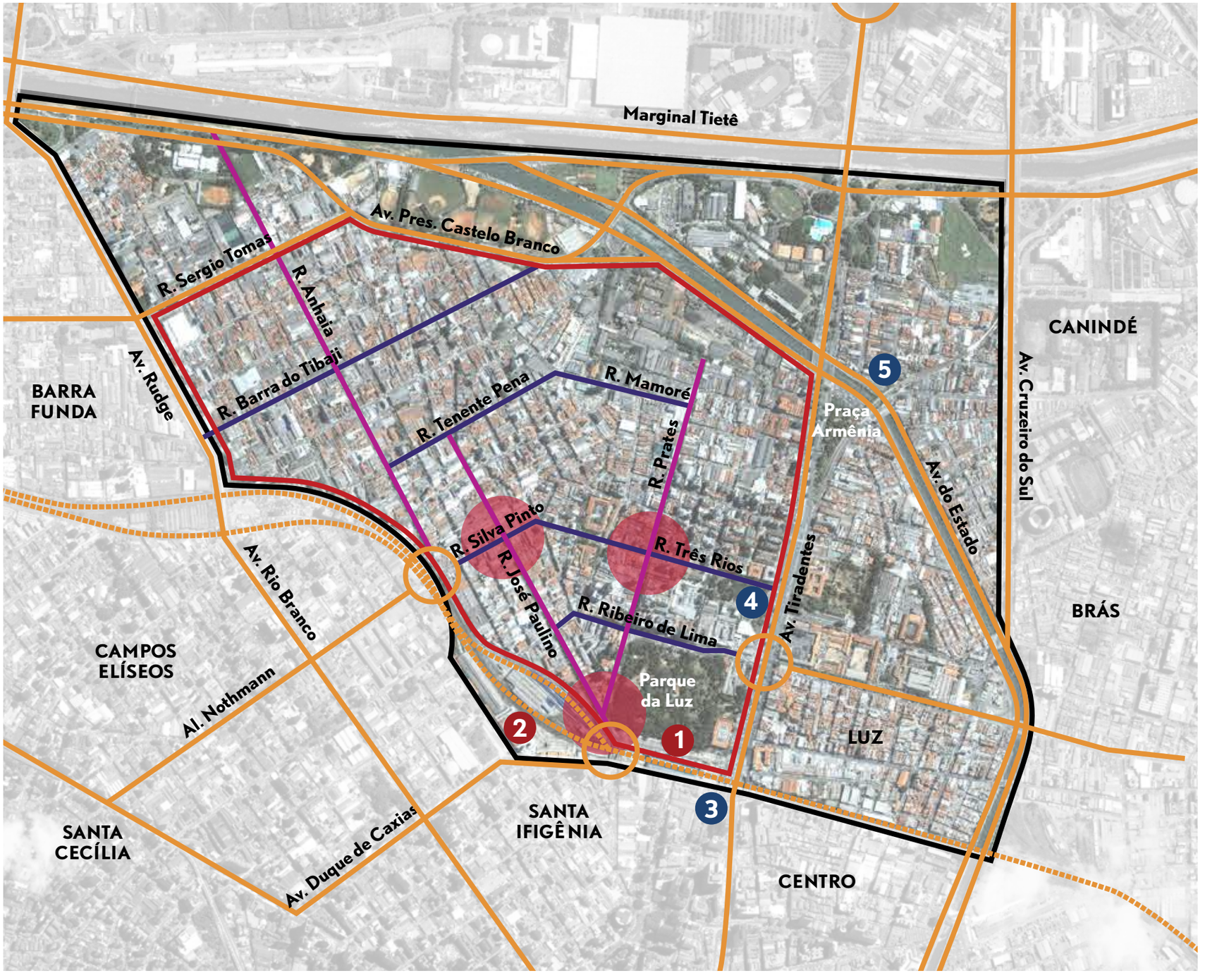
Neste subcapítulo, vamos identificar e caracterizar os fluxos, as centralidades e os setores com a finalidade de destacar os aspectos gerais e urbano-espaciais do bairro e entender sua hierarquia organizacional (MAPA 2.1). Assim, contextualizaremos a nossa descrição do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro a ser apresentado no capítulo 4 desta dissertação.

FIGURA 2.1
Viaduto de transposição da ferrovia e a Estação da Luz. Foto de Marcelo Lee, 2016.

FLUXOS DE ESCALA REGIONAL E METROPOLITANA

- **Ferrovia**
  A Estação da Luz, junto com a vizinha Estação Júlio Prestes, centraliza hoje o fluxo de passageiros de trem que vem do leste da região metropolitana de São Paulo (Mogi das Cruzes) e do interior do estado (Itapevi e Jundiaí). Assim, promove o deslocamento massivo de mão de obra e de compradores do mercado popular da periferia em direção ao centro da cidade.
- **Linhas de metrô**
  A linha 1 azul do metrô de São Paulo possui três estações ao longo da Avenida Tiradentes – Luz, Tiradentes e Armênia, esta última nomeada em homenagem à colônia de armênios que habitaram o bairro – e liga a zona sul à zona norte da cidade. Na rede metroviária, a Estação da Luz desempenha, mais uma vez, a função centralizadora, interligando a rede de trens metropolitanos ao sistema de metrô. Além disso, ela é a estação inicial da linha 4 amarela, que avança em direção à zona oeste da cidade.
- **Avenida Tiradentes e Avenida Santos Dumont**
  As duas avenidas fazem parte do conjunto de vias expressas que formam o corredor norte-sul da cidade, separando o Bom Retiro do antigo bairro da Luz.
- **Avenida do Estado**
  Via expressa implantada com a canalização do rio Tamanduateí, é a fronteira da região central com a zona leste da cidade. Ela começa como uma ramificação da Marginal Tietê e termina fazendo conexão com o sistema Imigrantes-Anchieta da zona sul da cidade.
- **Rua Sérgio Tomas**
  O corredor leste-oeste formado pela Avenida Marquês de São Vicente se estende para dentro do bairro com esse nome e termina no encontro com a Marginal Tietê.
- **Avenida Rudge**
  Extensão da Avenida Rio Branco, conecta o centro à zona norte, transpondo a ferrovia e o rio Tietê.

MAPA 2.1
Mapa síntese de fluxos e centralidades



LEGENDA

- Limite Bom Retiro
- Limite área de estudo
- Ferrovia
- Vias regionais
- Transposição viária
- Vias radiais
- Vias concêntricas
- Centralidades

1 Estação da Luz (ferrovia)
2 Estação Júlio Prestes (ferrovia)
3 Estação da Luz (metrô)
4 Estação Tiradentes (metrô)
5 Estação Armênia (metrô)

Fonte foto aérea: Google Earth 2014

FLUXOS INTERNOS DO BAIRRO

- **Rua José Paulino**
  A José Paulino, a rua comercial mais importante do bairro, começa no viaduto sobre a ferrovia, na bifurcação a partir da Rua Mauá que, por sua vez, é a extensão da Avenida Duque de Caxias. Essa transposição da ferrovia é o principal ponto de conexão do Bom Retiro com o centro antigo e com os bairros Santa Ifigênia e República. A rua segue em direção ao rio Tietê atravessando o polo têxtil, do setor 1, e termina no encontro com a Rua Mamoré, onde começa a parte baixa do bairro.
- **Rua Prates**
  Enquanto a José Paulino desempenha o papel estruturador do polo têxtil, a Prates adentra o setor 2, cruzando as ruas residenciais da parte alta do bairro (FIGURA 2.2). Ao longo dela, encontramos os estabelecimentos de comércio e serviços voltados para a população residente local e também aqueles de caráter étnico (FIGURA 2.3).
- **Rua Ribeiro de Lima**
  A rua começa no fim da Rua Professor Cesare Lombroso junto com o muro da ferrovia, mas duplica-se ao cruzar a Rua Prates. Contorna o Parque da Luz e cruza a Avenida Tiradentes, convertendo-se na Rua João Teodoro, que faz ligação com o bairro do Brás.
- **Rua Três Rios e Rua Silva Pinto**
  A Rua Três Rios começa na Praça Coronel Fernando Prestes, a praça por onde se chega ao Bom Retiro vindo da Estação Tiradentes do metrô e que é delimitada pela Avenida Tiradentes e por edifícios institucionais[8] . A rua prossegue, atravessa a Prates, passa pelo Colégio Santa Inês e pelo Centro Cultural Oswald de Andrade (a antiga Escola de Farmácia) e muda o nome para Silva Pinto ao cruzar a Rua da Graça. Atravessa a José Paulino e termina na passagem de nível da Alameda Nothmann, no segundo ponto de transposição da ferrovia (FIGURAS 2.4 E 2.5) que conecta o Bom Retiro aos bairros de Campos Elíseos e Santa Cecília. Ao longo dessas duas ruas, que abrigam um intenso fluxo de pedestre que chegam ao bairro utilizando ônibus e metrô, além do concentrado fluxo de veículos, surgem as centralidades do bairro.
- **Rua Mamoré e Rua Tenente Pena**
  Essas duas ruas separam a parte alta do bairro da parte baixa, encerrando a estrutura radial que caracteriza a parte alta do bairro.
- **Rua Anhaia**
  Começa na Marginal Tietê e atravessa a parte baixa do bairro, terminando no arco de transposição da ferrovia formado pela Rua Silva Pinto.

8. O Instituto Dom Bosco junto com a Igreja da Nossa Senhora Auxiliadora, o Quartel do Comando Geral da Policia Militar do Estado de São Paulo, a Casa da Memória Paulistana (a Sede do Departamento de Patrimônio Histórico e do Arquivo Histórico Municipal, instalada no Edifício Ramos de Azevedo, antiga Escola Politécnica) e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETPS (o Edifício Paula Souza também é parte da antiga Escola Politécnica) são as instituições que delimitam essa praça. Junto com a praça e no outro lado da Avenida Tiradentes, ainda encontramos o Primeiro Batalhão de Polícia de Choque e o Museu da Arte Sacra.

CENTRALIDADES

- **Centralidade 1 – Estação da Luz**
  Junto à Estação da Luz, identificamos uma centralidade de caráter monumental com equipamentos cultuais, tais como o Museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, a Estação Pinacoteca e a Sala São Paulo, além do Parque da Luz.
- **Centralidade 2 – Praça Coronel Fernando Prestes**
  A Estação Tiradentes desemboca na ampla praça institucional, que frequentemente abriga as festas coletivas do bairro (FIGURA 2.6). Assim como a Estação da Luz, é uma porta de entrada importante do bairro. Durante o dia, a conexão de pedestres entre essas duas estações gera um movimento intenso dentro do Parque da Luz.
- **Centralidade 3 – Prates x Três Rios**
  A esquina dessas duas ruas se comporta como o centro do setor 2, concentrando ali tanto os estabelecimentos comerciais de diversas modalidades destinadas aos que circulam por ali, quanto aqueles destinados aos residentes do bairro (FIGURA 2.7).
- **Centralidade 4 – José Paulino x Silva Pinto**
  Muitos dos compradores que vêm fazer compras na José Paulino e dos trabalhadores do polo têxtil chegam a seus destinos por esta esquina (FIGURA 2.8).

SETORES

- **Setor 1 – Polo têxtil**
  Estima-se que o polo têxtil do Bom Retiro produz 55% da moda feminina do Brasil e abriga cerca de 1.700 estabelecimentos comerciais, dos quais 1.400 possuem fábricas próprias dentro do bairro. Chega a gerar 50 mil empregos diretos e 30 mil empregos indiretos (CDL, s/d). O polo se desenvolve a partir do eixo formado pela Rua José Paulino e dedica-se ao comércio de roupas e de outros artigos ligados à confecção de vestuário, tais como máquinas de costura e corte, tecidos, aviamentos, etc. O uso predominante desse setor é um misto de comercial e industrial e, como outros polos comerciais da região central da cidade, converte-se num vazio urbano fora do horário comercial (FIGURAS 2.9 E 2.10).
- **Setor 2 – "Alto" Bom Retiro**
  A parte alta do bairro abriga os equipamentos institucionais e edifícios verticalizados de uso misto de residências, comércio e serviço. O setor se organiza no entorno das ruas Prates e Três Rios, concentrando os estabelecimentos de comércio e serviço que se voltam para os residentes locais e os membros das colônias de imigrantes presentes ali, além de outros que servem àqueles que vêm trabalhar ao bairro utilizando os transportes públicos.

- **Setor 3 – "Baixo" Bom Retiro**
  O terceiro setor corresponde o loteamento tardio resultante da retificação do rio Tietê. De ocupação menos densa, é composto por armazéns e galpões industriais entremeados por antigas vilas operárias e casas modestas (FIGURA 2.11). Apresenta uma malha reticulada e uniforme e comporta-se como os "fundos" do bairro, que termina no encontro com a Avenida do Estado, de costas para a estação de transbordo de lixo e para o conjunto habitacional "Parque do Gato", deixando uma sucessão de áreas verdes abandonadas junto à avenida (FIGURA 2.12)

OUTROS ASPECTOS URBANO-ESPACIAIS

- O uso residencial é difundido no bairro todo, menos no polo têxtil. São raros os edifícios exclusivamente residenciais, ou seja, a tipologia residencial predominante é de uso misto.
- Edifícios de grande porte (instituições e instalações industriais) provocam grandes extensões de superfícies muradas junto às calçadas tanto na parte alta quanto na parte baixa do bairro (FIGURA 2.13).
- Os lotes são ocupados sem recuo e há uma grande escassez de áreas verdes e de solo permeável, o que causa frequentes problemas de escoamento de águas pluviais.

FIGURA 2.3
Rua Prates e o comércio local. Foto de Marcelo Lee, 2016.

FIGURA 2.2
Esquina da Rua José Paulino (à esquerda) com a Rua Prates (à direita). Foto da autora, 2015.

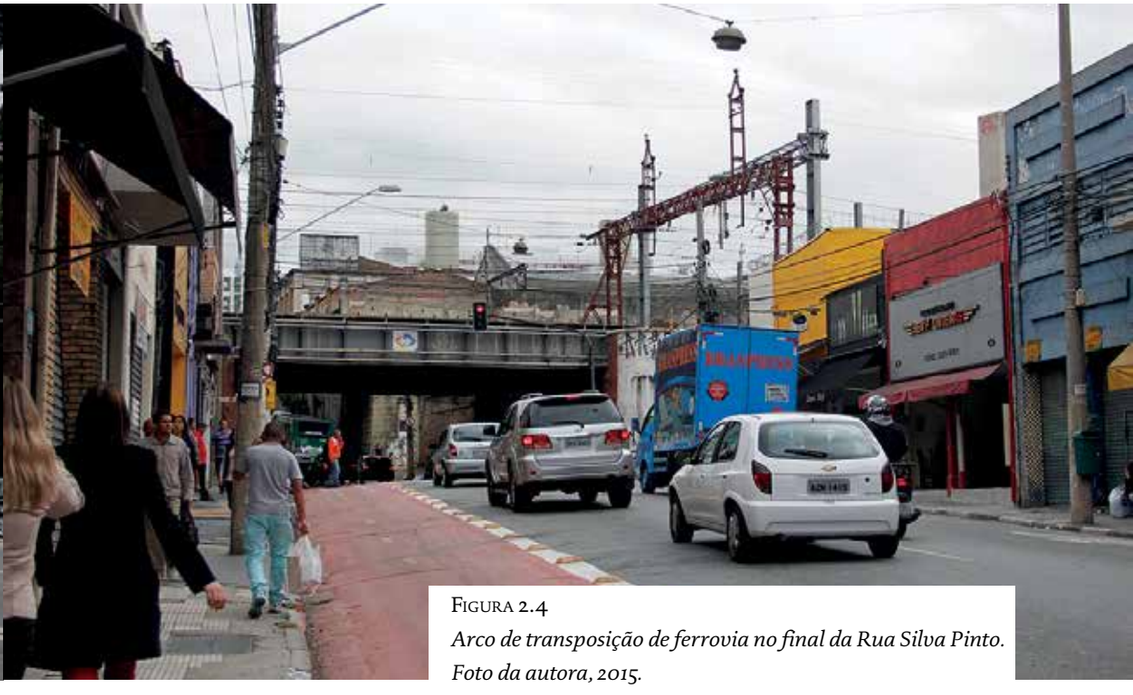


FIGURA 2.4
Arco de transposição de ferrovia no final da Rua Silva Pinto. Foto da autora, 2015.

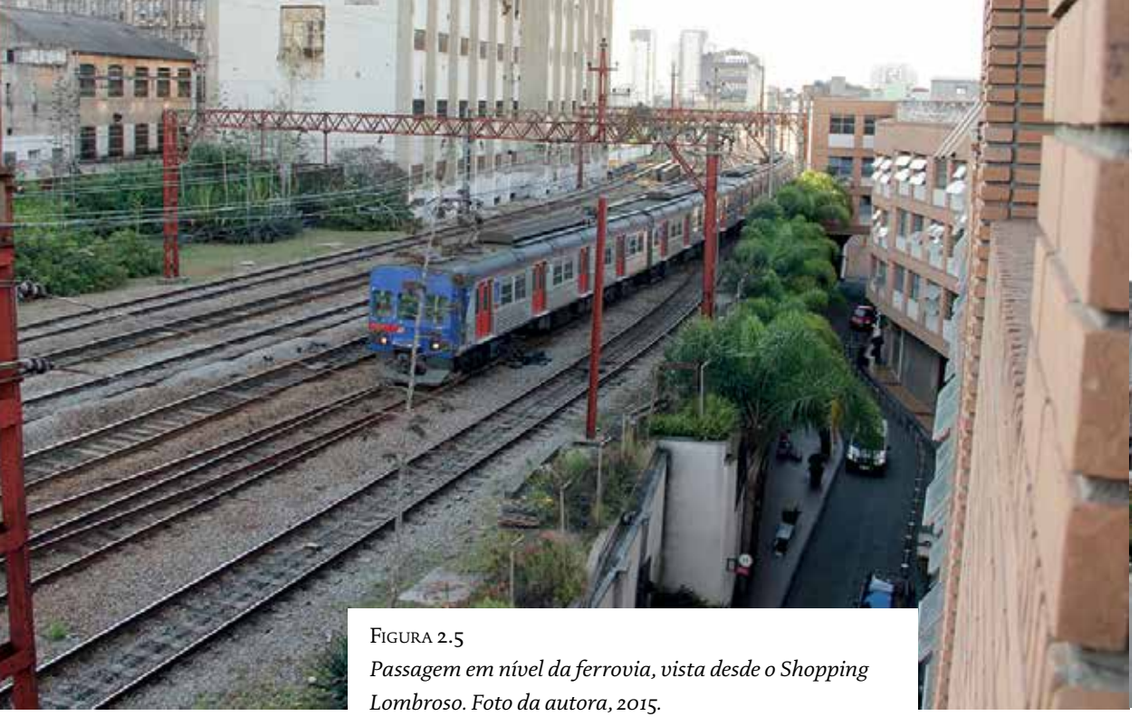


Figura 2.5
Passagem em nível da ferrovia, vista desde o Shopping Lombroso. Foto da autora, 2015.

Figura 2.6
Praça Coronel Fernando Prestes e a estação de metrô. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

Figura 2.7
Esquina da Rua Prates com a Rua Três Rios. Foto de Marcelo Lee, 2016.

Figura 2.8
Movimento dos pedestres na esquina da Rua José Paulino com a Rua Silva Pinto. Foto de Marcelo Lee, 2016.

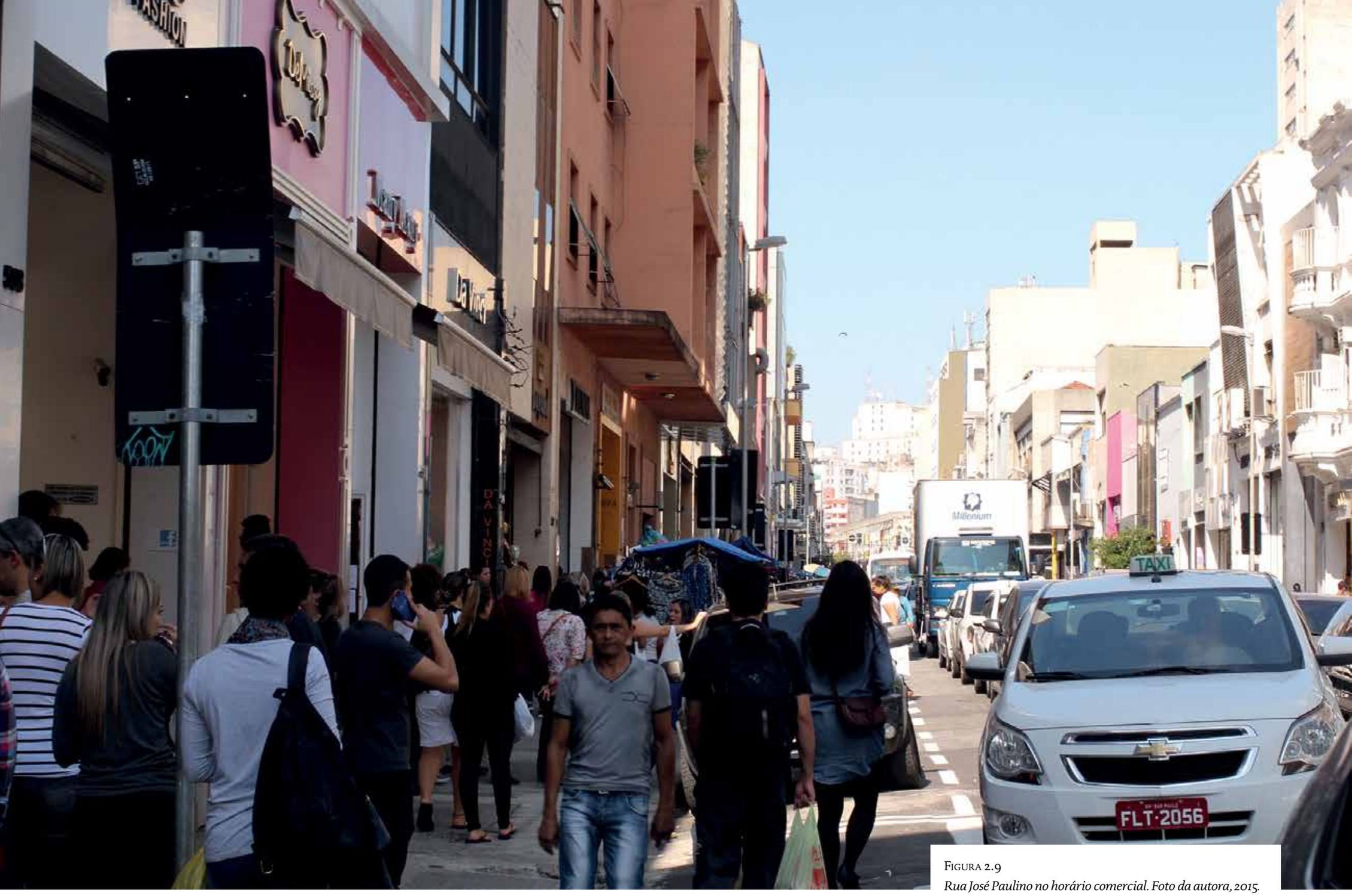


Figura 2.9
Rua José Paulino no horário comercial. Foto da autora, 2015.

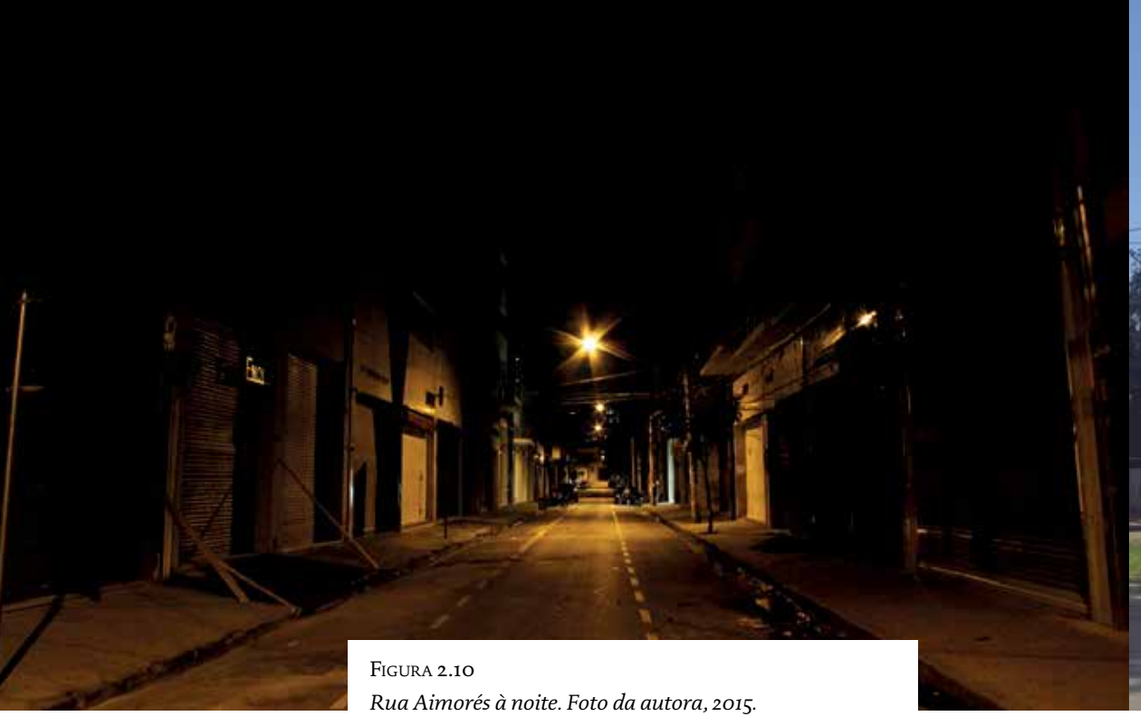


Figura 2.10
Rua Aimorés à noite. Foto da autora, 2015.

Figura 2.11
Antiga vila operária na Rua Barra do Tibaji. Foto de Marcelo Lee, 2016.

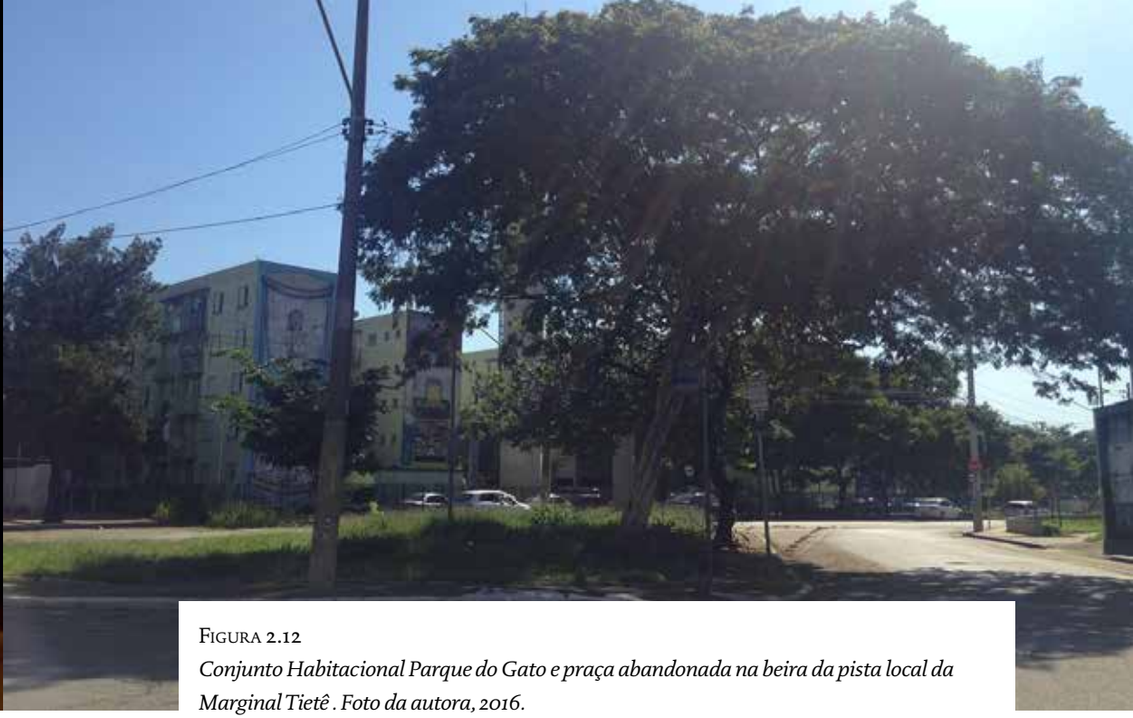


Figura 2.12
Conjunto Habitacional Parque do Gato e praça abandonada na beira da pista local da Marginal Tietê . Foto da autora, 2016.

Figura 2.13
Muro do Centro Cultural Oswald de Andrade junto à Rua Correia de Melo. Foto de Marcelo Lee, 2016.

2.2.

SOBREPOSIÇÃO DE DIFERENTES CÍRCULOS DE SOCIABILIDADE ÉTNICA

Neste subcapítulo, apresentamos o resultado de uma experiência inicial de estudo de campo, inspirada nas categorias etnográficas[9], utilizadas nas pesquisas do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/FFLCH-USP), desenvolvidas sob a supervisão do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. Essas incursões no bairro do Bom Retiro[10] tiveram como objetivo mapear os estabelecimentos de comércio e de serviços e os equipamentos coletivos voltados para as colônias de imigrantes do bairro para detectar indícios de existência de enclaves étnicos e entender como se organiza a sobreposição de diferentes redes de relações sociais dos imigrantes do bairro no âmbito urbano-espacial, revelando aspectos de convivência interétnica. Para isso, justifica-se o uso da família das categorias etnográficas, que permite contextualizar, na cidade, as relações de sociabilidade e a dinâmica cultural, evidenciando a sua organização espacial e simbólica, pois, nessa perspectiva, "em vez da anomia, isolamento ou fragmentação, o que se vê são regularidades, arranjos coletivos, oportunidades e espaços de trocas e encontros" (MAGNANI, 2012, p. 251).

Durante o levantamento, todas as ruas da área de estudo foram percorridas a pé e os dados foram levantados através de observações feitas desde as calçadas, identificando os símbolos étnicos e culturais que tais estabelecimentos exibem. Com isso, foi elaborada uma tabela de endereços dos estabelecimentos (APÊNDICE 2) que serviu de base para a elaboração do mapa síntese (MAPA 2.2). Partindo do pressuposto de que esses estabelecimentos e equipamentos coletivos são os espaços de socialização e comunhão entre os membros pertencentes às colônias de imigrantes, e que uma colônia passa a constituir um enclave a partir da presença deles, esse mapa síntese ajudaria a identificar a existência dos enclaves étnicos e sua extensão no espaço.

Da observação dos estabelecimentos, da sua quantificação e da distribuição espacial, puderam ser destacados três grupos culturais: coreano, judaico e hispano-americano, na ordem decrescente do número de estabelecimentos encontrados dentro do perímetro da área de estudo. Desses três, apenas o grupo dos coreanos é de base estritamente étnica, sendo que os outros dois são compostos por diversas etnias, porém unidos por outros fatores culturais: no caso da colônia judaica, a força da união vem das tradições e costumes religiosos enquanto a colônia hispano-americana compartilha a mesma língua. Nesta última, haveria uma grande diversidade e diferentes nacionalidades – boliviana, peruana, paraguaio, etc. – não contempladas nessa observação superficial. O destaque dessas três colônias era esperado pela leitura de artigos e publicações relacionados à história do bairro e foi atestado, sem dificuldades, durante o levantamento.

Em número de estabelecimentos exclusivos, a colônia coreana mostrou a maior representatividade no bairro, sendo que existem trechos das ruas Prates, Silva Pinto, Três Rios e Guarani, todas localizadas na parte alta do bairro, em que aparecem sucessões de lojas com letreiros em coreano, nem sempre traduzidos para o português (MAPA 2.3; FIGURA 2.14). Feldman (2013, p. 2) constata que a identidade étnica conferida ao bairro do Bom Retiro não se deve a uma predominância numérica dos judeus e coreanos em relação à população residente do bairro e tampouco a uma exclusiva localização desses grupos, que também estão presentes em outros bairros da cidade. No entanto, quando observamos a concentração espacial desses estabelecimentos nas ruas do bairro, podemos entender que tal identidade étnica está expressa na visibilidade dos enclaves étnicos presentes ali, e que eles se tornam visíveis conforme a força das relações sociais coétnicas contidas neles.

Já a colônia judaica, a mais antiga das três, ainda marca sua presença, embora discretamente. Apesar de ter sido protagonista na construção da parte alta do bairro e na formação da economia de confecções, foi gradativamente perdendo a ligação o Bom Retiro à medida que se deslocou para outros bairros. Apesar disso, guardam ali uma identidade simbólica, por muitos terem nascido e passado a infância no bairro. Alguns estabelecimentos e equipamentos ligados à vida religiosa e aos costumes persistem, tais como as sinagogas, mercados de alimentos kasher, algumas escolas e instituições beneficentes (MAPA 2.4). O aspecto desses estabelecimentos, muitas vezes, é mais discreto do que a vestimenta dos judeus ortodoxos que os frequentam. Se não estão escondidos atrás das fachadas fortificadas com muros altos, portões de ferro e guaritas blindadas de vidro reflexivo (FIGURA 2.15), eles mantêm fachadas discretas como disfarce, sem letreiros e anúncios de maneira que um transeunte desinteressado não perceba a que público se destina, tornando-se invisíveis para quem não faz parte daquele círculo social (FIGURA 2.16). Se os letreiros em coreano desencorajam o acesso daqueles que não entendem a língua, a invisibilidade é outra estratégia para afastar aqueles que não pertencem

9. Definições das categorias etnográficas - *pedaço, mancha, trajeto* e *circuito* de Magnani (2012, p. 94-97). O primeiro elemento da família das categorias etnográficas, o pedaço, é o termo que "designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade". Em outras palavras, o pedaço é lugar de encontro e de comunhão de membros pertencentes ao mesmo círculo social, que se conhecem e/ou se reconhecem, e é onde se praticam as atividades coletivas. O caráter espacial do pedaço é, muitas vezes, transitório, pois o plano simbólico se sobressai na formação do mesmo: as pessoas se reconhecem ao serem portadores dos mesmos símbolos culturais que remetem à etnia, à tradição, aos hábitos, à crença, etc. O restante das categorias etnográficas é decorrente da existência dos pedaços e da sua distribuição espacial: as manchas são as "áreas contíguas do espaço urbano dotados de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam (...) uma atividade ou prática predominante" sendo aglutinações no entorno de um ou mais estabelecimentos, caracterizando uma centralidade urbana; o trajeto "aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas" e é constituído por caminhos não aleatórios que interligam os pedaços, manchas, estabelecimentos, equipamentos, etc.; e o circuito "descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais", ou seja, ele é composto por espaços de prática cultural do mesmo grupo, pedaços interligados por trajetos que se estendem pela cidade ou para além dela.

10. Incursões realizadas entre os dias 18 a 22 de julho de 2014, no horário entre as 09:00 e as 18:00.

à colônia. Assim, cada círculo social protege a privacidade e a segurança de seus espaços exclusivos contra os estranhos e os indesejados.

Os estabelecimentos da colônia hispano-americana, antes de tudo, são de caráter de conveniência: são diversas modalidades de comércios e serviços – lan house, cabeleireiros, venda de pães e comidas típicas, transferência internacional de dinheiro e venda de cartões telefônicos para chamadas internacionais – contidas em um espaço só (FIGURA 2.17). Muitas vezes, não é necessário um ponto comercial para isso, bastando sinalizar os pontos de venda com pequenos anúncios em balões e adesivos nas portas de residências (FIGURA 2.18). Podemos expor duas constatações sobre a ocupação dos hispano-americanos a partir da nossa observação: 1) esses pequenos comércios se espalham pela parte baixa do bairro, longe das colônias coreana e judaica, misturando-se com antigas vilas operárias, cortiços e fábricas (MAPA 2.5), e denunciam locais de significativa presença de moradores hispano-americanos que demandam a existência desses estabelecimentos de conveniência na proximidade de suas casas; 2) os equipamentos coletivos e instituições de qualquer caráter são ausentes.

Ao analisar o padrão de ocupação territorial dos imigrantes bolivianos na ciadade de São Paulo, Cymbalista e Xavier (2007, p. 119) chamam a atenção para o fato de que não se aplica, neste caso, nenhuma das categorias de territorialidade associadas às minorias étnicas, tais como gueto, enclave ou *banlieue*. Inseridos no contexto de imigração mais recente, de rede transnacional de trabalhos informais, os bolivianos mantêm a discrição, confinados dentro dos espaços de casa-oficina onde a maioria mora e trabalha. Sua presença é difundida nos bairros centrais e nas zonas norte e leste da cidade, porém, de maneira fragmentária.

Na ausência de equipamentos coletivos, as atividades de lazer e congregação dos imigrantes bolivianos, incluindo a troca de informações sobre o trabalho, ocorrem na famosa feira boliviana da Praça Kantuta (FIGURA 2.20), que acontece todos os domingos na praça localizada próximo à divisa entre os bairros Bom Retiro e Pari. Segundo Zanforlin (2012, p.83-84), desde 2002, ano em que a feira boliviana foi expulsa da Praça Padre Bento do bairro do Pari por causa de um abaixo-assinado da vizinhança, ela passou a ser realizada na atual praça, e a escolha da localização foi em razão do esvaziamento do seu entorno predominantemente industrial nos finais de semana, fazendo dela um "lugar perfeito para não serem incomodados, nem incomodarem a população local". No entanto, a Feira da Kantuta não é o único lugar de socialização. Eles possuem uma rede ativa de comunicação *online*, de *sites* e rádios *web*, através da qual organizam campeonatos de futebol nos parques e nos estádios públicos e ensaios e apresentações de danças tradicionais, além de promoverem festas coletivas nas noites de finais de semana em locais como os estacionamentos de automóveis do Bom Retiro, no evento itinerante também conhecido como Kantutita.

Portanto, na sociabilidade desse grupo de imigrantes, que consegue manter a privacidade mesmo nas ruas e nas instalações públicas, parece que predomina uma forma de apropriação invisível dos espaços públicos. Isso se deve à alternância de apropriação

entre diferentes grupos. Segundo Magnani (2012, p. 91), essa alternância proposital é praticada para evitar o contato indesejado com os outros e manter a invisibilidade pública e a discrição, como forma de negociação pacífica entre os grupos nos espaços públicos. Ela acontece espontaneamente na maioria das vezes, mas chega a ser organizada intencionalmente. E podemos observar que também é um padrão recorrente de apropriação de espaços públicos por grupos de coreanos do Bom Retiro, quando, por exemplo, vão praticar atividades físicas matinais no Parque da Luz e no Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi[11], ou organizam grandes eventos para atender a colônia (FIGURA 2.21).[12]

Antes de terminar, vamos expor alguns aspectos de convivência interétnica dos grupos de imigrantes no bairro do Bom Retiro que puderam ser observados nessa experiência de campo. Para começar, vamos retomar a oposição entre a parte alta e a parte baixa do bairro. Segundo Mangili (2009[13] apud FELDMAN, 2013, p. 14-15), a ocupação judaica esteve fortemente concentrada na parte alta do bairro, onde os preços dos imóveis eram dez vezes maiores se comparados aos do setor da várzea, ao mesmo tempo em que a parte baixa apresentava uma predominância dos proprietários de origem italiana. Na distribuição espacial dos estabelecimentos étnicos, mostrada na série de mapas que sintetizam os dados levantados, podemos observar a concentração dos coreanos na parte alta do bairro, coincidindo com a mancha espacial formada pelos estabelecimentos judaicos, enquanto aqueles da colônia hispano-americana ocupam preferencialmente a parte baixa do bairro. Sendo assim, grosso modo, podemos afirmar que a colônia coreana sucedeu a colônia judaica e convive com a colônia hispano-americana, assim como os judeus do bairro conviveram com os italianos, com algum grau de segregação entre eles. Poderíamos dizer que, neste caso, ocorre uma segregação, porque a separação entre as partes alta e baixa do bairro reflete antes uma divisão socioeconômica antes do que étnica.

De modo geral, a convivência interétnica no bairro do Bom Retiro de hoje está marcada por relações pacíficas e, ao mesmo tempo, pela falta de interação fora do âmbito de trabalho, sendo que a maioria dos imigrantes do bairro participa, de alguma forma, da economia de confecção. Seria possível simplesmente acusar a distância cultural entre eles para explicar este fenômeno, mas parece que existem razões que não se baseiam somente na etnicidade de seus moradores. A situação econômica das colônias judaica e coreana, que passaram a adotar comportamentos de classes economicamente favorecidas pela rápida ascensão, possibilitou que construíssem um mundo fortificado em volta

11. Sobre essas práticas coletivas, ver o item 4.2.3 desta dissertação.

12. Cf. CHI, 2014.

13. MANGILI, Liziane Peres. Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954). Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos, 2009.

delas, retirando-se dos espaços públicos do bairro. De fato, podemos notar uma grande quantidade de estabelecimentos de alto padrão construtivo pelo bairro – entre eles, igrejas, escolas e centros culturais – voltados para o uso exclusivo dessas colônias, alguns deles configurando verdadeiras fortificações atrás dos muros altos e gradis.

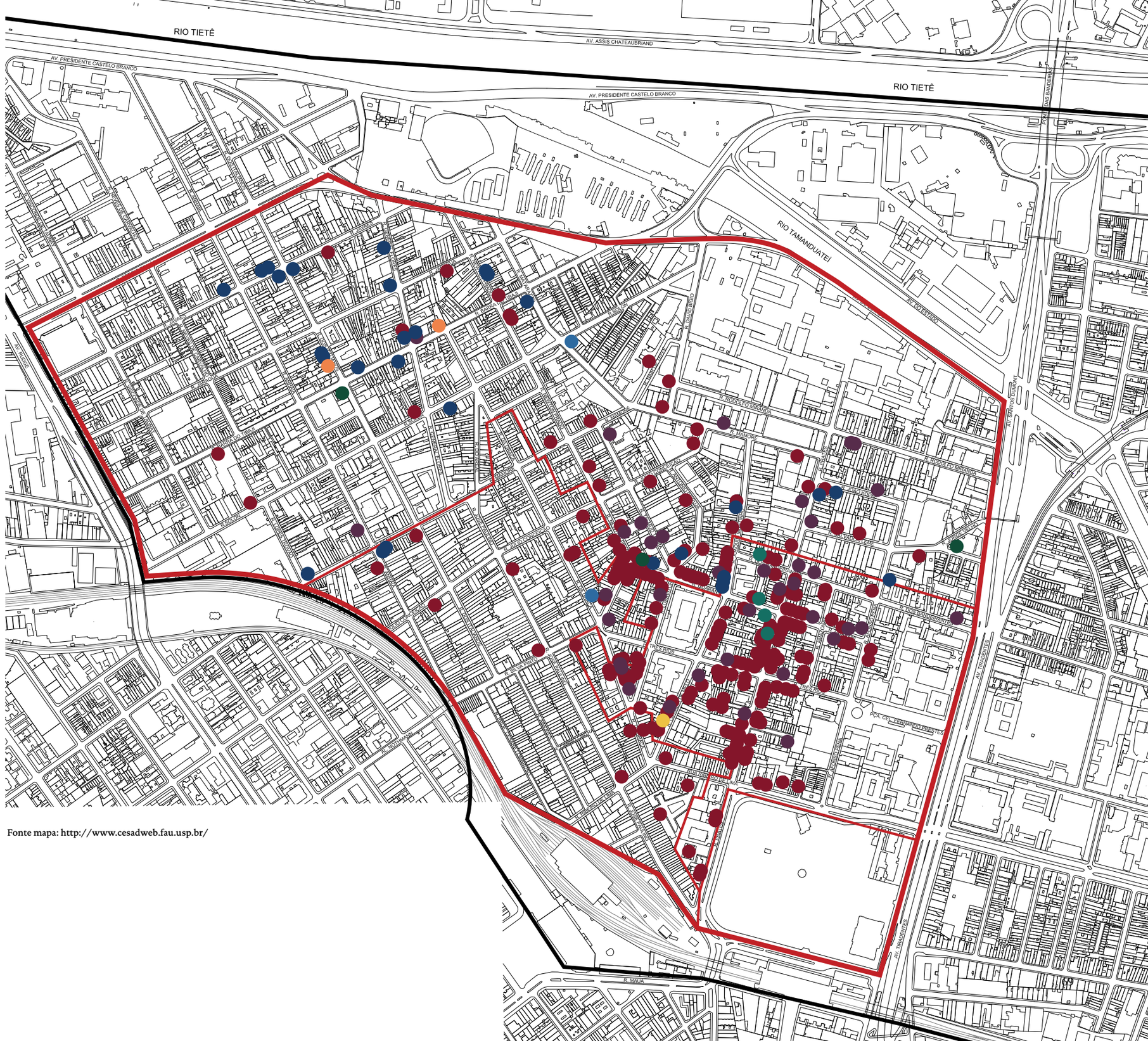
Além disso, podemos também citar a mudança nas relações de vizinhança como um dos motivos da falta de interação entre os grupos de imigrantes na atualidade. Antigos moradores do bairro tendem a queixar-se desta falta e apontar os novos moradores, os coreanos, como culpados por tal mudança.[14] No entanto, o cotidiano dos bairros centrais, não somente o do Bom Retiro, transformou-se radicalmente com a metropolização de São Paulo: se a vida pública dos anos 40 e 50 dos bairros operários expunha a sua mais exuberante forma, fazendo da cidade de São Paulo uma "sociedade de bairros" (SEABRA, 2004, p. 187), hoje ela se mostra ausente no âmbito maior, encerrando-se cada vez mais nos círculos privados.

14. Trechos de entrevista de uma moradora antiga: "(...) no bairro existiam associações de moradores, dois cinemas, praças e bares onde as pessoas se reuniam (...) A comunidade judaica se encontrava em clubes e nas Sinagogas, havia até uma associação de jovens judeus comunistas (...) As pessoas se reuniam para discutir sobre futebol... tudo era um ponto de encontro (...) Hoje os vizinhos não se falam, há muitos coreanos e eles são fechados, não conversam e nem respeitam muito os outros". MARUM; GOMES, 2005, p. 14.

FIGURA 2.14
Letreiros em coreano. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

MAPA 2.2

Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos de diferentes etnias do bairro do Bom Retiro. Elaborado com a base no levantamento de campo realizado entre os dias 18 e 22 de julho de 2014 (ver Apêndice 2).



LEGENDA

- Limites do bairro
- Limites da área de estudo
- Limites dos setores

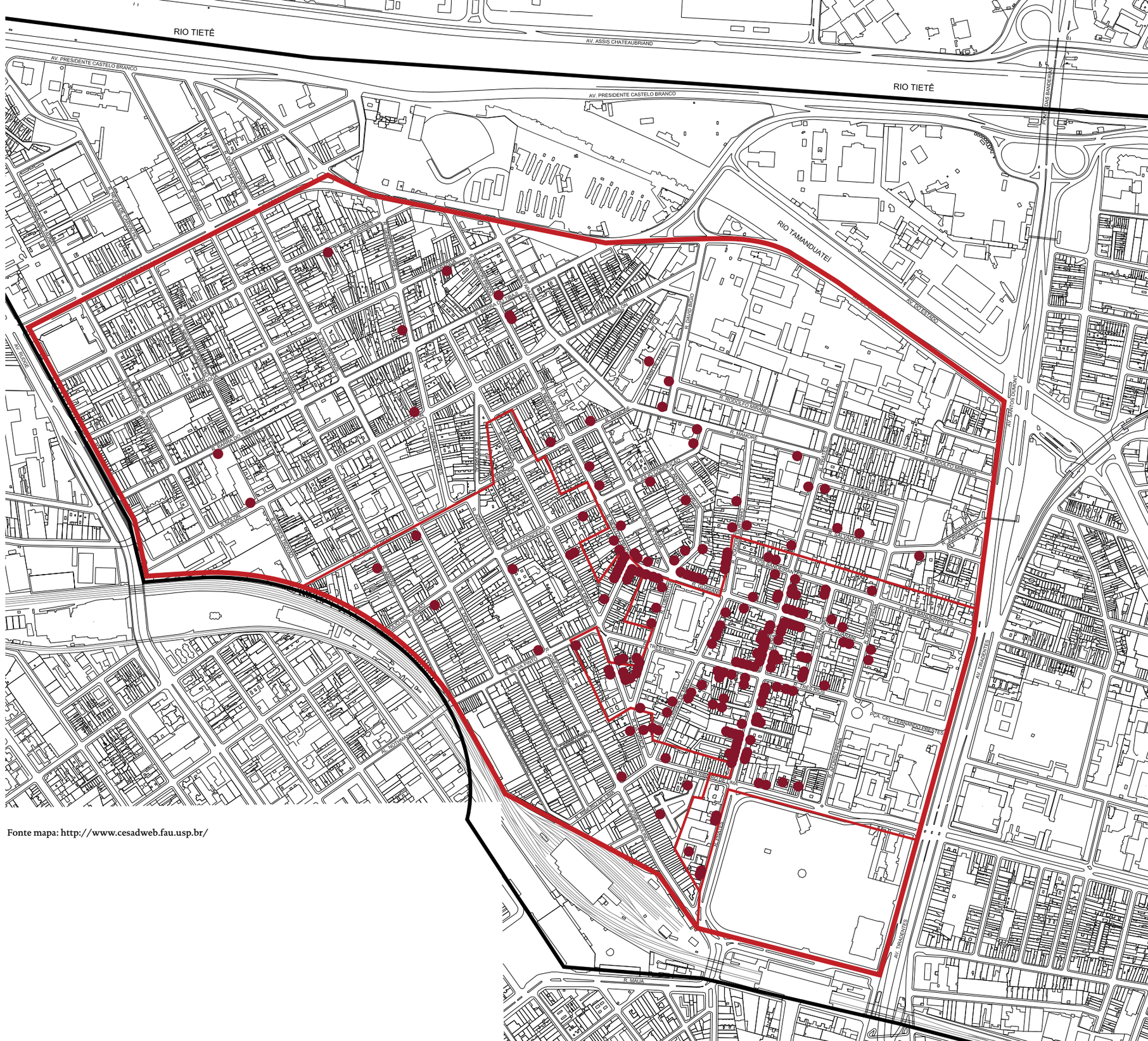
Estabelecimentos e equipamentos coletivos da colônia:

- Coreana
- Judaica
- Hispano-americana
- Nordestina
- Chinesa
- Italiana
- Grega
- Armenia

Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

MAPA 2.3

Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos da colônia coreana do Bom Retiro. Elaborado com a base no levantamento de campo realizado entre os dias 18 e 22 de julho de 2014 (ver Apêndice 2).



LEGENDA

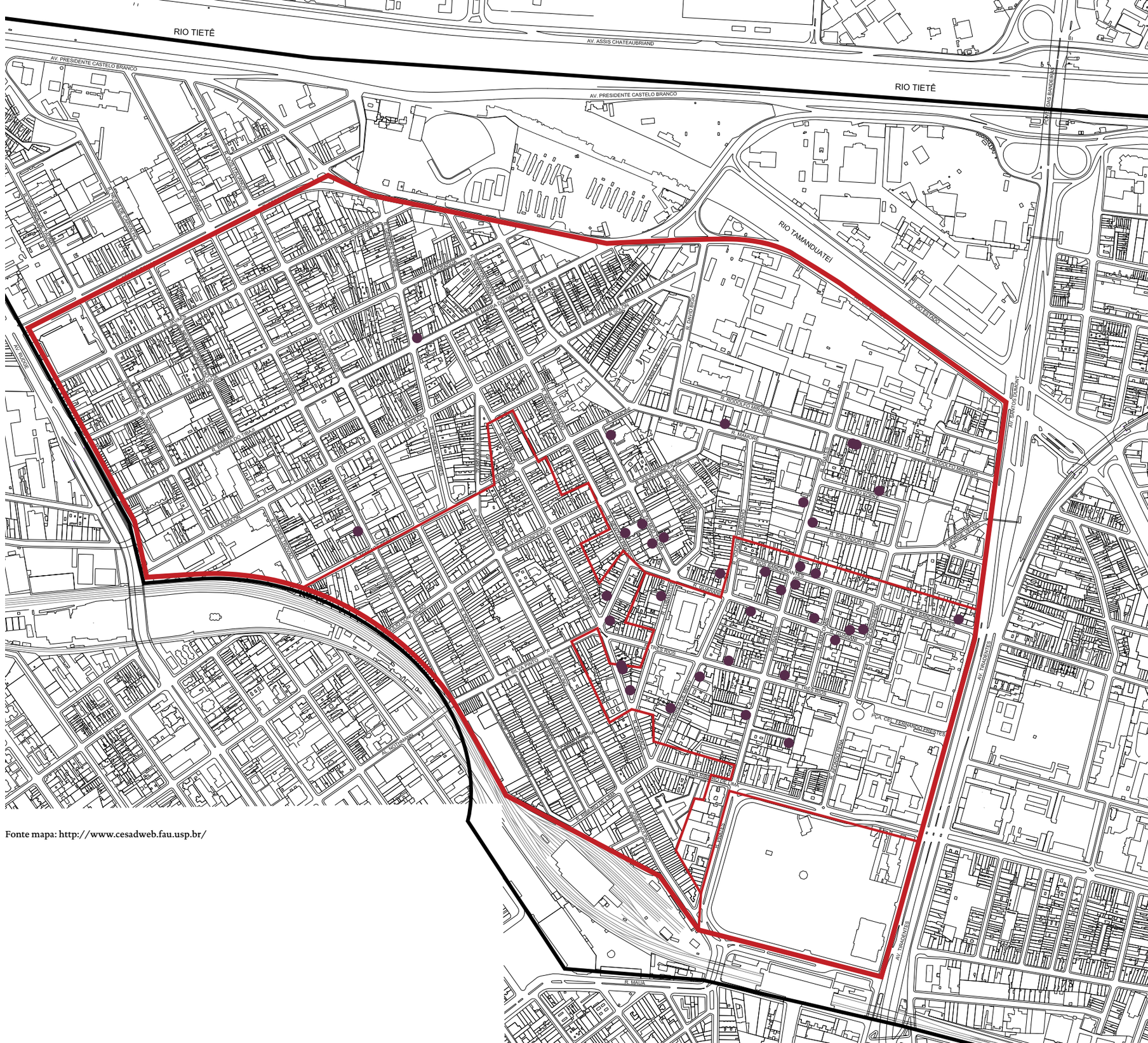
- Limites do bairro
- Limites da área de estudo
- Limites dos setores

Estabelecimentos e equipamentos coletivos da colônia:

- Coreana

Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

MAPA 2.4
Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos da colônia judaica do Bom Retiro. Elaborado com a base no levantamento de campo realizado entre os dias 18 e 22 de julho de 2014 (ver Apêndice 2).



LEGENDA

- Limites do bairro
- Limites da área de estudo
- Limites dos setores

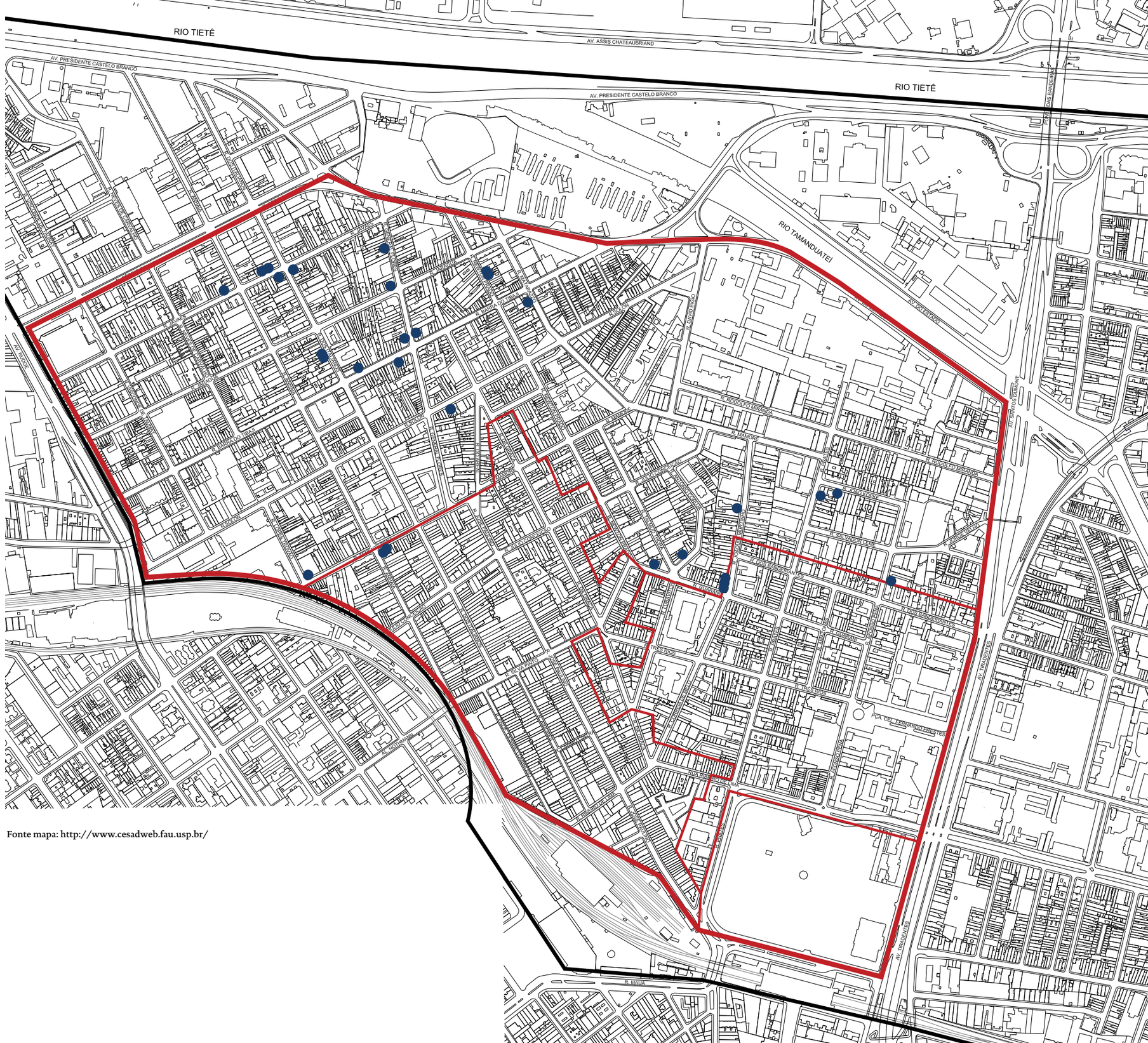
Estabelecimentos e equipamentos coletivos da colônia:

- Judaica

Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

MAPA 2.5

Mapa síntese de localização de estabelecimentos de comércio e serviços e de equipamentos coletivos da colônia hispano-americana do Bom Retiro. Elaborado com a base no levantamento de campo realizado no dia entre os dias 18 e 22 de julho de 2014 (ver Apêndice 2).



LEGENDA

- Limites do bairro
- Limites da área de estudo
- Limites dos setores

Estabelecimentos e equipamentos coletivos da colônia:

- Hispano-americana

Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

Figura 2.16
Discrição como disfarce: confeitaria kasher na R. João Kopke e a mercearia kasher na R. Talmud Thorá. Fotos da autora, 2014.

Figura 2.15
Fachadas fortificadas e dispositivos anti-bomba caracterizam os equipamentos coletivos da colônia judaica. Fotos da autora, 2014.

Figura 2.17
Lojas bolivianas na Rua Joaquim Murtinho. Foto da autora, 2014.

FIGURA 2.18
Sinalização de pontos de venda dentro de residências. Fotos da autora, 2014.

FIGURA 2.19
Anúncios em coreano na mercearia coreana e anúncios em espanhol na lan house. Os estabelecimentos comerciais são importantes pontos de comunicação. Fotos da autora, 2014.

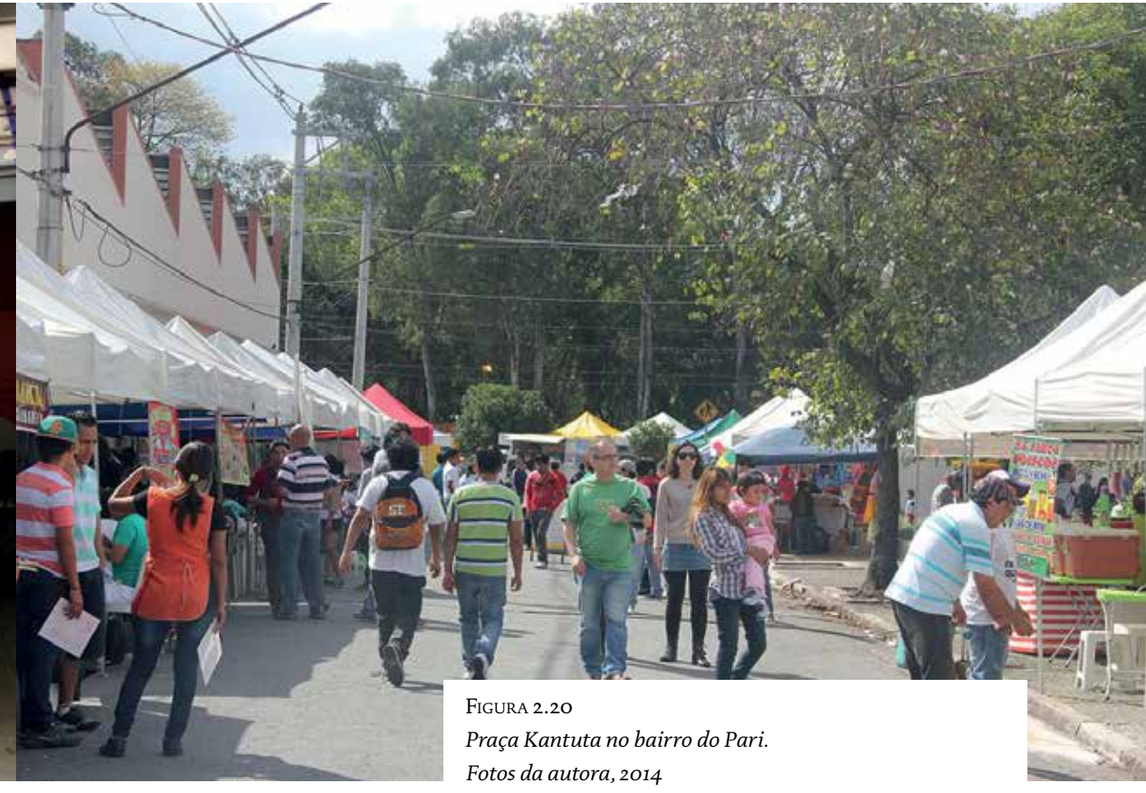


FIGURA 2.20
Praça Kantuta no bairro do Pari. Fotos da autora, 2014

FIGURA 2.21
Torcida coreana na Praça Coronel Fernando Prestes durante a Copa do Mundo de 2014. Foto da autora, 2014.

CAPÍTULO 3
COREANOS DO BOM RETIRO

Antes de entrarmos na descrição do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, dedicaremos presente capítulo à história dos coreanos do Bom Retiro, mais especificamente, à trajetória deles na cidade até a sua chegada ao Bom Retiro e sobre as razões pelas quais decidiram permanecer ali, formando um enclave étnico. Com a presença da economia do enclave étnico fortemente dependente à economia do polo têxtil e com a concentração dos equipamentos coletivos para a congregação dos coétnicos, o Bom Retiro de hoje virou um bairro onde os coreanos de toda a cidade se encontram.

O Bom Retiro não representa o começo da história da imigração dos coreanos em São Paulo. A colônia coreana, inicialmente radicada na região do Glicério desde o início da década de 60, transferiu-se gradualmente para o Bom Retiro, primeiro com as confecções e, depois, com as moradias e as instalações coletivas, consolidando ali um enclave étnico somente no início dos anos 90. Enquanto isso, a colônia coreana de São Paulo não parou de receber novos imigrantes, tornando-se um agrupamento de pessoas de perfis cada vez mais heterogêneos, com diferentes graus de assimilação cultural e padrões de vida. A heterogeneidade social e a estratificação social interna da colônia, que se intensificou com a ascensão social de uma parcela dos imigrantes coreanos durante a abertura do mercado brasileiro do início dos anos 90, são importantes fatores para entender as particularidades da ocupação coreana no Bom Retiro.

3.1.
TRAJETÓRIA DOS COREANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO[15]

O Brasil foi o país escolhido pelo governo sul coreano para a primeira experiência de emigração de caráter oficial e o primeiro grupo de pessoas selecionadas para tal experiência consistiu em 92 civis e 11 ex-militares. Eles embarcaram no porto de Busan (FIGURA 3.1) em dezembro de 1962 deixarando para trás o país assolado pela pobreza e pela

15. A literatura sobre a imigração coreana no Brasil é escassa, motivo pelo qual este capítulo foi elaborado basicamente a partir de dois textos de uma mesma autora: o primeiro é a dissertação de mestrado de Keum Joa Choi (CHOI, 1991) e o segundo é Choi (2011), publicado na Coréia do Sul na ocasião de 50 anos da imigração coreana no Brasil, no qual a autora apresenta análises mais atualizadas sobre a história dos coreanos da cidade de São Paulo.

guerra e regido pela ditadura militar, e tomaram o rumo da cidade de Santos (CHOI, 1991, p. 49-51). Esses primeiros imigrantes e os que seguiram o mesmo caminho pretendiam fixar-se nas fazendas em terras remotas do Brasil como agricultores (FIGURA 3.2). No entanto, logo desistiram da vida no campo, tendo a maioria migrado para a cidade de São Paulo nos meados dos anos 60. Segundo Choi (2011, p. 278-279), essa desistência se deve ao fato de que esses grupos de imigração rural eram compostos por pessoas de origem urbana, com alto nível de instrução, que enfrentaram dificuldades no campo por falta de experiência, e que desejavam educar os filhos na cidade. Assim, formou-se o primeiro enclave de coreanos na cidade de São Paulo na região do *Glicério*, onde podiam contar com a ajuda de alguns coreanos que havia chegado ao Brasil junto com a colônia japonesa e de outros ex-prisioneiros de guerra que haviam escolhido o Brasil para morar depois de terem sido banidos da terra natal. Além disso, o bairro da Liberdade era a fonte de informações, com jornais e revistas em japonês em circulação, pois a maioria dos imigrantes coreanos era fluente em japonês por causa da educação que tinha recebido na época da dominação japonesa na Coreia.

Logo nos primeiros anos, alguns imigrantes que dispunham de recursos montaram negócios próprios e se destacaram como pequenos empresários com estabelecimentos comerciais de diversas modalidades (FIGURA 3.3). Dentre eles, Choi (2011, p. 282) chama a atenção para a confecção de agasalhos e blusas iniciada no ano de 1965, que passou a empregar a força de trabalho de 60% dos coreanos da colônia, fosse costurando em casa o que era encomendado, fosse vendendo seus produtos de porta em porta. Mais importante do que fornecer o sustento imediato, essa experiência serviria para cada um montar sua própria confecção posteriormente. Como a venda por visita lidava com pequenos volumes, os confeccionistas da época começaram a abrir lojas de vestuário na Rua Conde de Sarzedas, rua comercial do Glicério, hoje ocupada por atacadistas de artigos evangélicos. Com acúmulo de capital, os comerciantes coreanos se deslocaram primeiro para o *Brás* e depois para o Bom Retiro[16]. Enquanto o comércio se deslocava, os coreanos permaneceram morando nos bairros próximos ao Glicério, tais como Cambuci e Ipiranga e alguns começaram a transferir-se para a *Aclimação*, nos meados de 70, com a melhoria da condição econômica (id., 1991, p. 100). Relatos da época apontavam situações de prostituição, violência, falta de saneamento e pobreza na região do Glicério, mas os coreanos que chegavam a São Paulo não tinham opção a não ser morar ali para juntar-se à colônia, amenizar impactos de choque cultural e participar da economia dos antecessores para sobreviver (id., 2011, p. 287). O indício dessa permanência é a construção das primeiras igrejas dos coreanos na região: a primeira igreja da colônia, Igreja Presbiteriana Coreana Unida, que foi a maior igreja coreana fora do país até 1982, quando foi superada por igrejas norte-americanas, localizava-se no Glicério e a maioria de outras igrejas fundadas na década de 70 também estava nas proximidades da Aclimação (id., 1991, p. 164). Além disso, a igreja católica escolheu o bairro de Ipiranga para construir a primeira igreja dos coreanos no ano de 1980.

16. Cf. item 4.1.3 desta dissertação para mais detalhes sobre o emprego da mão-de-obra coétnica e sobre a chegada das confecções coreanas ao bairro do Bom Retiro.

Com o fracasso da imigração rural, o governo brasileiro decidiu proibir a imigração coreana a partir de 1968 (ibid., p. 287). No entanto, o crescimento econômico da colônia coreana do Brasil pôde sustentar uma entrada constante de novos imigrantes que passaram a enfrentar meios ilegais para cruzar as fronteiras, provocando uma mudança drástica no perfil de imigrantes. Muitos desses ilegais chegavam via terrestre através dos países vizinhos como Paraguai e a Bolívia, que tinham entrada facilitada para coreanos. Desde os meados dos anos 70, os coreanos que viajavam até o Paraguai seguiam para o Brasil como imigrantes ilegais, ou obtinham o visto de permanência mediante pagamento para morar e trabalhar temporariamente enquanto esperavam por uma oportunidade obter o visto brasileiro e atravessar a fronteira. A maioria tinha o intuito de capitalizar-se no Brasil para seguir a viagem até os EUA. Para ter-se uma ideia da gravidade da situação dos ilegais, a Associação dos Coreanos do Brasil tramitou a legalização de 1000 coreanos em 1969, porém, na década de 70, mais de 70% dos coreanos do Brasil continuavam sem visto de permanência. Nas anistias de 1980 e 1988, aproximadamente 6000 imigrantes coreanos foram beneficiados, e nas anistias mais recentes de 1998 e 2009, uma parte significativa dos beneficiados continuou sendo de nacionalidade sul coreana (GUIMARÃES, 2006; SAMPAIO, 2011).

A entrada dos imigrantes ilegais representa uma mudança de paradigma da imigração coreana no Brasil: uma vez conhecido o destino através dos pioneiros de imigração que vieram com o apoio governamental, a proibição de migrar não foi suficiente para que outros continuassem a vir. Assim, a colônia coreana de São Paulo passou a apresentar sintomas de migração em cadeia. E foi migração desse tipo que manteve o fluxo contínuo de imigrantes coreanos na cidade por décadas seguintes, tanto daqueles que vinham quanto de outros que partiam para outros países em busca de novas oportunidades. Movidos pela rede de informações sobre oportunidades de trabalho, a prosperidade dos coétnicos no mercado de vestuário de São Paulo fez com que os imigrantes se arriscassem e assumissem condição de ilegais para morar na cidade. A presença dos imigrantes ilegais da década de 70 está na base do sucesso econômico dos coreanos no ramo da confecção, pois eles forneciam a preço baixo o que costuravam em casa, nas oficinas caseiras e clandestinas, corroborando, com a mão de obra barata, a alta competitividade dos coétnicos nos polos têxteis do Bom Retiro e do Brás.

Uma vez inseridos na cadeia migratória, o fluxo constante de migração e seu caráter ilegal fizeram com que os dados quantitativos sobre a população de migrantes se tornassem imprecisos. Segundo Choi (2011, p. 327), a somatória da entrada dos coreanos no Brasil até 1996 é de cerca de 260 mil, de acordo com os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar disso, a contagem do governo sul coreano de junho de 2009 soma apenas 50.523 coreanos no Brasil, incluindo segunda e terceira gerações, ilegais, temporários e cidadãos naturalizados (THE OVERSEAS

KOREANS FOUNDATION[17] apud IM; HONG, 2009). Diante disso, Choi (2011, p. 324) estima que a evasão para os Estados Unidos seja a principal razão de ser pouco numerosa a colônia coreana do Brasil apesar de 50 anos de história. Segundo a autora, a imigração acontece fundamentalmente por razões econômicas e a tendência natural é sair de uma região pobre para ir à outra mais rica. Por isso, os Estados Unidos continuam sendo o maior país receptor de imigrantes coreanos possuem uma colônia coreana numerosa, com cerca de 2 milhões pessoas. Esses números mostram quão frágil é a condição de permanência de imigrantes mobilizados por razões econômicas. A imigração coreana foi constantemente motivada pela busca da riqueza e não teve causas relacionadas diretamente com eventos traumáticos e pontuais, tal como foi com a perseguição a judeus durante a Segunda Guerra Mundial, o que fez com que a colônia coreana visse o fluxo contínuo de entradas e saídas de migrantes durante toda sua existência, de acordo com as circunstâncias econômicas dos países de origem e de destino.

Durante as três primeiras décadas de imigração, a maioria dos coreanos que chegava a São Paulo, estabelecia-se na região do Glicério e da Aclimação e ganhava a vida trabalhando com atividades ligadas à confecção. Dentro da economia de confecção, contavam com um mecanismo de ascenção socioeconômica quase que automática: começavam a trabalhar como representantes de venda de produtos de outros coreanos e, quando juntavam um pouco de dinheiro, montavam pequenas oficinas de costura e prestavam serviços terceirizados até serem donos de uma confecção própria (CHOI, 2011, p. 295). Ou, quando não queriam enfrentar o trabalho duro de uma oficina de costura e contavam com um pouco de dinheiro, abriam pequenas lojas de varejo de roupa pela cidade, aproveitando o contato que tinham com os produtores e fornecedores coétnicos.

Na década de 80, com a entrada massiva das confecções coreanas no Bom Retiro, bairro que oferecia gama de moradias que atendia diversas classes sociais, começou a surgir coreanos que preferiam morar lá, perto de onde trabalhavam. A diversidade de atividades econômicas a que se dedicavam os pioneiros da imigração começou a desaparecer, surgindo como o principal ramo de atividades econômicas da colônia a confecção, mais especificamente de moda feminina atacadista de pronta-entrega.[18] Mesmo com a concentração dos coreanos dentro de um nicho específico, novos imigrantes que chegavam ao país ainda podiam pleitear um lugar nela, inserindo-se nesse mecanismo de ascenção. No entanto, a conjuntura econômica da década de 90, junto com o aumento de concorrência entre os coreanos, trouxe uma grande mudança nessa estrutura de trabalho. Sobre essa situação econômica, vamos aprofundar as análises no próximo item, mas, basicamente, a diferença social dentro da colônia aumentou e, em decorrência disso, os coreanos que trabalhavam e cresciam junto até então passaram a ter destinos

17. THE OVERSEAS KOREANS FOUNDATION. Disponível em: <http://www.korean.net/morgue/status_4.jsp?tCode=status&dCode=0105>. Acesso em : 19 de junho de 2009. [s/l], [s/d].

18. Cf. item 4.1.2. desta dissertação sobre coreanos na confecção do Bom Retiro para desdobramentos da adoção do comércio atacadista de moda feminina da modalidade pronta-entrega.

divergentes. Essa estratificação social interna da colônia coreana de São Paulo modificou o padrão de ocupação dos coreanos na cidade da sequinte maneira:

1. O Bom Retiro, onde coreanos já tinham suas confecções, emergiu como um novo enclave dos coreanos, atraindo moradores interessados em residir perto do local de trabalho e na presença de coétnicos. Concomitantemente, o bairro começou a atrair como moradores imigrantes recém-chegados, ilegais e pessoas com pouco poder aquisitivo que passaram a montar pequenos negócios de comércio e serviços destinados para a própria colônia, evitando a concorrência acirrada do mercado de confecção e constituindo um centro comercial para o público coreano, caracterizando o estabelecimento de uma economia de enclave étnico.[19]
2. Os imigrantes antigos, que tinham intenção de permanecer no Brasil e que desfrutavam da boa condição econômica, adquiriram os imóveis residenciais nos bairros de classe média e média alta, de preferência próximos da região central, tais como Aclimação, Higienópolis, Santana e Perdizes, que possuem boas ligações viárias com o Brás e o Bom Retiro onde a maioria mantinha seus negócios.

Antes de prosseguir com mais detalhes sobre as mudanças econômicas dos anos 90 que resultaram na consolidação de um novo enclave étnico dos coreanos no Bom Retiro, vale ressaltar mais uma tendência de ocupação dos coreanos em São Paulo, paralela àquela que se desenvolveu em função da economia de confecção. Nos anos 2000, a entrada massiva das empresas multinacionais coreanas fez surgir uma nova ocupação dos coreanos no Morumbi, composta por funcionários transferidos e suas famílias, por causa da proximidade com centros empresariais da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini. Essa nova ocupação não tem relação direta com a economia da confecção. E ela não é uma imigração, representando um mero deslocamento da força de trabalho por tempo determinado em contratos de trabalho. Com avanço das empresas e ampliação de suas redes de produção pelo território nacional, surgiram ocupações de caráter semelhante em Piracicaba, Campinas, Taubaté, Manaus, etc. A ocupação mais recente com esse perfil se situa em São Gonçalo do Amarante, uma cidade do interior de Ceará, a 60 quilômetros de Fortaleza, onde existe uma indústria siderúrgica coreana (MANECHINI, 2012).

Sem falar a língua local e sem ter necessidade de adaptar-se à cultura do país onde moram, as famílias agregadas a essa rede de trabalho das empresas multinacionais constituem um circuito distinto de lazer e sociabilidade. As donas de casa que acompanham os maridos transferidos, muitas vezes, firmam o contrato de dedicação exclusiva às tarefas de casa, situação que reforça o isolamento social dessas famílias.

19. Cf. item 1.3.2. desta dissertação sobre migração em cadeia e economia étnica para a definição da economia de enclave étnico.

No entanto, as mercearias, os restaurantes e as igrejas do Bom Retiro, assim como os campos de golfe dos arredores de São Paulo, são lugares onde acontece a convivência entre os imigrantes e os transferidos. As escolas internacionais da cidade também são espaços de encontro entre os filhos de transferidos e as crianças de famílias abastadas da colônia de imigrantes coreanos – a preferência dos coreanos pelas escolas internacionais fez com que uma delas determinasse a cota de alunos coreanos nas suas classes (CHOI, 1991, p. 146).

Como mais um grupo de imigrantes que acrescenta a diversidade da colônia coreana do Bom Retiro, podemos fazer uma breve menção também sobre os coreanos de nacionalidade chinesa: são filhos de coreanos que haviam migrado para a China no início do século XX, na época de dominação japonesa na península coreana. Desde então, eles vivem concentrados na cidade Yanbian da província chinesa de Jilin, onde possuem uma administração municipal autônoma e mantêm a língua e os costumes coreanos. Com a recente onda de imigração da China continental no Brasil, eles começaram a fixar-se nas proximidades da Rua Guarani e da Rua Prates do Bom Retiro, local onde os chineses começaram a morar e a estabelecer-se com alguns negócios voltados para sua colônia, tais como restaurantes e bares. Fluentes em duas línguas, porém com um sotaque difícil de passar despercebido, eles parecem permear os dois círculos de sociabilidade. E, aproveitando essa vantagem, estão conquistando postos estratégicos na transação de mercadorias entre a colônia coreana de São Paulo e a China.

Destacar as diferentes características das ocupações coreanas e a heterogeneidade social que existe dentro da colônia coreana do Bom Retiro consiste na tentativa de evitar erro de diagnóstico baseado num modelo de evolução linear como se a colônia coreana representasse uma massa homogênea. Nos textos sobre a imigração coreana no Brasil, é recorrente encontrar afirmações de que a colônia coreana saiu do Bom Retiro, foi se deslocando para Aclimação, Higienópolis e Morumbi, no sentido crescente do padrão socioeconômico e seguindo os passos da colônia judaica. Para começar a apontar os erros, o Bom Retiro, para a colônia coreana, não é o lugar de memória dos primeiros imigrantes, diferentemente de outras colônias que passaram pela história do bairro.

No entanto, por alguma razão, o Bom Retiro de hoje reúne coreanos de todos os perfils que chegaram em diferentes épocas, e que possuem diferentes graus de assimilação cultural e padrões de vida. Eles vão ao Bom Retiro morar, trabalhar, comprar, comer, encontrar pessoas ou participar de cultos religiosos. Lá, os coreanos convivem com essa consciência da diversidade e sabem que alguns estão de passagem e que outros vieram para ficar.

Figura 3.1
Porto de Busan durante a segunda imigração dos católicos coreanos para o Brasil em 1966. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

FIGURA 3.2
Agricultores coreanos no Brasil em 1962. Fonte: Acervo da Associação dos Coreanos do Brasil.

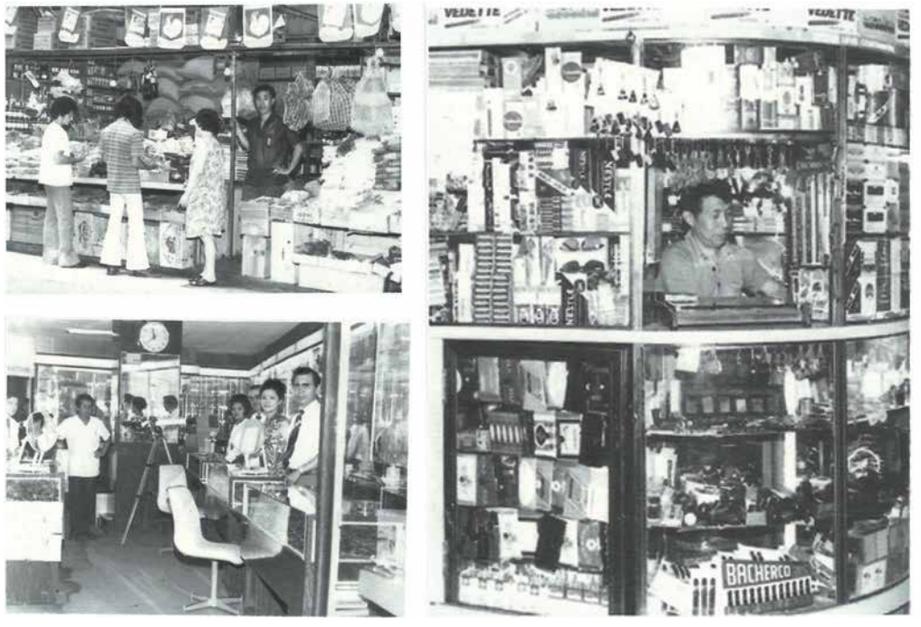


FIGURA 3.3
Diversas modalidades de comércio: mercearia, charutaria e ótica de proprietários coreanos na década de 70. Fonte: COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL, A história de 50 anos da imigração coreana no Brasil 1962-2011. Associação dos Coreanos do Brasil. Ed. Gyo Um Sa, Seul, 2011.

3.2.
CONSOLIDAÇÃO DE UM NOVO ENCLAVE ÉTNICO

Diferentemente das histórias de outras colônias que passaram pelo bairro, a ocupação coreana do Bom Retiro não significou para a colônia coreana o início da história de imigração, mas sim o crescimento econômico dos negócios da confecção. E a prosperidade das confecções e consequente enriquecimento de alguns, por outro lado, significou surgimento de diferenças sociais internas da colônia.

Segundo a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Coreia, cerca de 19 mil coreanos, ou seja, 40% dos coreanos que viviam em São Paulo, já moravam no Bom Retiro em 2002 (ATHIAS, 2002). Ali havia se formado um novo enclave dos coreanos que oferecia uma diversidade nunca vista de comércio e serviços destinados para a própria colônia, e essa diversidade econômica tem uma relação íntima com as diferenças sociais que surgiram em decorrência da situação econômica dos anos 90. Sobre a economia dos anos 90, que causou transformações profundas na colônia coreana, podemos aprofundar a análise no que tange diretamente à ocupação do Bom Retiro a partir dos fatores destacados por Choi (2011, p.305-309).

Primeiro, a autora apresenta três transformações na economia da colônia coreana causadas pela abertura do mercado brasileiro, no ano de 1990, e pela consequente adoção de políticas econômicas neoliberais.

1. **Aumento de importações da Coreia**
   As importações contribuiram para diversificar as atividades econômicas da colônia, principalmente aquelas ligadas ao mercado de confecção (fio, tecido, aviamentos), negócios antes pertencentes a outras etnias, fazendo com que os coreanos ganhassem maior autonomia na cadeia de produção do vestuário. Essa possibilidade de trabalhar com as importações fez muitos transferidos de empresas multinacionais se fixarem no Brasil após o término de seu contrato de trabalho.
2. **Diversificação da economia e estratificação social**
   As políticas neoliberais aceleraram a divisão de classes dentro da colônia. Os novos imigrantes ilegais, ou pessoas sem estabilidade econômica, ou outras que sofreram falência na confecção mudaram para pequenas atividades comerciais voltadas para a própria colônia que não demandavam grandes investimentos iniciais, tais como loja de comida pronta, supermercados, açougue, peixaria, conserto de eletrônicos, sapataria, salão de cabeleireiros, estúdio de fotos, karaokê, etc.
3. **Sofisticação e especialização das confecções**
   As confecções tiveram que sofisticar seus produtos para diferenciar-se da roupa pronta importada da Ásia, causando um tipo de elitização no mercado de confecção.

Depois disso, a autora aponta o aumento do investimento em imóveis causado pela estabilização econômica do Plano Real como o primeiro sinal concreto de permanência dos coreanos no país depois de 30 anos da história de imigração. A aquisição dos imóveis residenciais por aqueles que tinham uma boa condição econômica, no entanto, parece ter ocorrido fora do Bom Retiro.

A partir dessas considerações de Choi (2011), podemos concluir que a *estratificação social foi o fator principal* que marcou a década de 90 e que impulsionou a consolidação de um novo enclave no Bom Retiro. Por um lado, os que detinham o capital, confeccionistas e imigrantes antigos na sua maioria, disputavam os pontos comerciais do bairro, aumentando o valor de locações. Ao mesmo tempo, eles investiam na sofisticação do negócio da confecção, desfrutando da maior rede de fornecedores de matéria-prima importada da Coreia, que começaram a fazer concorrência com antigos fornecedores de outras etnias, obrigando-os a diminuírem preços de seus produtos e barateando ainda mais o custo de produção para os confeccionistas coétnicos. Por outro lado, os menos favorecidos, que não encontravam lugar na confecção, passaram a participar ativamente na formação de um centro de comércio e serviços voltado para o público coreano, estabelecendo ali um polo de economia de enclave étnico[20], que passou a comportar-se como um esquema interno da colônia de redistribuição da renda obtida dentro do polo têxtil pelos coétnicos. Em suma, podemos dizer que a valorização dos imóveis comerciais do Bom Retiro e do Brás e a concorrência acirrada entre os confeccionistas coreanos fizeram com que o mercado de confecção fechasse as portas para quem chegou tarde. Por isso, podemos afirmar que a consolidação do enclave dos coreanos no Bom Retiro é um divisor de águas na história da imigração coreana de São Paulo.

3.3.
BOM RETIRO PARA TRABALHAR E BOM RETIRO PARA MORAR

O Bom Retiro dos coreanos, que se formou dessa maneira, exibe diferentes pesos e significados para a realidade de cada um dos coreanos da colônia. Entretando, partindo da ideia de que a consolidação do novo enclave é um divisor de águas dessa história, podemos trata-lo, grosso modo, dividindo o Bom Retiro dos antigos e o Bom Retiro dos novos. Isso significa que existe uma clara diferença entre os imigrantes antigos, que trabalham nas confecções do bairro, e os imigrantes recentes, que moram no bairro e que dependem das atividades econômicas dentro da colônia para o sustento econômico.

No capítulo seguinte, vamos descrever os espaços desse Bom Retiro dos coreanos, segundo a estrutura organizacional, a começar pelo Bom Retiro para trabalhar, com enfoque na constituição do polo atacadista de moda feminina e na elitização desse mercado representada pelo polo têxtil Aimorés-Lombroso, chamando atenção para a importância do processo de formulação de modalidade particular de produção e venda de vestuário chamada de pronta-entrega, e sua relação com a concentração espacial e consequente valorização imobiliária. Na sequência, vamos falar do Bom Retiro para morar, com destaque na economia do enclave étnico e no cotidiano dos coreanos residentes do bairro que levam uma vida autônoma sem precisar falar português e interagir com a sociedade fora do enclave. Veremos que o domínio de língua é um fator importante na decisão de um indivíduo de morar dentro de um enclave étnico, incitando não só a preferência dos imigrantes novos, mas também dos coreanos de terceira idade. Por fim, fecharemos o capítulo apresentando alguns exemplos de instituições que promovem a comunhão entre coreanos de diferentes perfis, em torno de temas como religião, educação e cultura.

Antes de terminar este capítulo dedicado à história da chegada dos coreanos ao Bom Retiro, é importante frisar que a heterogeneidade socioeconômica da constituição do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro não se aplica à medida que avançamos com as subdivisões: sua estrutura social replica a mesma organização estratificada da sociedade maior, incluindo alguns indícios de segregação residencial, sendo a condição econômica de cada um importante fator na escolha de lugar para morar. Mesmo assim, podemos afirmar que a convivência entre diferentes classes sociais acontece com mais frequência e maior intensidade no Bom Retiro dos coreanos, se comparado aos aspectos de convivência social fora do enclave. E essa convivência de diferentes classes apoiada na afinidade cultural só é possível por causa da estrutura coletiva que o enclave étnico oferece.

20. Cf. item 1.3.2 desta dissertação para a definição da economia de enclave étnico.

CAPÍTULO 4
O BOM RETIRO DOS COREANOS

Há quem diga que os coreanos mudaram radicalmente a aparência do polo têxtil do bairro introduzindo um novo sistema de trabalho nas confecções e investindo na melhoria das ruas comerciais. Enquanto isso, outros chamam atenção para o aspecto decadente de suas moradias e dos restaurantes. Também dizem que a falta de monumentos que fazem referência à cultura coreana denota sua recusa em criar raízes no país. Cada uma dessas presunções comete o erro de olhar para o estereótipo do coreano – figuras conhecidas no bairro pela postura de fechamento e reserva, portanto, de difícil entendimento – e concluir pelos coreanos, sem levar em conta a grande heterogeneidade socioeconômica da sua constituição populacional.

Neste capítulo, vamos descrever o Bom Retiro dos coreanos, dividida em duas partes, enfatizando a heterogeneidade dos atores que compõem a colônia coreana do bairro. Dentro do Bom Retiro dos coreanos, há uma clara distinção entre o polo de economia étnica e o enclave étnico dos coreanos propriamente dito. O polo de economia étnica é o polo têxtil, de que participam diversas etnias do bairro, cada uma ocupando-se de uma modalidade e constituindo, assim, uma cadeia completa e autossuficiente de produção e venda de artigos de vestuário. E o enclave étnico é composto pela concentração de moradias, de estabelecimentos de comércio e serviços voltados para a colônia coreana e de equipamentos coletivos. Justificamos a inclusão do polo de economia étnica na descrição do enclave étnico pela forte relação de associação e de dependência que se estabelece entre o espaço de moradia e o espaço de trabalho dentro do bairro, apontada por Mangili (2011, p. 55) como sendo uma das características iniciais do Bom Retiro que permanece após as transformações urbanas do bairro decorrentes da metropolização de São Paulo.

4.1. POLO TÊXTIL AIMORÉS-LOMBROSO

Papaya, Manga Doce, Chica Fulô, Sedução – são essas as palavras dos letreiros que coroam as luxuosas vitrines com que nos deparamos ao dobrar a esquina da Rua Silva Pinto para entrar na Rua Aimorés (FIGURA 4.1). Por mais que o comércio do vestuário do Bom Retiro seja conhecido pela rua comercial mais antiga do bairro, a José Paulino, quem trabalha com a moda feminina sabe que um dos maiores centros atacadistas do país dessa modalidade se localiza nas ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso, duas ruas estreitas, cada uma com aproximadamente 300 m de extensão, que correm paralelamente

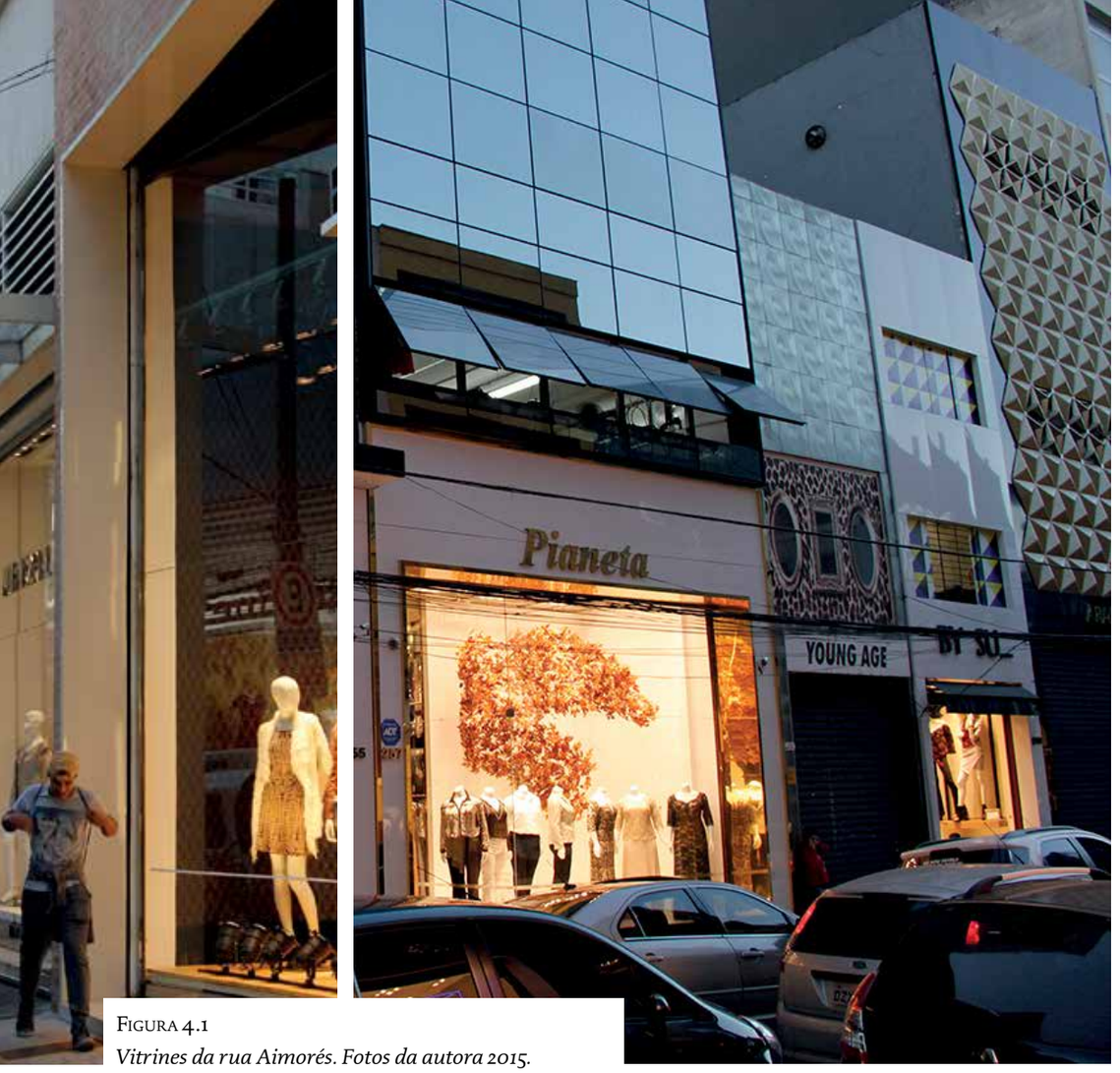


FIGURA 4.1
Vitrines da rua Aimorés. Fotos da autora 2015.

à José Paulino e à ferrovia. Apesar de os donos das confecções localizadas nessas ruas serem coreanos ou brasileiros nascidos nas famílias coreanas, os nomes que remetem à brasilidade e as fachadas de fino acabamento, porém de aparência comum que nada remete à etnicidade, contrariam a expectativa de quem tenta ver algum sinal da cultura coreana expresso nessas ruas.

As confecções atacadistas de moda feminina do Bom Retiro têm a clientela composta na sua maioria por mulheres, e 60% delas são donas de pequenas lojas de varejo de todo o país (DINIZ, 2012[21]), ou seja, são compradoras profissionais que vêm abastecer seus estoques para revenda. Andam pelas calçadas da Aimorés e da Lombroso, cada

21. De acordo com a reportagem, 95% dos clientes das lojas do Bom Retiro são mulheres e 60% delas são donas de butiques e pequenas lojas. O restante são as sacoleiras.

uma arrastando uma grande mala de rodas e analisando as roupas expostas nas vitrines. Vestem-se confortavelmente, porém, com elegância, porque fazer compras ali significa andar muito, mas também significa fazer contato profissional com seus fornecedores que são os atacadistas coreanos.

Através da qualidade dos produtos expostos nas vitrines e da maneira como os apresenta, pode-se perceber que existe ali na Aimorés e na Lombroso um esforço de destacar-se em relação ao que se vê nas outras ruas do bairro. De fato, ter um ponto comercial numa dessas duas ruas é considerado um grande prestígio entre os coreanos da colônia, pois é sinônimo de ser confeccionista de sucesso. Pelas informações que são transmitidas boca a boca, por mais sigilosas que elas sejam, todos sabem o que custa manter um negócio lá, num dos pontos de venda mais caros da cidade, perdendo apenas para aqueles da Rua 25 de Março em seu valor imobiliário (EMBRAESP[22] apud DANTAS, 2006).

Para entender o que o sucesso comercial dessas duas ruas significa para a colônia coreana, este subcapítulo sobre o polo têxtil Aimorés-Lombroso começará com um breve histórico do polo têxtil do bairro onde ele se insere, acompanhado da descrição do setor comercial e produtivo formado ao redor da Rua José Paulino. Depois, apresentará uma história mais detalhada dos coreanos na confecção para mostrar a mudança que sua presença provocou na economia do Bom Retiro e da colônia coreana, explicando o processo de evolução das confecções coreanas, aliada à adoção de modalidade particular de produção e venda, chamada de pronta-entrega. E destacará alguns desdobramentos da rápida valorização imobiliária causada pelas especificidades dessa modalidade de pronta-entrega e também pela vigorosa atividade de confecção dos coreanos. Na sequência, retomará o caso específico do polo Aimorés-Lombroso para discorrer sobre o processo de transformação urbana pela qual ele passou ao deixar de lado o estigma de ter sido antiga zona de meretrizes para estabelecer-se como centro de moda feminina atacadista de abrangência nacional. E, por fim, descreverá a tipologia arquitetônica das confecções coreanas, mostrando como ela articula os espaços de produção e venda.

4.1.1.
POLO TÊXTIL DO BOM RETIRO: UM POLO DE ECONOMIA ÉTNICA

De acordo com a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) do Bom Retiro, 1.400 das 1.700 lojas do Bom Retiro possuem fábricas próprias dentro do bairro. O Bom Retiro de hoje, portanto, é um bairro dedicado à indústria têxtil e ao comércio de produtos de fabricação própria, e suas atividades geram 50 mil empregos diretos e 30 mil empregos indiretos. O principal ramo de atividade é a moda feminina: estima-se que 55% da moda feminina do Brasil saem do Bom Retiro (CDL, s/d). Apesar do tamanho da economia que ele promove, o polo têxtil do Bom Retiro é um pequeno espaço dentro da cidade que se resume à Rua José Paulino e a algumas outras ruas adjacentes – é pequeno, porém, densamente ocupado. Por mais que

22. Dados da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp).

sejam as lojas que chamem a atenção de quem anda por essas ruas, dando a impressão de que somente o comércio está presente ali, é importante ressaltar a discreta presença de pequenos espaços de produção industrial que permeia todo o espaço comercial. A indústria têxtil do Bom Retiro ainda persiste apesar da tendência de desindustrialização dos bairros centrais de São Paulo e organiza-se como pode, em unidades de produção fracionadas e abrigadas nas sobrelojas de prédios comerciais ou nos fundos de antigas residências (SOUCHAUD, 2011, p. 70-71). O que faz possível essa indústria têxtil continuar em atividade é a mão de obra de imigrantes, cada etnia dedicada a modalidades distintas, e podemos dizer que o polo têxtil do Bom Retiro é um *polo de economia étnica*, um espaço de concentração e de cooperação de empreendimentos étnicos de diversas origens que abrange toda a cadeia de produção e venda de artigos de vestuário.

Pouco mais afastado do burburinho do setor comercial, na parte baixa do Bom Retiro, podemos encontrar confecções de médio ou grande porte e tecelagens instaladas nos galpões industriais. Devido ao rápido fluxo de mercadoria, os confeccionistas preferem manter a produção e o estoque próximos aos pontos de venda para que a reposição da mercadoria vendida seja imediata. Observando o caminho das mercadorias, podemos perceber que existe uma organização muito clara na constituição espacial do bairro que é a logística da produção e da venda.

É comum em qualquer cidade grande encontrar vendas atacadistas e fábricas onde param os trens. O Bom Retiro tem duas estações de trem, já teve um terminal rodoviário e ocupa uma posição privilegiada na rede viária em relação à cidade e à região metropolitana. Junto a outros bairros vizinhos da orla ferroviária, é o berço da indústria nacional e do proletariado urbano. No entanto, naquela fase industrial e operária do início do bairro, apesar da presença de uma grande indústria de tecelagem, a vocação do bairro não era do ramo têxtil. E o que ocupava a Rua José Paulino – a rua principal do comércio do bairro, até então chamada de Rua dos Imigrantes – não era o comércio de roupas como hoje e nem os italianos, população predominante da época, mas pequenos armazéns de portugueses que vendiam secos e molhados.

A partir da década de 40, com o *boom* imobiliário da cidade de São Paulo e a concentração dos judeus, além da alta da atividade têxtil promovida por eles, que passou a ser a modalidade econômica predominante do bairro, o Bom Retiro começou a sofrer uma grande mudança nas estruturas física e econômica. A ocupação judaica transformou radicalmente o bairro que, até então, era dominado por pequenos comércios e oficinas de fundo de quintal e também pelo aspecto residencial, representado por habitações modestas. Sobre essa transformação, descreve Dertônio (1971, p.23):

> *Muitas velhas casas da rua (José Paulino) foram derrubadas e no lugar se construíram grandes galerias, com centenas de lojas em cada uma, principalmente de artigos de vestuário, muitas delas tendo, nos fundos, suas próprias oficinas de costura ou fábricas de malhas, gravatas e quejandas mercadorias. Sobrou pouco espaço para o restante do comércio.*

Nessa época, os judeus estavam comprando as propriedades da parte alta do bairro, derrubando o que existia e erguendo novas construções. A instalação do polo têxtil ocorreu junto com o adensamento proporcionado pela verticalização das construções abrigando o uso misto de comércio e indústria (MANGILI, 2011, p. 107), ou seja, de edifícios de vários pavimentos com a loja no piso térreo e o restante dedicado ao espaço de produção industrial. Esse padrão de ocupação foi se expandindo a partir da Rua José Paulino, tomando as travessas e as ruas adjacentes, conferindo ao polo têxtil complexidade espacial e maiores dimensões.

Com isso, o tamanho do setor têxtil logo atingiu limites de difícil transposição, ficando o crescimento horizontal limitado desde então. O comércio que começara a partir da Estação da Luz desceu a Rua José Paulino e espalhou-se até encontrar a ferrovia e a antiga zona de meretrizes a oeste, o Jardim da Luz e o bairro residencial recém-verticalizado a leste e a Rua Mamoré a norte. Sobre a Rua Mamoré ainda havia relatos de inundações frequentes e desbarrancamentos na década de 70 por causa do rio que chegava até ali apesar de ter sido retificado (DERTÔNIO, 1971, p. 73), o que fez dela a divisa entre as partes alta e baixa do bairro. As ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso, também ficaram de fora da agitação do comércio por muitos anos, com movimento fraco apesar da presença de algumas confecções, pequenas indústrias e armazéns, sofrendo o estigma de ter sido zona segregada de prostituição na década de 40. Foi só com a chegada das confecções coreanas nos anos 90 que essas duas ruas foram ocupadas pelo comércio com força total ultrapassando a José Paulino em termos de valor imobiliário.

Nos anos 70, ao entrar no Bom Retiro, coreanos encontraram uma infraestrutura pronta para morar e trabalhar como herança da colônia judaica. A maior parte das modificações posteriores à evasão dos judeus é superficial (FIGURA 4.2). No geral, os espaços construídos pelos judeus na parte alta do bairro tem se mantido, tanto nas edificações destinadas ao comércio quanto às residências. A presença dos coreanos contribuiu para melhorias notáveis na qualidade de espaços comerciais apesar de poucas modificações estruturais, principalmente nas áreas periféricas do polo têxtil, tais como as ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso, além do segundo trecho da Rua José Paulino – do cruzamento com a Rua Silva Pinto ao final – e os quarteirões iniciais da Rua dos Italianos.

Assim, ao longo do processo de evolução da economia do bairro, cada colônia de imigrantes contribuiu com técnicas novas e vocações diferentes na conquista por seus espaços. Podemos dizer que o polo têxtil que vemos hoje é a somatória dos esforços coletivos das colônias que passaram pelo Bom Retiro. Enquanto italianos conferiam o caráter industrial ao bairro, sendo a base da classe operária e empreendendo indústrias de pequeno e médio porte, os portugueses iniciaram

os primeiros comércios na Rua José Paulino. E, depois, os sírio-libaneses, gregos, armênios e, principalmente, judeus se dedicaram aos negócios têxtis construindo, juntos, a maior parte do que se entende como polo têxtil de hoje. Com a saída da colônia judaica do Bom Retiro, os coreanos vieram para ocupar os estabelecimentos locais, com a produção de moda feminina e o comércio atacadista, empregam a mão de obra de imigrantes dos países vizinhos, na sua maioria boliviana, e concorrem com os chineses nas importações.

O MAPA 4.1 retrata o polo têxtil do Bom Retiro como este se encontra hoje, mostrando de que maneira essa história de sucessões, concorrências e cooperações na economia têxtil do bairro se traduz espacialmente. Aqui, podemos observar a típica setorização do comércio de rua, cada rua dedicada a uma modalidade. O objetivo dessa setorização é sempre manter a uniformidade para atrair grupos de frequentadores de perfil similar e crescer juntos. E entre diferentes modalidades, a relação de cooperação é clara também, pois todas estão voltadas para a indústria de moda, o bairro todo se comportando como uma estrutura autossuficiente de produção e venda de artigos de vestuário (FIGURAS 4.3, 4.4 E 4.5).

Nessa setorização do polo têxtil do Bom Retiro, visto que cada colônia de imigrantes do bairro trabalha com uma modalidade específica da economia de vestuário, podemos observar que as ruas organizadas por modalidades podem também coincidir com a concentração de diferentes etnias. Hoje, no Bom Retiro, 80% das confecções são de moda feminina e têm proprietários de origem coreana (DINIZ, 2012). Quem trouxe essa modalidade de negócios ao bairro, onde judeus, sírio-libaneses e gregos trabalhavam principalmente com malharia e tecelagem, e construiu ali um polo atacadista de moda feminina foram os coreanos. Ao comparar os mapas 4.1 e 4.3, que mostra distribuição dos negócios dos coreanos dentro desse polo têxtil, poderemos ver que as ruas de moda feminina são também as ruas que mais concentram os negócios dos coreanos.

Antes de avançarmos com uma análise mais detalhada sobre a história dos coreanos na confecção do bairro, vamos destacar algumas características espaciais gerais do polo têxtil do Bom Retiro. Primeiro, ele é um polo de *comércio de rua* remanescente da época que antecede o surgimento dos *shopping centers*, do tempo em que os estabelecimentos comerciais da cidade eram voltadas para as ruas. O Bom Retiro abriga uma das poucas ruas de São Paulo que ainda ostentam grande fluxo de compradores. As calçadas tiveram seus postes removidos e sua fiação elétrica enterrada numa recente intervenção urbana, mas transbordam de gente nos horários de entrada e saída de trabalho ou aos sábados, quando até os atacadistas da José Paulino abrem parte do seu estoque à venda a varejo. No setor de varejo da José Paulino,

frequentemente a circulação de pedestres fica interrompida por pessoas que param para ver as vitrines ou para negociar mercadorias nas barracas dos vendedores ambulantes. Os apressados, entre eles os carregadores com carrinho de mão e bicicletas, formam um segundo corredor de circulação entre a fileira carros estacionados no meio-fio e a pista de rolamento dos carros. O fluxo fica contido assim na beirada até que acontece o congestionamento total e os carros deixam os pedestres invadirem a pista (FIGURA 4.6). No entanto, esta cena de comércio de rua é algo cada vez mais raro de ver-se até mesmo no Bom Retiro. Os comerciantes mais antigos do bairro ainda se lembram do tempo em que as lojas ficavam abertas até as 10 da noite para atender os clientes que vinham fazer as compras de final de ano.

A segunda característica é a *verticalização das unidades de produção e o uso misto de comércio e indústria*. Se o comércio precisa estar em contato direto com as ruas para receber os clientes e expor seus produtos, ele passa a ter a limitação de poder ocupar somente o nível térreo. Mesmo assim, os edifícios comerciais do bairro se verticalizaram para poder abrigar espaços próprios para produção e estoque nos andares de cima, otimizando o processo de produção e venda e aproveitando o fato de tratar-se de uma indústria de pequeno porte sem necessidade de emprego de maquinário pesado. Essa tipologia também é a herança da colônia judaica, que produzia o que vendia, introduzindo uma nova modalidade de venda da fábrica diretamente ao consumidor. Como consequência, criaram uma nova tipologia de edifício de uso misto entre comércio e indústria em que a oficina era dependência da loja (FELDMAN, 2013, p. 10). Os confeccionistas coreanos que ocupam esses edifícios verticalizados trabalham com modalidade diferente, de venda atacadista, mas conseguíram adaptar os espaços existentes a seus negócios, sem necessidade de grandes alterações.

A última característica a ser destacada do centro comercial do Bom Retiro é a presença das galerias, que se comportam como extensões das calçadas para dentro das quadras e que interligam a Rua José Paulino às ruas adjacentes (FIGURAS 4.7, 4.8 e 4.9; mapa 4.2). Quem faz compras na José Paulino consegue transitar por essas galerias sem impedimento e sem distinção dos limites do público e do privado. Elas adentram os lotes comerciais, mas abrem-se para a calçada trazendo o espaço público para dentro, sendo fechadas com portões apenas à noite e nos finais de semana. A construção das galerias resulta em maior número de pontos comerciais em contato com o fluxo de pedestres e maior permeabilidade para a circulação de pessoas. As galerias também são legados da época da colônia judaica e sua distribuição mostra como o polo têxtil da época era organizado em função do eixo comercial da Rua José Paulino. Hoje já não se valoriza mais essa tipologia, pois o comércio de rua está em constante queda. O Bom Retiro resistiu por mais tempo nas ruas em comparação a centros comerciais de outros bairros da cidade, mas começa a dar sinais de que está sucumbindo a novas tendências.

LEGENDA

Limites do setor 1 - polo têxtil

Modalidades de negócios do polo têxtil:

- Moda feminina - atacado
- Moda feminina - varejo
- Aviamento
- Tecido
- Máquina de costura
- Bijuteria
- Oficinas
- Roupa pronta importada

Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

MAPA 4.1
Polo têxtil do Bom Retiro e as diferentes modalidades de comércio. Elaborado a partir do levamento de campo realizado em novembro de 2015.

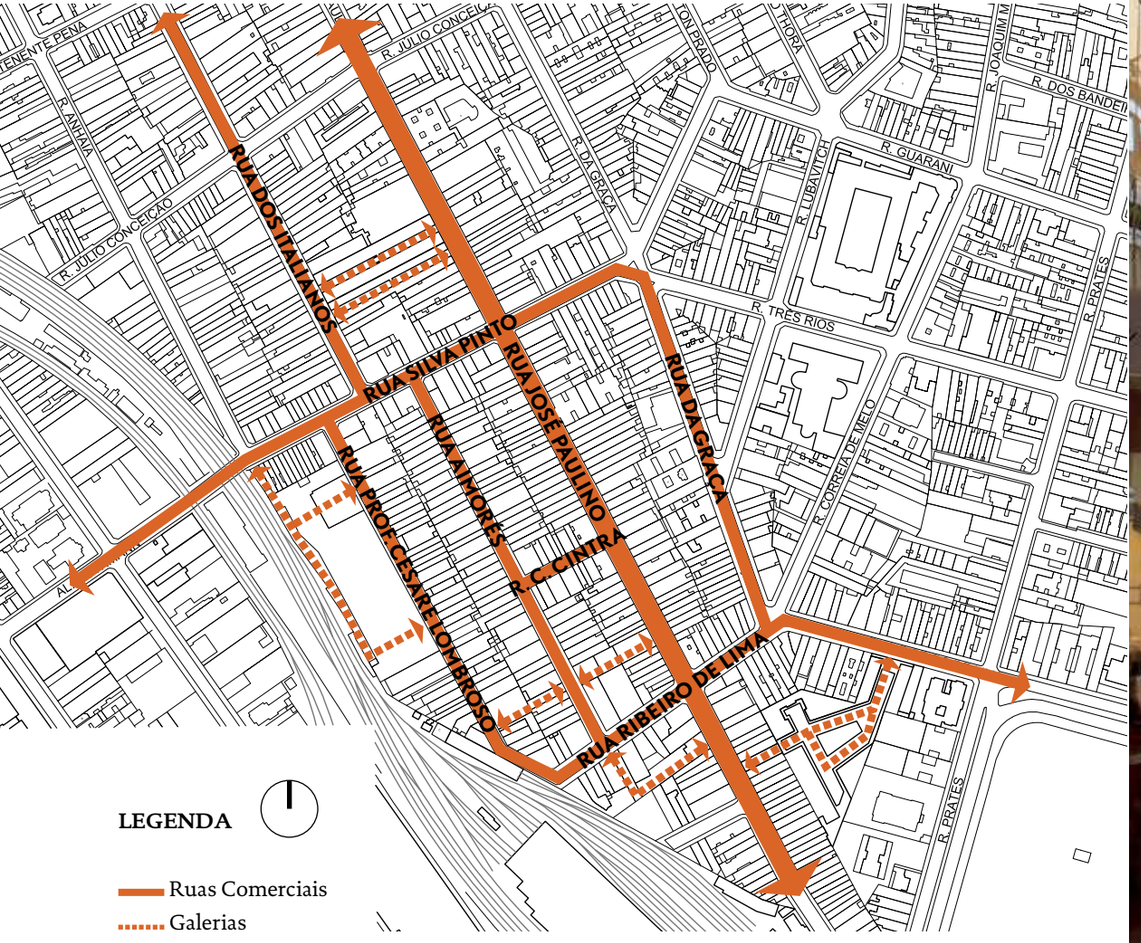
FIGURA 4.2
Antes e depois da José Paulino – no ano de 1977 e hoje. A grande maioria dos antigos edifícios de uso misto com comércio no térreo, construído pela colônia judaica para instalar seus negócios de confecção, mantém a configuração espacial original. Fonte: foto da autoria de Cristiano Mascaro, in: LÁ NO Bom Retiro, onde São Paulo resiste. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 de janeiro de 1977; e foto de Marcelo Lee, 2016.

FIGURA 4.3
Rua Mamoré e a venda de maquinarias de costura.
Foto de Marcelo Lee, 2016.

FIGURA 4.4
Rua Julio Conceição e lojas de aviamentos.
Foto de Marcelo Lee, 2016.

FIGURA 4.5
Lojas de tecido na rua da Graça. Foto da autora, 2016.

Figura 4.6
Rua José Paulino com o movimento de um sábado típico. Fotos da autora, 2015.



Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

MAPA 4.2
Localização das galerias comerciais. Elaborado a partir do levantamento de campo de setembro de 2015.

FIGURA 4.7
Galeria Nova José Paulino. Foto da autora, 2015.

Figura 4.8
Shopping Bom Retiro, do projeto do arquiteto judeu de origem polonês Lucjan Korngold. Fotos da autora, 2015.

Figura 4.9
Galeria da Rua dos Italianos. Todo o espaço acima do nível térreo da galeria é dedicado ao uso industrial. Fotos da autora, 2015.

4.1.2.

COREANOS NA CONFECÇÃO DO BOM RETIRO

Segundo os dados do Consulado Geral da República da Coreia de fevereiro de 2011, 98% dos coreanos do Brasil moram na cidade de São Paulo, 60% dos quais se dedicam à moda feminina, e o que eles produzem corresponde a 40% da indústria têxtil brasileira (CHOI, 2011, p. 273). Esses números comprovam que a participação dessa minoria étnica na indústria têxtil é significativa, e que a economia têxtil tem grande importância na vida dos coreanos de São Paulo. Apesar de confeccionistas coreanos estarem divididos entre o Brás e o Bom Retiro, sendo de empresários coreanos 65% das confecções do Bom Retiro e 33% do Brás (ibid., p. 274), é no bairro do Bom Retiro onde a colônia coreana tem maior representatividade, não só na atividade econômica, mas também com seus equipamentos coletivos, formando um enclave étnico. Como já pudemos ver no capítulo 3, a entrada dos coreanos no Bom Retiro é relativamente tardia e, antes que viessem a morar no bairro, ocuparam-no com as confecções, visando concretizar ali o sonho de ter negócios próprios.

A maior parte dos coreanos do Bom Retiro, assim como do Brás, trabalha nas confecções de moda feminina, variando entre as seguintes modalidades: moda jovem – comumente chamada de "modinha" ou *"fast fashion"*, roupas sociais, roupas de tamanhos grandes e vestidos de festa. Porém, independente do tipo de produtos que produzem, em termos de processo de produção e venda, a maioria dessas confecções operam na modalidade de pronta-entrega, que apresentaremos com mais detalhes adiante.

A partir da abertura do mercado brasileiro, ocorrida nos anos 90, e a consequente diversificação do mercado têxtil, coreanos ocupam espaço também na importação de tecido e de aviamentos, o que proporcionou maior grau de autonomia para os negócios da colônia. A ascensão econômica coletiva dos coreanos – possibilitada pela existência da rede de relações sociais estreitas de cooperação, confiança e preferência pela qual se constitui uma economia étnica – provocou uma transformação rápida no polo têxtil do Bom Retiro, principalmente das ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso. Mas antes de vermos as especificidades da evolução espacial do polo Aimorés-Lombroso, traçaremos um breve histórico dos coreanos no mercado de confecção do bairro, desde a sua inserção até a constituição do polo atacadista de moda feminina dos dias de hoje (MAPA 4.3).

DÉCADA DE 70 – OS PIONEIROS

Hoje a maioria dos coreanos trabalha com a venda por atacado de moda feminina. Mas, ainda na década de 70, quem tinha pouco de dinheiro trabalhava em casa ou nas oficinas de costura fornecendo mão de obra barata para os conterrâneos que possuíam estabelecimentos comerciais e outros confeccionistas do Bom Retiro. Ou, se contava com algum recurso, abria pequenas lojas varejistas de roupa, chamadas de *butiques*, espalhadas pelos centros comerciais de bairros como Penha, Lapa, Pinheiros e Saúde. Os confeccionistas de porte maior, que eram varejistas e atacadistas ao mesmo tempo e que forneciam mercadorias para essas butiques, estavam saindo do bairro do Glicério para estabelecer-se no Brás ou no Bom Retiro. Segundo Choi (2011, p. 293), algumas pequenas malharias e oficinas já tinham se instalado no Bom Retiro e no Brás desde o fim da década de 60, mas o registro da primeira loja de coreanos na José Paulino é de 1977, inaugurado no número 46. Logo em seguida, abriram mais duas, uma delas também na primeira quadra da mesma rua e a outra dentro da galeria que faz a ligação entre a José Paulino e a Aimorés. Esses confeccionistas de maior porte eram, então, os principais fornecedores das butiques dos coétnicos. Os coreanos que costuravam, por sua vez, vendiam roupas produzidas dentro das suas casas para essas lojas. Com o emprego da mão de obra barata dos ilegais e dos menos favorecidos da própria colônia, eles aumentavam sua força na concorrência com o baixo preço dos produtos vendidos.

Além desses coreanos da José Paulino, há relatos dessa época de outros coreanos no bairro, de oficinas espalhadas em locais mais baratos fora da rua principal de comércio, tais como a Rua Três Rios e a Rua Ribeiro de Lima. A presença dos coreanos no Bom Retiro começava a chamar atenção pela etnicidade, mas a sua participação no comércio do bairro ainda era pequena. Num jornal de 1977, podemos encontrar um dos relatos mais antigos sobre um confeccionista coreano do bairro:

> *Mas não são os japoneses, nem os nísseis, os amarelos que estão se misturando aos demais imigrantes e migrantes no Bom Retiro. De dois anos para cá, cerca de oitenta coreanos, estabelecidos no ramo de confecções, principalmente no de agasalhos masculinos, montaram suas indústrias e lojas pelo bairro. Na Rua Ribeiro de Lima, esquina com Correia de Melo, Hee Ho Shin, proprietário da Shintex, contou com grande dificuldade, pois ainda não domina a língua, que a colônia coreana acabou entrando no ramo de roupas por puro acaso (…) Shin ainda não se acostumou com a comida da região, mas, como por enquanto ainda não montaram nenhum restaurante coreano no bairro, alimenta-se com frutas, adquiridas nas duas maiores quitandas do Bom Retiro, pertencentes a patrícios seus (LÁ NO … , 1977).*

Antes de sistematizarem o processo de produção e comércio com foco na venda atacadista, dando formato ao negócio que é a confecção coreana de hoje, a organização de fluxo de mercadorias e a comunicação entre os que produziam e os que vendiam eram muito confusas. Os poucos confeccionistas que começavam a estabelecer-se no Bom Retiro e no Brás faziam sucesso como varejistas, graças ao preço baixo dos produtos vendidos, e também como atacadistas, pois concentravam as produções das oficinas caseiras e organizavam a distribuição. Ao distribuir as mercadorias, garantiam o fornecimento

a apenas um varejista por bairro e, assim, mantinham a fidelidade com seus clientes. Porém, a oferta era pouca e a demanda era grande. Uma comerciante varejista da época retrata a dificuldade que enfrentava para conseguir mercadorias para vender:

> *Como havia poucas confecções dos coreanos, era difícil conseguir a mercadoria. A regra era que cada confecção fornecia para um comerciante do bairro. (...) Quando não conseguia mercadorias, assim que fechava a loja, ia às ruas atrás de roupa, vagava por aí até de magrugada batendo nas portas das casas. Assim, conseguia algumas coisas para vender.*[23]

DÉCADA DE 80 – ENTRADA MASSIVA DOS COREANOS NAS CONFECÇÕES DO BOM RETIRO E ADOÇÃO DA PRONTA-ENTREGA

No Bom Retiro do início da década de 80, o número de confecções coreanas teve um aumento repentino. Naqueles anos, os coreanos estruturaram seus negócios no formato que a maioria adota até os dias de hoje, preparando-se para o grande crescimento econômico da década seguinte. A entrada de grande número de coreanos é o resultado de algumas mudanças que ocorreram na época, tanto externas quanto internas à colônia coreana. Como fatores externos e decisivos para isso, podemos enumerar os seguintes:

1. Decadência do comércio de rua
2. Envelhecimento da primeira geração dos imigrantes judeus

Os fatores internos foram principalmente:

1. Sucesso dos pioneiros
2. Acúmulo de capital
3. Introdução de pronta-entrega
4. Entrada da "*geração 1,5*"[24] no mercado da confecção

Com a consolidação dos *shopping centers* na cidade de São Paulo como nova forma de comércio varejista, os coreanos que detinham pontos de varejo nas ruas da cidade relatam terem sentido queda na procura dos seus produtos. Inspirados pelo sucesso dos confeccionistas pioneiros, e já com certo nível de capital acumulado, seja pelo varejo de roupas, pelos serviços de costura ou pelas atividades comerciais de outras modalidades, muitos decidiram procurar pontos comerciais no Brás e no Bom Retiro para abrir uma confecção própria.

23. Trecho da entrevista 1-8 (ver APÊNDICE 1).

24. A expressão "geração 1,5" é usada pelos coreanos para designar o grupo de imigrantes nascidos na Coreia que migraram para o Brasil ainda crianças e que concluíram sua formação escolar no Brasil.

No Bom Retiro, isso coincidiu com o envelhecimento da primeira geração dos imigrantes judeus que já tinham idade adulta quando chegaram ao bairro na década de 40. Com a ascenção social e econômica da colônia judaica, a maior parte da segunda geração de imigrantes judeus estava deixando o comércio e o bairro. Para os poucos que sobraram e insistiram em levar os negócios de confecção adiante, a difícil concorrência com os produtos baratos oferecidos pelos coreanos e a forma direta com que chegavam para negociar a transferência dos pontos pareciam ameaçadoras. Mas, passado o susto inicial, os judeus do Bom Retiro não demoraram a perceber que a locação das propriedades era um negócio rentável e estável, ainda mais para os coreanos que tinham seus empreendimentos em alta. Assim, de um modo geral, a transição da colônia judaica para a colônia coreana nos negócios foi pacífica. Um antigo morador do bairro – membro da colônia judaica e locatário de diversos imóveis comerciais – relata sobre essa transição:

> *Não teve rivalidade no comércio porque os coreanos foram ocupando o que os judeus deixavam para trás.*

E acrescenta:

> *A convivência funciona perfeitamente bem, harmoniosamente bem desde que o preço que judeus pedem os coreanos paguem e desde que haja uma porta de negociação. Nunca houve uma desavença que chamasse atenção entre judeus e coreanos. Sempre é uma questão de números. Adequados os números, a convivência é muito boa. Se não adequados, ela não fica uma convivência ruim. Simplesmente cada um vai para seu lado, o judeu vai procurar outro inquilino e o coreano vai procurar outro imóvel.*[25]

Começava, assim, uma parceria duradoura entre os coreanos e os judeus do bairro que persiste até os dias de hoje. Desde essa época, as imobiliárias do bairro são os pontos de maior diálogo entre as duas colônias, intermediando ajustes de interesses e conflitos.

A alta competitividade dos negócios dos coreanos se devia ao baixo custo de mão de obra costureira dos próprios coreanos, como mencionado anteriormente. Um jornal do ano de 1978 descreve as condições precárias de moradia de uma família de imigrantes coreanos ilegais que se sustentava com os ganhos de uma oficina de costura caseira:

> *O senhor Lee – um nome fictício – só abre a porta depois de trocadas algumas palavras em coreano com o imprescindível guia. Ultrapassado o batente, descortina-se toda a vida de uma família de cinco pessoas que trabalha, come e dorme em um quadrado de 6*

25. Trecho da entrevista 2-3 (ver APÊNDICE 1).

> *metros por 5. Duas máquinas de bordar sob uma lâmpada, um sofá e um guarda-roupa que serve de divisória entre o quarto-sala-oficina e a diminuta cozinha, colchões empilhados sobre este móvel, uma infinidade de panos espalhados pelo chão, constituem os bens de casa (COREANOS … , 1978).*

O relato prossegue denunciando o trabalho infantil e o medo de serem deportados que os submetia ao enclausuramento e a qualquer condição de exploração de trabalho, assemelhando-se às recentes exposições da imprensa sobre os costureiros bolivianos, mostrando que, independente da etnia explorada, as confecções do Bom Retiro, desde então, ergueram-se sobre esse tipo de mão de obra, incluindo os empreendimentos daqueles mesmos que sofreram tais abusos na fase inicial de imigração.

Para entender melhor as razões pelas quais os imigrantes coreanos constituíam mão de obra barata, podemos recorrer à análise de Light e Bonacich (1991, p. 359-427) sobre a colônia de imigrantes coreanos de Los Angeles, levando em conta as diferenças entre os dois países, mas também, e sobretudo, as semelhanças dos padrões de imigração. Segundo esses autores, a primeira razão da mão de obra barata foram as condições precárias de trabalho no país de origem, que, na década de 70, encontrava-se no estágio inicial de transição para o capitalismo, reestabelecendo-se de um longo período de domínio japonês e da guerra sob a influência norte-americana. Um trabalhador sul coreano ganhava, em média, um décimo do que ganharia um norte-americano pelo mesmo trabalho e, por isso, aceitaria com mais facilidade o trabalho duro mediante pagamento baixo. A segunda razão consistiu na própria condição de imigrante, porque a barreira de língua e a falta de oportunidade no mercado tradicional de trabalho fizeram com que o trabalho penoso de pequenos negócios fosse atraente, se não a única opção. Por último, a concentração dos imigrantes em pequenos negócios teria incentivado a exploração de mão de obra barata dos coétnicos, sendo ela o pré-requisito para o sucesso econômico posterior. Nesse sentido, a baixa remuneração seria duplamente causa e efeito da concentração coreana em pequenos negócios.

Assim, a flexibilização de trabalho no mercado de confecção, inicialmente possibilitada pelo emprego da mão de obra dos próprios coreanos e sua exploração baseada nos laços de lealdade e no paternalismo, contretizava-se na introdução de um novo formato de produção e de venda, chamado de *pronta-entrega*. Podemos encontrar, num jornal do ano de 1987, um trecho que descreve com precisão os efeitos dessa mudança no modo de produzir.

> *(Os coreanos) mudaram o estilo de negociar. Enquanto os pioneiros estão confeccionando roupas para serem vendidas dois meses depois, eles já estão com as vitrinas prontas. Há quem afirme que os orientais fazem uma moda rápida, sem muita pesquisa, e de preço acessível, com a nítida preocupação de girar o estoque. A sensação de alguns observadores é que os coreanos trabalham não apenas doze, mas 24 horas por dia. (…) Lançamentos constantes e bons preços, para os coreanos, é sinônimo de sucesso nos negócios. Assim eles ganharam os principais pontos do Bom Retiro. (…) todos realizam lançamentos semanais, renovam as vitrinas e giram o estoque com rapidez (SIMÕES, 1987).*

A mistura entre o jeito coreano *pali pali*[26] e a sede por um sucesso econômico também se traduziu na pronta-entrega, que se revelou uma estratégia bem sucedida e competitiva. Para os varejistas, a nova possibilidade de abastecer os estoques conforme as necessidades do momento sem ter que agendar a produção com meses de antecedência era um grande atrativo. Mas o sucesso da pronta-entrega não foi puramente por méritos dos confeccionistas coreanos e tampouco foi resultado de um planejamento racional e estratégico. Sua adoção, antes de tudo, parece ser circunstancial: diante da fragilidade dos canais de venda nas décadas anteriores, criaram o hábito de produzir primeiro para procurar a quem vender depois. Ou seja, a pronta-entrega também representa uma estratégia de sobrevivência, a herança da época em que as mulheres saíam para vender de porta em porta o que a família costurava em casa.

Podemos dizer que a pronta-entrega é um híbrido de venda por varejo e de atacado tradicional por encomenda. Assim como um varejista, o atacadista de pronta-entrega precisa lidar com acúmulo de produtos no estoque e exibir os produtos para atrair compradores, enquanto um atacadista tradicional trabalharia mais como um produtor industrial, operando desde dentro de suas oficinas através de canais de venda mais estáveis. Por causa dessa particularidade, a adoção de pronta-entrega acarretou uma série de mudanças espaciais nas escalas urbana e arquitetônica, não só no bairro do Bom Retiro, mas também no Brás. Essas mudanças foram:

1. Constituição do polo atacadista, um *shopping* a céu aberto, por causa da necessidade de agrupamento de estabelecimentos do mesmo ramo para atrair a clientela do mesmo perfil;
2. Incremento das estratégias de venda, com vitrines vistosas que chamam atenção para os produtos;
3. Remanejamento dos espaços de venda e de produção.

Esse remanejamento dos espaços de venda e de produção é o reflexo da flexibilização do trabalho, que é a característica inicial e central da venda por atacado de pronta-entrega. Na falta da possibilidade de planejamento, a produção precisava ser flexibilizada para responder

26. A tradução da expressão coreana pali pali em português seria "rápido, rápido!". Como o povo coreano é apressado e impaciente na percepção geral, tal expressão é tida como algo que resume seu temperamento.

rapidamente ao grau de aceitação dos produtos no mercado, pois o sucesso dos produtos era provado só depois do lançamento, já nas "araras". Um confeccionista eficiente estaria atento ao fluxo de venda na ocasião do lançamento de uma nova coleção para produzir mais dos modelos que estão se mostrando de boa aceitação, aumentando o potencial do lucro, e frear a produção de produtos parados no estoque e liquidá-los para minimizar o prejuízo, tudo dentro do ciclo da mesma coleção. Por causa disso, um atacadista de pronta-entrega dificilmente tem a equipe de produção fixa, sempre preferindo externalizar as oficinas de produção e mantendo uma estrutura fixa mínima dentro da empresa.

Portanto, se levarmos em conta que a flexibilização do trabalho é a causa da consolidação da pronta-entrega, e não o contrário, podemos entender a razão da persistência do regime de subcontratação nas confecções do Bom Retiro de hoje. Além disso, segundo Souchaud (2011, p. 77) "a evolução da organização do conjunto do setor têxtil no âmbito da globalização, da abertura dos mercados nacionais e no fomento de uma concorrência internacional acirrada" faz com que a procura por mão de obra flexível e barata seja cada vez mais crescente, e esse contexto atual também não deixa muitas alternativas de emprego de mão de obra costureira para a indústria de confecção dos bairros centrais. A alta competitividade da pronta-entrega, afinal de contas, parece ter sido o motivo de sobrevivência das confecções coreanas através da abertura do mercado nacional nos anos 90, durante os quais muitas confecções antigas do bairro fechou as portas, contribuindo indiretamente para a aceleração do processo de sucessão étnica dos judeus para os coreanos no polo têxtil do Bom Retiro.

Mais especificamente, o remanejamento do espaço de produção tem dois desdobramentos: o primeiro é *a permanência dos antigos edifícios de uso misto de indústria e comércio*, construídos pela colônia judaica para abrigar seus negócios. Eles atendem ao programa de uma confecção coreana, de estrutura reduzida, que cabe no espaço existente apesar de lidar com volumes maiores de produção. O segundo é a *proximidade espacial entre as confecções e as oficinas de costura*. Além de ser conveniente, isso parece ter uma relação íntima com a atual ocupação dos imigrantes bolivianos nos bairros centrais, tais como Bom Retiro, Brás e Pari. A ascensão econômica da colônia coreana e a consequente evasão das oficinas de costura, à medida que foram assumindo as confecções próprias, parece ter atraído imigrantes de novo perfil para essas oficinas, na sua maioria de origem boliviana, durante últimos 20 anos. Isso causou um repovoamento dos bairros centrais, invertendo a tendência à desertificação (SOUCHAUD, 2011, p.71), pois a maioria deles parece morar e trabalhar no mesmo lugar, nas casas-oficina localizadas nesses bairros (CYMBALISTA; XAVIER, 2007, p. 126), onde há oferta de moradia barata e de emprego, e também há proximidade do mercado de trabalho e do circuito de sociabilidade da coletividade boliviana.

Vale ressaltar que Light e Bhachu (1993[27] apud TRUZZI; NETO, 2007, p. 46) apontam a proliferação de pequenas firmas coreanas que operam da maneira similar nos mercados de confecção de São Paulo, Los Angeles, Berlim e Paris, apesar da necessidade de um estudo comparativo mais detalhado para afirmar algo a respeito desse fenômeno. No caso de São Paulo, as circunstâncias locais parecem justificar a introdução de pronta-entrega no mercado de confecção do Bom Retiro e do Brás pelos coreanos. E o que também pode se afirmar, baseado nas informações disponíveis, é a grande interação que existe entre o Bom Retiro e *Jobber Market* de Los Angeles, onde muitos confeccionistas coreanos de São Paulo abriam negócios de formato idêntico ao que tinham em São Paulo quando migravam para os Estados Unidos. Mas existe outra semelhança entre os formatos de negócio dos dois polos de economia têxtil. Light e Bonacich (1991, p. xii-xiii) afirmam que os empresários coreanos de Los Angeles exercem a função de mediador entre os confeccionistas brancos e a força de trabalho latino-americana e que não empregam seus coétnicos como força primária de trabalho. Se considerarmos que os atacadistas coreanos do Bom Retiro têm como clientes os varejistas brasileiros e que também costumam receber e executar encomendas de empresas nacionais de moda de grande porte, podemos afirmar que eles também intermedeiam as relações entre as empresas brasileiras e a mão de obra boliviana. Essa associação de trabalho entre as minorias étnicas é vista como algo delicado pelos autores, uma espécie de nó de conflito social, provavelmente porque os conflitos de interesse entre as classes são potencializados pela diferença étnica.

27. LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder. Immigration and entrepreneurship: culture, capital and ethnic networks. Transaction Publishers. New Brunswick, NJ, 1993.

Por outro lado, nessa época, a imigração coreana estava completando 20 anos de história. E coreanos de um novo perfil, da *geração 1,5*, começavam a entrar no mercado de confecção. Eles falavam fluentemente coreano e português e haviam terminado sua formação escolar no Brasil, sendo que muitos deles possuíam formação superior. Bastaria observar hoje o fato de que a maioria dos confeccionistas do polo Aimorés-Lombroso são filhos de imigrantes antigos, com quase 30 anos de experiência na confecção, para atestar que a confecção coreana ganhou uma nova força com a entrada dessa geração. Havia críticas negativas sobre esse fenômeno dentro da colônia coreana, de que eles não contribuíam para a diversificação ao optar pela confecção e não pelas profissões liberais para as quais teriam sido preparados dentro das universidades. Mas o dinheiro que se ganhava na época com a confecção não se comparava com o que ganharia um profissional liberal, o que fez muitos montarem suas confecções na ocasião de casar e formar uma família (CHOI, 2011, p. 301).

Truzzi (2011, p.31) destaca como a principal desvantagem de pertencer a uma rede de economia étnica a falta do "capital social de reciprocidade, derivado das relações tecidas externamente à rede, com outros grupos, e muitas vezes crucial à mobilidade social". Nesse aspecto, a geração 1,5 tem a clara vantagem de transitar por círculos sociais de coreanos e de brasileiros, além de ser fluente nas duas línguas e conhecedora das duas culturas. Por isso, eles souberam responder rapidamente às mudanças econômicas decorrentes da abertura do mercado dos anos 90 encontrando novas oportunidades dentro da crise econômica, e reformularam e sistematizaram os negócios aumentando ainda mais a competitividade dos coreanos no mercado.

A conjuntura dos fatores levantados acima, portanto, resultou na troca da etnia predominante no bairro: o Bom Retiro, que era considerado como um bairro judeu passou a ser um bairro dos coreanos e essa transformação começou pelo setor têxtil. Na década de 80, as primeiras quadras da Rua José Paulino ainda continuavam abrigando os melhores pontos comerciais, mas as novas confecções coreanas começavam a ocupar as bordas do polo têxtil onde o preço de locação era menor e a disponibilidade era maior. Isso impulsionou uma valorização do segundo trecho da Rua José Paulino, da Rua Silva Pinto até o final. Por causa da diferença das modalidades do comércio entre os dois trechos, ao caminhar por toda a extensão da José Paulino, pode-se perceber uma queda no movimento dos pedestres ao cruzar a Rua Silva Pinto. No primeiro trecho da José Paulino onde podemos encontrar a predominância de varejos e das lojas mais antigas do bairro, as calçadas são cheias de pessoas e de barracas de vendedores ambulantes que são atraídos pelo movimento. Depois da Silva Pinto, onde predominam as confecções atacadistas, o movimento se acalma.

Outra rua onde os coreanos começaram a aparecer foi a Rua Aimorés. Como indício da ocupação em direção à Rua Aimorés, o mesmo jornal de 1987 anteriormente citado retrata a velocidade com que os coreanos foram tomando posse dos pontos comerciais localizados dentro da galeria de ligação entre a José Paulino e a Aimorés:

> *Eles chegaram timidamente, primeiro oferecendo mercadorias baratas, confeccionadas por toda a família na própria casa. E, de repente, sem que os antigos moradores esperassem, começaram a perguntar quem queria vender a loja. E foram comprando. Na Galeria Nova José Paulino (R. Aimorés 58 – R. José Paulino 345), por exemplo, os 33 pontos eram explorados por israelenses. Atualmente, cerca de oito ou nove deles ainda permanecem no local.*

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA CONFECÇÃO COREANA

Na década de 80, com o acúmulo das experiências anteriores em diversos estágios da produção e da venda do vestuário, o sucesso da pronta-entrega e a entrada da geração 1,5, os coreanos começaram a moldar e sistematizar seus negócios de acordo com a lucratividade e as circunstâncias, resultando no que eles chamam de "confecção", ou "*jepum*" como gostam de referir-se a essa atividade em língua coreana. É importante defini-la, pois a confecção coreana se diferencia da oficina de costura em que apenas serviços de costura são realizados. Na verdade, uma confecção coreana normalmente abriga todas as etapas de produção até a venda atacadista, menos o serviço de costura. A maioria das confecções coreanas, desde essa época, possuem as seguintes características.

1. Moda feminina
2. Pronta-entrega
3. Atacadista de alcance nacional
4. Terceirização do serviço de costura
5. Negócio familiar

A moda feminina é a modalidade preferida, pois o volume de mercadorias é grande e o giro é rápido. Os coreanos encararam a rapidez exigida para acompanhar as tendências da moda feminina aliada ao modo de produção de pronta-entrega. Essa foi a fórmula do sucesso. E se os confeccionistas coreanos da década anterior tinham o papel de intermediar o produtor e o vendedor, ambos coreanos, as novas confecções estabelecidas em pontos comerciais dos polos atacadistas emergentes do Bom Retiro e do Brás já podiam trabalhar com um público de âmbito nacional atraído por suas vitrines.

Uma confecção de pequeno ou médio porte emprega cerca de 20 a 50 pessoas – nesse caso, brasileiros na sua maioria e contratados regularmente – possuindo dentro da empresa espaços para administração, desenho de produtos, modelagem, corte, acabamento, estoque e *showroom* de venda, este último comumente localizado no andar térreo. Porém, são raros os casos em que a costura é feita dentro delas. Baseadas na produção flexível e externa à estrutura das empresas, as confecções conseguem funcionar dentro de uma organização enxuta, tanto no espaço quanto nas relações de obrigação empregatícia, diminuindo drasticamente o custo fixo.

A confecção coreana também é um negócio familiar em que os donos participam ativamente da produção. O casal de proprietários se encontra no centro da produção: geralmente, a mulher desempenha o papel central do negócio, desenhando as roupas e atendendo os clientes enquanto o homem administra o pessoal e as finanças. Segundo Sung (2012, p. 347-348), o trabalho da confecção fez com que muitas famílias de tradição patriarcal vivessem rapidamente a ascensão do papel da mulher nas casas e nos negócios, o que passou a gerar conflitos frequentes. Além disso, a mistura da família com o negócio deixava as relações confusas. De fato, muitos se queixam do desgaste na relação de casal, ou na relação com a nora, que tenta assumir o negócio dos sogros depois do casamento. Nas conversas pelo bairro, podemos ouvir frases como:

> *(As confecções) são negócios pequenos. Normalmente, não têm espaço para duas mulheres.*[28]

Ou,

> *Uma vez, ouvi alguém dizendo que procurava uma nora que tocasse bem a loja. Então, perguntei para ele: o senhor está procurando uma gerente?*[29]

28. Trechos de anotações do campo.
29. Trecho da entrevista 1-8 (ver apêndice 1).

Os casamentos entre coreanos, antes de tudo, acontecem pela afinidade cultural e pela proximidade na convivência. Mas, numa colônia cujos membros trabalham no mesmo ramo de negócios, também podem virar oportunidades para firmar alianças entre as famílias, ou seja, entre os negócios, ou para buscar sucessores.

DÉCADA DE 90 – A FORMAÇÃO DO POLO AIMORÉS-LOMBROSO

Apesar de os coreanos do Bom Retiro de hoje serem conhecidos pela maneira ostensiva com que exibem seus produtos, isso nem sempre foi assim. De acordo com um jornal de 1982[30], "(...) mais do que o cheiro (de alho) as lojas dos coreanos se caracterizam pelo completo despojamento de qualquer material de propaganda" (OS COREANOS ... apud CHOI, 1991, p. 107), apontando uma aparência desleixada e sem cuidados das confecções da época. Aos poucos, eles foram aprimorando a apresentação de seus produtos, mesmo por causa da necessidade inerente aos seus negócios.

Nos anos 90, eles enfrentaram uma situação econômica nova que os obrigou a reformatar seus negócios, resultando num salto qualitativo. Como vimos no capítulo 3, a abertura do mercado brasileiro trouxe sofisticação aos produtos produzidos pelas confecções coreanas, causada pela necessidade imediata de diferenciar-se da roupa barata importada da Ásia para explorar um nicho de mercado diferente dos produtos asiáticos e, assim, fugir da concorrência. Por isso, se as confecções dos anos 80 lucravam com a venda de produtos baratos em grande quantidade, as confecções da década de 90 apostavam em qualidade. Mas como ninguém possuía formação profissional para trabalhar com o desenho do vestuário, faziam-se réplicas do que existia. Desde então, coreanos viajam periodicamente à Europa e à Nova Iorque para abastecer suas bagagens com as últimas novidades, aproveitando que os lançamentos da moda no hemisfério sul acontecem com seis meses de atraso em relação ao hemisfério norte (CHOI, 2011, p. 308). Ao voltar para o Brasil, desfazem as roupas, analisam os cortes e fazem as adaptações para o corpo e o gosto das brasileiras. No Bom Retiro, as agências de viagem oferecem excursões internacionais especificamente para a comodidade de quem viaja com esse fim.

Esse novo hábito no trabalho influenciou na transformação espacial do bairro de maneira direta. Quando viajavam, eles traziam, junto às roupas da coleção nova, referências das vitrines, dos espaços de venda e da apresentação dos produtos dos maiores polos internacionais de moda. As ruas que cresceram junto com esse movimento de sofisticação das confecções, tais como a Rua Aimorés e a Rua Professor Cesare Lombroso, no Bom Retiro, e a Rua Miller, no Brás, portanto, exibem uma aparência diferente do restante das ruas de confecção. Segundo um ex-confeccionista da Aimorés:

> *Aí, cresceram as ruas principais do Bom Retiro e do Brás com a cara da Europa, cara de Saint-Germain de Paris.*[31]

30. Trecho da reportagem: OS COREANOS, uma invasão do mistério. O Estado de São Paulo. 19 de setembro de 1982.
31. Trecho da entrevista 1-4 (ver APÊNDICE 1).

A sofisticação dos produtos chegou acompanhada da valorização imobiliária das ruas comerciais do Bom Retiro, provocada principalmente pela disputa entre os confeccionistas coreanos por melhores pontos comerciais. Se considerarmos que a concentração espacial é a característica da atividade atacadista de pronta-entrega, e que a localização da loja influi no desempenho das vendas, podemos entender as razões para tal disputa interna. As novas confecções da época, já com essa tendência de sofisticação, acharam na Rua Professor Cesare Lombroso – até então ocupada por pequenas indústrias e armazéns – espaço barato para construir uma nova rua comercial condizente com o renovado padrão de qualidade das confecções. As confecções da Lombroso foram pioneiras em montar vitrines ostensivas, pois precisavam chamar a atenção. Aproveitavam a vantagem de ser menores, promoviam estratégias agressivas de venda e logo o mercado da Lombroso tornou-se muito dinâmico. Nesse momento, o movimento coletivo teve força suficiente para valorizar a rua rapidamente, impulsionando a criação de um novo polo de moda a partir daí.

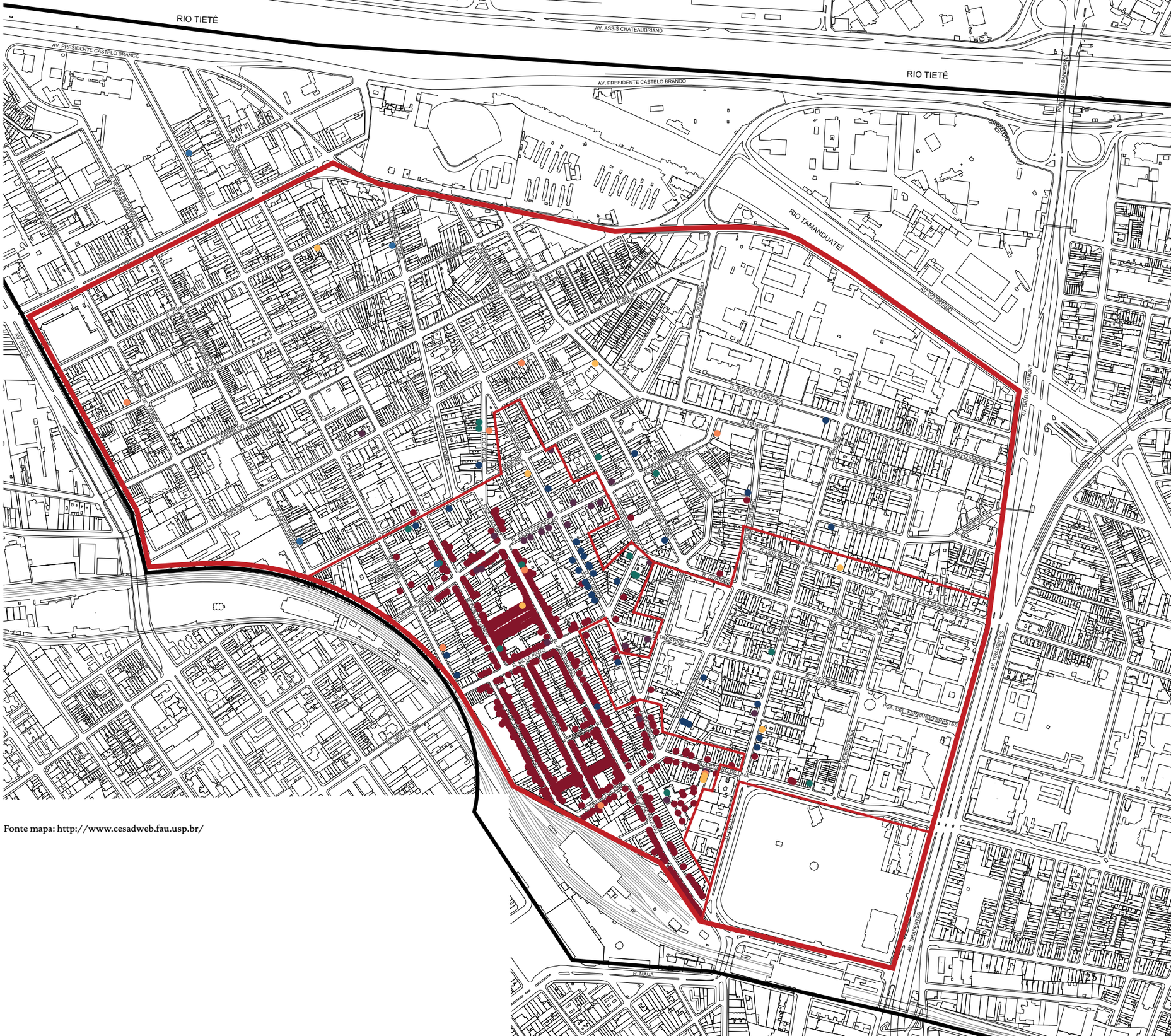
Com a ascensão econômica, os confeccionistas da Lombroso que se enriqueceram acabaram se transferindo primeiro para a José Paulino e depois para a Aimorés. Alguns confeccionistas bem sucedidos começaram a adquirir os pontos na Rua Aimorés, onde os edifícios eram maiores e existiam oportunidades para negociar a compra de propriedades, pois a metade dos imóveis da Lombroso está nas mãos de um único proprietário até hoje, o que dificulta a aquisição dos imóveis, obrigando os confeccionistas a ter seu lucro comprometido com aluguéis que não paravam de subir com a valorização da rua. Quem adotou a estratégia de comprar uma propriedade na Aimorés nessa época conseguiu diminuir o custo fixo e aumentar a liberdade para modificar os imóveis. E essa fórmula trouxe prosperidade ainda maior para quem foi se estabelecer na Aimorés. Consequentemente, os pontos comerciais da Aimorés tornaram-se os mais valorizados do bairro em poucos anos e as duas ruas cresceram juntas desde então, compartilhando as mesmas características e tendências.

ANOS 2000 – O AUGE ECONÔMICO

Logo após a consolidação do novo polo atacadista de moda feminina Aimorés-Lombroso, os primeiros cinco anos da década do ano 2000 são considerados, pelos confeccionistas locais, como o auge econômico desse polo. O ânimo era grande e os jornais de veiculação nacional espalhavam notícias sobre o Bom Retiro que queria assumir uma nova identidade ligada ao luxo.[32] Junto a isso, organizou-se um movimento de intervenção urbana,

32. *"Bom Retiro investe para ser fashion"* – O Estado de São Paulo de 07 de junho de 2005; *"Bom Retiro contra-ataca" – Folha de São Paulo de 21 de março de 2004; "Bom Retiro quer ser distrito fashion de SP" – Folha de São Paulo* de 9 de fevereiro de 2003; *"Bom Retiro pode virar boulevard da moda" – O Estado de São Paulo* de 22 de fevereiro de 2002; *"Bom Retiro busca modernização para ter o charme da Oscar Freire" – Diário de São Paulo* de 11 de março de 2002 – são exemplos de títulos de artigos de jornais que propagaram a notícia do Bom Retiro revitalizado. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.

MAPA 4.3
Localização dos negócios dos coreanos no polo têxtil do Bom Retiro. Elaborado a partir de: DIÁRIO JOONG-ANG. Lista comercial dos coreanos 2009/2010. São Paulo, 2009. (Ver Apêndice 2)



LEGENDA

- Limites do bairro
- Limites da área de estudo
- Limites dos setores

Modalidades:

- Confecções
- Aviamentos
- Tecido
- Costura
- Passadeira
- Tingimento
- Plissagem

Fonte mapa: http://www.cesadweb.fau.usp.br/

chamado de "Projeto Bom Retiro", cuja repercussão avaliaremos no item 4.1.4. Com tudo isso, as duas ruas passaram por grandes transformações físicas, tanto nas unidades de confecção quanto na infraestrutura urbana e nos logradouros públicos.

Ao mesmo tempo, os confeccionistas almejavam maior grau de especialização profissional e a formalização dos negócios, eliminando aos poucos irregularidades e vícios típicos de pequenos negócios familiares. À medida que cresciam o faturamento e o volume de mercadorias que manipulavam, os confeccionistas sentiam mais urgência em regularizar seus negócios, desejo que se expressa quando mencionam em "deixar de ser comerciantes para virar empresários de verdade". No entanto, este tem sido um desafio difícil para quem alcançou o sucesso econômico sem conhecimentos próprios de um administrador, copiando fórmulas de negócios dos vizinhos e conhecidos, e sem ter refletido muito sobre a ética subjacente e sua validade. Ainda mais, quando acusados de explorarem mão de obra irregular, muitos confeccionistas exibem atitudes de perplexidade diante das mudanças de valores que incidem sobre o trabalho de costureiro, do qual eles mesmos se sabem beneficiários, quando nele se apoiaram e ergueram na fase difícil do início da imigração.

ATUALIDADE

Há alguns anos, o polo têxtil do Bom Retiro mostra uma forte tendência de retração (SINDIVESTUÁRIO, 2015). Independente da conjuntura econômica nacional, essa retração está relacionada aos sintomas gerais da economia neoliberal, tais como decadência de pequenos comércios locais, deslocamento do polo de produção para a Ásia e a concorrência com as redes multinacionais do ramo do vestuário. A queda de desempenho das confecções do bairro nos últimos anos fez com que muitos fechassem suas portas. Por isso, os que permanecem até hoje se consideram sobreviventes. O consenso diz que uma mudança drástica deve ser introduzida na estrutura dessas confecções para que elas sobrevivam e prosperem novamente. Muitos confeccionistas consideram que o próximo passo é seguir o exemplo dos grandes magazines multinacionais: ter uma marca própria, elaborar estratégias profissionais de marketing e assumir o controle de toda a cadeia de produção e venda – desde a concepção dos produtos e a produção até a venda ao consumidor final. E isso inclui, muitas vezes, o deslocamento da unidade de produção para a Ásia, solução que mantém o custo baixo e traz a regularização do processo de produção ao mesmo tempo, sem que houvesse necessidade de adaptar-se às exigências trabalhistas nacionais.

Por outro lado, chegou a vez de antigos confeccionistas coreanos encararem a necessidade da troca de geração. Na ausência de herdeiros, optam pela mudança de modalidade para sobreviver por mais tempo. Senhoras de idade continuam trabalhando na criação das peças, mas deixam de trabalhar com moda jovem e migram para tamanhos grandes, roupas de senhoras ou vestidos de festa, modalidades em que os modelos não mudam a cada temporada de acordo com as tendências. Sobre essa necessidade iminente de sucessão, a segunda geração está dividida: muitos herdam as confecções dos pais,

mas também há uma grande evasão para outros trabalhos mais especializados. O que se observa é que a evasão da segunda geração das atividades da confecção acontece principalmente quando os pais têm pouco poder aquisitivo. Por isso, a adesão da segunda geração às confecções parece ser maior no polo Aimorés-Lombroso.

Portanto, há uma presença massiva da segunda geração, ou seja, brasileiros nascidos em famílias antigas da colônia coreana que migraram para o Brasil nos anos 60 e 70, e da geração 1,5 da colônia coreana no polo Aimorés-Lombroso. Sendo assim, podemos afirmar que o alto poder aquisitivo e maior grau de assimilação cultural são fatores que diferenciam esse grupo de confeccionistas do restante. Os confeccionistas da segunda geração se consideram pouco coreanos e não se identificam como sendo do Bom Retiro, apesar de ter negócios da família ali há mais de trinta anos. Como pudemos ver no capítulo anterior, poucos imigrantes antigos fizeram do Bom Retiro sua moradia. Muitos permanecem na Aclimação e outros migraram para outros bairros de classe média alta, próximos da região central, tais como Higienópolis e Perdizes. O seguinte relato de um confeccionista de segunda geração da Lombroso, que nasceu na Aclimação, mudou-se para Higienópolis, estudou num colégio internacional e concluiu os estudos em Los Angeles antes de voltar para o Brasil para dar continuidade à confecção da família, ilustra bem a relação que a segunda geração de confeccionistas estabelece com o bairro do Bom Retiro.

> *Não frequento nenhum outro lugar do Bom Retiro. Só venho para cá porque tenho que trabalhar aqui. Se não, nem viria para o Bom Retiro. Às vezes, para jantar, porque é onde tem mais restaurantes coreanos. Mas nunca morei aqui, não quero e espero que não.*[33]

No entanto, apesar da adesão da segunda geração, a continuidade dos negócios coreanos no polo têxtil do Bom Retiro parece ser uma incógnita, pois a difícil concorrência interna e o cenário econômico dos últimos anos fizeram com que o bairro deixasse de atrair novos imigrantes coreanos.

4.1.3.
RÁPIDA VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA

Enquanto os coreanos que trabalhavam em oficinas de costura nos primeiros anos de imigração ascendiam gradativamente até possuírem confecções próprias, muitos outros que se dedicavam a diversos tipos de atividades comerciais, de pequenos varejos, tais como butiques, charutarias e quitandas, deixavam o que haviam conseguido até então para começar novamente na confecção, inspirados no sucesso das confecções do Bom Retiro e do Brás. Com isso, os coreanos passaram a concentrar-se no mesmo ramo de

33. Trecho da entrevista 1-5 (ver apêndice 1).

atividade. E, apesar de serem atacadistas, a modalidade de pronta-entrega, que se assemelhava à venda varejista, trouxe a necessidade de concentração espacial como estratégia comercial, formando uma espécie de *cluster*[34] nesses dois bairros. Essa concentração provocou uma disputa acirrada por melhores pontos comerciais do Bom Retiro e do Brás, fazendo o preço dos aluguéis disparar.

Segundo uma corretora de imóveis do bairro, no caso da Rua Aimorés, onde 109 das 110 confecções presentes ali são de donos coreanos[35], os proprietários são de todas as etnias – judaica, sírio-libanesa, grega, brasileira e coreana – sendo baixa, até hoje, a parcela de posse dos imóveis comerciais por coreanos. Isso significa que a maioria reserva uma boa parte dos seus lucros para custear a locação de um ponto comercial. Para que houvesse uma transferência de posse, precisaria haver quem quisesse comprar, mas também precisaria haver outro que quisesse vender e abrir mão de uma renda estável e cada vez mais lucrativa. A oferta escassa, naturalmente, também contribuiu para a valorização dos imóveis. Por essas razões, os pontos comerciais da Rua Aimorés sofreram uma supervalorização, tornando-se os imóveis comerciais mais caros do centro da cidade, ficando atrás somente da Rua 25 de Março, segundo os dados da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio do Estado de São Paulo (Embraesp) de 2006 (DANTAS, 2006).

Para estimar o valor real da locação de um imóvel comercial, é necessário considerar o valor da "luva". Cobrar luva é uma prática comum que acontece na ocasião de firmar um contrato de locação de um ponto comercial de grande demanda e significa pagar uma quantia adiantada para adquirir o direito de uso. É um pagamento sigiloso e de caráter informal, e o inquilino está sujeito a ser cobrado a cada renovação do contrato. Para ter-se uma ideia, no início dos anos 90, houve registro da luva de 250 mil dólares paga por coreanos por um ponto comercial (CHOI, 1991, p. 107). Já em 2006, um imóvel de pequeno porte localizado na Rua Aimorés, de 750m2 com dois andares, seria locado por 27 mil reais de aluguel mediante o pagamento da luva de 300 mil dólares (DANTAS, 2006).

Em abril de 1988, um grupo de confeccionistas coreanos, insatisfeitos com o alto custo de locação, organizou-se e inaugurou o *Shopping Center Luz*, no edifício localizado na Praça Júlio Prestes, onde havia funcionado uma rodoviária, desde 1961 até 1982, quando esta se transferiu para a atual Rodoviária Tietê (FIGURA 4.10). Inicialmente, o *shopping* oferecia espaço para 130 lojas de 90m2, sendo 100 delas de moda feminina. Todas as unidades vendiam em atacado e 70% das lojas ali instaladas eram de proprietários coreanos (SUCESSO ... , 1988).

No começo, o ânimo era grande: parecia que o empreendimento viera para ser a solução definitiva, uma oportunidade de adquirir um ponto de preço acessível e não depender mais dos aluguéis. Entretanto, um shopping localizado longe do movimento

34. Segundo Marcuse (2005), "um cluster é uma área de concentração espacial de grupo de pessoas. É um termo genérico aplicável para qualquer concentração de membros de um grupo particular, porém definida, no espaço, numa escala maior do que um edifício".

35. Contagem realizada no campo em novembro de 2015.

FIGURA 4.10
Shopping Center Luz em atividade. Fotos da autoria de Roberto Loffel, in: SUCESSO oriental. Veja São Paulo, p. 28. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo. São Paulo, 04 de maio de 1988.

FIGURA 4.11
Terreno do antigo Shopping Center Luz hoje. Foto de Marcelo Lee, 2016.

da José Paulino, isolado no meio da região conhecida como "cracolândia" e sem a presença da rodoviária que trazia fluxo de compradores, não conseguiu ser atrativo. Quando foi interditado em 10 de fevereiro de 2010, por fiscais da Prefeitura que alegavam falta de equipamentos de combate a incêndio e irregularidades no plano de fuga, tinha apenas 127 das 300 unidades em operação (BRITO, 2009). Em seguida, houve a desapropriação do imóvel e, em março de 2010, o *Shopping Center Luz* foi demolido para dar lugar ao futuro Teatro da Dança com previsão de ser inaugurado em 2014 para fazer parte do Complexo Cultural Luz (BRANDALISE, 2010). Hoje, com o empreendimento suspenso e sem previsão de início da obra, o local continua vazio e cercado por gradis para evitar a invasão por moradores de rua (FIGURA 4.11), e muitos dos que possuíam lojas no *shopping* ainda lutam na justiça para ganhar indenização.

Esse evento mostra a fragilidade da dinâmica de um polo comercial. Ao se imaginar que a relação com os comércios vizinhos, intervenções viárias e pequenas mudanças que modificam fluxo de pessoas já interferem no desempenho do comércio, consegue-se ter a ideia da complexidade da tarefa de transferir um polo comercial inteiro. Com o fim do empreendimento, o sentimento que ficou foi o de impotência, frustração e injustiça frente à ação do poder público. Por outro lado, a situação dos que continuam a pagar aluguéis gera uma sensação de que trabalham em vão: nada do que se paga para ter um espaço, nada do que se investe para melhorá-lo será deles em última instância enquanto não lograrem o sonho de possuir um imóvel próprio. Quando apostaram na revitalização da Aimorés e da Lombroso no início dos anos 2000, financiando diversas reformas com dinheiro do próprio bolso, os confeccionistas coreanos não imaginavam que aquilo iria voltar em forma do aumento de 60% do valor de aluguel em três anos (DANTAS, 2006). Ainda assim, no que essas ruas se tornaram hoje é o motivo de orgulho da colônia.

4.1.4.
TRANSFORMAÇÃO URBANA: DA ZONA DE MERETRIZES AO POLO NACIONAL DE MODA FEMININA ATACADISTA

Sábado de manhã, no horário mais movimentado da semana para os comerciantes da José Paulino, as ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso estão em silêncio, com as portas das lojas fechadas. Esse silêncio só é quebrado por alguns transeuntes que tentam se desviar do trânsito de pessoas da José Paulino e por algumas obras de reformas de showrooms que costumam acontecer às noites ou nos finais de semana para não atrapalhar as atividades comerciais. As obras de renovação das lojas acontecem frequentemente, sempre nas ocasiões de lançamento de cada coleção ou na troca de pontos para compor a aparência que consiga traduzir as últimas tendências e a imagem da marca. Uma vez por ano, nos meses de janeiro e fevereiro, aparecem várias caçambas pelas ruas de gente demolindo o acabamento antigo e substituindo pelo novo para preparar o visual renovado antes de começar o ano de trabalho.

Dizem por aí que os coreanos têm a qualidade de destruir o que têm e de fazer tudo de novo. Os mais antigos moradores do bairro que se lembram da Rua Itaboca – antigo nome da Rua Professor Cesare Lombroso – assistiram atônitos a rápida transformação que a entrada dos coreanos causou nessas ruas. Já os coreanos, autores dessa transformação, pouco sabem do estigma da antiga zona de prostituição que mantinha a rua subutilizada e distante do progresso por tanto tempo. Alguns até ouviram falar sobre isso, mas ninguém vivenciou a existência da zona que antecedeu sua chegada ao país.

Feldman (1989) destaca as ruas Aimorés e Itaboca como o território de segregação que se criou com o confinamento intencional do controle municipal das casas de prostituição aliado à intenção de vigiar o local de concentração de judeus, com a possibilidade de formação de um "quisto racial" a ser combatido, segundo os ideais assimilacionistas da época frente à imigração. Em 1940, em consequência do Plano de Avenidas de Prestes Maia, as casas de tolerância foram expulsas da Rua Timbiras e adjacentes da região da Luz e se instalaram nas ruas Aimorés e Itaboca, que, até então, eram ruas residenciais esparsamente ocupadas, "entremeadas com áreas vazias e cobertas de vegetação rasteira", e com pavimentação de paralelepípedos que fazia barulho estrondoso quando passavam carroças que se desviavam do intenso trânsito da Rua José Paulino, já com movimento comercial estabelecido (DERTÔNIO, 1971, p. 68).

Segundo relato de moradores antigos, as duas ruas tinham estrita relação de cooperação, influência e rivalidade desde aquela época: os prostíbulos que começaram a se instalar na Rua Itaboca acabaram invadindo a Rua Aimorés, que foi logo ocupada por prostitutas de luxo, predominantemente de origem europeia, que se diferenciavam daquelas da Rua Itaboca. Essas atividades de prostituição cessaram no ano 1953 pela decisão do governador Lucas Nogueira Garcez. As mulheres foram expulsas novamente, com a atuação da 2ª Delegacia de Polícia que se instalou ali, e as ruas ficaram vazias, pois ninguém queria morar nas ruas de má fama (DERTÔNIO, 1971, p. 69). Essas ruas que perderam os moradores e o valor imobiliário foram logo ocupadas por imigrantes recém-chegados que estavam em busca de moradia barata e de um lugar para empreender seus negócios. Segundo Dertônio (ibid., p. 70):

> *(...) até que um ou outro pequeno industrial decidiu instalar uma fabriquinha de camisas ou de pulôveres. Seguiram-se outros e novamente a Rua Aimorés adquiriu movimento. Mas de gênero diferente, o de pequenas indústrias de confecção (...) transformando-a, em poucos anos, numa das ruas mais industriais de São Paulo: há para mais de 30 indústrias numa exígua extensão de 300 metros.*

Assim, essas ruas adjacentes à ferrovia perderam o caráter residencial de vez, e assumiram a função comercial e industrial. Depois da saída das meretrizes, a Rua Aimorés foi ocupada por confecções de judeus e gregos. Segundo o levantamento de Mangili (2011), muitas

propriedades da Rua Aimorés aparecem demolidas no mapa cadastral de 1954, e provavelmente deram lugar às construções verticalizadas de uso misto de comércio e indústria que continuam lá até os dias de hoje. Segundo relatos de moradores antigos, na Aimorés, cada porta era uma pequena indústria, com máquina de fazer malhas, mesa de corte e algumas máquinas de costura no fundo.

No entanto, se a Rua Aimorés tinha mais de 30 confecções no início dos anos 70, a Rua Itaboca teve mais dificuldade para recompor-se. A rua adotou um novo nome, Professor Cesare Lombroso, em homenagem ao antropologo criminal do século XIX de origem italiana que "viu na miscingenação e nos traços não europeus sinais de delinquência e pendor para o crime" (SCHWARCZ, 2010). Ironicamente, é um nome que não representa a Lombroso de hoje, que é um espaço de intensa interação étnica, sendo um ponto de convergência de diversas redes de economia étnica. Na época, a mudança do nome foi uma decisão para confrontar o passado e declarar o começo de uma nova fase. Entretanto, isso não foi suficiente para apagar a memória da zona de meretrício: a Lombroso continuou sendo os fundos dos comércios da José Paulino e da Aimorés por muitos anos seguidos. Quando um grupo de empresários coreanos chegou ali no início da década de 90 atraído por baixo preço de imóvel, o que encontrou foram depósitos, estacionamentos, oficina de automóveis, fabriquetas de fundo de quintal e botecos.

A maior parte do lado ímpar da Lombroso, junto ao muro de contenção da ferrovia, é ocupada por uma propriedade composta por quatro blocos de edificações – entre eles um prédio de estacionamento, dois conjuntos comerciais geminados e um armazém – que uma família de imigrantes libaneses que se dedicava ao comércio de jeans foi comprando aos poucos. Nos meados dos anos 90, já com as confecções coreanas instaladas ali, teve início uma série de mudanças sucessivas nessa propriedade a começar pela reforma das fachadas. Os confeccionistas coreanos de um dos blocos se reuníram nesse momento inicial e mostraram o interesse em ter uma fachada diferenciada que se destacasse em relação ao conjunto. Fizeram um acordo com o proprietário para executar uma pele de vidro, contribuindo com a metade do custo (FIGURA 4.12).

Podemos observar, ao comparar a série de imagens antigas com as atuais, que a volumetria não mudou. E o programa do complexo também continua o mesmo, salvo a parte comercial interna, que havia sido depósito e hoje abriga fileiras de lojas. Esse plano de ampliação comercial aconteceu da seguinte forma: aproveitando a existência de uma rua interna do complexo que corria junto ao muro de contenção da ferrovia, elaborou-se o plano inicial que previa a criação de uma fileira de lojas voltadas para os fundos, acrescentando 22 unidades comerciais às 23 unidades já existentes junto à Lombroso. No entanto, esse plano sofreu uma modificação para aumentar o número de unidades comerciais para locação. No final, foi criada uma galeria interna no sentido longitudinal, acrescentando mais uma fileira e somando

45 unidades novas no lugar das 22 que haviam sido planejadas.

Com espaço para 45 showrooms, foi inaugurado em 2005 o *Lombroso Fashion Mall*, o primeiro *shopping* de moda feminina atacadista da região do Bom Retiro, com aparência de um *shopping center* – lojas voltadas para a galeria interna onde os compradores usufruem do ar climatizado, da limpeza e da segurança monitorada (FIGURA 4.13). A novidade foi um sucesso imediato: teve trinta unidades alugadas em menos de um mês depois do lançamento e duzentos confeccionistas de diversas localidades – tais como Brás, Itaim Bibi, interior do estado de São Paulo e até de Goiás – ficaram na fila de espera por uma vaga no que restou (DANTAS, 2006). Foi a prova de que a Rua Professor Cesare Lombroso tinha conseguido se firmar como centro atacadista de âmbito nacional.

Por outro lado, é importante ressaltar que essa tipologia arquitetônica – *shopping center* de moda atacadista – já não era novidade na época, apesar de ser o primeiro e único exemplar do Bom Retiro até os dias de hoje. Esses espaços de venda atacadista são amplamente difundidos nas regiões sul e sudeste do Brasil, inclusive no vizinho Brás. No entanto, a proporção de confeccionistas brasileiros que têm seus showrooms no *Lombroso Fashion Mall* mostra que essa tipologia de espaço de venda não conseguiu atrair muitos coreanos que continuaram a preferir os pontos convencionais, estabelecidos de frente para as ruas e, muitas vezes, com amplo espaço de apoio. Sendo assim, os coreanos continuam compondo a maioria dos lojistas que ocupam os pontos externos do Lombroso Fashion Mall. Apesar de o *Mall* oferecer as sobrelojas com espaço para armazéns e oficinas para as unidades internas, pagar alto preço por esse espaço não é interessante para os novos inquilinos que mantêm a produção fora do bairro e contam com esquema sofisticado de logística programada. Já para os coreanos que estão acostumados a ter a produção perto, o que dispensa planejamento rigoroso de fluxo de mercadoria, essas sobrelojas eram muito pequenas para abrigar suas instalações. Como resultado, esses espaços ficaram ociosos e estão aguardando uma nova ampliação do espaço comercial.

Em 2008, o proprietário do conjunto comercial adquiriu dois imóveis na Rua Silva Pinto, os últimos da rua antes do arco de transposição da ferrovia, e demoliu-os para abrir um acesso direto à rua interna desde a Silva Pinto (FIGURA 4.14). Antes, quem saía pela Lombroso era obrigado a cruzar a linha ferroviária e passear pelo bairro da Luz, presisando fazer um percurso de cerca de 2 km e enfrentar o trânsito da José Paulino para voltar ao início da Lombroso (COMÉRCIO ... , 2009). Este é um exemplo que mostra o que significa a ferrovia como barreira física quando inserida num tecido urbano. Com a abertura da via, a circulação pela Lombroso ficou mais fácil: basta sair da rua, virar a esquina com a Silva Pinto, encostar o carro de frente para a cancela e acenar para um dos seguranças de terno e gravata para que dê permissão para passar.

Assim, enquanto a Lombroso se ocupava de comércio de roupas e de confecções com a intensidade nunca antes vista na sua história, as confecções da Rua Aimorés estavam se preparando para uma iminente troca de geração. Alguns confeccionistas coreanos que se enriqueceram escolheram a Aimorés para adquirir a propriedade de imóveis comerciais e, com isso, motivaram a vinda de outros coreanos a essa rua. Rapidamente,

a rua se tornou a preferida dos confeccionistas da colônia. Um empresário do bairro, imigrante de origem grega e confeccionista desde 1958, recorda que os edifícios foram se transformando radicalmente à medida que os pontos foram vendidos ou alugados para os coreanos. Ele manteve sua malharia na Rua Aimorés até o ano 2001, quando resolveu vender a propriedade para dois confeccionistas coreanos. Sua história acompanha as mudanças pelas quais a rua passou nos últimos 50 anos.

Ele chegou ao Brasil ainda adolescente, num navio que partiu de Atenas com toda a família. Logo que chegou, em 1955, seu pai adquiriu o imóvel da Aimorés para montar uma fábrica de solas de sapato na garagem. Em 1958, ergueu um edifício de cinco pavimentos no lugar da casa para instalar uma confecção e malharia: o térreo era ocupado pela loja, os andares de cima davam espaço para uma pequena fábrica com máquinas de fazer malha e oficina de costura, e no último andar, havia pequenos apartamentos residenciais para locação (FIGURAS 4.15, 4.16, 4.17 E 4.18). Ele, que começou a ajudar o pai no novo negócio ainda jovem, lembra que terceirizavam o serviço de costura para coreanos que não possuíam negócios no bairro, mas que vinham de longe para pegar o serviço e voltavam só quando tinham as roupas finalizadas para entregar.

Assim, a confecção passou do pai ao filho, que continuou suas atividades na Rua Aimorés até 2001, quando recebeu uma atraente oferta de compra por parte de dois confeccionistas coreanos. Os novos proprietários dividiram o edifício ao meio e empreenderam uma reforma completa aproveitando somente a estrutura do prédio antigo, deixando apenas a volumetria como marca do passado (FIGURA 4.19). O senhor grego, quando volta para a rua e passa pelo endereço onde viveu 43 anos da sua vida, acha que ficou tudo muito bonito apesar de não conhecer as pessoas que o ocupam hoje e de não entender as razões para tanto gasto em reformas:

> *Vi gente fazendo reformas homéricas. Tinha reformas que nem entendia o porquê. Tinham reformado dois anos atrás, estava nova e bonita, derrubava e fazia tudo de novo, isso porque diziam que fazia crescer mais os negócios.*[36]

Essa é a história de um dos últimos confeccionistas da geração antiga que deixou a rua, da geração dos gregos e judeus que trouxeram as primeiras confecções para a Rua Aimorés. Hoje, apenas uma confecção da Aimorés pertence a um proprietário de origem não coreana. Inquilinos ou proprietários, os coreanos ocuparam os pontos comerciais da Aimorés e da Lombroso e trabalharam para renovar a aparência dessas ruas. Acreditaram na potencialidade dos seus negócios e investiram recursos para a melhoria. Com isso, realizaram um verdadeiro apagamento dos vestígios materiais da história, tendo transformado as ruas mais desvalorizadas da cidade nas mais caras. Isso é visto como algo

36. Trecho da entrevista 2-2 (ver Apêndice 1).

positivo por todos do bairro e é motivo de orgulho para a colônia coreana.

No ano de 2000, o novo polo Aimorés-Lombroso de moda feminina atacadista estava consolidado. E os primeiros cinco anos da década que se seguiram foram marcados por prosperidade econômica e grande entusiasmo. Com isso, organizou-se um movimento de intervenção urbana, chamado de "Projeto Bom Retiro", que propunha uma coordenação de ações de diversos setores que incidiam sobre o bairro. Segundo as palavras do idealizador do projeto, o arquiteto urbanista Cleiton Honório de Paula:

> *O Projeto Bom Retiro tem incorporado que apenas atividades produtivas possibilitam o resgate social. Pretende consolidar o Bom Retiro como centro e marca referencial da indústria da moda brasileira pela construção de um cluster com características inéditas. (...) Como o corpo da indústria local é formado por pequenas empresas que requerem mão de obra intensiva, será possível uma distribuição equilibrada da geração de riqueza (PAULA, 2004).*

Por essa razão, foi indicado como área piloto do projeto o polo Aimorés-Lombroso, compreendido pelas ruas Aimorés, Carmo Cintra e Professor Cesare Lombroso, além de um trecho da Ribeiro de Lima, totalizando 1km linear de vias com aproximadamente 280 unidades de uso industrial e venda por atacado (GATTONI; ALMEIDA, 2006), no espaço que coincide exatamente com a delimitação da zona de meretrício dos anos 40 (FELDMAN, 1989). A partir da força econômica concentrada nessas ruas, o projeto visava impulsionar outras ações, através da articulação política entre diferentes grupos e instituições, tais como a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), grupo de lojistas coreanos do polo Aimorés-Lombroso, Prefeitura de São Paulo, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), administração do Parque da Luz e Pinacoteca, entre outras.

O escopo do projeto[37] era composto por trinta subprojetos para serem efetuados com o dinheiro arrecadado dos confeccionistas do local. Como principais subprojetos, podemos citar:

- Enterramento da fiação elétrica;
- Reforma do sistema de esgoto e drenagem;
- Padronização das calçadas, mobiliário, iluminação e paisagismo;
- Reforma e modernização de 200 lojas;
- Construção de um centro de apoio ao visitante na Rodoviária Tietê de onde partiriam linhas circulares de vans;
- Novos estacionamentos;

37. Escopo extraído dos seguintes artigos de jornal: DURAN, 2003; CARVALHO, 2004 e BIANCHI, 2005.

- Criação de logomarca do bairro, mapa de compras, feiras e prêmios para divulgação do bairro;
- Equipamentos culturais;
- Escola Superior de Moda a ser instalada no antigo Desinfectório Central;
- Criação de complexos hoteleiros para apoio aos visitantes.

Além disso, o projeto vislumbrava a possibilidade de o Bom Retiro voltar a ser a porta de entrada da cidade com a instalação da linha de metrô na Estação Luz e a proposta do terminal remoto aeroportuário na Estação Júlio Prestes, com futuras extensões para o interior do estado.

O Projeto Bom Retiro mostrou, então, por uma análise extensa, as potencialidades que o bairro teria do ponto de vista econômico e urbanístico. No entanto, enfrentou dificuldades na tentativa de viabilizar-se, principalmente para juntar os esforços e lidar com divergências de interesses de um bairro plural e dividido como é o Bom Retiro. No fim das contas, o resultado concreto dessa iniciativa acabou se limitando à renovação das instalações urbanas de luz, água e esgoto cuja execução já estava por acontecer independente do andamento do projeto, além da série de reformas das unidades comerciais empreendidas por conta de cada confeccionista. No fim, o total do investimento realizado nas duas ruas até os meados de 2006 dentro da área piloto se resume aos seguintes itens (GATTONI; ALMEIDA, 2006):

- Substituição da fiação aérea por rede subterrânea – R$ 4 milhões;
- Ajustes das unidades à nova rede de água e esgoto – R$ 130 mil;
- Reforma de 85% dos imóveis – R$ 50 milhões;
- Luz Plaza, hotel de 4 estrelas e 16 andares inaugurado em abril de 2004 – R$6 milhões investidos por três empresários coreanos.

Desse montante de 50 milhões de reais investidos em reformas das unidades comerciais nesse período no polo Aimorés-Lombroso, a maior parte foi provida por confeccionistas coreanos, ainda que a maioria não fosse proprietária dos imóveis. Alguns aceitaram contratar arquitetos participantes da Casa Cor para elaborar projetos que serviriam de modelos para todos da rua (BIANCHI, 2005), impondo certo padrão para as fachadas que passaram a exibir vitrines amplas de pé-direito duplo com iluminação embutida e letreiros minimalistas. Sobre isso, podemos dizer que alguns investiram acreditando fortemente na valorização dos seus negócios, mas é inegável que muitos outros foram obrigados a seguir a mudança dos vizinhos para não destoarem do conjunto. E, além dessas medidas superficiais, porém custosas, o escopo de reforma das unidades também incluía a renovação de instalações das unidades para adaptá-las à nova infraestrutura de luz e de água e esgoto.

Essa onda de revitalização urbana que marcou os primeiros cinco anos da década de 2000 do polo Aimorés-Lombroso teve como uma das principais consequências a supervalorização dos imóveis das duas ruas, como pudemos mostrar anteriormente. Após essa experiência de revitalização e outras ligadas à desapropriação, como foi o caso do *Shopping Center Luz*, a reação dos confeccionistas coreanos perante qualquer possibilidade de intervenção urbana passou a ser mais cautelosa, pois aprenderam que ela influencia diretamente o valor das propriedades, podendo ter consequências nem sempre positivas para seus negócios.

Sobre os empreendimentos imobiliários de grande porte que foram construídos com o capital vindo da economia da confecção, podemos citar três exemplares construídos na mesma época desse entusiasmo – dois hotéis, um deles com campo de golfe, e um centro empresarial (FIGURA 4.20). Fora isso, construções novas com investimentos dos coreanos são escassas, salvo o caso das instituições e templos religiosos que foram construídos na parte baixa do bairro.

FIGURA 4.12
Lombroso Fashion Mall, antes e depois da reforma dos anos 90. Fotos de levantamento do Arq. Paulo Tomio Otaga (autor do projeto de reforma), s/d, e fotos da autora, 2015.

FIGURA 4.13
Área comercial interna do Lombroso Fashion Mall. Fotos da autora, 2015.

FIGURA 4.14
Rua interna do Lombroso Fashion Mall. Fotos da autora, 2015.

Figura 4.15
Rua Aimorés no final da década de 50. Foto fornecida pelo entrevistado.

Figura 4.16
Fachada da antiga confecção na época da inauguração. Foto fornecida pelo entrevistado.

Figura 4.17
Antiga confecção no dia da inauguração em 1958. Foto fornecida pelo entrevistado.

Figura 4.18
Incêndio na oficina de costura do terceiro andar. Foto fornecida pelo entrevistado.

FIGURA 4.19
A antiga confecção no ano de 2001, logo antes da aquisição do imóvel por confeccionistas coreanos, e a mesma confecção hoje. Foto fornecida pelo entrevistado e fotos da autora, 2015.

Figura 4.20
Hotel Luz Plaza e Edifício Bom Retiro Business Center, ambos localizados de frente para o Parque da Luz. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

4.1.5.
CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E VENDA – TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA

Para finalizar este subcapítulo sobre o polo têxtil Aimorés-Lombroso, vamos descrever a tipologia arquitetônica das confecções localizadas nessas duas ruas. Basicamente, há dois tipos de espaços para confecção: o primeiro é de loja com um mezanino e o segundo é de confecção verticalizada com estrutura de apoio que contém administração, oficina de corte e acabamento e armazém, podendo ter até 8 andares. Todas as edificações são desprovidas de qualquer tipo de recuo – frontal, lateral ou dos fundos – sendo todas geminadas. Essas características arquitetônicas das confecções da Aimorés e da Lombroso são semelhantes àquelas de outras ruas do bairro, salvo pelo fato de que não encontramos diversidade de usos nessas duas ruas – não há residências ali, nem comércio de outros tipos que não seja de moda feminina atacadista e tampouco edifícios de uso puramente industrial, com exceção de alguns estabelecimentos de serviço localizados dentro das duas galerias – Galeria Aimorés e Galeria Nova José Paulino - e no espaço de sobreloja do número 183 da Rua Aimorés, o único exemplar de uso misto que contém serviço, pois é o único edifício que possui acesso separado aos pavimentos superiores. Todo o nível térreo é invariavelmente ocupado por comércio de moda feminina atacadista nas duas ruas.

Os espaços comerciais do térreo têm um programa parecido: ao passar por uma vitrine de pé-direito duplo, há um grande salão com uma das paredes ocupada por estantes em toda sua altura e extensão onde se empilham as peças separadas por tamanhos e modelos; no meio do salão, há mesas amplas para separar os produtos vendidos; no fim do salão, o caixa atrás de um grande balcão, o acesso para os pisos superiores e uma salinha de administração atrás do caixa de onde o dono tem controle de tudo o que acontece no *showroom*. Muitas vezes, não há um único caixa, senão vários, lembrando aqueles de um supermercado. Os balcões com vários caixas e o tamanho das mesas dão uma ideia do volume de produtos que costumam passar por ali.

O primeiro tipo – loja com um mezanino – oferece espaço apenas para a função comercial. Um comerciante que ocupa um desses pontos diz que compensa economicamente manter um ponto pequeno na rua e ter a fábrica perto, numa sobreloja das ruas adjacentes ou num galpão da Rua Anhaia ou na parte baixa do Bom Retiro. No caso dele, por possuir pouco espaço para estoque dentro da loja, o abastecimento precisa ser frequente. Como as ruas são estreitas e não comportam espaço de carga e descarga, o abastecimento ocorre em volumes fracionados, várias vezes ao dia, por carregadores com carrinho de mão. Só seria possível a fábrica ficar distante do ponto de venda, fora do bairro ou em outras cidades como é o caso de muitos do *Lombroso Fashion Mall*, se a logística dos produtos fosse sistematizada e programada.

Já o segundo tipo, o de confecção verticalizada, possui dentro do edifício uma pequena indústria, com espaços para criação, modelagem, corte, acabamento, embalagem e estoque para tecidos, outras matérias-primas de confecção e produtos finais (FIGURAS 4.21 e 4.22). Como já mencionamos anteriormente, a costura normalmente é feita fora nas oficinas terceirizadas. As lajes dos prédios antigos – construídos nos meados do século passado, porém, já preparados para abrigarem indústrias – parecem aguentar o peso de uma máquina de corte. Quebra-se a parede, amplia-se o espaço e faz-se caber.

Por mais verticalizada que ela possa ser, essa tipologia de construção para comércio não é mais compacta do que um modelo de *shopping center*, pois cabe apenas um comércio por lote. Nela, o comércio é intimamente relacionado ao fluxo de pedestres na rua. Para os comerciantes do bairro, mesmo nas galerias, atrair a circulação dos compradores para níveis acima do térreo sempre foi um desafio difícil (FIGURA 4.23). Ao observar as lojas do Bom Retiro, é possível notar que todo o bairro se construiu assim, no entorno das ruas, pensando nos pedestres que circulam ali. Hoje, no bairro, existem algumas propostas recentes de edifícios comerciais que tentam quebrar esse paradigma. Se o público aderir, o comércio do Bom Retiro vai mudar, mas só o tempo dirá se terá sido um sucesso.

FIGURA 4.21
Confecções verticalizadas de edifícios de uso misto de comércio e indústria, localizadas à Rua Professor Cesare Lombroso. Foto da autora, 2015.

FIGURA 4.22
Oficina interna de uma confecção da Rua Aimorés.
Foto da autora, 2015.

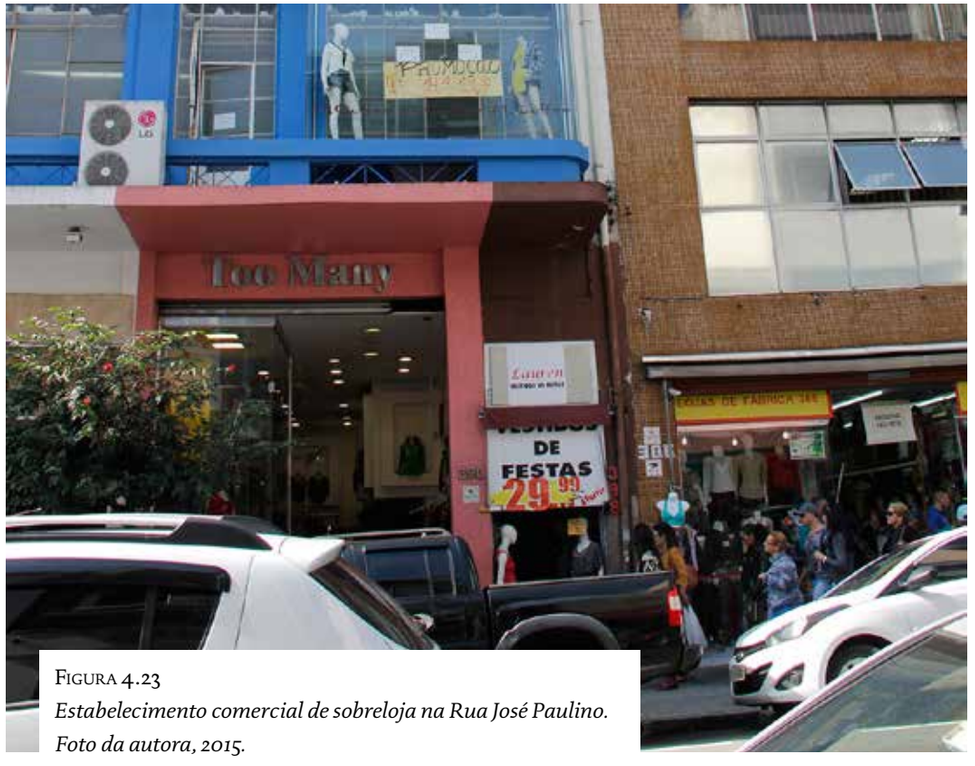


FIGURA 4.23
Estabelecimento comercial de sobreloja na Rua José Paulino.
Foto da autora, 2015.

4.2.

O ENCLAVE ÉTNICO DOS IMIGRANTES COREANOS DO BOM RETIRO

Na hora de almoço, as ruas do Bom Retiro se enchem de pessoas que saem do trabalho para ir comer nos restaurantes próximos. A maioria caminha pela José Paulino e dobra na esquina com a Silva Pinto, seguindo pela Três Rios em direção à Estação Tiradentes até algum restaurante no meio do caminho. Nesse pequeno trajeto a pé, se é um coreano, dificilmente conseguirá chegar ao destino pretendido sem parar para cumprimentar um rosto conhecido. Depois de trocadas umas palavras, quando finalmente chegar a um restaurante coreano, terá que apertar a campainha e esperar que liberem a entrada. A porta será aberta e, enquanto passa pela entrada repleta de pôsteres anunciando eventos da colônia e pela mesa de recepção com pilhas de jornais em coreano de circulação gratuita, com publicidades de fornecedores de embalagens e peças de aviamento, terá que enfrentar olhares curiosos, de pessoas que se viram a cada vez que a porta se abre para ver se chegou algum conhecido. Assim que se sentar à mesa, um garçom – provavelmente um brasileiro ou um paraguaio – trará o cardápio, também em coreano, e esperará ali mesmo para anotar o pedido em seguida, sem dar muito tempo para o cliente escolher, sabendo que um cliente normalmente não gosta de esperar para ser servido. Ele vai levar à cozinha o pedido, feito em coreano e anotado sem dificuldades, e voltar imediatamente carregando uma bandeja grande com tigelas de arroz e vários pratos pequenos de *banchan*[38], que serão espalhados pela mesa.

Os restaurantes coreanos do Bom Retiro dificilmente têm brasileiros na sua clientela. Apesar de não deixarem de atender eventuais clientes não coreanos, seus negócios são voltados principalmente para os coreanos que trabalham ou moram na região e outros que vêm ao bairro em busca da diversidade de opções da culinária coreana e da companhia com os coétnicos. Como consequência da concentração dos negócios e das residências dos coreanos no Bom Retiro, formou-se ali um núcleo de economia de enclave étnico[39], uma concentração espacial de estabelecimentos de comércio e serviços destinados a atender a colônia coreana, portanto, fortemente dependente à economia gerada no polo têxtil pelos coétnicos. Sua existência, junto com e a concentração residencial e a presença de instituições que promovem atividades de congregação, é um importante elemento constituinte de um enclave étnico.

Como mencionado anteriormente, o Bom Retiro viu uma intensa transferência dos negócios de confecção da colônia judaica para a coreana durante os anos 80, o que culminou na consolidação de um enclave étnico dos coreanos no bairro na década seguinte[40] . Pouco a pouco, o Bom Retiro começou a atrair aqueles que preferiam morar no bairro, perto de onde trabalhavam. E, à medida que o enclave étnico se consolidava e a possibilidade de ter uma vida autônoma dentro do bairro aumentava para quem não

38. Porções pequenas de pratos diversos que acompanham o arroz e o prato principal.
39. Cf. item 1.3.2 desta dissertação para a definição da economia de enclave étnico
40. Cf. Subcapítulo 3.2 desta dissertação para mais detalhes sobre o processo de consolidação do enclave étnico dos coreanos no Bom Retiro..

falava português, os novos imigrantes que chegaram desde então mostraram a tendência de residir ali. Assim, em 2002, cerca de 19 mil coreanos, ou seja, 40% dos coreanos que viviam em São Paulo, já moravam no Bom Retiro (ATHIAS, 2002[41]).

Neste subcapítulo sobre o enclave étnico formado pelos coreanos do Bom Retiro, vamos traçar o perfil dos residentes do bairro e descrever os espaços da sua vida cotidiana para entender a razão da concentração de moradias dos coreanos e os motivos que os levam a preferir a vida dentro do enclave étnico. Para isso, primeiro, vamos falar sobre os espaços de moradia concentrados na parte alta do bairro e, depois, abordar os locais de congregação dos coétnicos onde atividades coletivas são promovidas em torno do lazer, da religião, da cultura e da educação, fortalecendo os laços sociais entre os membros da colônia. Ao longo da descrição desses espaços, perseguiremos as razões que levaram os coreanos a escolher morar no bairro.

4.2.1.
MORADORES DO BOM RETIRO

A proximidade entre a moradia e o trabalho é apontada por Mangili (2011, p. 55) como uma característica inicial da constituição do bairro do Bom Retiro que não se perdeu com a metropolização da cidade, como aconteceu em outros bairros. Podemos afirmar que ela contribuiu tanto para a formação do enclave étnico dos judeus na parte alta do bairro em decorrência da concentração de seus negócios no polo têxtil, quanto para o dos coreanos, que herdaram da colônia judaica uma estrutura física pronta para morar e trabalhar no bairro. As moradias deixadas pelos judeus atendiam as necessidades de uma classe média de caráter peculiar, "diferente tanto daquela classe moradora das tipologias de kitnetes, quanto da classe média alta dos edifícios residenciais de Higienópolis" (ibid., p. 107). Essa classe residente do bairro foi descrita em um estudo de 1957 da Sociedade de Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMAGS) como sendo "classes médias inferiores", compostas por "pequenos industriais, artesãos importantes, comerciantes médios, funcionários e empregados médios" (FELDMAN, 2011, p. 51; id., 2013, p. 14), provavelmente incluindo os pequenos empresários étnicos que ascenderiam economicamente com seus empreendimentos.

Segundo Koulioumba (2011, p. 264), os construtores judeus foram os autores dos edifícios residenciais de estilo modernista, de sete a dez andares (FIGURA 4.24), que foram construídos na parte alta do bairro entre os anos 50 e 70, acarretando uma grande mudança na morfologia das ruas Afonso Pena, Amazonas, Correia de Melo, Bandeirantes, Graça, Guarani, Júlio Conceição, Lubavitch, Prates, Ribeiro de Lima e Silva Pinto (ibid., p. 270). Esses edifícios residenciais surgiram como extensão do processo de verticalização do centro da cidade e de acordo com as normas da época, que limitavam a área mínima de unidades residenciais a 210 m2 (ibid., p. 279), resultando num padrão de moradia condizente com a condição econômica da colônia judaica da época. Além de transformar a aparência das ruas da parte alta do Bom Retiro, essa introdução de tipologia verticalizada trouxe a diversidade na oferta de moradias ao bairro, onde havia predominância de habitações horizontais e modestas até então. Mais tarde, a maioria dos imigrantes coreanos que viriam morar no bairro ocuparia esses edifícios residenciais.

A década dos anos 50, marcada pelo início da construção de edifícios residenciais verticalizados, apresentou um incremento da população do bairro, que havia diminuído entre 1920 e 1940 com o aumento das funções não residenciais (MANGILI, 2011, p. 70). No entanto, sua população volta a diminuir, com a redução brusca de 44% entre 1981 e 2000 (SOUCHAUD, 2011, p. 70), coincidindo com a evasão da colônia judaica do bairro e a entrada da colônia coreana. E a construção de novos edifícios residenciais praticamente se encerra por volta do ano 1974 (KOULIOUMBA, 2011, p. 279). Isso reflete a gradativa perda de função residencial do bairro e denota uma diferença no padrão de ocupação residencial que existe entre o enclave judaico e o coreano, pois, diferentemente dos judeus, os coreanos nunca elegeram o Bom Retiro preferencialmente para residir (TRUZZI, 2001, p.155). Mas isso não impediu que surgisse ali o enclave étnico, sendo o maior centro de congregação da colônia coreana de São Paulo.

Como pudemos ver no capítulo 3, a consolidação do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro ocorreu na década de 90 e foi circunscrita por mudanças econômicas e consequente estratificação social dentro da colônia. Os imigrantes antigos e mais favorecidos economicamente tendiam a permanecer na Aclimação, bairro estritamente residencial que oferecia moradias de médio e alto padrão e que era próximo ao primeiro local de concentração dos imigrantes coreanos, o bairro do Glicério. Ou saíam em busca de outros bairros predominantemente residenciais, tais como Higienópolis, Santana e Perdizes. A concentração de negócios dos coreanos nos polos têxteis do Bom Retiro e do Brás, inevitavelmente, começava a atrair novos moradores ao Bom Retiro que preferiam morar perto de onde trabalhavam, mas essa transferência de moradia só se intensificou nos anos 90, com a diversificação da economia étnica em decorrência da saturação do mercado de confecção e consequente formação do polo de economia de enclave étnico. Segundo Choi (2011, p. 307-308), os novos imigrantes ilegais, ou pessoas sem estabilidade econômica, ou outras que sofreram falência na confecção mudaram para pequenas atividades comerciais voltadas para a própria colônia que não demandavam grandes investimentos iniciais, tais como loja de comida pronta, supermercados, açougue, peixaria, conserto de eletrônicos, sapataria, salão de cabeleireiros, estúdio de fotos, karaokê, entre outras. Com isso, aumentou a possibilidade de ter uma vida autônoma dentro do bairro para quem não falava português, tanto para trabalhar quanto para exercer tarefas do cotidiano, fazer amizades e interagir com a vizinhança, atraindo não somente os

41. Dado apresentado pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Coreia a ATHIAS, 2002.

imigrantes recém-chegados, mas também aqueles que desejavam uma vida mais reservada, sem ter que enfrentar adversidades que surgem em contato com a cultura não habitual.

Ainda que nem todos que trabalham no bairro residam ali, a maioria daqueles que moram no Bom Retiro trabalha no próprio bairro ou em locais próximos, tais como o bairro do Brás e o centro da cidade. Quando não possuem um negócio próprio, costumam trabalhar para outros coreanos – trabalhar como representantes de venda de fornecedores coreanos de tecidos e aviamentos, intermediando negociações com os confeccionistas, também coreanos, por exemplo, é o ganha-pão predileto daqueles que acabam de chegar ao Brasil. Sem nenhum investimento inicial e sem falar português, pode-se ganhar uma porcentagem sobre o montante de venda promovida como comissão, e sempre há demanda para isso. Por isso, até existe um jargão da colônia que designa essa atividade, "fazer *bendê*", que vem do verbo "vender" dito com carregado sotaque coreano.

Independente da estratégia escolhida para ganhar a vida no Brasil, o que se pode perceber é que trabalhar com e para os coreanos, inserindo-se na economia étnica, parece ser uma saída garantida em muitos casos. De acordo com Truzzi e Neto (2007, p. 41), há situações em que o auto-emprego étnico torna-se mais rentável à não assimilação do que à assimilação. Podemos dizer que é o caso do fortalecimento da economia de enclave étnico no Bom Retiro que ocorreu na década de 90: em decorrência da concentração dos coreanos nos negócios do polo têxtil do bairro surgiu um mercado potencial. E também podemos dizer que ocorreu o inverso, ou seja, o interesse dos coreanos em morar no bairro aumentou com a presença da economia de enclave étnico, desencadeando um rápido processo de concentração residencial e de consolidação e expansão do enclave.

Além disso, o padrão de moradias construídas pela colônia judaica na parte alta do Bom Retiro parece corresponder à condição econômica dos coreanos e às suas expectativas, pois os alugueis são baixos em comparação a outros bairros, mas a qualidade de moradia – considerando o padrão arquitetônico e o tamanho das unidades residenciais – é boa. Isso fez com que tanto as moradias dos coreanos quanto os estabelecimentos comerciais do enclave étnico se concentrassem nessa parte do bairro. Essa preferência pela parte alta do Bom Retiro também explica a diferença que existe entre a ocupação coreana do Bom Retiro e a do Brás, cuja oferta de moradia é de padrão mais popular. Na lista comercial da colônia coreana de 2011 (TABELA 4.1), podemos constatar que, apesar de as confecções coreanas estarem distribuídas de maneira equilibrada nos dois bairros, o Bom Retiro abriga a grande maioria de estabelecimentos voltados para a colônia, não somente os comerciais, mas também os institucionais. De fato, muitos dos coreanos que trabalham no Brás moram no Bom Retiro, aproveitando a proximidade geográfica entre os dois bairros e melhores condições do Bom Retiro como bairro para morar. Em suma, pode-se afirmar que a estrutura pré-existente no Bom Retiro, construída pela colônia judaica para abrigar seus membros e suas instalações, favoreceu o surgimento do enclave étnico dos coreanos ali através do processo de sucessão étnica, assim como aconteceu na esfera dos negócios, sem que houvesse grandes alterações espaciais.

Bairro / Modalidade	Confecções	Restaurantes	Mercearias	Consultórios médicos	Escolas
Bom Retiro	749	43	12	35	34
Brás, Pari e Canindé	811	5	4	6	8
Aclimação, Liberdade, Cambuci e Paraíso	11	5	1	6	9
Outros	41	1	0	12	0

TABELA 4.1
Distribuição dos negócios dos coreanos nos bairros Bom Retiro, Brás, Aclimação e Liberdade. Tabela elaborada a partir dos dados extraídos de: DIÁRIO JOONG-ANG. Lista comercial dos coreanos 2009/2010. São Paulo, 2009.

O espaço residencial da parte alta do bairro se mantém sem modificações significativas não só no âmbito espacial, mas também parece que houve pouca transferência de propriedades durante tal sucessão, prevalecendo a forma de aluguel. Um jornal do ano de 1993 (PRADO, 1993 [42])aponta a ausência de empreendimentos novos na região apesar de alto potencial construtivo dos lotes e ainda afirma: "a oferta (de venda de unidades residenciais) é grande, a procura é escassa, mas ocorre o inverso para a locação. Muitos trabalhadores do local são atraídos pelo preço da locação". Mangili (2011, p. 118-119), na conclusão da análise feita sobre os anúncios de aluguel da época na categoria de apartamentos, destaca o predomínio do aluguel sobre a moradia própria como uma característica que permaneceu mesmo com o surgimento da tipologia habitacional vertical entre os anos 1940 e 1960. Talvez por não possuírem imóveis próprios, ou por abrigar majoritariamente uma classe social diferente daquela que atua no mercado de confecção, a aparência modesta das residências e dos estabelecimentos comerciais que atendem os moradores contrasta com o visual exuberante do polo têxtil.

Alguns ainda preferem morar em outra região e usufruir a estrutura coletiva que existe no bairro. De modo geral, para alguém que decide morar no Bom Retiro, a possibilidade de viver sem carro tem grande peso na escolha do local de residência. Sampaio (2011, p. 95-96) observa que há uma preferência dos idosos coreanos para residir no bairro, pois, além de desfrutarem das conveniências já mencionadas que o enclave oferece, têm facilidade de locomoção, pois percorrem o bairro a pé e circulam pela cidade utilizando o metrô. De fato, por causa da vida social ativa que um idoso pode ter dentro do bairro, muitas famílias que continuam seguindo a tradição de morar com os pais

42. Segundo Prado (1993), "apesar do 60% do bairro em Z3 ou Z4, com CA de 4,0, não há investimento novo".

idosos permanecem por causa deles. E, por mesmo motivo, muitos que moram em outros bairros se mudam para o Bom Retiro quando perdem os parceiros por falecimento e ficam sozinhos. Para eles, os apartamentos da Rua Ribeiro Lima localizados de frente para o Parque da Luz são os preferidos, por causa da proximidade com o parque e com todo o resto que lhes interessa.

Mas a verdade é que a terceira idade está em crise. A obrigação de cuidar dos pais idosos, que vem da tradição confucionista, é abandonada e o processo é doloroso. No entanto, esse fenômeno não parece ser específico da colônia de imigrantes coreanos, senão geral da sociedade coreana. Muitos idosos de hoje chegam à aposentadoria sem haver investido na previdência, tendo esgotado seus recursos na criação dos filhos, na expectativa de que seriam amparados por eles na velhice assim como eles mesmos fizeram com a geração anterior. Na colônia de imigrantes coreanos, a insistência em casar os filhos homens com outras coreanas, por exemplo, também tem em vista essa tradição, pois, segundo ela, a tarefa de cuidar dos idosos recairia em cima do primogênito homem e, principalmente, da nora que passaria a conviver com a família dentro da mesma casa. No entanto, a mudança na estrutura familiar

FIGURA 4.24
Edifícios residenciais localizadas à Rua Amazonas. Foto de Marcelo Lee, 2016.

e no modo de viver decorrente da ocidentalização e da modernização da sociedade aumentou o número de filhos que rejeitam essa obrigação e, consequentemente, a quantidade de idosos que vivem sós, aqui e lá. No Bom Retiro, os idosos declaram a independência dos filhos, e nem a língua, nem a dificuldade de locomoção e muito menos a falta de companhia os impede de fazê-lo.

4.2.2.
LAZER NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A presença da terceira idade entre os moradores coreanos do Bom Retiro é um fato que chama a atenção, principalmente pela sua frequência nas ruas do bairro. Mesmo no horário comercial, podemos encontrar grupos de idosos nas esquinas dos bares, parados na beira das calçadas ou caminhando pelas ruas, entretidos nas conversas entre eles. Eles fazem bom proveito dos espaços públicos do bairro para a vida social, usufruindo, ao máximo, sua liberdade de locomoção – a concentração espacial de moradias e estabelecimentos étnicos de que consiste o enclave étnico seria ainda mais vantajosa porque tudo que é necessário para a vida cotidiana cabe dentro da distância possível de ser percorrida a pé, dispensando o uso de automóveis no dia a dia. Por isso, podemos dizer que a autonomia que os coreanos buscam no Bom Retiro não está relacionada somente à habilidade linguística, mas também à mobilidade como pedestres. Assim, os idosos que residem no bairro não dependem de que os filhos os levem a sair de casa. Às vezes, eles vão longe: nas manhãs de sábado, quando não há atividades nas igrejas, reúnem-se na Estação da Luz e tomam trens e metrôs para ir fazer caminhada em Paranapiacaba ou no Núcleo Pedra Grande do Parque Estadual da Cantareira, localizado na zona norte da cidade.

Dos espaços públicos do bairro que promovem a socialização dos coreanos através das atividades do lazer, com destacada presença da terceira idade, vamos destacar aqui dois exemplos: o primeiro é o Parque da Luz, que abriga atividades matinais e diárias, organizadas pelas associações e voluntários da colônia; e o segundo é o Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, localizado na confluência dos rios Tietê e Tamanduateí, onde um grupo de idosos com mais de oitenta anos frequenta as quadras de *gateball* desde os anos 90. E vamos atentar para a maneira peculiar com que eles se apropriam desses espaços.

PARQUE DA LUZ

Ainda no alvor da manhã, grupos de coreanos, de roupa leve e colorida e com tênis nos pés, caminham até o fim da Rua Afonso Pena, atravessam a Rua Ribeiro de Lima, passam pelo portão entreaberto para entrar no Parque da Luz, sob o olhar vigilante dos funcionários. Diariamente, o parque se abre duas vezes: às cinco e meia, somente o portão da Ribeiro de Lima é aberto para permitir a entrada da população local para as atividades físicas; e às nove, o segundo portão de frente para a Estação da Luz e as demais entradas são liberados para o público geral, permitindo a passagem de pedestres que cortam o caminho pelo parque para chegar ao Bom Retiro. Muitos deles vêm de trem ou caminhando desde o bairro da Luz,

através da passarela central da estação, que é a extensão da Rua Cásper Líbero. Eles normalmente não estão interessados em perder o tempo ali no parque e sim em chegar ao outro lado por caminho curto.

Durante o primeiro horário do dia, dedicado à população local, a presença dos coreanos ganha o destaque não só pelo número, mas também pelas atividades coletivas que tomam a parte central do parque, o canteiro de terra batida do Coreto e da antiga Casa do Chá, também conhecida como *Ponto Chic*. A casa, que era frequentada pela elite paulistana nos passeios de domingo do início do século XX, há muito perdeu sua função original. O porão agora é usado como depósito da coletividade coreana, que ali guarda as caixas de som e uma televisão de cinquenta polegadas, doadas em 2002 por um membro da colônia para transmitir os jogos da Copa do Mundo Coréia e Japão, e, depois, usadas para transmitir a sequência de ginástica matinal. Ali, também são armazenados diversos equipamentos de *badminton*: caixas de petecas, redes, placares, relógio e fitas para demarcar as quadras – são sete ao todo, sendo três para as partidas de jogadores de nível avançado e quatro para as práticas de iniciantes. Às sete da manhã, quando a pessoa que porta a chave do porão chega ao parque, os equipamentos são retirados e, de repente, o canteiro amplo é tomado por pessoas. Os idosos que caminhavam pelo parque se juntam na frente do palco improvisado no patamar elevado da varanda da Casa do Chá para finalizarem seus exercícios, fazendo a ginástica de alongamento de acordo com os movimentos exibidos na tela ou com a demonstração da professora voluntária. Enquanto isso, outro grupo de coreanos mais jovens, de cinquenta a sessenta anos de idade, montam rapidamente as quadras para iniciar as partidas de *badminton* (FIGURAS 4.25, 4.26 E 4.27).

Após a instalação dos gradis e o reforço da vigilância interna do parque, de três anos para cá, o número de coreanos que frequentam o parque aumentou. O Conselho Gestor do Parque da Luz, composto por um inspetor da prefeitura, um administrador do parque e três consulentes, reserva um posto para um representante da colônia coreana, em reconhecimento pela sua contribuição na melhoria do espaço e no esforço constante em manter o diálogo com os coreanos a fim de refletir o interesse do grupo nas ações interventivas. No entanto, há reclamações: periodicamente, o grupo de *badminton* contrata um caminhão que vem jogar areia e pedrisco sem a autorização prévia da administração, fazendo a manutenção necessária de suas quadras, custeada com o dinheiro coletivo arrecadado com o pagamento da mensalidade de vinte reais. Apesar de a administração ter cedido o uso exclusivo do porão da Casa do Chá, eles querem mais. E isso preocupa a administração, pois ela se encontra no processo de licitação para virar lanchonete, recuperando um pouco da sua função original.

O grupo de *badminton* é composto por oito equipes de jogadores, e cada equipe faz treinos extras nas quadras de suas igrejas, mas todas se reúnem no parque às manhãs, sem distinção de fins de semana ou feriados. Hoje, há 85 membros registrados, um presidente eleito e todos contribuem com a mensalidade. Durante o treino, dão risadas, conversam e dividem os lanches e as bebidas que alguém traz, sem que exista obrigação de fazê-lo. Mais tarde, quando ressoa o grito do batalhão da Polícia Militar, que inicia o seu treino no parque

todas as manhãs às nove horas, e entra a multidão que vem da estação, o parque ganha outro tipo de movimento, incluindo o das prostitutas que trabalham no parque e nas adjacências da estação. Pouco antes disso, os coreanos rapidamente desmontam as quadras, guardam os equipamentos e trancam o porão, deixando só as pegadas na areia como vestígio.

Depois do treino, atravessam de volta a Ribeiro de Lima para irem tomar café no outro lado da rua. O dono do bar já está acostumado: serve um café amargo, sem açúcar, e metade de mamão para cada um. Para aqueles que querem um café reforçado, prepara um misto quente temperado com generosas fatias de cebola. Ao servir, não se esquece de deixar a garrafa de molho de pimenta dedo-de-moça ao lado do prato. Durante o café, o assunto predileto são os filhos: alguém desabafa sobre a dificuldade de arranjar uma namorada coreana para o filho que já tem mais de 30 anos. Entre conversas e risadas, terminam o café e voltam para casa para tomar banho e preparar-se para o expediente.

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER LOCALIZADOS À MARGEM DOS RIOS

A retificação do rio Tietê nos anos 40 gerou uma faixa de terra disponível no bairro do Bom Retiro, junto à margem dos rios Tietê e Tamanduateí, onde se concentraram equipamentos públicos de grande porte, perpetuando a vocação institucional deste setor da cidade (MAPA 4.4). Desses equipamentos públicos, alguns se destinam ao lazer, como é o caso do campo de futebol do Clube da Comunidade (CDC) Nacional Bom Retiro, que tem um histórico de passagens de colônias de imigrantes do bairro. Há alguns anos, o campo era um dos centros sociais da colônia boliviana e chegou a abrigar campeonatos de futebol aos domingos e também a Feira Kantutita (BOLÍVIA CULTURAL, s/d) – uma feira itinerante que oferece evento de socialização parecido com aquele da Praça Kantuta, com barracas de comida, artesanato e músicas tradicionais, mas de porte menor. Mas, antes que voltasse a ser um campo de futebol, ali funcionava uma academia de prática de golfe, que era frequentada pelos membros da colônia coreana. Até hoje, podemos ver parte da estrutura de apoio que restou dessa instalação (FIGURA 4.28). Depois da construção de Prince Tower na Rua Matarazzo, um complexo hoteleiro inaugurado no ano de 2004 com o primeiro *driving range* do país anexo a um hotel (FIGURA 4.29), ela foi desativada, dando lugar novamente ao campo de futebol.

O golfe é o esporte favorito dos coreanos que têm condições econômicas para sustentar tal tipo de lazer, pois demanda um investimento alto. Aos sábados, grupos de coreanos, principalmente os donos de confecções e os funcionários transferidos de empresas multinacionais, frequentam os campos de golfe dos arredores de São Paulo e participam de campeonatos organizados por diversas associações da colônia. Ao contrário das atividades de lazer dos moradores do Bom Retiro que acontecem nos espaços públicos ou nas dependências dos equipamentos coletivos da colônia, o golfe se pratica nos clubes privativos que, muitas vezes, possuem critérios particulares de seleção de associados, fazendo com que cada clube proporcione diferente status social para seus membros. E o bairro do Bom Retiro oferece apoio para isso, com uma loja de artigos de golfe, localizada na Rua Prates, e o *driving range* do hotel, que é frequentado por aqueles que querem fazer aulas particulares e treinar diariamente para aprimorar as técnicas de tacada.

O Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi é um monumento público que foi inaugurado em 1958 em homenagem aos 50 anos de imigração japonesa (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, LAZER E RECREAÇÃO, s/d). Trata-se de um complexo esportivo localizado no alargamento do canteiro da Marginal Tietê no ponto de confluência do Rio Tamanduateí com o Rio Tietê, junto com um barracão de uma escola de samba e o conjunto habitacional Parque do Gato. Podemos dizer que a escolha do local para a construção do estádio se deve à disponibilidade do terreno institucional à margem do rio, então recém-retificado, e não à história da colônia japonesa, que não possui ligações com o bairro. O movimento dos praticantes de beisebol no estádio do Bom Retiro tem diminuído ao longo dos anos: nas décadas de 80 e 90, as escolas do estádio tinham sete instrutores e cerca de 300 alunos; em 2005, havia apenas 40 alunos (MOREIRA, 2005). O pouco movimento ainda se concentra nos finais de semana, quando há campeonatos e treinos de sumô e beisebol, deixando as instalações do estádio subutilizadas durante o restante da semana. Até os meados dos anos 90, ainda havia idosos da colônia japonesa que frequentavam o estádio para jogar o *gateball*[43], mas hoje eles exercem suas atividades no Clube Esportivo Municipal Ryuso Ogawa, que disponibiliza oito quadras de gateball e é localizado próximo ao bairro do Jabaquara, na zona sul da cidade, onde há uma grande concentração da população de origem japonesa.

Quando o grupo de coreanos chegou ao estádio na década de 90, ainda não havia quadras de gateball. Na época, era um grupo de 60 jogadores que treinavam onde havia um espaço aberto de terra batida; 25 anos depois, alguns faleceram e outros se mudaram para os Estados Unidos, restando apenas 25 deles, todos, atualmente, com mais de 80 anos de idade. Pouco a pouco, eles foram construindo as quadras com as próprias mãos: levantaram as divisórias de alvenaria, alisaram a terra e plantaram as cercas vivas – hoje, existe demarcação para quatro quadras, mas apenas duas delas são utilizadas (FIGURA 4.30). Ao lado da quadra, há um quiosque com a instalação de apoio e, ao lado, construíram um pergolado e fizeram uma pequena cozinha onde preparam os lanches a serem oferecidos nos treinos. O grupo não só tem um espaço exclusivo como também a liberdade para entrar antes do horário de abertura oficial, que é às oito da manhã. Um administrador diz que os coreanos não atrapalham a gestão do estádio:

> *Eles ficam lá, no cantinho deles. O vestiário também é só para eles. A gente não opina muito. São muito fechados.*[44]

Apesar de terem levantado recursos e investido com o próprio trabalho para a melhoria das quadras, eles não se sentem donos do lugar. Uma senhora lamenta a falta de equipamentos próprios da colônia coreana para exercer as atividades de terceira idade:

43. O gateball foi criado em 1947 no Japão e é um jogo adaptado do críquete inglês. A princípio, o esporte foi pensado para crianças, mas, com o tempo, passou a ter grande aceitação entre os idosos. UCGB, s/d.
44. Trecho de anotações do campo.

> *Não tínhamos um espaço para nossas atividades. Então, pegamos isto (o estádio) emprestado.*[45]

Sobre o significado da homenagem a uma etnia específica como acontece no caso do Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, que originalmente era um equipamento público destinado ao lazer da colônia japonesa, faremos uma breve reflexão aqui. Em contraposição à permanência de um espaço e da sua estrutura física, a dinâmica social de uma colônia de imigrantes costuma transformar-se com a mesma rapidez do passar das gerações. Uma vez que o lugar foi construído para abrigar as atividades de uma colônia e nomeado para homenageá-la, superar essa identidade num eventual processo de sucessão étnica ou na abertura para o aproveitamento da população geral, fazendo com que ela se torne simbólica e aceita por todos pode ser uma tarefa difícil. Se isso não acontecer, esse lugar fica suscetível ao abandono. Honrar a memória de um povo que deixou o lugar e manter a vida social ativa para evitar a situação de abandono depois da evasão é um problema a ser solucionado por muitos equipamentos coletivos e instituições de caráter étnico do Bom Retiro.

Enquanto isso, os idosos coreanos que o frequentam para suas partidas diárias de *gateball* vão continuar a "pegar emprestado" o que presumem que outros deixaram para trás na falta do que possa ser chamado de seu, sem a consciência de que se trata de um bem público, portanto, um bem para todos. Vistos os exemplos de apropriação dos espaços públicos pelos coreanos do Bom Retiro, podemos dizer que a gestão desses espaços numa sociedade dividida por etnias, como a do Bom Retiro, precisa estar preparada para lidar com a existência de fronteiras tênues de afirmação e reconhecimento da identidade étnica e também com a tendência à territorialização.

Ao observarmos, nos casos expostos acima, a maneira os coreanos do bairro se apropriam dos espaços públicos para a socialização entre eles, podemos evocar novamente algumas características da convivência interétnica do Bom Retiro anteriormente mencionadas, tais como a invisibilidade pública e a sociabilidade voltada para o âmbito privado.[46] Recorrendo a recursos como alternância de horário de ocupação entre diferentes grupos e pequenas negociações com o poder público, os coreanos do bairro constroem um mundo privado nos espaços públicos, exercendo uma espécie de gestão privada desses espaços: promovem alterações de acordo com as necessidades específicas do grupo e não costumam contar com o recurso público para empreender a melhoria do espaço.

45. Trecho de anotações do campo.
46. Cf. subcapítulo 2.2 desta dissertação sobre a sobreposição de diferentes círculos de sociabilidade étnica.

Figura 4.25
Caminhadas matinais. O parque é um importante local de socialização dos idosos coreanos do bairro. Fotos da autora, 2015.

Figura 4.26
Sessões de ginástica para a terceira idade na Casa do Chá, Parque da Luz. Foto da autora, 2015.

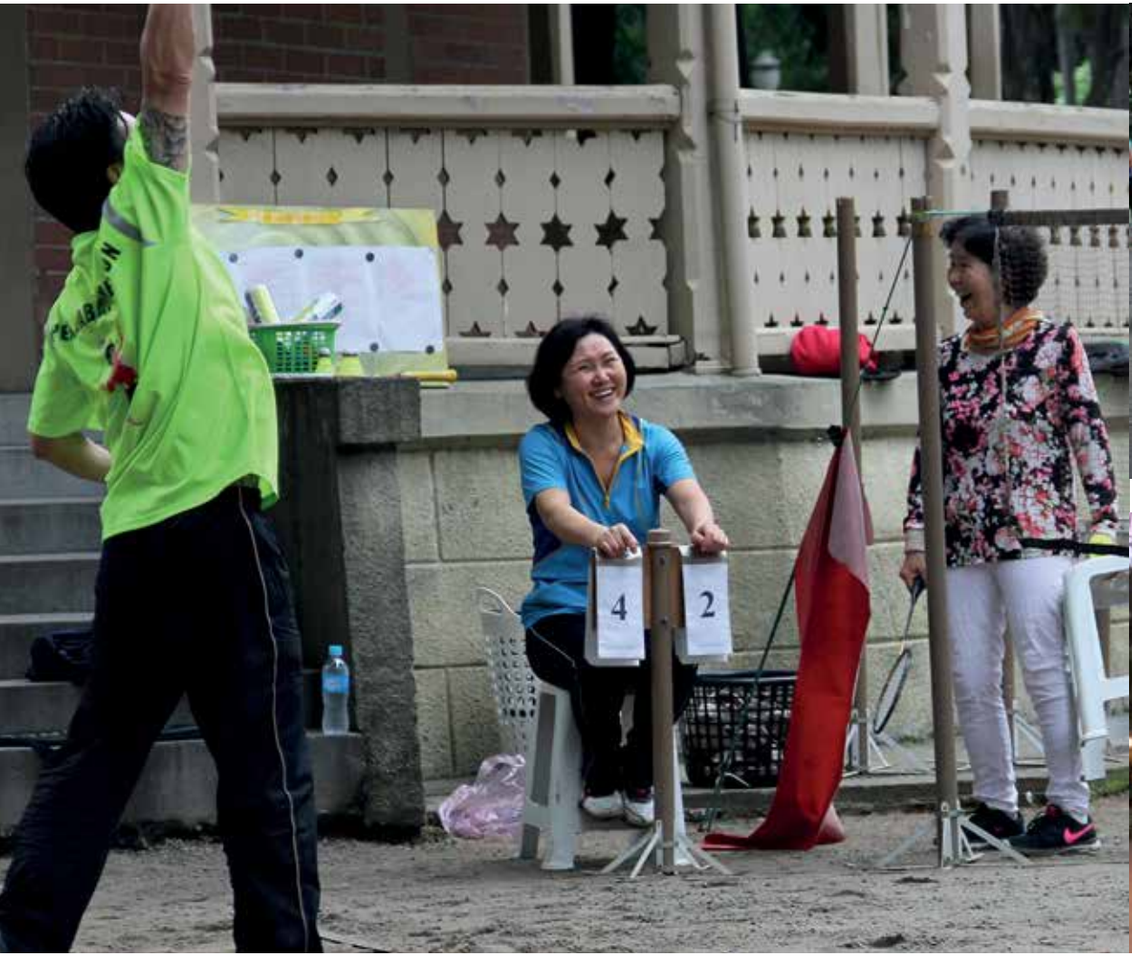


FIGURA 4.27
Partidas de badminton. A montagem das quadras começa diariamente às sete da manhã. Fotos da autora, 2015.

Mapa 4.4
Sucessão de equipamentos públicos ao longo da margem dos rios.

LEGENDA

1. Creche e escola municipais
2. CDC Nacional Bom Retiro
3. CDC Roberto Russo
4. Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi
5. Conjunto Habitacional Parque do Gato
6. Estação de transbordo de lixo
7. Departamento de Investigações sobre Narcóticos - DENARC
8. Departamento de Estradas de Rodagem - DER
9. Departamento Estadual de Trânsito - Detran
10. Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo - Sabesp
11. Departamento de Estradas de Rodagem - DER
12. Centro Esportivo Tietê

Figura 4.28
Resto do antigo driving range do Clube da Comunidade (CDC) Nacional Bom Retiro. Fotos da autora, 2015.

Figura 4.29
Driving range do Hotel Prince Tower com 3500 m2, 140 jardas de profundidade e 50 baías. Fotos da autora, 2015.

Figura 4.30
Quadras de gateball do Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, nos anos 90 e agora. Foto do acervo pessoal de Claudia Kim e foto da autora, 2015.

Figura 4.31
Campeonato de gateball de abril de 2015.
Fotos da autora, 2015.

4.2.3.
EQUIPAMENTOS COLETIVOS: RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA

Às onze da manhã, um pequeno edifício de 4 pavimentos localizado à Rua dos Bandeirantes, no número 474, abre suas portas para receber os fiéis para o culto dominical, revelando a função escondida atrás da fachada de vidro fumê com a pequena e discreta inscrição "JPN". Há dois anos, ele é a filial do Ministério Apostólico Jesus para as Nações, uma igreja evangélica de origem brasileira com a sede em Brasília. A unidade do Bom Retiro é uma igreja pequena gerida por um casal de pastores imigrantes coreanos que falam português fluente e que defende a ideia de convivência harmoniosa que transcende as etnias. Durante o culto realizado numa única sessão semanal, o pastor profere as palavras divinas em português para uma plateia mista de coreanos e brasileiros, enquanto sua mulher distribui os pontos eletrônicos para a transmissão da tradução simultânea para coreano, auxiliando aqueles que têm dificuldade de compreensão.

Até o ano de 2010, o edifício onde hoje funciona a igreja coreana era a sede de *Hashomer Hatzair* de São Paulo (AGÊNCIA JUDAICA PARA ISRAEL, s/d), um movimento juvenil presente em mais de vinte países, fundado sobre os ideais de sionismo, socialismo, judaísmo humanista e escotismo, e que oferece atividades direcionadas aos jovens judeus de sete a quinze anos de idade. A arquiteta urbanista de origem judaica Raquel Rolnik, que passou a infância no bairro, dá o depoimento sobre a sua participação na construção do edifício:

> *Participei ativamente da construção da sede de um dos movimentos sionistas socialistas no Bom Retiro, o Hashomer Hatzair, fazendo campanha na rua, vendendo discos, vinho, levantando dinheiro. Nós não tínhamos uma sede, que funcionava num sobrado alugado. Éramos a 'jovem guarda' do Movimento Sionista, um centro para a juventude que organizava acampamentos e atividades culturais e esportivas nos finais de semana (MOCARZEL, 2011).*

Apesar de abrigar as memórias de infância de uma geração, o prédio, que foi erigido com o dinheiro arrecadado na colônia judaica, foi vendido pela instituição para um coreano que, por sua vez, cedeu a propriedade para o funcionamento da igreja. Hoje, o antigo teatro localizado no porão amplo transformou-se no espaço de culto (FIGURA 4.32), enquanto o salão de festa da cobertura recebeu divisórias em alvenaria e instalações sanitárias para virar um alojamento de missionários. Duas salas do segundo andar agora abrigam uma creche e uma sala de estudos bíblicos. Mas o ambiente que ganhou uma função mais distante da original foi a quadra poliesportiva: espalhando mesas e cadeiras de plástico sobre a quadra que se mantém, ela vira o refeitório onde todos almoçam juntos depois do culto. A única modificação física que ela sofreu foi a construção de uma nova churrasqueira, utilizada especialmente para almoços de comemoração (FIGURA 4.33).

Muitos equipamentos da coletividade coreana de porte menor, tais como pequenas igrejas, creches, escolas de reforço escolar e diversos tipos de centros e associações, acharam seus espaços na parte alta do bairro, em edifícios existentes adaptados para abrigar as novas funções, sem que houvesse necessidade de construção de novos edifícios. No caso da igreja acima descrita, não é à toa que uma igreja consegue operar na estrutura herdada do movimento juvenil do passado, pois as igrejas coreanas são os principais centros de socialização da colônia coreana, e não só oferecem atividades religiosas, como disponibilizam sua estrutura também para o lazer e a educação de seus fiéis, incluindo as atividades direcionadas para os jovens e os idosos.

Segundo os dados do Ministério de Cultura, Esportes e Turismo (2011, p. 15) do governo sul coreano, 46% da população do país não possui religião e 23% se declara budista, seguido por 18% pertencentes às igrejas evangélicas e 11% ao catolicismo. No entanto, a TABELA 4.2 revela uma realidade muito diferente da colônia coreana de São Paulo se comparada com aquela da sociedade coreana: por mais que a maior parte das igrejas evangélicas seja de porte pequeno e que não tenhamos dados sobre número de seus frequentadores, é possível afirmar que há uma predominância do evangelicalismo, se levarmos em conta o fato de que a única igreja católica coreana possui 3.500 fiéis cadastrados em 2015 (PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, 2015, p. 120) e que os dois templos budistas dificilmente reúnem mais de cinquenta pessoas nas suas sessões semanais.

Diferentemente do sistema organizacional das religiões católica e budista, que possuem uma hierarquia centralizada que obriga seus líderes religiosos a submeterem-se às questões exteriores à colônia, as igrejas evangélicas proporcionam mais liberdade de gestão comunitária aos pastores, permitindo que eles se foquem nas necessidades específicas dos imigrantes. Além disso, os pastores exercem uma função vitalícia dentro da colônia e, por isso, desenvolvem uma relação mais íntima com seus seguidores, tornando-se uma espécie de líderes comunitários. Os conflitos de interesses que surgem durante a convivência religiosa, muitas vezes, acarretam fundações espontâneas de novas igrejas por subdivisões (CHOI 1991, p. 163), o que justifica a proliferação de igrejas evangélicas que passam a realizar cultos em pequenos espaços alugados e até mesmo nas casas dos pastores (ibid., p. 164).

No final dos anos 90, como consequência da concentração espacial dos coreanos no Bom Retiro, tanto dos moradores quanto dos negócios étnicos, a tendência natural foi que os equipamentos coletivos da colônia coreana também se concentrassem ali, inclusive as instituições religiosas que preferiam, até então, o bairro da Aclimação para fundar suas sedes (CHOI 1991, p. 164). Além disso, com o acúmulo do capital proveniente da indústria têxtil, começaram a surgir alguns equipamentos de grande porte no bairro através de diversas campanhas milionárias de arrecadação de dinheiro, sendo estes alguns dos poucos monumentos construídos pela coletividade coreana. Esses equipamentos acharam os terrenos suficientemente grandes para abrigar suas instalações na parte baixa do bairro, terrenos onde antes funcionavam instalações industriais (FIGURAS 4.34).

Bairro /Religião	Evangelicalismo	Catolicismo	Budismo	Total
Bom Retiro	17	1	2	20
Brás, Pari e Canindé	10	-	-	10
Aclimação, Liberdade, Cambuci e Paraíso	10	0	1	11
Outros	4	-	-	4
Total	41	1	3	45

TABELA 4.2
Número de instituições religiosas coreanas por religião e por bairro. Tabela elaborada a partir dos dados extraídos de: DIÁRIO JOONG-ANG. Lista comercial dos coreanos 2009/2010. São Paulo, 2009.

A seguir, veremos as razões pelas quais se escolheu o Baixo Bom Retiro para a implantação destes equipamentos e quais são suas funções sociais dentro da colônia, destacando a importância da vida social promovida dentro das instituições religiosas, em contraposição à debilidade da vida coletiva laica. Para isso, vamos mostrar como exemplos os casos da Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun da religião católica e do Colégio Polilogos, um colégio bilíngue cujo ensino é reconhecido pelo governo coreano.

SURGIMENTO DOS EQUIPAMENTOS COLETIVOS DE GRANDE PORTE NO BAIXO BOM RETIRO

O tamanho dos terrenos disponíveis e a proximidade com o polo têxtil e o enclave étnico instalado na parte alta do bairro foram, sem dúvida, os principais motivos da localização dos equipamentos coletivos no Baixo Bom Retiro, mas houve outras razões para isso, tais como o custo baixo e poucas restrições urbanísticas que incidem sobre a área, que é designada como Zona de Centralidade Polar[47] pela lei vigente do uso e ocupação do solo, permitindo a implantação de usos diversos e grande flexibilidade dos parâmetros de ocupação. Quando a Associação Brasileira de Educação Coreana (ABEC) – organização sem fins lucrativos formada pelos membros da colônia – efetuou a primeira compra de terreno no bairro da Aclimação com o dinheiro do cofinanciamento entre a associação e o governo sul coreano, o empreendimento foi fracassado justamente por causa das restrições urbanísticas do bairro estritamente residencial. Por mais que tentassem

47. Informações do Plano Regional Estratégico da Subprefeitura da Sé. Mapa do Uso e Ocupação do Solo segundo a Lei nº 13.885 de 25 de agosto de 2004 e do quadro nº 02/c, anexo à Parte III da mesma lei sobre instalação de atividades não residenciais por zona de uso e parâmetros de incomodidade. SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO, s/d.

vincular-se à colônia dos coreanos da Aclimação, buscando novas opções de terreno no Cambuci e na Vila Mariana, o alto custo e a distância do núcleo residencial inviabilizaram essa ideia. No final, decidiu-se adquirir o terreno da Rua Solon, no Bom Retiro, onde havia uma fábrica de canetas já desativada, e de frente para a antiga fábrica de automóveis da Ford – a primeira fábrica de carros do Brasil inaugurado no ano de 1921, construindo ali a primeira sede própria no ano de 1998, um edifício de três andares para abrigar desde a educação infantil até o último ano do ensino médio (FIGURAS 4.35, 4.36 E 4.37). Podemos ver, através desse caso, que a disponibilidade dos terrenos de grandes dimensões na parte baixa do bairro é o resultado da evasão das grandes indústrias da região, que haviam sido instaladas no início do século XX.

Diferentemente do Colégio Polilogos, a igreja católica dos coreanos já havia se instalado em outras regiões da cidade antes de construir a igreja no Bom Retiro. Segundo a publicação comemorativa de 50 anos da coletividade dos coreanos católicos de São Paulo (PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, 2015), a coletividade dos católicos coreanos inicialmente exercia suas atividades na Igreja da Nossa Senhora da Paz do Glicério, transferindo-se para a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, situada à Rua do Carmo, em 1972. Desde aquela época, a vontade dos católicos coreanos de ter uma igreja própria era grande. Depois de algumas tentativas fracassadas, em 1980, o grupo adquiriu um armazém no bairro do Ipiranga, iniciando a reforma para transformá-lo numa igreja. Mais tarde, em 1991, comprou o terreno vizinho onde havia um galpão de reciclagem de lixo, para fazer a ampliação e construir uma quadra de futebol e as instalações para o ensino e a recreação dos jovens.

Nessa época, os frequentadores da igreja se queixavam da precariedade das instalações, que sofriam alagamentos frequentes por causa das enchentes e eram pequenas – o motivo da escassez do espaço foi o número de fiéis que era 1.500 em 1982 e que havia aumentado para 2.800 em 1990. Outro motivo das reclamações era a grande distância em relação ao Bom Retiro, o bairro onde muitos dos frequentadores passaram a residir. Com isso, começou-se um intenso trabalho de transferência da igreja para o Bom Retiro: o terreno localizado à Rua Nair de Teffé foi adquirido em 1999, logo após o início da campanha de arrecadação. Em 2000, constituiu-se a figura jurídica da Associação Brasileira dos Católicos Coreanos (ABCC) para organizar as tarefas e atribuir responsabilidades específicas da construção da nova igreja. Após três anos de obra, em maio de 2004, foi inaugurada a nova igreja dos coreanos católicos no Bom Retiro, com as instalações de apoio às atividades culturais e educativas abertas para toda a colônia, mudando o seu nome de Paróquia Nossa Senhora Rainha para Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun, em homenagem ao santo coreano (FIGURAS 4.38 E 4.39).

A localização dos equipamentos coletivos na parte baixa do Bom Retiro é estratégica para toda a colônia coreana, mas menos para quem mora no bairro, e mais para quem vem de fora: eles disponibilizam amplos estacionamentos privativos, muitas vezes situados no subsolo dos edifícios. Já quem se desloca a pé pelo bairro enfrenta o problema da distância e da insegurança para

chegar a essas instalações, pois o Baixo Bom Retiro apresenta um ambiente hostil para os pedestres, sobretudo fora do horário comercial. Para amenizar o desconforto, muitos desses equipamentos oferecem serviço de ônibus circulares dentro do bairro ou organizam deslocamentos em grupo. Os idosos que frequentam as sessões de oração que acontecem diariamente às quatro da manhã na Igreja Missionária Oriental, por exemplo, reúnem-se na esquina da Rua Prates com a Rua Ribeiro de Lima para tomar a van, ou encontram-se numa padaria 24 horas da Rua Newton Prado para caminharem juntos até a igreja.

IMPORTÂNCIA DA VIDA RELIGIOSA

As instituições religiosas da colônia coreana, sobretudo as igrejas evangélicas, exercem papéis centrais na socialização entre os coreanos. Quando um coreano conhece outro, as primeiras perguntas que vai fazer são "onde fica a sua loja?" e, depois, "que igreja você frequenta?", já pressumindo que a pessoa necessariamente frequenta alguma. São duas perguntas aparentemente inocentes que vão revelar muito de um desconhecido, desde sua posição socioeconômica e o tipo de círculo social a que ele pertence, até os valores morais que ele possui. E, ao mesmo tempo, isso mostra a importância que tem a vida religiosa dentro da colônia coreana, da qual a maioria não deixa de participar.

No entanto, para fazer parte dos círculos sociais das igrejas, não basta ser coreano. Segundo Truzzi (2011, p.23-27), os vínculos religiosos, junto com os elos de parentesco e de amizade, constituem "relações sociais fortes, primárias, caracterizadas pela confiança e pelo contato frequente", responsáveis pela difusão de informações e de recursos de que dependem as migrações em cadeia. E a rede social que promove as migrações em cadeia contina influenciando a vida dos imigrantes depois da chegada ao país novo. Por exemplo, por mais que os jornais coreanos do bairro tragam informações referentes aos negócios de moda, com seus anúncios de venda de aviamentos, de embalagens, oferta de serviço de modelagem e até de procura por fornecedores de produtos, os coreanos sabem que as informações de melhor qualidade chegam aos ouvidos privilegiados na forma de recomendações de amigos, ou através das conversas durante o almoço dominical depois do culto ou durante as caminhadas entre um buraco e outro nos campos de golfe.

Portanto, trabalhar para ocupar uma posição cada vez mais estratégica dentro dessa rede de relações sociais é necessário mesmo depois da fase inicial da imigração, especialmente para aqueles que se dedicam aos negócios da economia étnica, pois essa posição "configura a estrutura de oportunidades desse ator no que diz respeito à facilidade de acesso a recursos de outros atores situados na rede ou fora dela" (ibid., p. 32). As igrejas são locais importantes para a ampliação da rede de relações e também para o fortalecimento de laços existentes. Elas não só promovem eventos abertos para toda a comunidade religiosa como organizam socialização em pequenos grupos, divididos por idade, gênero, interesse e até região de moradia: é o caso de encontros semanais entre aqueles que moram próximos, que acontecem sob diversas denominações – grupos de oração, reuniões de estudos bíblicos, fazendas, células, etc.

Choi (1991, p. 158) aponta como uma das razões da proliferação das igrejas na colônia coreana a oferta de auxílio aos recém-chegados como mecanismo de busca de novos fiéis, ajudando no que diz respeito a recursos básicos de sobrevivência, tais como alimentação, moradia e meios para atingir independência financeira, na ausência de órgão oficial de apoio a imigrantes. O recurso que ajudou muitos a conseguir tal independência, que não é próprio de instituições religiosas, porém, só foi possível no ambiente social oferecido por elas, foi o *Kye*.[48] O *Kye* é um sistema de auto-financiamento de antiga tradição coreana, uma espécie de consórcio informal realizado num pequeno círculo de conhecidos próximos para levantar verbas de grande porte. Como o *Kye* se baseia em relações de extrema confiança, podendo o não pagamento ser penalizado através da expulsão do inadimplente do círculo social, as igrejas, consequentemente, tornaram-se os principais locais de formação do *Kye*. Na época em que proliferou a imigração ilegal na colônia coreana de São Paulo, durante as décadas de 70 e 80, muitos compraram as primeiras máquinas de costura e pagaram as luvas de locação dos pontos comerciais com o dinheiro do *Kye* na impossibilidade de recorrer ao financiamento do sistema bancário oficial. E o fato de a maioria não saber falar português também contribuiu para o correto funcionamento do *Kye* daquela época, pois a expulsão da colônia coreana e a consequente exclusão da economia étnica anularia boa parte da possibilidade de a pessoa estabelecer-se economicamente no Brasil. Hoje em dia, esse cenário mudou, e o *Kye* está caindo cada vez mais em desuso, mas o costume de juntar a força econômica persiste, e os coreanos continuam a beneficiar-se de arrecadações de dinheiro dos amigos e parentes em eventos pessoais, tais como casamento, velório e primeiro aniversário das crianças.

Assim, participar da vida social das igrejas coreanas traz a vantagem de enriquecer a vida social dentro da colônia de imigrantes, com alguns benefícios econômicos indiretos como consequência do funcionamento da rede de economia étnica. Entretanto, esse não é o único aspecto vantajoso e secular de frequentar as igrejas. Muitas delas oferecem assistência à juventude e à terceira idade através de atividades culturais, esportivas e educativas. A Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun, por exemplo, inclui uma escola de língua coreana, uma creche, uma escola de terceira idade e uma biblioteca de livros em coreano dentro das suas instalações, configurando um verdadeiro centro da cultura coreana (FIGURA 4.40).

O objetivo da igreja em dedicar-se às ações educativas dos jovens e das crianças é "exercer a educação da língua coreana e arraigar o espírito coreano, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento saudável do corpo e da alma" (PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, 2015, p. 59), ou seja, preservar os valores da tradição coreana, a língua e a cultura. Com o mesmo intuito, a maioria das igrejas coreanas, mesmo aquelas de porte menor, investe na educação dos jovens fiéis. No entanto, há críticas de que uma igreja tende a oferecer aos jovens "uma educação moral rígida contra 'brasileiros muito liberais' e controla seu tempo livre nos finais de semana" (IM; HONG, 2009, p. xx), impedindo um processo natural de rompimento da barreira cultural e de

48. Cf. CHOI (1991, p. 152-155) para maiores informações sobre o funcionamento do Kye.

assimilação gradativa com a inserção da nova geração na sociedade maior. Entretanto, o desejo de perpetuar a identidade étnica e a "pureza do sangue" por parte dos imigrantes da primeira geração é grande e também se traduz na "insistência dos pais para que seus filhos frequentem a igreja nos finais de semana, pois ali poderão encontrar ofertas mais promissoras, a seus olhos, no mercado matrimonial" (TRUZZI, 2001, p. 161). Assim, dependendo do ponto de vista, as igrejas podem ser estimadas como instituições benéficas para a socialização entre os coétnicos, que estreita os elos afetivos entre seus membros através da religião e da afinidade cultural, protegendo-os contra os efeitos negativos da vida de um imigrante, ou podem ser consideradas como dispositivos de isolamento social.

DIFICULDADES DAS INSTITUIÇÕES LAICAS

O ensino da língua para os filhos de imigrantes tem a finalidade de manter a identidade cultural e diminuir a distância entre gerações, influindo na capacidade de comunicação entre os membros de uma família. Portanto, investir nele é natural na fase inicial de colônias de imigrantes. Como vimos, as primeiras iniciativas de ensino da língua coreana aconteceram dentro das igrejas: elas possuíam instalações fixas, ociosas fora dos dias de culto, que podiam ser oferecidas para atividades didáticas.

Em 1983, fundou-se a Escola Coreana de São Paulo com o intento de laicizar e profissionalizar o ensino da língua coreana. Aos sábados, alugavam-se salas de aula das escolas públicas para ensinar crianças e adolescentes: a primeira escola ficava no bairro do Cambuci, depois, mudou-se para o Brás e, mais tarde, para a Aclimação. Com a qualidade de ensino satisfatória, chegaram a ter cerca de 600 alunos em 1989. Foi quando houve a tentativa do governo coreano de unificar a educação da língua coreana no Brasil, sendo repudiada porque contrariava os interesses das igrejas, que faziam dela instrumento para evangelizar os jovens e manter o número de fiéis (CHOI, 1991, p. 150 – 151).

No entanto, as negociações por parte de alguns empresários da colônia com o governo coreano continuaram para viabilizar a fundação de uma escola coreana no Brasil que trouxesse uma educação coreana mais completa, não só as aulas da língua coreana, mas também um currículo de ensino completo e bilíngue, aprovado pelos governos de ambos os países. O fruto desse esforço é a inauguração do Colégio Polilogos na Rua Solon, Bom Retiro, no ano de 1998, no prédio novo de três andares e de 10.000 m2 construídos para abrigar desde o berçário até o último ano do colegial. Segundo um membro da ABEC que participou ativamente na construção da escola, sua inauguração representou a realização de sonho de muitas pessoas.

> *Na época em que terminou de construir era sonho meu, sonho de muita gente. É um dos únicos imóveis monumentais da colônia coreana. Tirando as igrejas, é o único.*[49]

49. Trecho da entrevista 1-4 (ver APÊNDICE 1).

A escola começou com 125 alunos até a quarta série e foi ampliando o número de vagas aos poucos: em 2004, teve a sua primeira turma do terceiro ano do Ensino Médio, alcançando o número total de 291 alunos matriculados. Entretanto, a escola nunca esteve plenamente ocupada: seu espaço é subutilizado e as salas de aula do terceiro andar nunca foram abertas. Conciliar a preservação da cultura e a assimilação através da educação revelou-se uma tarefa mais difícil e menos atrativa do que parecia ser. Mesmo que o governo coreano reconhecesse o diploma, faltava interesse por parte dos alunos em continuar a educação superior na Coreia, fazendo com que a obrigatoriedade de cumprir a extensa grade curricular para contemplar as exigências dos dois países fosse mais um empecilho do que uma vantagem. Em 2013, tomou-se a decisão de cancelar os cursos dos últimos anos do Ensino Fundamental e todo o Ensino Médio, diante das dificuldades financeiras de manter a escola que demandava alto custo fixo e que sofria de má gestão dos recursos.

Hoje, o Colégio Polilogos se dedica exclusivamente à educação de crianças até a quinta série do Ensino Fundamental. Reduziram o número de docentes e de vagas oferecidas, passando a apresentar uma boa taxa de ocupação. Como a escola funciona até as quatro e meia da tarde e fica próxima ao polo têxtil, muitos casais jovens que trabalham no bairro deixam suas crianças pequenas lá – eles mesmos já não falam coreano e têm dificuldade para comunicar-se com os professores, mas gostariam que seus filhos fossem alfabetizados em coreano. Apesar da melhoria, problemas econômicos persistem, pois manter o espaço ocioso continua sendo custoso, e o funcionamento da escola continua dependendo das doações dos membros da colônia, que estão cada vez mais incrédulos em relação ao potencial futuro da escola.

Enquanto uma instituição laica tem o objetivo de alcançar toda a coletividade sem a distinção das religiões, fazendo prevalecer outros interesses, a colônia coreana de São Paulo é uma sociedade profundamente dividida pela religião. Ainda mais, há uma grande diversidade socioeconômica e membros que apresentam diferentes graus de assimilação cultural, dificultando ainda mais a formação de interesses comuns. Na somatória dos fatores, podemos entender porque empreender obras coletivas da colônia, conciliar as diferenças e defender direitos da coletividade são sempre tarefas árduas.

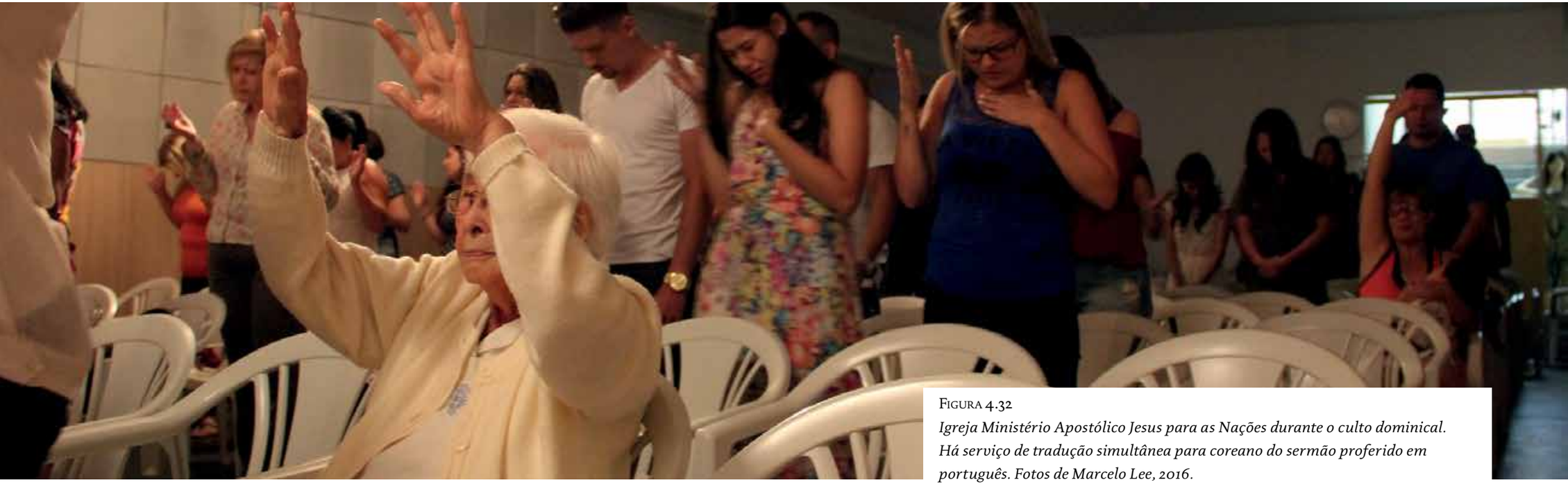


Figura 4.32
Igreja Ministério Apostólico Jesus para as Nações durante o culto dominical. Há serviço de tradução simultânea para coreano do sermão proferido em português. Fotos de Marcelo Lee, 2016.

FIGURA 4.33

Quadra do antigo movimento juvenil Hashomer Hatzair em 2011 (logo antes do fechamento) e hoje, no almoço de domingo da igreja após o culto. Foto da autora de 2016 e foto extraída da página do Hashomer Hatzair São Paulo, disponível em:

< https://www.facebook.com/photo.php?fbid=110910762321361&set=a.110910548988049.19228.100002073122900&type=3&theater>, acesso em fevereiro de 2016.

FIGURA 4.34
Equipamentos coletivos de grande porte: Igreja Missionária Oriental de São Paulo (IMOSP), localizada no trecho final da Rua Mamoré, e Igreja do Evangelho Pleno Coreana, localizada à Rua João Kopke. Fotos da autora, 2015.

FIGURA 4.35
Colégio Polilogos durante a construção e logo após a inauguração. Fonte: Colégio Polilogos.

Figura 4.36
Espaços internos do colégio. Fonte: Colégio Polilogos.

Figura 4.37
Atividades do Colégio Polilogos. Fonte: Colégio Polilogos.

Figura 4.38
Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun, o terreno antes da construção e após o término da obra da fundação. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

Figura 4.39
Dia da inauguração da igreja em maio de 2004. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

LEGENDA

Área do terreno: 6.000 m2

Área construída: 8.260 m2

1. Capela-mor: para 1.000 pessoas
2. Capela menor: para 90 pessoas
3. Casa sacerdotal
4. Casa das freiras
5. Jardim de infância: 8 salas de aula, refeitório, playground, jardim - para 90 crianças
6. Escola Degun: 15 salas de aula para 345 estudantes, sala de música, biblioteca e 2 salas de administração - total para 500 pessoas
7. Auditório: para 250 pessoas
8. Salão de festa: para 500 pessoas, com cozinha industrial
9. Estacionamento: 100 vagas
10. Casa dos idosos

FIGURA 4.40

Instalações da igreja da Paróquia Pessoal Coreana São Kim Degun. Fonte: folheto do evento comemorativo de inauguração da igreja. Acervo pessoal de Joong Hyeon Cho.

FIGURA 4.41

Mistura de tradições: festa junina e jogos tradicionais coreanos. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

Figura 4.42
Evento anual para a terceira idade. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

Figura 4.43
Diversas atividades educativas na igreja. Aluno da Escola Degun juntos no evento comemorativo de 30 anos da escola, em 2014, na sala de aula e na biblioteca. Fonte: PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun. Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

4.2.4.
RAZÕES PARA MORAR NO ENCLAVE ÉTNICO

Propusemo-nos, através da descrição dos espaços da vida cotidiana do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, a entender a razão da concentração de moradias dos coreanos e os motivos que os levam a preferir a vida dentro do enclave étnico. A afinidade cultural, certamente, é uma das razões da união entre os coétnicos, dada a preferência pelos círculos sociais endógenos e ambientes privados, mesmo quando estão em espaços públicos. Os moradores coreanos do Bom Retiro fazem bom uso dos estabelecimentos exclusivos de comércio e serviço e equipamentos coletivos, que são importantes espaços de socialização localizados dentro do bairro.

No entanto, a configuração espacial do próprio bairro revela outras razões mais pragmáticas de preferir morar no Bom Retiro. O que havia sido construído pela colônia judaica na parte alta do bairro foi herdado, mantendo-se a relação de proximidade entre moradia e locais de trabalho. Além disso, seus edifícios residenciais, de estilo modernista, ao oferecerem moradia de boa qualidade a custo relativamente baixo de aluguel atraíram uma classe de coreanos menos favorecidos economicamente em relação àqueles que residiam em bairros predominantemente residenciais. Vale ressaltar que, nessa transferência de espaços do enclave étnico dos judeus para os coreanos, na parte residencial, também houve pouca modificação estrutural e prevaleceram adaptações de usos em espaços existentes, assim como o que aconteceu no polo têxtil. A preferência pela vida de pedestre também é característica de quem mora no Bom Retiro, pois o bairro tem diversidade de usos que cabem dentro da distância caminhável a pé e é bem servido pelo transporte público. Ainda mais, com a expansão do setor da economia de enclave étnico decorrente da saturação do mercado de confecções, aumentou a possibilidade de uma vida autônoma no bairro para os coreanos que não falam português, trazendo imigrantes recém-chegados e pessoas da terceira idade como novos moradores.

Qadeer e Kumar (2006, p.13) observam que no caso dos enclaves étnicos da cidade de Toronto, a concentração residencial não inibe o processo de assimilação cultural, pois "a vizinhança urbana há muito tempo perdeu características de comunidades territoriais de relações primárias e de laços fortes de vizinhança" (tradução nossa). As razões pragmáticas acima citadas, que atraem os coreanos para o bairro e que causam a concentração étnica residencial típica de um enclave étnico, não representam muito mais do que as conveniências da vida cotidiana e não impedem que cada um dos moradores estabeleça redes de relações sociais que ultrapassam os limites da colônia coreana e do bairro, salvo o caso dos indivíduos da terceira idade. Portanto, podemos afirmar que essa reflexão também é válida para o caso do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro. Não obstante, a barreira de língua e a sociabilidade voltada para o âmbito religioso parecem ser mais impeditivas para que se tenha uma interação natural com a sociedade maior, do que a concentração residencial em si. A vida religiosa é fortemente arraigada na vida dos moradores do Bom Retiro e da colônia coreana como um todo. Dentro da colônia coreana, parece que são as religiões que unem e separam as pessoas, e que os interesses específicos de cada grupo religioso, muitas vezes, prevalecem sobre os interesses gerais da colônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar a trajetória dos imigrantes coreanos de São Paulo, vimos que a entrada das confecções coreanas no polo têxtil do Bom Retiro, no final dos anos 60, foi o resultado da capitalização dos primeiros empresários coreanos que se dedicaram ao ramo da confecção. Isso representou a abertura para um sucesso econômico ainda maior, dentro de um polo de produção e comercialização de artigos do vestuário já consolidado por imigrantes de outras etnias que antecederam à presença coreana no bairro, sendo a atuação da colônia judaica a mais significativa. A introdução, pelos coreanos, da pronta-entrega de moda feminina na venda atacadista do Bom Retiro acarretou o aumento da competitividade que, associada à flexibilização do trabalho, resultou na rápida ascensão econômica da colônia coreana. Este foi o motivo tanto para a concentração étnica no mesmo ramo de atividade econômica, quanto para a troca da etnia predominante no polo têxtil, da judaica para a coreana, durante os anos 80.

A formação do enclave étnico no sentido mais completo, com sintomas de concentração residencial, formação da economia do enclave étnico e criação de equipamentos coletivos, foi posterior à entrada dos coreanos no polo têxtil do Bom Retiro e também foi uma consequência natural dessa concentração étnica nos negócios do Bom Retiro. O vigor da economia que se criou ali, então, atraiu novos imigrantes da mesma etnia, que arriscavam a vinda a São Paulo mesmo com a proibição do governo brasileiro de receber imigrantes coreanos. Na condição de ilegais e na impossibilidade de ingressar na sociedade formal, eles criaram uma grande rede de dependência econômica em relação aos coétnicos. Muitos desses novos imigrantes, enquanto juntavam-se à economia étnica das confecções, escolhiam o Bom Retiro para morar, pois havia uma disposição espacial que favorecia morar próximo ao trabalho. No entanto, as mudanças ocorridas no cenário econômico do início dos anos 90 foram o que causou a consolidação do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro. O processo de adaptação das confecções a essas mudanças aumentou a estratificação social interna à colônia, com enriquecimento de alguns e falência de outros. Além disso, o mercado de confecção já se encontrava saturado com a excessiva concentração dos coreanos, o que provocou uma concorrência acirrada entre os coétnicos, impedindo a inclusão dos imigrantes recém-chegados. A saída mais acessível para quem ficou fora do mercado de confecção foi a diversificação, o que deu um novo impulso para a formação da economia de enclave étnico, conjunto de comércio e serviços voltados para o público coreano, sendo este um importante elemento constituinte

de um enclave étnico. Por outro lado, a acumulação do capital cada vez mais crescente da colônia coreana possibilitou a construção de alguns monumentos coletivos de grande porte, que escolheram a parte baixa do Bom Retiro para instalar-se.

Considerando essas circunstâncias que levaram à consolidação do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, podemos afirmar que ela foi um divisor de águas para a história da imigração coreana em São Paulo: quem chegou depois disso, deparou-se com o alto custo de empreender negócios próprios no ramo das confecções, principalmente devido à excessiva valorização dos imóveis comerciais no polo têxtil, e a difícil concorrência com os confeccionistas coétnicos já solidamente estabelecidos. Além disso, as condições do país de origem haviam mudado e os novos imigrantes coreanos já não representavam a mão de obra barata, condição que está na base do sucesso econômico dos antecessores. Tudo indica que a colônia coreana do Bom Retiro deixou de atrair novos imigrantes já há algum tempo, tendo perdido outros, que passam a adotar, cada vez mais, uma vida independente da colônia, ou que resolvem migrar para outros países em busca de novas oportunidades. Mas isso não significa que o Bom Retiro deixou de receber os imigrantes de outro perfil: durante os últimos vinte anos, o bairro recebeu um grande número de imigrantes dos países vizinhos, especialmente da Bolívia, que foram atraídos pela oferta de trabalho das oficinas de costura do bairro. Mais recentemente, os imigrantes da China continental começaram a residir na parte alta do bairro e abrir restaurantes e outros estabelecimentos comerciais nas adjacências da Rua Guarani e da Rua Prates (FIGURA 5.1), lado a lado dos restaurantes coreanos. Apesar de a entrada dos chineses ter sido rápida, sua presença parece ser notada apenas pelos coreanos do bairro, pois o restante tem a dificuldade de diferenciá-los em relação aos coreanos, que agora já são moradores antigos do bairro.

ESTIGMA DO BOM RETIRO

Porque o bairro do Bom Retiro atraiu e continua atraindo os imigrantes de diversas etnias? O que está no centro dessa força de atração que se transforma e não se extingue com o passar do tempo e das gerações? Podemos dizer que a presença do polo de economia étnica e a associação entre a moradia e o trabalho são as particularidades do bairro que estão no âmago dessa força. Feldman (2013, p. 2-3), em resposta a essas questões, aponta que "a identidade étnica mutante" singular do bairro está:

> *(...) ancorada numa armadura sólida que se instala no bairro pela ação concentrada dos imigrantes judeus. Constituída por todos os componentes da cadeia de produção e vendas da indústria de confecções – da produção de roupas às gráficas que imprimem os talionários de notas – ao longo da Rua José Paulino (ex-rua dos Imigrantes) e de suas transversais, é esta armadura que oferece as condições para que a atividade econômica se mantenha, seja transferida de um grupo de estrangeiros a outro, que cada grupo imprima sua identidade no território e que o bairro se renove e se atualize.*

Em outras palavras, a permanência da base material e econômica estabelecida pela colônia judaica no polo têxtil do Bom Retiro mantém ativa a economia de confecção que contém uma cadeia autossuficiente e cada vez mais complexa de produção e venda de artigos do vestuário, constituindo um polo de economia étnica, que se transformou num espaço de cooperação de empreendimentos étnicos de diversas origens, dedicados a diferentes modalidades.

No entanto, a contribuição da colônia judaica na construção do bairro que chama pela presença dos imigrantes parece não se limitar ao âmbito econômico. A estrutura de moradia criada pelos judeus na parte alta do bairro agregou não só os imigrantes que

FIGURA 5.1
Restaurantes chineses recém-inaugurados na Rua Prates. Foto de Marcelo Lee, 2016.

vieram trabalhar no bairro posteriormente, mas também outros que tinham negócios nas regiões próximas, trazendo ao bairro os confeccionistas coreanos do Brás e os chineses vindos na imigração recente, que, por enquanto, apenas residem no Bom Retiro, empreendendo seus negócios majoritariamente nos bairros do Brás e de Santa Ifigênia. Com isso, o Bom Retiro já não mantém aquela antiga associação estreita entre o trabalho e a moradia, que dificilmente ultrapassava os limites do bairro. Mas a proximidade das moradias do bairro em relação ao espaço de trabalho continua sendo atrativa para os imigrantes que trabalham na região central, principalmente no que diz respeito aos apartamentos do Alto Bom Retiro, que oferecem melhores condições de moradia em relação aos bairros vizinhos da zona central. Ainda, a concentração residencial torna o Bom Retiro propenso à formação de enclaves étnicos, fator que potencializa a tendência de concentração dos imigrantes.

Por outro lado, os imigrantes bolivianos ocupam a parte baixa do Bom Retiro, inserindo-se também na tendência contrária à gradativa perda de função residencial do bairro. Estes, sim, parecem manter o maior grau de associação entre a moradia e o trabalho, residindo e trabalhando no mesmo local, numa espécie de casa-oficina. Segundo Souchaud (2011, p.77), "(...) a atual dinâmica da imigração em São Paulo surge como uma resposta à adaptação do setor da confecção de roupas à irresistível necessidade de flexibilidade que se impôs ao setor", e não podemos negar que há uma contribuição da colônia coreana nisso, que consolidou a modalidade da pronta-entrega na venda atacadista do vestuário da região central da cidade, externalizando o serviço de costura, o que fez proliferar as pequenas oficinas caseiras de costura nos bairros do Bom Retiro, do Brás e do Pari. Os coreanos, enquanto vêem nos bolivianos cúmplices para perpetuar o formato de seus negócios, sentem-se ameaçados pela presença dos chineses, vistos como aqueles que fazem concorrência direta com a mão de obra asiática através de mercadorias de preço baixo – produtos importados de padrão popular – expandindo rapidamente o mercado de roupa pronta importada. Sobre as últimas mudanças ocorridas no bairro do Brás em decorrência disso, há confeccionistas coreanos que afirmam que já "perderam o Brás" para os imigrantes chineses.

O bairro do Bom Retiro apresenta aspectos de moradia vantajosos para os imigrantes que, ao mesmo tempo, afastam os paulistanos de classes mais abastadas, que preferem os bairros exclusivamente residenciais. A primeira dessas vantagens, que é uma desvantagem ao mesmo tempo, é o uso misto agregado ao arranjo urbano favorável ao pedestre, apresentando uma grande diversidade de usos e funções do cotidiano que cabe na distância do deslocamento a pé, incluindo, muitas vezes, os locais de trabalho. Os espaços do bairro se organizaram no entorno do pedestre, o que, por outro lado, prejudica a mobilidade dos automóveis. Locomover-se no bairro num carro é incômodo: as ruas estreitas e os antigos prédios construídos na década de 50 e 60 não comportam grande quantidade de automóveis, e poucos pontos de transposição de barreiras formadas pela ferrovia e pelos grandes corredores de tráfego que cercam o bairro são causas

insolucionáveis de engarrafamento. A heterogeneidade socioeconômica da população e a diversidade cultural do bairro, resultante da concentração de imigrantes de perfis distintos, tampouco parecem interessar para a classe média comum. Para piorar, os edifícios residenciais reproduzem a antiga relação de vizinhança, voltada para as ruas e para os espaços públicos, abstendo-se de áreas privadas de lazer. Na somatória dos fatores, o bairro obriga os seus moradores a circularem pelas ruas, constantemente expostos a contatos indesejáveis com o estranho. Isso não significa que quem decide morar no bairro esteja contente com a situação: reclamações sobre a violência nas ruas, sobre a presença dos moradores de rua e sobre a sujeira do bairro são frequentes nas falas dos moradores.

De modo geral, podemos dizer que o Bom Retiro sofre de estigmas do passado e do estilo de vida que preserva – por ser um bairro central, por ter sido a antiga periferia localizada na zona de transição e por ter sido um bairro de operários. Por isso, há uma tendência de segregação residencial do Bom Retiro que se apresenta não só para a sociedade em geral, mas também para as colônias de imigrantes. Apesar de beneficiarem-se da sua economia e serem frequentadores dos espaços de congregação intraétnica que ali existem, há um consenso entre os imigrantes do bairro de que o Bom Retiro é para os menos favorecidos economicamente, para judeus e coreanos pobres. Ainda mais, há um estigma irrefutável de fazer parte de colônias de imigrantes numa sociedade multicultural que há muito se alimentou do ideário da assimilação cultural, arraigado principalmente na mente daqueles que almejam ser aceitos pela sociedade maior. Por isso, quando alguém declara "não morar mais no Bom Retiro", muitas vezes, é como se fosse uma demonstração da superação individual, através da ascensão econômica, da alta capacidade de adaptação e da integração sociocultural.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DE PARTICIPAR DA VIDA NO ENCLAVE ÉTNICO

Visto que a ideia do enclave étnico originalmente está baseada na ausência de fatores externos que obrigam as colônias de minoria étnica ao estado de segregação espacial e de isolamento social, os estudos relacionados a esse conceito geralmente visam a revelar o mundo complexo de opções que levam cada um dos membros do enclave a preferir participar da vida do enclave étnico. Para finalizar a descrição do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, vamos destacar alguns aspectos positivos e negativos da vida no enclave – seja somente participando da economia étnica e dos círculos sociais, ou também morando nele, retomando alguns conceitos teóricos mencionados anteriormente, mas atendo-nos às particularidades, sem a pretensão de extrair conclusões universais sobre os enclaves étnicos.

No Capítulo 1, vimos que há, basicamente, dois modelos teóricos de enclave étnico: o modelo étnico-cultural de assimilação cultural gradativa e linear e o modelo enclave-economia de inclusão através da economia étnica, explicando, grosso modo, dois tipos de mecanismo de integração dos imigrantes na sociedade. Em seguida, vimos que o conceito de redes migratórias traz maior complexidade na compreensão dos grupos

de imigrantes, abrandando a discussão sobre se há prevalência da afinidade cultural ou da vantagem econômica nas relações sociais de imigrantes, ao mostrar que as variáveis sociais e culturais influenciam a vida econômica dos imigrantes, principalmente quando estes estão inseridos na economia étnica. No caso dos coreanos do Bom Retiro, as igrejas parecem estar no centro das atividades de congregação que aprimoram e fortalecem as redes migratórias, que estão na base da constituição da economia étnica, trazendo oportunidades e benefícios a quem participa da vida religiosa. As relações sociais primárias que se formam nas igrejas contam com a força da união que vem tanto da afinidade cultural, quanto da religião e da convivência frequente nos pequenos círculos sociais. Apesar de ser clara essa vantagem pragmática de participar ativamente das atividades das igrejas, quem as frequenta, se perguntado sobre isso, afirmará que a religião está em primeiro lugar e que o resto é a consequência despretensiosa de estar nas igrejas.

A congregação coétnica é uma face importante da vida social no enclave étnico e, por isso, os equipamentos coletivos e as igrejas tendem a concentrar-se no Bom Retiro, onde também há um grande número de negócios e de moradias dos imigrantes coreanos. Quando se trata da proximidade espacial, na parte residencial, o enclave traz outras vantagens ligadas à praticidade da vida cotidiana. A proximidade com os estabelecimentos de comércio e serviços coétnicos, onde não há necessidade de falar português, a facilidade de deslocamento a pé e a relação de amizade com os outros coreanos da vizinhança são fatores decorrentes dessa proximidade, que atraem os imigrantes coreanos para o Bom Retiro, especialmente aqueles que não falam a língua e as pessoas da terceira idade. As limitações da vida cotidiana, tais como a barreira de língua e a falta da mobilidade, que fazem com que imigrantes desse perfil escolham prioritariamente o Bom Retiro para morar, parecem ser mais fatores circunstanciais que impõem a vida confinada no enclave do que um conjunto de opções.

No âmbito dos negócios, as causas de concentração espacial e étnica no polo têxtil do Bom Retiro, tido como o maior polo atacadista de moda feminina do país, vêm das características peculiares das confecções coreanas, que, por um lado, comportam-se como lojas de varejo apesar de serem de venda atacadista e, por outro, beneficiam-se da cadeia de produção e dos fornecedores do ramo que existem no polo têxtil. Se os primeiros imigrantes trabalharam com a confecção porque careciam de outros meios de ganhar a vida, e começaram costurando em casa como todos faziam, independente da experiência anterior e das vocações de cada um, e ascenderam até adquirir uma confecção própria, já os sucessores decidem entrar no ramo enquanto as confecções herdadas continuam lucrativas. À medida que as confecções dos coreanos continuam ativas apesar das adversidades, o polo têxtil do Bom Retiro seguirá agregando-os. Nesse caso, poderemos dizer que entrar na confecção é uma opção e que a segunda geração está livre para decidir se herdará ou não os negócios dos pais? Quão opcional poderá ser abrir mão de um recurso economicamente favorável e disponível para explorar um mundo incerto de novos negócios dependerá dos valores e das habilidades de cada indivíduo.

No polo têxtil de hoje, é importante ressaltar que há uma ausência de cooperação maior entre as confecções coreanas, nem sequer uma entidade que represente o interesse coletivo, apesar do predomínio de empresários da mesma etnia no mesmo ramo, contrariando a presunção de que o fator étnico favoreceria uma união natural. Tentativas não faltaram, mas não houve sucesso algum. O caso da mobilização que resultou na inauguração do *Shopping Center Luz*[50], por exemplo, é um bom exemplo disso. Sucessivos fracassos como esse e de outros empreendimentos coletivos desgastaram as relações e os confeccionistas de hoje estão céticos sobre a possibilidade da união, apesar de sentirem sua necessidade. Muitos apontam a falta insuperável de representatividade política de uma minoria étnica como a razão do insucesso e da fraqueza de tais empreendimentos. Sendo assim, o que sobrou dessa relação de vizinhos de negócio são a concorrência exacerbada e a concentração espacial em si, o existir lado a lado, para compartilhar a clientela atraída pelo tipo de mercadoria que eles oferecem.

A mera relação de vizinhança e de proximidade espacial, por outro lado, não parece ajudar a criar vínculos afetivos entre os coétnicos, e muito menos entre os vizinhos que têm pouco em comum. A grande prova disso é a tensão que se cria na convivência de diferentes etnias do bairro. Os preconceitos e os estereótipos são os aspectos negativos da vida no enclave que se potencializam no confinamento social e que são as causas dele ao mesmo tempo. A relação externa a círculos sociais estreitos parece ser marcada por tolerância, mínimo de comunicação, indiferença e até aversão, remetendo ao cenário de acomodação descrito pelos antropólogos da Escola de Chicago.[51] À parte as teorias sobre o mecanismo de convivência interétnica entre colônias de imigrantes, o que se pode observar no Bom Retiro é a grande mudança que ocorreu nas relações de trabalho e de vizinhança para a qual muitos dos antigos moradores não deixam de apontar os novos moradores, os coreanos, como responsáveis. O fechamento e a reserva excessiva, a falta de interação, a exploração de mão de obra e até o aspecto extravagante de seus negócios e a ostentação de símbolos de riqueza são comumente tidos como motivos de preconceito contra os imigrantes coreanos do Bom Retiro. No entanto, o que está por trás dessas queixas – a sociabilidade cada vez mais voltada para o âmbito privado, a falta de interação entre os vizinhos e a flexibilização do trabalho – não são mais do que os sintomas generalizados da sociedade atual, da vida metropolitana e da economia neoliberal. Embora o conflito étnico não seja um traço marcante na convivência dos imigrantes do bairro, pois contaram com "motivos menos ideológicos e mais palpáveis que facilitaram o convívio" (TRUZZI, 2001, p. 163) em razão da relação de

50. Cf. Item 4.1.3 desta dissertação sobre o processo de desapropriação do Shopping Center Luz.

51. "Nesses casos, os grupos humanos conseguem viver lado a lado, como se fossem plantas e animais na situação conhecida como simbiose. Essa organização entre plantas e animais persiste sem envolvimento de consciência. Porém, a consciência e sentimentos surgirão no caso dos seres humanos e cada um dos grupos poderem ocupar um espaço dado sem perder identidades separadas porque para cada lado é permitido viver sua vida interna e cada um, de alguma maneira, temerá ou idealizará a vida do outro. Essa relação é apropriadamente descrita como acomodação, para distingui-la da assimilação". WIRTH, 1956, p. 282. Tradução nossa.

complementariedade étnica na sucessão, não se pode dizer que não há preconceitos.

Por outro lado, os coreanos do bairro frequentemente se sentem alvos de assalto e crimes contra o patrimônio e, ao mesmo tempo, consideram-se culturalmente e economicamente superiores. Segundo Sung (2012, p. 347), "a busca da sensação da superioridade, especialmente quando se busca superar seu sentimento de insegurança, demanda menosprezar os subordinados ou subalternos (...) (os coreanos) devolvem o preconceito dos locais com o preconceito contra eles". Ainda mais, o eventual sucesso econômico e a relação de trabalho só vêm corroborar a tese da superioridade. De acordo com as considerações de Im e Hong (2009), "os coreanos que trabalham na indústria têxtil sempre estiveram na posição do empregador enquanto os brasileiros que participam do cotidiano desses coreanos são seus empregados, colocando os coreanos na parte dominante dessa relação, o que aumenta o senso de superioridade (tradução nossa)". Essa e outras ideias distorcidas sobre os coreanos, tanto deles próprios, quanto dos outros moradores do bairro, reforçam a divisão por etnia e a situação de isolamento social.

Reconhecer a existência dos conflitos, em vez de camuflá-los sob a ideologia da riqueza da diversidade cultural mutuamente benéfica e a aparência de convivência harmoniosa, seria um primeiro passo para uma solução real. Para tal, Light e Bonacich (1991, p. 435-436) sugerem aos empreendedores étnicos, mais especificamente àqueles que venceram as dificuldades da fase inicial da imigração e alcançaram o sucesso econômico, um exercício de olhar para os outros na perspectiva humanitária e enaltecida que supera as diferenças de etnia:

> *Como vítimas do sistema (do capitalismo mundial), empreendedores étnicos podem mover-se em uma das duas direções. Eles podem continuar limitando sua visão para o capitalismo e lutar para assegurar vantagens competitivas dos indivíduos e dos grupos dentro dele – e, fazendo isso, ameaçar causar antipatia de clientes, competidores e trabalhadores ao redor e viver num mundo de insegurança e raiva. Ou eles podem usar sua experiência de oprimidos pelo sistema para superá-la e juntar-se a outros oprimidos para construir uma nova ordem social: uma ordem baseada na preocupação pelo bem estar da humanidade, indiferente da nacionalidade ou da etnia. Eles podem lutar para criar a sociedade que não é baseada na competição e na exploração, mas no valor e na dignidade de todos os seres humanos, para que ninguém tenha que sofrer o que eles sofreram (tradução nossa).*

ESPAÇOS EM SUCESSÃO

A dinâmica de transformações espaciais do Bom Retiro apresenta particularidades que vêm do caráter multicultural do bairro, mais especificamente do processo de sucessão étnica. Mudanças drásticas costumam acontecer na constituição populacional do bairro a cada troca de geração, com a substituição em massa de uma colônia de imigrantes por outra, o que faz com que a existência de um enclave étnico não seja duradoura. As pessoas chegam e vão, mas deixam as marcas da sua passagem que permanecem impressas no espaço. E o Bom Retiro é o acúmulo de suas memórias. Por isso, vamos fazer uma breve reflexão sobre o que muda no espaço do Bom Retiro e como se dá esta mudança através do processo de sucessão dos imigrantes e, ainda, sobre o valor do multiculturalismo a ser preservado em diversas situações de mudanças.

Desde os anos 30 até os meados dos anos 70, o bairro do Bom Retiro sofreu uma grande transformação espacial aliada ao boom imobiliário e à metropolização da cidade de São Paulo. A comunidade judaica foi a maior promotora de tal transformação, investindo o capital adquirido no mercado do vestuário para erguer novas construções verticalizadas, tanto na parte comercial quanto na parte residencial, formando um enclave étnico na parte alta do Bom Retiro, que abrigou não só atividades econômicas, mas também as moradias e todas as instalações necessárias para o dia a dia da colônia. Essa ação transformadora da colônia judaica contrasta com a maneira com que a colônia coreana, posteriormente, apropriou-se do que herdou dos judeus, preservando a estrutura espacial do Alto Bom Retiro. Como pudemos ver, a parte alta do bairro, tanto no setor têxtil quanto no residencial, não sofreu grandes mudanças espaciais desde a evasão da colônia judaica e o que podemos encontrar são diversos exemplos de melhoria ou de adaptação de usos através de transformações superficiais.

Choi (2011, p. 337) nos conta que, quando perguntada sobre a razão da ausência de edifícios ou monumentos construídos pela colônia coreana num evento acadêmico do ano 1991, concluiu que isso se devia à falta de interesse dos coreanos em adaptar-se à sociedade brasileira e permanecer nela. É inegável que a colônia coreana de São Paulo apresentou uma grande taxa de evasão para os Estados Unidos ao longo da sua história, e que muitos podem ter encarado a estadia em São Paulo como uma pausa para capitalizar-se e seguir adiante. Nesse caso, a existência do enclave étnico pode ter sido apenas oportuna por oferecer condições de estabelecer-se economicamente com rapidez, sem a necessidade de gastar o tempo e o esforço na tentativa de adaptar-se à nova cultura. No entanto, quando repensamos a pergunta com maior distância de tempo, conseguimos encontrar outras razões para tal ausência de investimentos significativos da colônia coreana observada pela autora ainda no início dos anos 90.

A primeira razão da falta de investimento coreano nos imóveis do bairro é a baixa taxa dos coreanos que detêm propriedades imobiliárias, sendo que os aluguéis pagos por eles são importantes fontes de renda para os antigos moradores do bairro, em especial os judeus que se beneficiam do bem imobiliário que adquiriram nos meados do século passado. Isso significa que, durante a sucessão da colônia judaica para a coreana, houve mais transferência de uso do que de propriedades. Mesmo quando os confeccionistas coreanos acumularam dinheiro suficiente para adquirir os pontos comerciais, enquanto

o mercado de moda feminina do bairro estava em alta, era mais vantajoso pagar o alto valor da luva e dos alugueis e investir o restante na coleção seguinte do que comprar o imóvel. E se alguém queria comprar, encontrava poucos que estivessem dispostos a vender e abrir mão de uma fonte de renda lucrativa e estável como um ponto comercial do polo trêxtil. Enquanto eram inquilinos, os coreanos tinham pouca liberdade para interferir nos imóveis com intervenções físicas. Ainda assim, muitos investiram dinheiro do próprio bolso para a melhoria dos imóveis, visando à valorização de seus negócios, assim como pudemos ver no caso do polo Aimorés-Lombroso. Isso apenas aponta diferentes estratégias que as duas colônias adotaram para multiplicar os recursos e também diferentes fases de imigração em que cada uma delas se encontrava. Nos últimos anos, com o mercado de confecção estagnado e já com a idade avançada, muitos confeccionistas coreanos parecem ter adquirido imóveis no bairro, para tê-los como uma espécie de garantia de renda estável na aposentadoria, assim como os judeus fizeram décadas atrás.

Por outro lado, no setor residencial do Bom Retiro, concentrava-se uma população de imigrantes coreanos de renda relativamente baixa, e muitos deles não tinham condições econômicas de adquirir um imóvel. Quando ascendiam economicamente, preferiam fazê-lo em outros bairros mais residenciais que lhes proporcionariam melhores condições de moradia e um status social mais elevado. Por essas razões, muitos imóveis do Alto Bom Retiro, tanto no polo têxtil quanto no setor residencial, continuaram na posse da colônia judaica, motivo pelo qual a colônia coreana não contribuiu com grandes transformações espaciais nesses setores, apesar de formar um enclave ali. Além disso, como a estrutura que já havia era de boa qualidade, e não faltava espaço construído para as necessidades dos coreanos nesse setor já densamente ocupado, as reformas e as intervenções superficiais eram suficientes para um bom aproveitamento.

Nos meados dos anos 90, quando, finalmente, a colônia coreana tinha acumulado o capital suficiente para empreender monumentos para a coletividade, o local escolhido para construí-los foi o Baixo Bom Retiro, onde puderam adquirir antigos terrenos industriais de grandes dimensões por preços baixos. Esses monumentos, por localizarem-se numa parte pouco visitada da cidade, entre antigos galpões e vilas operárias, têm pouca visibilidade apesar da arquitetura um tanto ostensiva.

Monumentos como esses são frutos do alto nível da capitalização da colônia e representam a realização de um sonho almejado por muitos. Imprimir a marca de identidade cultural e coletiva no espaço, ou seja, trazê-la ao plano material, através dos monumentos e de construções emblemáticas, é um ato permanente e importante de reconhecimento da identidade e de preservação da memória coletiva. Para Hayden (1996, p.9), as identidades são intimamente ligadas às memórias e a cidade armazena as memórias sociais contidas em seus espaços que perduram por gerações. Por isso, estudar os espaços de identidade e preservá-los seria uma forma de aceitar e promover a diversidade cultural de uma sociedade composta por minorias de diferentes origens que necessitam de reconhecimento.

Durante o inevitável processo de sucessão, enquanto uma residência ou um ponto comercial passa de uma mão para outra com facilidade, um monumento colocará uma gama de questões de difícil resolução. Muitos monumentos impregnados de símbolos, valores afetivos e memórias do passado, nessa hora, são simplesmente abandonados ou têm sua identidade apagada se não se adaptarem às mudanças. Para evitar que isso aconteça, a possibilidade de sucessão e de adaptação é algo a ser pensado e planejado pelas instituições étnicas do bairro. No caso do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, os equipamentos de grande porte do Baixo Bom Retiro são os que enfrentarão esse dilema cedo ou tarde.

Um caso exemplar de monumento judaico que conseguiu superar a situação do abandono iminente é a Casa do Povo (CASA DO POVO, s/d), estabelecida na sede da antiga Escola Scholem Aleichem e do Teatro de Arte Israelita Brasileiro – o TAIB, localizada à Rua Três Rios. A partir da associação entre os ex-alunos da escola e jovens artistas, a Casa se

FIGURA 5.2
Reunião de jogadores bolivianos de futsal na Casa do Povo. Foto de Jorge Gutierrez, 2015

reinventou como um "monumento vivo" e aberto para toda a comunidade local, com atividades culturais e artísticas que trazem novamente à vida o espaço que guarda a memória de toda uma geração de imigrantes. O que ocorreu de interessante nessa abertura do espaço para a comunidade local é que a Casa tem abrigado muitos eventos da coletividade boliviana – reuniões, rodas de conversas para conscientização dos seus direitos e até ensaios de danças típicas, suprindo a carência de espaços coletivos desse grupo de imigrantes (FIGURA 5.2). Ao invés de usar o monumento para demarcar territórios étnicos, a Casa se aderiu à história de sucessão das etnias do bairro, preparando-se para perdurar, junto com a sua memória, através do passar das gerações.

OUTRAS TENDÊNCIAS DE TRANSFORMAÇÃO DO BOM RETIRO

Recentemente, o polo atacadista de moda feminina do Bom Retiro tem mostrado alguns sinais de mudança. Se, nos anos 90, os confeccionistas coreanos do Bom Retiro fizeram sucesso ao explorar um nicho de mercado não alcançado por produtos baratos importados da Ásia, elevando a qualidade da roupa produzida no bairro, agora precisam enfrentar a concorrência com os grandes magazines internacionais do ramo do vestuário, que expandem a rede de distribuição através dos shopping centers e disputam a clientela com o comércio local, representados por pequenas butiques que, por sua vez, são as principais clientes do polo Aimorés-Lombroso. Nesse cenário, para manter o preço competitivo e, ainda, atender às exigências das leis trabalhistas do Brasil, cada vez mais, os confeccionistas estão procurando os produtores na Ásia, seguindo a tendência internacional do mercado de moda. Isso parece mostrar que alguma mudança está por vir, tanto nas confecções quanto nas oficinas de costura do bairro, mas ainda não é possível avaliar sua repercussão. O que se pode dizer hoje, a partir das conversas com os confeccionistas e das observações, é que o polo têxtil tem mostrado indícios de retração nos últimos anos (FIGURA 5.3).

Nesse momento de incertezas no polo têxtil, o setor imobiliário tem mostrado interesse em explorar o potencial construtivo do bairro ao propor novos empreendimentos de moradia, introduzindo no Bom Retiro, onde praticamente não houve lançamentos residenciais nos últimos 40 anos, uma nova tipologia de condomínios residenciais verticalizados (FIGURA 5.4). Esses novos condomínios que hoje ocupam a parte baixa do Bom Retiro parecem ser mais uma extensão do crescimento que vem desde a Barra Funda do que relacionarem-se à dinâmica e às demandas do Alto Bom Retiro.

Para atestar o interesse do mercado imobiliário em explorar os bairros centrais e o apoio governamental ao setor, em dezembro de 2014, houve o lançamento do edital de concorrência pública do Projeto Casa Paulista (SECRETARIA DA HABITAÇÃO, s/d) da Secretaria da Habitação do Governo do Estado de São Paulo, para leiloar entre os investidores privados o direito de empreender as unidades habitacionais populares nos lotes da região central da cidade, designados pelo Anexo 2 do próprio edital. O Anexo da edital especificava as diretrizes de ocupação dos quatro lotes leiloados, localizados nos bairros Barra Funda, Luz, Bom Retiro, Brás e Mooca (MAPA 5.1.1). No Bom Retiro, previa-se a implantação de 591 unidades habitacionais de padrão popular e a abertura de uma nova via "lindeira à divisa da faixa de domínio da ferrovia em toda a extensão da área de Intervenção, com largura mínima de 14,00 (quatorze) metros (...) e comprimento de aproximadamente 700,0 m, criando nova frente para os lotes" (MAPA 5.1.2). Além disso, assegurava ao empreendedor o direito de desapropriar qualquer imóvel dentro dos limites do lote conforme as necessidades de execução.

No final, apenas um dos lotes, localizado na Barra Funda, foi leiloado e não houve avanço nas propostas que incidiam sobre o Bom Retiro desde então. Não discutiremos aqui a importância estratégica da implantação de uma nova avenida que trará acessibilidade para as áreas adjacentes da ferrovia, possibilitando a desativação do Elevado Presidente Costa e Silva – o famoso Minhocão, ou a demanda por moradias na região central, tampouco as relações de interesse que existem na Parceria Público-Privada. Mas, no Bom Retiro, diante da notícia de uma proposta que previa a desapropriação de um dos lados da Rua Professor Cesare Lombroso e o trecho inicial da Rua Aimorés para a obra viária, a colônia coreana mostrou uma grande perplexidade. O polo econômico mais próspero da colônia, do qual depende a vida de muitos coreanos, direta ou indiretamente, e que é o símbolo do sucesso econômico dos coreanos do Bom Retiro, parecia que não tinha valor algum quando comparado com o interesse geral da sociedade. Ainda mais, como um grupo de locatários na sua maioria, por mais que pagassem altos valores pelo direito de uso e investissem na melhoria, sua condição não lhes assegurava nenhum direito de recompensa ou de decisão sobre os imóveis. E, mesmo que houvesse indenização a quem fosse afetado diretamente por uma eventual desapropriação, o impacto negativo que o restante do polo Aimorés-Lombroso sofreria com a redução seria irreparável. Nessa situação, a lembrança da experiência do passado com a desapropriação, a falta de canais de comunicação com o governo para expressar seus interesses e a incapacidade de organização coletiva perante tamanha ameaça, mostraram aos coreanos do Bom Retiro, mais uma vez, as desvantagens de fazerem parte de uma minoria politicamente desarticulada.

Aparentemente, não há nenhuma ligação direta entre as transformações da economia do polo têxtil e o interesse do setor imobiliário em empreender projetos habitacionais no bairro. Contudo, ambos os casos parecem indicar uma espécie de dissolução gradativa da unidade independente que é o bairro do Bom Retiro, que tem resistido às mudanças, desenvolvendo uma dinâmica própria, tanto social quanto espacial, confinado em um pequeno espaço na cidade entre a ferrovia e os rios. Se for do interesse da sociedade erradicar esse complexo econômico de vida própria, em que os atores principais são os imigrantes, e incorporá-lo à economia geral da cidade, a descaracterização do Bom Retiro como bairro multicultural será inevitável.

Figura 5.3
Confecções da Rua dos Italianos fechadas durante o horário comercial. Foto da autora de 2015

Figura 5.4
Nova tipologia residencial. Fotos da autora, 2016.

Figura 5.5
Reunião dos confeccionistas do Bom Retiro para a explicação sobre as diretrizes do projeto Casa Paulista. Fotos de Sung Duk Park, 2014

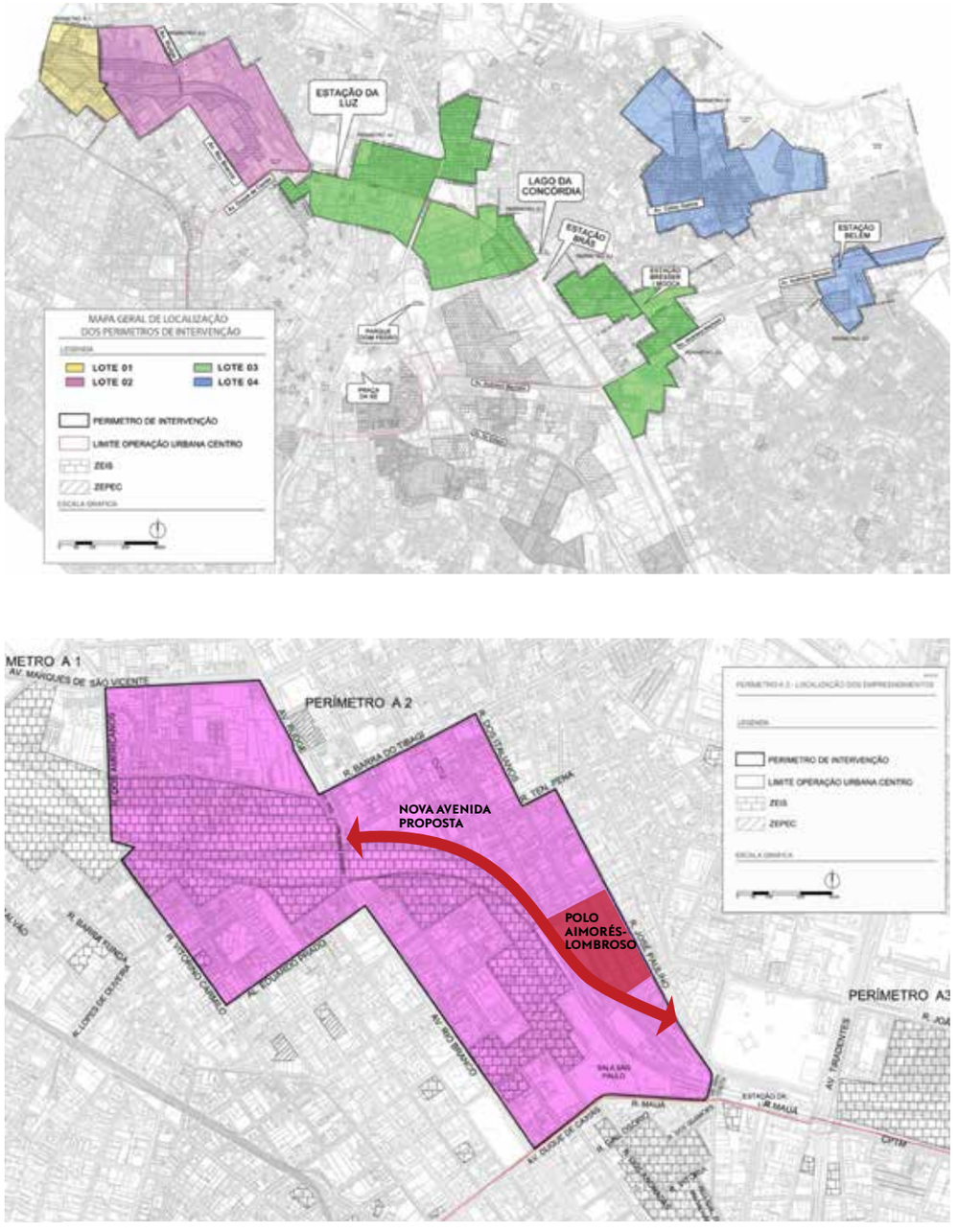


FIGURA 5.1
Os lotes leiloados e as intervenções propostas para o Bom Retiro pelo Programa Casa Paulista. Fonte: Edital de Concorrência Pública Internacional 001/2014 do Conselho Gestor de Parceria Público-privado do Estado de São Paulo (CGPPP), disponível em: <http://www.habitacao.sp.gov.br/casapaulista/programas_habitacionais_casa_paulista.aspx>, acesso em novembro de 2014.

REFERÊNCIAS

1.BIBLIOGRAFIA GERAL

BESSE, Jean-marc. **Le goût du monde: exercices de paysage**. Actes Sud/ENSP, Arles, 2009.

CHOI, Keum Joa. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil.** Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

_____. **A vida na cidade de São Paulo**, in: COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL, **A história de 50 anos da imigração coreana no Brasil** 1962-2011, p. 271-365 (em coreano). Associação dos Coreanos do Brasil. Ed. Gyo Um Sa, Seul, 2011.

CHI. Jung Yun. **Concentração da torcida coreana no bairro do Bom Retiro.** Revista Ponto Urbe. Núcleo de Antropologia Urbana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (NAU-FFLCH-USP). Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2404>. São Paulo, 2014.

CYMBALISTA, Renato e XAVIER, Iara Rolnik. **A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade**, in: **Cadernos da metrópole**, n.17, p.119-133, 2007.

DERTONIO, Hilário. **O bairro do Bom Retiro.** Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo, São Paulo, 1971.

DIÁRIO JOONG-ANG. **Lista comercial dos coreanos 2009/2010** (em coreano). São Paulo, 2009.

FELDMAN, Sarah, **Segregações espaciais urbanas:** a territorialização da prostituição feminina no Brasil. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

_____. **Bom Retiro:** bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945), in: LANNA, Ana Lúcia D.; PEIXOTO, Fernanda Arêas et al. (org.), São Paulo, **os estrangeiros e a construção das cidades,** p. 39-62. Alameda, São Paulo, 2011a.

_____. **Prefácio**, in: MANGILI, Liziane Peres. Bom Retiro, **bairro central de São Paulo:** transformações e permanências (1930-1954), p. 9-12. Alameda, São Paulo, 2011b.

_____. **Bom Retiro:** bairro múltiplo, identidade étnica mutante, in: **Anais eletrônicos,** vol. 15. Encontros Nacionais da ANPUR. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/download/4512/4381>. Acesso em: 20 de setembro de 2015. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Recife, 2013.

GUIMARÃES, Lytton L. **The Korean community in Brazil:** challenges, achievements and prospects. The 3rd World Congress of Korean Studies. Disponível em: < http://congress.aks.ac.kr/korean/files/2_1358492270.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2015. Cheju National University. Jejudo, 2006

HAYDEN, Dolores. **The Power of Place:** Urban Landscapes as Public History. MIT Press, Cambridge, 1996.

IM, Yun Jung; HONG, Daniela et al., **The second generation of Koreans in Brazil:** a portrait. UCLA Center for Korean Studies. Disponível em: <http://international.ucla.edu/media/files/JRP-2008-2009-Im-2nd-Generation-Brazil.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2015. University of California. Los Angeles, 2009.

KOULIOUMBA, Stamatia. **Construtores estrangeiros e a produção arquitetônica moderna no Bom Retiro (1950-1970)**, in: LANNA, Ana Lúcia D.; PEIXOTO, Fernanda Arêas et al. (org.), **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**, p. 261-286. Alameda, São Paulo, 2011a.

LIGHT, Ivan; BONACICH, Edna. **Immigrant entrepreneurs:** Koreans in Los Angeles (1965-1982). University of California Press, 1991.

MANGILI, Liziane Peres. **Bom Retiro, bairro central de São Paulo:** transformações e permanências (1930-1954). Alameda, São Paulo, 2011.

MAGNANI, J. Guilherme C. **Da periferia ao centro:** trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2012.

MARCUSE, Peter. **Enclave yes, ghettos, no:** segregation and the State. Artigo de conferência. Dispponível em: <http://www.urbancenter.utoronto.ca/pdfs/curp/Marcuse_Segregationandthe.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2015. Lincoln Institute of Land Policy, 2001.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida V. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. Ed. Moraes, São Paulo, 1994.

MARUM, Luana Lasincki; GOMES, José Antônio. **O Bom Retiro:** A formação de uma centralidade. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: < http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/63.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2012. Observatório Geográfico de América Latina. 2005.

MINISTÉRIO DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO. **Religiões da Coreia do Sul 2011 (em coreano)**. Disponível em: <http://www.mcst.go.kr/web/s_data/research/researchView.jsp?pSeq=1528>. Acesso em: 22 de janeiro de 2016. Portal eletrônico do Ministério de Cultura, Esportes e Turismo do governo da Coreia do Sul. 2012.

PARÓQUIA PESSOAL COREANA SÃO KIM DEGUN, **História de 50 anos da Paróquia Pessoal Coreana Kim Degun (em coreano).** Instituto de História da Igreja Católica (Coreia do Sul). Dang Jin, 2015.

QADEER, Mohammad; KUMAR, Sandeep. **Ethnic enclaves and social cohesion.** The Canadian Journal of Urban Research. Disponível em: http://www.uwinnipeg.ca/faculty/ius/iusweb/cjur/pdfs/english/a-qadeer-eng.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2015. Institute of Urban Studies, University of Winnipeg, 2006.

RUFATO, Marcela de A. **Sucessão de imigrantes no bairro do Bom Retiro (São Paulo),** in: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa M. M. (org.), **Discutindo identidades.** Fundação Amparo de Pesquisas de São Paulo. Humanitas/CERU, São Paulo, 2006.

SEABRA, Odette Carvalho de L. **Territórios do uso:** cotidiano e modo de vida. Revista Cidades, vol. 1, nº 2, p. 181-206. São Paulo, 2004.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **Os coreanos do Bom Retiro,** in: LANNA, Ana Lúcia D.; PEIXOTO, Fernanda Arêas et al. (org.), **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades,** p. 89-116. Alameda, São Paulo, 2011.

SOUCHAUD, Sylvain. **Presença estrangeira na indústria de confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo**, in: LANNA, Ana Lúcia D.; PEIXOTO, Fernanda Arêas et al. (org.), **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades,** p. 63-88. Alameda, São Paulo, 2011.

SUNG, Jung Mo. **Imigração coreana:** uma comunidade e duas culturas, in: DANTAS, Sylvia Duarte, **Diálogos interculturais:** reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

TRUZZI, Oswaldo. **Etnias em convívio:** o bairro do Bom Retiro em São Paulo. Estudos Históricos, n. 28, p. 143-166. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2001.

_____; NETO, Mário Sacomano. **Economia e empreendedorismo étnico:** balanço histórico da experiência paulista. Revista de Administração de Empresas, vol. 47, nº 2, p. 37-48. Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2007.

_____.**Redes em processos migratórios**, in: LANNA, Ana Lúcia D.; PEIXOTO, Fernanda Arêas et al. (org.), **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades,** p. 19 - 38. Alameda, São Paulo, 2011.

WACQUANT, Loïc. **Que é gueto?** – construindo um conceito sociológico. Revista de Sociologia e Política, n. 23, p. 155-164. Curitiba, 2004.

WIRTH, Louise. **The Ghetto.** The University of Chicago Press, Chicago, 1956. ZANFORLIN, Sofia C. Cidades, migrantes e pertencimentos: a Praça Kantuta como etnopaisagem intercultural. Esferas, ano 1, nº 1. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2012.

ZHOU, Min. **Chinatown:** the socioeconomic potential of an urban enclave. Temple University Press. Philadelphia,1992.

2.ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS

2.1.Acervo da Hemeroteca do Arquivo Histórico da cidade de São Paulo

ATHIAS, Gabriela. Coreano moderniza comércio local. **Folha de São Paulo.** Cotidiano. 16 de junho de 2002.

BIANCHI, Juliana. Bom Retiro investe para ser fashion. **O Estado de São Paulo.** 07 de junho de 2005.

BRANDALISE, Vitor Hugo. Demolição de rodoviária começa a mudar a Luz. **O Estado de São Paulo**. 13 de abril de 2010.

CARVALHO, Mario Cesar. Bom Retiro contra-ataca. **Folha de São Paulo.** 21 de março de 2004.

COMÉRCIO abre ruas no centro. **Jornal da Tarde.** 09 de agosto de 2009.

COREANOS, escondidos há seis anos. **Folha de São Paulo.** 06 de agosto de 1978.

DANTAS, Vera. Bom Retiro ganha ar de shopping. **O Estado de São Paulo.** 04 de dezembro de 2006.

DINIZ, Pedro. Bom Retiro numa boa. **Folha de São Paulo.** Revista São Paulo. de 01 a 07 de abril de 2012.

DURAN, Sergio. Bom Retiro quer ser 'distrito fashion' de SP. **Folha de São Paulo.** 09 de fevereiro de 2003.

GATTONI, Aline; ALMEIDA, Lizandra Magon de. Ponto de partida para um novo Bom Retiro. **Revista URBS,** no. 41, p. 26-28. Associação Viva o Centro. Junho e julho de 2006.

LÁ NO Bom Retiro, onde São Paulo resiste. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 25 de janeiro de 1977.

MOREIRA, Ardilhes. Passado e futuro com taco e bola. **O Estado de São Paulo.** 17 de junho de 2005.

PAULA, Cleiton Honório de. Bom Retiro centro da moda. **Revista URBS,** no. 33, p. 42-45. Associação Viva o Centro. Janeiro e fevereiro de 2004.

SIMÕES, Katia. A influência dos coreanos no comércio do Bom Retiro. **Jornal da Semana.** Shopping News – City News. 25 de outubro de 1987.

SUCESSO Oriental. **Veja São Paulo,** p. 28-34. 04 de maio de 1988.

2.2.Outras fontes

BRITO, Luísa. Shopping no Centro de SP é interditado. **G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL994949-5605,00-SHOPPING+NO+CENTRO+DE+SP+E+INTERDITADO.html>. Acesso em: novembro de 2015. 10 de fevereiro de 2009.

MANECHINI, Guilherme. A legião coreana invade o Ceará. **Revista Exame.** Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1020/noticias/a-legiao-coreana-invade-o-ceara>. Acesso em: novembro de 2015. 26 de julho de 2012.

MOCARZEL, Evaldo. Paisagem em câmera lenta. **Revista 18,** ano ix, nº 30, p. 22-25. Centro da Cultura Judaica. Setembro de 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Entre coreanos e bolivianos. **Folha de São Paulo**. Ilustríssima. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il1306201003.htm>. Acesso em: 12 de novembro de 2015. 18 de junho de 2010.

3.SITES ELETRÔNICOS

AGÊNCIA JUDAICA PARA ISRAEL. **Hashomer Hatzair.** Disponível em: <http://www.eitan.com.br/hashomer%20hatzair.html>. Acesso em fevereiro de 2016. [s/l], [s/d].

BOLÍVIA CULTURAL. **Kantutita – Bom Retiro.** Disponível em: <http://www.bolivia-cultural.com.br/classificados/products/KANTUTITA%252d-Bom-Retiro.html>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2016. [s/l], [s/d].

CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS (CDL). **História.** Disponível em: <http://www.bomretironamoda.com.br/historia>. Acesso em: 12 de outubro de 2015. São Paulo, [s/d].

CASA DO POVO. **Apresentação.** Disponível em: <http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2016. São Paulo, [s/d].

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Inventários realizados.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/681/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016. Brasília, [s/d].

SECRETARIA DA HABITAÇÃO. P**rogramas habitacionais da Casa Paulista.** disponível em: <http://www.habitacao.sp.gov.br/casapaulista/programas_habitacionais_casa_paulista.aspx>. Acesso em: novembro de 2014. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, [s/d].

SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, LAZER E RECREAÇÃO. **Histórico do Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi.** Prefeitura de São Paulo. Disponível em : <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/ estadio_mie_nishi/index.php?p=887>. Acesso em janeiro de 2016. São Paulo, [s/d].

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO. **Zoneamento e Uso do Solo.** Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/participacao_social/fundos/fundurb/index.php?p=201106>. Acesso em: janeiro de 2016. Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo, [s/d].

SINDIVESTUÁRIO. **Coleção de inverno encalha e lojas fecham as portas no Bom Retiro.** Disponível em: <http://sindivestuario.org.br/2015/06/colecao-de-inverno-encalha-e-lojas-fecham-as-portas-no-bom-retiro/>. Acesso em: 15 de novembro de 2015. São Paulo, 02 de junho de 2015.

UNIÃO DOS CLUBES DE GATEBALL DO BRASIL (UCGB). **História do gateball.** Disponível em: <http://www.gateballrengo.org.br/historia.php>. Acesso em janeiro de 2016. [s/l], [s/d].

WALM ENGENHARIA AMBIENTAL. **Estudo de Impacto Ambiental** (EIA-RIMA). Linha 18 Bronze do Metrô de São Paulo. Disponível em: <http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha_18_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2016. A Companhia do Metropolitano de São Paulo – Metrô. São Paulo, 2012.

APÊNDICE 1
ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE COMO RECURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA QUALITATIVA

Entrevista em profundidade como recurso metodológico da pesquisa qualitativa

Este apêndice da dissertação de mestrado apresenta o objetivo das entrevistas realizadas como parte do trabalho de campo, justifica a metodologia e dá detalhes do planejamento e da realização.

Ainda que tivéssemos recorrido ao conceito de enclave étnico para a definição do objeto de estudo, buscando maior objetividade ao estudo proposto, o ponto de partida esteve na paisagem, mais especificamente na paisagem de John Brinckerhoff Jackson. A importância dada às relações humanas – social, econômica, cultural, afetiva, etc. – num estudo que visa descrever um enclave étnico está alinhada com a ideia de Jackson, de que a paisagem é um "conjunto dos espaços criados e modificados pelo homem" (JACKSON, 1984, p. 8), ou seja, a paisagem é um espaço organizado, composto e desenhado por homens e é uma obra coletiva das sociedades (BESSE, 2009, p. 33). Com a finalidade de alcançar uma compreensão plena do fenômeno do enclave étnico, que pudesse abranger os aspectos tanto materiais, quanto imateriais, buscamos na pesquisa qualitativa o aporte metodológico para coletar os dados sobre os aspectos imateriais do enclave em questão, mais especificamente no que tange às relações humanas que dão base à constituição material do enclave.

Originalmente desenvolvida para dar rigor às pesquisas da área de psicologia que tratam de temas abstratos como sensações ou processos mentais, a metodologia de pesquisa qualitativa utilizada nas entrevistas foi adaptada ao nosso objeto de estudo, tendo em vista a dimensão física e concreta do enclave étnico. Nosso estudo contou com a facilidade de poder atestar, nas observações dos trabalhos de campo, cada fato retratado nas falas dos entrevistados. Podemos afirmar, por isso, que a descrição final resultou da combinação entre os recursos de etnografia – as observações feitas em campo que contemplaram principalmente os dados físicos e espaciais do enclave – e as entrevistas.

O recurso metodológico de entrevista serviu como meio para obter as descrições do enclave por aqueles que o vivenciam no dia-a-dia. Portanto, as experiências vividas formaram o tema central das entrevistas.

Objetivo da pesquisa qualitativa

Compreender a estrutura de relações humanas que estão na base da constituição do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, e que se materializam espacialmente através dele.

Pontos de partida

- Referencial teórico sobre os enclaves étnicos;
- Dados obtidos nas observações de campo, aspectos físicos e espaciais do enclave étnico em questão.

Etapas (segundo MARTINS; BICUDO, 1994, p. 52-54)

1. Planejamento: definição da amostra de entrevistados e do roteiro - o roteiro pré-definido evidencia os assuntos que devem ser tratados e é apenas um guia para conduzir as entrevistas de acordo com o objetivo da pesquisa e com o perfil de cada entrevistado;
2. Entrevista: coleta das descrições ingênuas - entrevista é encarada como um "encontro social", portanto, "os significados e as normas de conduta são trabalhadas entre as pessoas que participam de uma entrevista";
3. Transcrição e leitura em busca de unidades de significados;
4. Interpretação: por classificação de dados e pela redução pela transformação de cada unidade de significados:
5. Buscar a estrutura do fenômeno estudado.
6. Considerações e cuidados na realização das entrevistas e na interpretação
7. Centralizar atenção nas especificidades do fenômeno, ou seja, do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro, e evitar deduções e generalizações;
8. Buscar pelas características gerais do fenômeno, que não são universais nem particulares (MARTINS; BICUDO, 1994, p. 36);
9. Procurar ver o fenômeno como ele se mostra nos significados relacionais - "a possibilidade de descoberta genuína é mantida na busca sistemática de significados" (id., p. 57);
10. Manter a anonimidade dos entrevistados (id., p. 56) - a responsabilidade final pelos dados descritos deve ser do próprio pesquisador, que os interpretou para proporcionar-lhes os significados relacionais, e não dos entrevistados que forneceram as descrições ingênuas.

Amostra

A amostra foi definida de acordo com a vivência que cada entrevistador possui com o bairro e com a colônia coreana do bairro. Os indivíduos selecionados possuem perfis sociais diversos, porém, têm em comum o tempo longo de vivência no bairro, de 20 anos ou mais.

A amostra foi dividida em dois grupos: o primeiro grupo foi composto por doze entrevistados, de origem coreana ou de famílias da mesma origem; e o segundo grupo foi formado por quatro moradores ou comerciantes antigos do bairro, de etnias diversas, que vivenciaram a chegada dos coreanos e que convivem com eles até hoje.

Outras entrevistas

Foram realizados também outras entrevistas, de caráter informativo, que não fazem parte da amostra submetida para a análise da pesquisa qualitativa. Essas entrevistas também foram agrupados em dois conjuntos, formando o terceiro grupo, de autoridades acadêmicas, e o quarto grupo, de arquitetos que trabalharam em parceria com os coreanos do bairro.

Referências

BESSE, Jean-marc. **As cinco portas da paisagem:** ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas, in: Le goût du monde – Exercices de paysage. Actes Sud / ENSP, Arles, 2009.

JACKSON, John B. **Discovering the Vernacular Landscape.** Yale University Press, New Haven e Londres, 1984.

MARTINS, Joel e BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. Ed. Moraes, São Paulo, 1994.

LISTA DE ENTREVISTAS REALIZADAS

Primeiro grupo

Entrevista 1-1

Entrevistado: sul coreano, 35 anos, sócio-fundador de uma indústria de embalagem de plásticos localizada à Rua Anhaia, Bom Retiro, São Paulo e morador do Bom Retiro há30 anos. Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2015, às 14:00. Cafeteria Treviolo da Rua General Flores.

Entrevista 1-2

Entrevistado: sul coreano, 55 anos, proprietário de uma confecção de moda feminina de grande porte. Possui fábrica localizada na rua Matarazzo, uma loja na rua Prof. Césare Lombroso, uma ponta de estoque na rua José Paulino, além de 21 pontos de venda da marca própria e 3 franquias. Mora em Perdizes.

Entrevista realizada no dia 22 de abril de 2015, às 15:00, na fábrica localizada à Rua Matarazzo 363.

Entrevista 1-3-1

Entrevistado: sul coreano, 55 anos, confeccionista de moda feminina de médio porte com oficina localizada na rua Silva Pinto e a loja na Galeria Aimorés. Matemático formado pela IME-USP. Morador do Jardim Paulista.

Entrevista realizada no dia 27 de abril de 2015, às 17:10, no lanchonete da Galeria Aimorés.

Entrevista 1-3-2

Continuação da entrevista anterior

Entrevista realizada no dia 28 de abril de 2015, às 10:00, na fábrica localizada no 4º andar do edifício localizado na esquina da José Paulino com a Silva Pinto.

Entrevista 1-4
Entrevistado: sul coreano, 62 anos, ex-confeccionista de moda feminina na rua Aimorés e engenheiro mecânico formado pela Poli-USP.

Entrevista realizada no dia 26 de maio de 2015, às 19:00, no restaurante da Rua Girassol, Vila Madalena.

Entrevista 1-5
Entrevistado: brasileiro, 32 anos, filho de coreanos, confeccionista de moda feminina da rua Prof. Césare Lombroso. Formado em Direito, mas nunca exerceu a profissão. Mora no Paraiso.

Entrevista realizada no dia 22 de maio de 2015, às 16:00, na cafeteria do Lombroso Mall.

Entrevista 1-6
Entrevistado: sul coreano, 75 anos, presidente da associação de gateball dos coreanos. Morador do Bom Retiro desde 85.

Entrevista realizada no dia 03 de junho de 2015, às 10:00, no quiosque da quadra de Gateball, localizado dentro do Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishii, Bom Retiro.

Entrevista 1-7
Entrevistada: sul coreana, 50 anos, professora do Colégio Polilogos. Moradora do Bom Retiro desde 1998.

Entrevista realizada no dia 22 de junho de 2015, às 10:00, na sala dos professores do Polilogos.

Entrevista 1-8
Entrevistada: sul coreana, 75 anos, confeccionista de moda feminina (moda senhora/plus size) com loja e oficina localizada na rua José Paulino. Mora na Barra Funda.

Entrevista realizada no dia 24 de junho de 2015, às 10:00, na loja localizada à Rua José Paulino.

Entrevista 1-9
Entrevistado: sul coreano e brasileiro naturalizado, 72 anos, ex-confeccionista de moda feminina e ex-industrial. Atual conselheiro comercial do Lombroso Mall. Mora na Aclimação.

Entrevista realizada no dia 08 de julho de 2015, às 10:00, na loja localizada à Rua José Paulino.

Entrevista 1-10
Entrevistada: sul coreana, 45 anos, operadora de caixa de uma mercearia coreana do Bom Retiro. Mora no Bom Retiro.

Entrevista realizada no dia 08 de julho de 2015, às 10:00, na chocolateria da Rua Três Rios.

Entrevista 1-11
Entrevistado: sul coreano, 75 anos, confeccionista e ex-presidente da Associação dos Coreanos do Brasil. Mora da Higienópolis.

Entrevista realizada no dia 22 de agosto de 2015, às 10:00, no escritório da loja localizada na Rua da Graça, 231.

Entrevista 1-12
Entrevistado: sul coreano, 50 anos, fiscal de Prefeitura. Tem formação em odontologia pela USP. Mora no Bom Retiro e possui diversos imóveis comerciais para aluguel no bairro.

Entrevista realizada no dia 24 de setembro de 2015, às 10:00, no bar localizado na esquina da rua Três Rios com a Afonso Pena.

Segundo grupo

Entrevista 2-1
Entrevistado: brasileiro de origem judaica, 45 anos, jornalista e criador de um site sobre a história do bairro do Bom Retiro. Mora na rua Guarani desdes que nasceu.

Entrevista realizada no dia 26 de junho de 2015, às 16:00, na cafeteria Casa Búlgara.

Entrevista 2-2
Entrevistado: imigrante grego nascido em Atenas, 80 anos, proprietário de uma indústria de aviamentos localizada à Rua Solon. Ex-confeccionista da rua Aimorés. Mora no Bom Retiro desde 1955.

Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015, às 16:00, na recepção da fábrica.

Entrevista 2-3
Entrevistado: brasileiro de origem polonesa, agente de viagens e proprietário de diversos imóveis comerciais do Bom Retiro.

Entrevista realizada no dia 24 de julho de 2015, às 10:00, na agência de turismo localizado à Rua da Graça.

Entrevista 2-4
Entrevistada: brasileira de origem polonesa, corretora de imóveis com atuação mais longa do Bom Retiro e proprietária de uma imobiliária localizada no bairro.

Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2015, no escritório localizado na rua Lubavitch.

OUTRAS ENTREVISTAS

Terceiro grupo

Entrevista 3-1
Entrevistado: Prof. Dr. Renato Cymbalista, arquiteto urbanista e professor do Departamento de História da FAUUSP

Entrevista realizada no dia 27 de maio de 2015, às 14:00, na secretaria do Departamento de História da FAUUSP.

Entrevista 3-2
Entrevistado: Prof. Dr. Jung Mo Sung, teólogo e professor da Universidade Metodista.

Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2015, às 14:00, na residência de Vila Mariana.

Quarto grupo

Entrevista 4-1
Entrevistado: Arq. Cleiton Honório de Paula.

Entrevista realizada no dia 23 de julho de 2015, às 10:00, na cafeteria da Livraria da Vila do Shopping Higienópolis.

Entrevista 4-2
Entrevistado: Arq. Paulo Tomie Otaga

Entrevista realizada no dia 29 de julho de 2015, às 10:00, no escritório localizado na Vila Leopoldina.

APÊNDICE 2
TABELAS DE DADOS DE LEVANTAMENTO DE CAMPO

Tabela base dos mapas 2.2 a 2.5
Estabelecimento de serviço e comércio voltadas às comunidades específicas - dados do levantamento realizado entre os dias 18 a 22 de julho de 2014

Nome de rua	Nº	Tipo de instalação / Uso	Comunidade atendida / de origem	OBS
Três Rios	58	Escola de música	Coreana	
	123	Dentista	Coreana	
	131	Agência de turismo	Coreana	
	147	Cursinho	Coreana	
	138	Cafeteria / Doceria	Judaica	Burikitas
	206	Cabeleireiros	Coreana	
	213	Massagista	Coreana	
	218	Escola missionária	Coreana	Fatefe
	221	Padaria e confeitaria	Coreana	
	226	Cursinho / Creche	Coreana	
	232	Cabeleireiros	Coreana	
	241	Mercearia	Coreana	Ottogui Mart
	252	Teatro / Centro cultural	Judaica	TAIB - Teatro de Arte Israelita Brasileiro
	263	Igreja evangélica	Coreana	
	267	Cursinho / escola de música	Coreana	
	267	Loja de alimentos	Coreana	Especialidades amazônicas
Correia de Melo	75	Dentista	Coreana	
	75	Escola de música	Coreana	
	103	Restaurante	Armênia	Arais de Carlinhos
	117	Restaurante	Coreana	Dare
	119	Eventos e buffet / Chocolateria	Judaica	Goody
	135	Restaurante	Coreana	Seok Jeong
	164	Restaurante	Coreana	Sing Sing
	166	Restaurante	Coreana	Comida chinesa para coreanos
	192	Clínica médica	Coreana	Otorrinonaringologista
	206	Restaurante	Judaica	Shoshi Deli Shop
	276	Restaurante	Coreana	
	298	Mercearia	Coreana	

Correia de Melo	306	Restaurante	Coreana	
	322	Imobiliária	Coreana	
	340	Loja de alimentos	Coreana	Bolinhos de arroz - loja e fábrica
Joaquim Murtinho	27	Cabeleireiros	Hispano-americana	Latin Cort
	33	Cabeleireiros	Hispano-americana	Abigail
	35	Cabeleireiros / Lan house	Hispano-americana	
	43	Sinagoga	Judaica	Machzika Hadás
	47	Floricultura	Coreana	
	51	Cabeleireiros	Coreana	
	69	Galeria de arte	Coreana	Associação de caligrafia coreana
	75	Bar e karaokê	Coreana	
	134	Templo budista	Coreana	
	135	Bar e restaurante	Coreana	
	183	Cabeleireiros / Lan house	Hispano-americana	Nova Cor Fashion
	183B	Loja de alimentos	Coreana	Bolinhos de arroz - loja e fábrica
Dos Bandeirantes	106	Confeitaria	Judaica	Chocolates Tnuva
	376	Sinagoga	Judaica	Yeshiva Tomchei Temim Lubavitch
	453	Restaurante	Coreana	
	456	Restaurante	Coreana	
	469	Instituição Beneficente	Judaica	Bazar da Instituição Beneficente Israelita Ten Yad
	474	Igreja evangélica	Coreana	
	492	Restaurante	Chinesa	
Afonso Pena	314	Igreja evangélica	Coreana	
	332	Escritório de contabilidade	Coreana	
	363	Cabeleireiros	Judaica	
	455	Igreja evangélica	Coreana	
	482	Quadra de futebol	Hispano-americana	Centro de reinserção social e acolimento para adultos em situação de rua João Paulo II
Salvador Leme	122	Restaurante	Nordestina	
	193	Igreja evangélica	Coreana	
	312	Igreja evangélica	Coreana	
	374	Igreja evangélica	Coreana	

Amazonas	19	Igreja evangélica	Coreana	
	31	Cabeleireiros	Coreana	
	63	Esteticista	Coreana	
	65	Ateliê de artes plásticas	Coreana	
	148	Restaurante	Coreana	
	195	Igreja evangélica	Coreana	
	199	Restaurante	Coreana	
Guarani	25	Mercearia	Coreana	
	34	Imobiliária	Judaica	Mazal Consultorias Imobiliárias
	39	Farmácia	Coreana	Drogaria Guarani
	56	Restaurante	Coreana	
	63/73	Instituição Beneficente	Judaica	Bazar da Unibes – União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social
	114	Mercearia	Judaica	Menoráh
	139	Imobiliária	Coreana	JAB Imóveis
	143	Cabeleireiros	Coreana	
	144	Jardim de infância/ creche / escola de Taekwondo	Coreana	
	148	Loja de alimentos	Coreana	Especialidades amazônicas
	149	Loja de brinquedos	Coreana	Brinquedos e roupas infantis importados
Guarani	158	Restaurante	Coreana	
	159	Cabeleireiros	Coreana	
	162	Restaurante	Coreana	
	215	Restaurante	Chinesa	
	226	Restaurante	Chinesa	
	240	Restaurante	Coreana	
	253	Sinagoga	Judaica	Sinagoga Israelita Ahavar Reim
	259	Mercearia	Coreana	
	350	Restaurante	Coreana	Tomodachi - Comida japonesa para coreanos
	362	Floricultura	Coreana	
	364	Bar e restaurante	Coreana	
	374	Restaurante	Coreana	
	396	Bar e restaurante	Coreana	
	439	Igreja evangélica	Coreana	
	447	Restaurante	Coreana	

Guarani	449	Restaurante	Coreana	Comida chinesa para coreanos
	454	Lan house	Hispano-americana	
	460	Cabeleireiros	Coreana	
	468	Bar	Nordestina	
	473	Restaurante	Coreana	Kognara
	482	Restaurante	Coreana	
	484	Estúdio de fotografia	Coreana	Eden & Gaby Studio Wedding
Lubavitch	12	Restaurante	Coreana	
	79	Centro cultural	Coreana	Espaço Cultural Qum
	93	Restaurante	Coreana	Tofu House
	99	Restaurante	Coreana	
	105	Estúdio de fotografia	Coreana	
	181	Cafeteria	Coreana	Bookafé
	209	Jardim de infância/ creche	Coreana	
	221	Igreja evangélica	Coreana	
	241	Imobiliária	Judaica	Rebeca Administração Personalizada de Imóveis
	261	Cabeleireiros	Coreana	
Prates	93	Igreja evangélica	Coreana	
	97	Bar e karaokê	Coreana	
	145	Hotel	Coreana	Luz Plaza
	205	Bar	Coreana	Amigos Room Karaokê
	215	Loja de utencílios domésticos	Coreana	
	325	Loja de alimentos	Coreana	
	333	Restaurante	Coreana	Comida chinesa para coreanos
	337	Cabeleireiros	Coreana	
	339	Açougue	Coreana	
	340	Cabeleireiros	Coreana	
	343	Restaurante	Coreana	
	350	Loja de presentes	Coreana	Presentes de casamento
	354	Mercearia	Coreana	
	359	Farmácia	Coreana	
	367	Loja de golfe	Coreana	Golf & Troféus Royal
	379	Restaurante	Coreana	
	379	Locação de videos e DVDs	Coreana	
	379A	Restaurante	Coreana	

Prates	379F	Loja de golfe	Coreana	
	384	Clínica de medicina oriental	Coreana	
	408	Cursinho	Coreana	
	408	Loja de presentes	Coreana	Presentes de casamento
	409	Floricultura	Coreana	
	416	Clínica de medicina oriental	Coreana	Park Acupuntura
	435	Cemitério	Judaica	Cemitério Israelita de São Paulo
	441-46	Associação dos idosos	Coreana	Associação dos Idosos Coreanos do Brasil
	441-59	Instituto de Ioga	Coreana	
	441-79	Associação de Baduk	Coreana	Jogo de tabuleiro oriental
	462	Mercearia	Coreana	
	476	Restaurante	Coreana	Comida chinesa para coreanos
	478	Cabeleireiros / Esteticista	Coreana	
	490	Cabeleireiros / Esteticista	Coreana	
	536	Edifício de escritórios	Coreana	Imobiliária, escritório de arquitetura, clínica odontológica, agência de turismo, etc.
	540	Padaria e confeitaria	Coreana	
	545	Casa de meditação	Coreana	
	547	Padaria e confeitaria	Coreana	Bellapan
	550	Ótica		
	555	Restaurante	Coreana	
	552	Igreja evangélica	Coreana	
	556	Clínica de medicina oriental	Coreana	
	557	Cabeleireiros / Esteticista	Coreana	
	560	Estúdio de fotografia	Coreana	
	571	Cursinho / escritório de advocacia	Coreana	

Prates	577	Agência de turismo	Coreana	
	583	Clínica de medicina oriental	Coreana	
	585	Padaria e confeitaria	Coreana	Fresh Cake Factory
	593	Ateliê de artes plásticas	Coreana	
	598	Loja de presentes	Coreana	Presentes de casamento
	599	Restaurante	Chinesa	
	608	Restaurante e lanchonete	Coreana	
	611	Bar e karaokê	Coreana	
	615	Restaurante	Coreana	
	618	Cabeleireiros	Coreana	
	669	Cabeleireiros	Coreana	
	675	Restaurante	Coreana	
	689	Mercearia	Judaica	Mehadrin Comida Kasher
	692	Cursinho	Coreana	
	692	Academia de luta	Coreana	Academia de Taekwondo
	694	Jardim de infância / creche	Coreana	
	706	Sinagoga	Judaica	Sinagoga Beith Itzchok Elchonon
	712	Bar e karaokê	Coreana	
	758	Escola	Judaica	Complexo Educacional Samuel e Chana Klein
	783	Igreja evangélica	Coreana	
	840	Loja e fábrica de velas	Judaica	Velas Kosher
	863	Instituição Beneficente	Judaica	Bazar da Unibes – União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social
	881	Igreja evangélica	Coreana	
	898	Igreja evangélica	Hispano-americana	Asamblea de Dios Bom Retiro Hispánico
João Kopke	56	Padaria e confeitaria	Judaica	James Bakery
	135	Venda de cartão telefônico internacional / transferência de dinheiro	Hispano-americana	

João Kopke	165	Restaurante	Coreana	
Talmud Thorá	32	Bar e restaurante	Coreana	
	77	Mercearia	Judaica	
	86	Sinagoga	Judaica	Khal Adas Yereim
	119	Instituição Beneficente / Teatro	Judaica	Instituição Beneficente Israelita Ten Yad - Ed. Esther Safra (fundos)
	296	Escola e sinagoga	Judaica	Talmud Torá Lubavitch
Newton Prado	45	Restaurante	Coreana	
	69	Cabeleireiros	Coreana	
	76	Instituição Beneficente / Teatro	Judaica	Instituição Beneficente Israelita Ten Yad - Ed. Esther Safra (frente)
	88	Clínicas médicas	Coreana	
	172	Restaurante	Coreana	
	226	Clínicas médicas	Coreana	
	540	Templo budista	Coreana	
	548	Igreja evangélica	Coreana	
	578	Mecânico	Coreana	
	644	Venda de cartão telefônico internacional / transferência de dinheiro	Hispano-americana	
	652	Venda de cartão telefônico internacional / transferência de dinheiro	Hispano-americana	
Antônio Coruja	53	Lan house	Hispano-americana	
	61	Restaurante	Coreana	
	78	Bar	Coreana	
	187	Igreja evangélica	Coreana	
Jaraguá	129	Igreja evangélica	Coreana	
	258	Cabeleireiros	Hispano-americana	
Javaés	195	Instituição Beneficente	Coreana	
	255	Cabeleireiros	Hispano-americana	
	295	Cabeleireiros	Hispano-americana	
	306	Lan house	Hispano-americana	
	316	Restaurante	Hispano-americana	
	404	Cabeleireiros	Hispano-americana	

General Flores	350	Peixaria	Judaica	Peixaria kasher
	356	Restaurante	Hispano-americana	Peruano El Nuevo Sabor Latino
	357	Loja de fios de costura / Venda de pães	Hispano-americana	
	369	Igreja evangélica	Coreana	
	529	Venda de cartão telefônico internacional / transferência de dinheiro	Hispano-americana	
Tenente Pena	207	Lanchonete	Hispano-americana	Salteñaria
	378	Igreja evangélica	Hispano-americana	Asamblea de Dios Ministerio Aviva Camhi
Mamoré	71	Igreja evangélica	Coreana	
	212	Mercearia	Judaica	Empório Beny´s
	305	Hotel / Golfe	Coreana	Prince Tower (entrada principal)
	338	Bar	Coreana	
	482	Restaurante	Coreana	
	580	Clínica de medicina oriental	Coreana	
Júlio Conceição	90	Hotel / Golfe	Coreana	Prince Tower (entrada do campo de golfe)
	165	Igreja evangélica	Coreana	
	327	Mercearia	Coreana	
	661	Agência de turismo	Coreana	
Silva Pinto	199	Escritório de advocacia	Coreana	
	270	Clínica de medicina oriental	Coreana	
	356	Lanchonete	Judaica	Casa Búlgada (burekas)
	379	Lanchonete	Coreana	
	383	Imobiliária	Judaica	IMI - Israel Mucinic Imóveis
	423	Restaurante	Coreana	
	429	Lanchonete	Coreana	
	435	Mercearia	Coreana	
	442	Restaurante	Coreana	
	441	Loja de eletônicos	Coreana	
	445	Cabeleireiros	Coreana	
	450	Mercearia	Coreana	
	456	Cabeleireiros	Coreana	

Silva Pinto	458	Peixaria	Coreana	
	465	Estúdio de fotografia	Coreana	
	469	Restaurante	Coreana	
José Paulino	226	Agência de turismo	Coreana	
	322	Cursinho	Coreana	
	756	Galeria comercial	Coreana	Agência de turismo, cursinho, clínica de medicina oriental, etc.
Padre Edgar de Aquino Rocha	8	Sinagoga	Judaica	Sinagoga Adat Ischurum - Shil da Vila
Samuel Brenner	2	Casa de meditação	Coreana	
Ribeiro de Lima	282	Instituto de educação	Coreana	Instituição de Educação Coreana do Brasil - Consulado da Coreia do Sul
	320	Imobiliária / Advocacia	Coreana	Lucas Jikal Imobiliária e Administração de Bens
	328	Loja de alimentos	Coreana	Bolinhos de arroz oja e fábrica
	453	Dentista	Coreana	
	532	Imobiliária	Judaica	Sinai Imobiliária
Da Graça	72	Cursinho	Coreana	
	89	Academia de luta	Coreana	Academia de Hapkido
	160	Sinagoga	Judaica	Sinagoga Kehilat Israel (a mais antiga de São Paulo)
	184	Dentista	Coreana	
	184	Escola de música	Coreana	
	186	Ótica	Coreana	
	194	Agência de turismo	Coreana	
	200	Banco	Judaica	Daycoval
	201	Agência de turismo	Coreana	
	206	Banco	Judaica	Agência do Banco Safra
	215	Clínica de medicina oriental	Coreana	
	218	Igreja evangélica	Coreana	
	220	Agência de turismo	Coreana	
	362	Restaurante	Grega	Acrópolis
	450	Esteticista	Coreana	
	450	Locação de videos e DVDs	Coreana	
Barra do Tibaji	406	Pizzaria	Italiana	Pizzaria Monte Verde
	509	Lanchonete	Hispano-americana	Salteñaria
	588	Lan house	Hispano-americana	Latin House Internet

Barra do Tibaji	895	Escola	Coreana	Colégio Polilogos (fundos)
Dos Italianos	327	Dentista	Coreana	
	651	Mercearia	Nordestina	
	711	Restaurante	Italiana	Ouro Branco
	735	Venda de cartão telefônico internacional / transferência de dinheiro	Hispano-americana	
	737	Lan house	Hispano-americana	
Anhaia	305	Igreja evangélica	Coreana	
	332	Lan house	Hispano-americana	
	391	Mercearia	Judaica	Kosher Mart
Solon	579	Lan house	Hispano-americana	
	656	Igreja evangélica	Coreana	
	1018	Escola	Coreana	Colégio Polilogos (frente)
Nair de Teffé	147	Igreja católica	Coreana	
Matarazzo	180	Igreja ortodoxa	Grega	Igreja Metropolitana Ortodoxa Grega do Bom Retiro
	287	Venda de cartão telefônico internacional / transferência de dinheiro	Hispano-americana	
Rodolfo Miranda	287	Instituição Beneficente	Judaica	Sede da Unibes – União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social
	293	Instituição Beneficente	Judaica	Bazar da Unibes – União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social
David Bigio	31	Igreja evangélica	Coreana	

Tabela base do mapa 4.3

Rua	Nº	Modalidade
Aimores	253	Confecção de Roupas
	49	Confecção de Roupas
	225	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	203	Confecção de Roupas
	172	Confecção de Roupas
	283	Confecção de Roupas
	100	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	225	Confecção de Roupas
	184	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	273	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	125/127	Confecção de Roupas
	106	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	39	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	202	Confecção de Roupas
	155	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	114	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	92	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	48	Confecção de Roupas
	91	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	247	Confecção de Roupas
	264	Confecção de Roupas
	107/111	Confecção de Roupas

Aimores	98	Confecção de Roupas
	185	Confecção de Roupas
	75	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	224	Confecção de Roupas
	44	Confecção de Roupas
	72	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	58	Confecção de Roupas
	218	Confecção de Roupas
	238	Confecção de Roupas
	246	Confecção de Roupas
	99	Confecção de Roupas
	149	Confecção de Roupas
	222/224	Confecção de Roupas
	241	Confecção de Roupas
	219	Confecção de Roupas
	80	Confecção de Roupas
	75	Confecção de Roupas
	167	Confecção de Roupas
	22	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	152	Confecção de Roupas
	100	Confecção de Roupas
	219	Confecção de Roupas
	235	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	189	Confecção de Roupas
	113/115	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	58	Confecção de Roupas
	254/256	Confecção de Roupas
	76	Confecção de Roupas
	63	Confecção de Roupas
	32	Confecção de Roupas
	273	Confecção de Roupas

Aimores	101	Confecção de Roupas
	177	Confecção de Roupas
	137	Confecção de Roupas
	188	Confecção de Roupas
	38	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	162	Confecção de Roupas
	185	Confecção de Roupas
	145	Confecção de Roupas
	68	Confecção de Roupas
	25	Confecção de Roupas
	51	Confecção de Roupas
	278	Confecção de Roupas
	35	Confecção de Roupas
	71	Confecção de Roupas
	174	Confecção de Roupas
	280	Confecção de Roupas
	293	Confecção de Roupas
	257	Confecção de Roupas
	198	Confecção de Roupas
	84/86	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	240	Confecção de Roupas
	78	Confecção de Roupas
	258	Confecção de Roupas
	287	Confecção de Roupas
	210	Confecção de Roupas
	143	Confecção de Roupas
	207	Confecção de Roupas
	298	Confecção de Roupas
	277	Confecção de Roupas
	71	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	51	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	246	Confecção de Roupas
	286	Confecção de Roupas
	36	Confecção de Roupas

Aimores	59	Confecção de Roupas
	83	Confecção de Roupas
	199	Confecção de Roupas
	213/215	Confecção de Roupas
	42	Confecção de Roupas
	270/272	Confecção de Roupas
	59	Confecção de Roupas
	25	Confecção de Roupas
	269	Confecção de Roupas
Amazonas	31	Costura
Anhaia	1200	Prego
	42	Tecido
	94	Tecido
	98	Tingimento
	81	Confecção de Roupas
	230	Confecção de Roupas
	231	Confecção de Roupas
	296	Confecção de Roupas
Carmo Cintra	38	Confecção de Roupas
	32	Confecção de Roupas
	51	Confecção de Roupas
	68	Confecção de Roupas
	63/67	Confecção de Roupas
	29/31	Confecção de Roupas
Correia de Melo	84	Tecido
	84	Tecido
	84	Tecido
	192	Tecido
da Graça	87	Aviamento
	244	Aviamento
	504	Aviamento
	633	Passar ferro
	215	Tecido
	339	Tecido
	343	Tecido
	363	Tecido
	367	Tecido
	376	Tecido
	388	Tecido
	406	Tecido

da Graça	407	Tecido
	436	Tecido
	460	Tecido
	570	Tecido
	406/408	Tecido
	415/417	Tecido
	69/71	Confecção de Roupas
	218	Confecção de Roupas
	53/55	Confecção de Roupas
	84	Confecção de Roupas
	52	Confecção de Roupas
	37	Confecção de Roupas
	37/39	Confecção de Roupas
	83	Confecção de Roupas
	133	Confecção de Roupas
	93B	Confecção de Roupas
	367	Confecção de Roupas
	64	Confecção de Roupas
	230	Confecção de Roupas
	79	Confecção de Roupas
	31	Confecção de Roupas
	253	Confecção de Roupas
	68	Confecção de Roupas
	43	Confecção de Roupas
	115	Confecção de Roupas
do Areal	177	Costura
	185	Costura
	89	Tecido
	156	Tingimento
dos Bandeirantes	352	Corte
dos Italianos	46	Costura
	234	Costura
	234	Prego
	77	Confecção de Roupas
	152	Confecção de Roupas
	82	Confecção de Roupas
	24	Confecção de Roupas
	125	Confecção de Roupas
	247	Confecção de Roupas
	41	Confecção de Roupas

dos Italianos	90	Confecção de Roupas
	180	Confecção de Roupas
	76	Confecção de Roupas
	241	Confecção de Roupas
	143	Confecção de Roupas
	185	Confecção de Roupas
	130	Confecção de Roupas
	264	Confecção de Roupas
	55	Confecção de Roupas
	170	Confecção de Roupas
	192	Confecção de Roupas
	42	Confecção de Roupas
	50	Confecção de Roupas
	45	Confecção de Roupas
	234	Confecção de Roupas
	153	Confecção de Roupas
	177	Confecção de Roupas
	54	Confecção de Roupas
	54	Confecção de Roupas
	91	Confecção de Roupas
	104	Confecção de Roupas
	147	Confecção de Roupas
	97	Confecção de Roupas
	250	Confecção de Roupas
	97	Confecção de Roupas
	72	Confecção de Roupas
	160/162	Confecção de Roupas
	225	Confecção de Roupas
	84	Confecção de Roupas
	30	Confecção de Roupas
	62	Confecção de Roupas
	170	Confecção de Roupas
	235	Confecção de Roupas
	20	Confecção de Roupas
	271	Confecção de Roupas
	36	Confecção de Roupas
	240	Confecção de Roupas
	21/23	Confecção de Roupas
	187	Confecção de Roupas
	285	Confecção de Roupas

Dos Italianos	62	Confecção de Roupas
	106	Confecção de Roupas
	42	Confecção de Roupas
	137	Confecção de Roupas
	123	Confecção de Roupas
	248	Confecção de Roupas
	225	Confecção de Roupas
	96	Confecção de Roupas
	91	Confecção de Roupas
	219	Confecção de Roupas
	157	Confecção de Roupas
	35	Confecção de Roupas
	231	Confecção de Roupas
	253	Confecção de Roupas
	291	Confecção de Roupas
	93	Confecção de Roupas
	128	Confecção de Roupas
	115	Confecção de Roupas
	126	Confecção de Roupas
	75	Confecção de Roupas
	83	Confecção de Roupas
	110	Confecção de Roupas
	184	Confecção de Roupas
	250	Confecção de Roupas
	99	Confecção de Roupas
General Flores	525	Prego
Guarani	469	Aviamento
	346	Confecção de Roupas
Jaraguá	836	Tingimento
Javaés	202	Corte
Joaquim Murtinho	167	Tecido
	153	Confecção de Roupas
José Paulino	226	Aviamento
	855/859	Aviamento
	226	Costura
	752	Costura
	691	Passar ferro
	452	Tecido
	747	Tingimento
	266	Confecção de Roupas

José Paulino	313	Confecção de Roupas
	5	Confecção de Roupas
	38	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	701	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	623	Confecção de Roupas
	45	Confecção de Roupas
	648	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	189	Confecção de Roupas
	33	Confecção de Roupas
	240	Confecção de Roupas
	584	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	105	Confecção de Roupas
	185	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	509	Confecção de Roupas
	703	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	409	Confecção de Roupas
	655	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	726	Confecção de Roupas
	140	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	372	Confecção de Roupas
	593	Confecção de Roupas
	668	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	761	Confecção de Roupas
	42	Confecção de Roupas
	739/743	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	754	Confecção de Roupas

José Paulino	748	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	389	Confecção de Roupas
	761/763	Confecção de Roupas
	775	Confecção de Roupas
	430	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	479	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	845	Confecção de Roupas
	712	Confecção de Roupas
	106	Confecção de Roupas
	150/152	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	349	Confecção de Roupas
	387	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	271	Confecção de Roupas
	360/362	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	309	Confecção de Roupas
	730	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	167	Confecção de Roupas
	333	Confecção de Roupas
	168	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	729	Confecção de Roupas
	634	Confecção de Roupas
	464	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	49	Confecção de Roupas
	793A	Confecção de Roupas
	179	Confecção de Roupas
	358	Confecção de Roupas
	492/494	Confecção de Roupas
	631	Confecção de Roupas
	626	Confecção de Roupas

José Paulino	102	Confecção de Roupas
	643	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	5	Confecção de Roupas
	856/860	Confecção de Roupas
	353	Confecção de Roupas
	418	Confecção de Roupas
	659	Confecção de Roupas
	409	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	640	Confecção de Roupas
	884	Confecção de Roupas
	704/706	Confecção de Roupas
	892	Confecção de Roupas
	65	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	269	Confecção de Roupas
	749	Confecção de Roupas
	680	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	221	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	438	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	679	Confecção de Roupas
	504/506	Confecção de Roupas
	223	Confecção de Roupas
	499	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	341	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	513	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	135/139	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas

José Paulino	441	Confecção de Roupas
	133	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	153	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	645	Confecção de Roupas
	848	Confecção de Roupas
	9	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	422	Confecção de Roupas
	900	Confecção de Roupas
	780	Confecção de Roupas
	811	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	252	Confecção de Roupas
	433	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	631	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	289	Confecção de Roupas
	149/151	Confecção de Roupas
	138	Confecção de Roupas
	720	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	620	Confecção de Roupas
	247	Confecção de Roupas
	697	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	156	Confecção de Roupas
	685	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	13	Confecção de Roupas
	591	Confecção de Roupas
	369	Confecção de Roupas
	206/210	Confecção de Roupas
	89	Confecção de Roupas
	288	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	440	Confecção de Roupas

José Paulino	671	Confecção de Roupas
	688	Confecção de Roupas
	194/196	Confecção de Roupas
	17/21	Confecção de Roupas
	664/666	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	67	Confecção de Roupas
	47	Confecção de Roupas
	807	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	285	Confecção de Roupas
	460	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	519	Confecção de Roupas
	727	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	634	Confecção de Roupas
	447	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	252	Confecção de Roupas
	25	Confecção de Roupas
	158	Confecção de Roupas
	72	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	73	Confecção de Roupas
	487	Confecção de Roupas
	616	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	336	Confecção de Roupas
	311	Confecção de Roupas
	871	Confecção de Roupas
	168	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	541	Confecção de Roupas
	315	Confecção de Roupas
	686	Confecção de Roupas
	309	Confecção de Roupas

José Paulino	342	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	415	Confecção de Roupas
	411	Confecção de Roupas
	360/362	Confecção de Roupas
	57	Confecção de Roupas
	555	Confecção de Roupas
	774	Confecção de Roupas
	88/90	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	393	Confecção de Roupas
	173/175	Confecção de Roupas
	470	Confecção de Roupas
	513	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	516	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	451	Confecção de Roupas
	45/47	Confecção de Roupas
	37	Confecção de Roupas
	315/317	Confecção de Roupas
	488	Confecção de Roupas
	36	Confecção de Roupas
	341	Confecção de Roupas
	707	Confecção de Roupas
	868	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	127	Confecção de Roupas
	53	Confecção de Roupas
	97	Confecção de Roupas
	311	Confecção de Roupas
	495/497	Confecção de Roupas
	244	Confecção de Roupas
	554	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas

José Paulino	165	Confecção de Roupas
	630	Confecção de Roupas
	459	Confecção de Roupas
	660	Confecção de Roupas
	784	Confecção de Roupas
	558	Confecção de Roupas
	707	Confecção de Roupas
	64	Confecção de Roupas
	61	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	660	Confecção de Roupas
	450	Confecção de Roupas
	734	Confecção de Roupas
	635	Confecção de Roupas
	569	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	655	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	476	Confecção de Roupas
	33	Confecção de Roupas
	418	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	734/736	Confecção de Roupas
	872	Confecção de Roupas
	872	Confecção de Roupas
	558	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	69	Confecção de Roupas
	559/563	Confecção de Roupas
	220	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	491	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	749	Confecção de Roupas
	109	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	545	Confecção de Roupas

José Paulino	698	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	505	Confecção de Roupas
	768	Confecção de Roupas
	323	Confecção de Roupas
	719	Confecção de Roupas
	551	Confecção de Roupas
	327	Confecção de Roupas
	41	Confecção de Roupas
	711	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	650	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	438	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	374	Confecção de Roupas
	587	Confecção de Roupas
	56	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	576	Confecção de Roupas
	880	Confecção de Roupas
	229	Confecção de Roupas
	761	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	318	Confecção de Roupas
	390	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	168	Confecção de Roupas
	406/408	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	226	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	729	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	683	Confecção de Roupas
	348	Confecção de Roupas
	740	Confecção de Roupas

José Paulino	671	Confecção de Roupas
	85	Confecção de Roupas
	531	Confecção de Roupas
	713	Confecção de Roupas
	754	Confecção de Roupas
	707	Confecção de Roupas
	694	Confecção de Roupas
	900	Confecção de Roupas
	764	Confecção de Roupas
	534	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	176	Confecção de Roupas
	711	Confecção de Roupas
	345	Confecção de Roupas
	691	Confecção de Roupas
	634	Confecção de Roupas
Julio Conceição	327	Aviamento
	398	Aviamento
	419	Aviamento
	435	Aviamento
	473	Aviamento
	569	Aviamento
	309/311	Aviamento
	350/356	Aviamento
	457/463	Aviamento
	565/567	Aviamento
	173	Costura
	33	Tingimento
	778	Confecção de Roupas
	593/601	Confecção de Roupas
	554/558	Confecção de Roupas
	553	Confecção de Roupas
	677	Confecção de Roupas
	568	Confecção de Roupas
	663	Confecção de Roupas
	544	Confecção de Roupas
	550	Confecção de Roupas
	543	Confecção de Roupas
	667	Confecção de Roupas
	568	Confecção de Roupas

Julio Conceição	565/567	Confecção de Roupas
	539/541	Confecção de Roupas
	671	Confecção de Roupas
	584	Confecção de Roupas
	572	Confecção de Roupas
	527	Confecção de Roupas
	652	Confecção de Roupas
Lopes Trovão	64	Prego
Lubavitch	38	Confecção de Roupas
Mamoré	605	Aviamento
Matarazzo	107	Corte
Newton Prado	160	Aviamento
	226	Costura
	94/96	Confecção de Roupas
Prates	441	Aviamento
	400	Corte
	384	Tecido
	456	Tecido
	364/374	Tecido
	324	Confecção de Roupas
Prof. Cesare Lombroso	199	Confecção de Roupas
	224	Confecção de Roupas
	150/152	Confecção de Roupas
	312	Confecção de Roupas
	259	Confecção de Roupas
	223	Confecção de Roupas
	75	Confecção de Roupas
	214	Confecção de Roupas
	117	Confecção de Roupas
	108	Confecção de Roupas
	291	Confecção de Roupas
	216	Confecção de Roupas
	181	Confecção de Roupas
	291	Confecção de Roupas
	238	Confecção de Roupas
	287/289	Confecção de Roupas
	315	Confecção de Roupas
	104	Confecção de Roupas
	163	Confecção de Roupas
	235	Confecção de Roupas

Prof. Cesare Lombroso	304	Confecção de Roupas
	139	Confecção de Roupas
	263	Confecção de Roupas
	270	Confecção de Roupas
	184/186	Confecção de Roupas
	487	Confecção de Roupas
	81	Confecção de Roupas
	247	Confecção de Roupas
	194	Confecção de Roupas
	115	Confecção de Roupas
	139	Confecção de Roupas
	110	Confecção de Roupas
	229	Confecção de Roupas
	117	Confecção de Roupas
	283	Confecção de Roupas
	298	Confecção de Roupas
	166	Confecção de Roupas
	176	Confecção de Roupas
	72	Confecção de Roupas
	193	Confecção de Roupas
	305	Confecção de Roupas
	252/256	Confecção de Roupas
	229	Confecção de Roupas
	259	Confecção de Roupas
	119	Confecção de Roupas
	62	Confecção de Roupas
	294	Confecção de Roupas
	211	Confecção de Roupas
	259	Confecção de Roupas
	121	Confecção de Roupas
	130	Confecção de Roupas
	187	Confecção de Roupas
	141	Confecção de Roupas
	316	Confecção de Roupas
	206	Confecção de Roupas
	113	Confecção de Roupas
	73	Confecção de Roupas
	85	Confecção de Roupas
	85	Confecção de Roupas
	305	Confecção de Roupas

Prof. Cesare Lombroso	280	Confecção de Roupas
	312	Confecção de Roupas
	222/224	Confecção de Roupas
	104	Confecção de Roupas
	178	Confecção de Roupas
	128	Confecção de Roupas
	318	Confecção de Roupas
	232/234	Confecção de Roupas
	81	Confecção de Roupas
	147	Confecção de Roupas
	68	Confecção de Roupas
	140	Confecção de Roupas
	264/268	Confecção de Roupas
	217	Confecção de Roupas
	260	Confecção de Roupas
	129	Confecção de Roupas
	198/200	Confecção de Roupas
	142/144	Confecção de Roupas
	111	Confecção de Roupas
	141	Confecção de Roupas
	267/271	Confecção de Roupas
	175	Confecção de Roupas
	286	Confecção de Roupas
	161	Confecção de Roupas
	54/58	Confecção de Roupas
	320	Confecção de Roupas
	248	Confecção de Roupas
	253	Confecção de Roupas
	83	Confecção de Roupas
	159	Confecção de Roupas
Ribeiro de lima	453	Aviamento
	453	Corte
	453	Corte
	453	Tingimento
	695	Tingimento
	474	Confecção de Roupas
	670	Confecção de Roupas
	410	Confecção de Roupas
	739	Confecção de Roupas
	736/738	Confecção de Roupas

Ribeiro de lima	699	Confecção de Roupas
	433	Confecção de Roupas
	489	Confecção de Roupas
	655	Confecção de Roupas
	570	Confecção de Roupas
	481	Confecção de Roupas
	486	Confecção de Roupas
	591	Confecção de Roupas
	674/678	Confecção de Roupas
	699	Confecção de Roupas
	416	Confecção de Roupas
	523	Confecção de Roupas
	454	Confecção de Roupas
	687	Confecção de Roupas
	486	Confecção de Roupas
	698	Confecção de Roupas
	467	Confecção de Roupas
	529	Confecção de Roupas
	482	Confecção de Roupas
	282	Confecção de Roupas
	656	Confecção de Roupas
	747	Confecção de Roupas
	715	Confecção de Roupas
	679	Confecção de Roupas
	610	Confecção de Roupas
	605	Confecção de Roupas
	741	Confecção de Roupas
	673	Confecção de Roupas
	547	Confecção de Roupas
	686	Confecção de Roupas
	528	Confecção de Roupas
Rodolfo Miranda	412	Tecido
Salvador Leme	241/243	Tecido
Silva Pinto	199	Aviamento
	438	Costura
	438	Costura
	449	Costura
	419	Tecido
	53/55	Confecção de Roupas
	67/71	Confecção de Roupas

Silva Pinto	179	Confecção de Roupas
	88	Confecção de Roupas
	289	Confecção de Roupas
	155	Confecção de Roupas
	255	Confecção de Roupas
	147	Confecção de Roupas
	255	Confecção de Roupas
	283	Confecção de Roupas
	192	Confecção de Roupas
	272	Confecção de Roupas
	196	Confecção de Roupas
	52	Confecção de Roupas
	78	Confecção de Roupas
	127	Confecção de Roupas
	116	Confecção de Roupas
	388/390	Confecção de Roupas
	195	Confecção de Roupas
	141	Confecção de Roupas
	62/65	Confecção de Roupas
	183	Confecção de Roupas
	159	Confecção de Roupas
	112	Confecção de Roupas
	108	Confecção de Roupas
	133	Confecção de Roupas
	182	Confecção de Roupas
	165	Confecção de Roupas
	162	Confecção de Roupas
	111	Confecção de Roupas
	249	Confecção de Roupas
	171	Confecção de Roupas
	56	Confecção de Roupas
	156	Confecção de Roupas
	56	Confecção de Roupas
	133	Confecção de Roupas
	184	Confecção de Roupas
Solon	778	Aviamento
	445	Tingimento
Talmud Thora	77	Tingimento
	246	Tingimento
Tenente Pena	175/177	Costura

Tenente Pena	93	Tecido
	166	Tecido
	156	Confecção de Roupas
Três Rios	425	Aviamento
	498	Confecção de Roupas